



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

KAROLINE ESPÍNDOLA

**VARIANTES LÉXICO-SEMÂNTICAS DE *PATAS DIANTEIRAS*, *CRINA DO PESCOÇO*, *CRINA DA CAUDA*, *LOMBO* E *GARUPA* NOS DADOS DO ALiB:
REVELAÇÕES GEOSOCIOLINGUÍSTICAS**

FLORIANÓPOLIS

2021

KAROLINE ESPÍNDOLA

**VARIANTES LÉXICO-SEMÂNTICAS DE *PATAS DIANTEIRAS*, *CRINA DO PESCOÇO*, *CRINA DA CAUDA*, *LOMBO* E *GARUPA* NOS DADOS DO ALiB:
REVELAÇÕES GEOSOCIOLINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

Coorientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

FLORIANÓPOLIS

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Espíndola, Karoline

Variantes léxico-semânticas de patas dianteiras, crina do pescoço, crina da cauda, lombo e garupa nos dados do ALiB: revelações geossociolinguísticas / Karoline Espíndola ; orientador, Felício Wessling Margotti, coorientador, Valter Pereira Romano, 2021.

210 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós Graduação em Linguística, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Variação lexical. 3. ALiB. 4. Dialetoлогия. I. Margotti, Felício Wessling. II. Romano, Valter Pereira. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. IV. Título.

KAROLINE ESPÍNDOLA

**VARIANTES LÉXICO-SEMÂNTICAS DE *PATAS DIANTEIRAS*, *CRINA DO PESCOÇO*, *CRINA DA CAUDA*, *LOMBO* E *GARUPA* NOS DADOS DO ALiB:
REVELAÇÕES GEOSOCIOLINGUÍSTICAS**

Esta Dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Florianópolis, 26 de maio de 2021.

Profa. Dra. Ana Cláudia de Souza

Coordenadora *pro tempore* do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Banca examinadora:

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti (Orientador)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Valter Pereira Romano (Coorientador)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug

Universidade Federal da Fronteira Sul

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo

Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Cristiane Horst (Suplente)

Universidade Federal da Fronteira Sul

Aos meus pais José e Jane (*in
memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço às minhas queridas irmãs Cristina Ap. Espíndola, Andreza Espíndola e Juliana Espíndola que, mesmo de longe, sempre estão presentes em minha vida, apoiando meus projetos e acreditando em meu potencial;

Ao meu namorado Cleison Cavilha por todo amor, suporte e companheirismo que fizeram os dias menos densos e mais felizes;

Aos amigos especiais que torcem por mim e entendem que o isolamento faz parte do processo;

À Universidade Federal de Santa Catarina por possibilitar-me a experiência de cursar uma pós-graduação e, dessa forma, obter maior crescimento pessoal, acadêmico e profissional;

À equipe do ALiB por tão grandioso projeto e por disponibilizar os dados para essa pesquisa;

Ao meu orientador professor Dr. Felício Wessling Margotti, que, ainda na época da graduação, ofereceu-me a oportunidade de participar do Projeto ALiB, estando presente em minha jornada acadêmica, auxiliando com boa vontade, dedicação e paciência em tudo o que precisei;

Ao professor Dr. Valter Pereira Romano por participar das bancas de qualificação e defesa e por tornar-se coorientador, contribuindo ainda mais com essa pesquisa;

Ao professor Dr. Marcelo Jacó Krug por participar das bancas de qualificação e defesa, trazendo ótimas considerações a respeito desse trabalho;

Ao professor Dr. Orlando da Silva Azevedo por aceitar participar da banca de defesa;

À professora Dra. Cristiane Horst que aceitou ser suplente das bancas de qualificação e defesa;

À FAPESC pelo apoio financeiro durante o segundo ano de mestrado;

Por fim, agradeço a todos que de alguma maneira fazem parte desse percurso e que ajudaram a tornar possível esse trabalho.

RESUMO

Considerando a perspectiva da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996), este estudo busca descrever e analisar as diferentes maneiras de se falar português no Brasil, considerando cinco recortes lexicais. Para identificar possíveis processos de mudança linguística em curso, serão consideradas, além da dimensão diatópica, as dimensões diageracional e diassexual. Assim, o principal objetivo deste estudo é apresentar, descrever e analisar as variantes lexicais obtidas por meio de cinco perguntas, documentadas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do país. Os itens lexicais pesquisados correspondem aos designativos de perguntas 72, 73, 74, 75 e 76 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL, 2001), no campo semântico “Fauna”: *patas dianteiras do cavalo*, *crina do pescoço*, *crina da cauda*, *lombo* e *anca/garupa/cadeira*, respectivamente. O *corpus* utilizado é composto por entrevistas realizadas pela equipe do ALiB com 1000 informantes nas 250 localidades que fazem parte da rede de pontos do Projeto. Para identificar e descrever as variantes das perguntas em questão, foram analisados os áudios e as transcrições das entrevistas com quatro informantes em cada localidade do interior e capitais, divididos em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, de ambos os sexos e de ensino fundamental. Após o levantamento dos dados, para as análises, foram geradas cartas linguísticas e relatórios, utilizando o programa SGVClín (2014). A partir desses relatórios foi possível elaborar tabelas e gráficos mais detalhados referentes aos léxicos utilizados pelos informantes de cada região do país. Como resultado desse estudo observou-se as variações lexicais existentes no Brasil a partir de *corpora* associados ao corpo de animais. Além disso, nota-se que as variáveis independentes faixa etária e sexo mostraram-se relevantes na escolha lexical dos informantes. Ademais, sinonímias, perífrases nominais, analogias e neologismos foram encontrados nos dados aqui apresentados e foram relevantes para a compreensão e análise dos mesmos.

Palavras-chave: Variação lexical. ALiB. Dialectologia.

ABSTRACT

Considering the perspective of Pluridimensional Geolinguistics (THUN, 1996), this study seeks to describe and analyze the different ways of speaking Portuguese in Brazil, considering five lexical clippings. In order to identify possible processes of ongoing linguistic change, in addition to the diatopic dimension, the diagenetical and diasexual dimensions. Thus, the main objective of this study is to present, describe and analyze the lexical variants obtained through five questions, documented by the Atlas Linguistic Project of Brazil – ALiB in the North, Northeast, Midwest, Southeast and South regions of the country. The lexical items surveyed correspond to the designations of questions 72, 73, 74, 75 and 76 of Semantic Lexical Questionnaire (QSL) of the ALiB Project (COMITÊ NACIONAL, 2001), in the semantic field “Fauna”: front legs of the horse, mane of the neck, tail mane, loin and hip/croup/haunch, respectively. The corpus used consists of interviews conducted by the ALiB team with 1000 informants in the 250 locations that are part of the Project's points network. In order to identify and describe the variants of the questions in the study, audios and transcripts of the interviews with four informants in each locality in the interior were analyzed, divided into two age groups: 18 to 30 years old and 50 to 65 years old, of both sexes and of elementary education. After collecting the data, for the analysis, language letters and reports were generated, using the SGVclin program (2014). From these reports it was possible to elaborate more detailed tables and graphs referring to the lexicons used by the informants of each region of the country. As a result of this study, the lexical variations existing in Brazil from the corpora associated with the body of animals were observed. In addition, it is noted that the independent variables age group and gender were relevant in the lexical choice of the informants. In addition, synonyms, nominal periphrases, analogies and neologisms were found in the data presented here and were relevant to their understanding and analysis.

Keywords: Lexical variation. ALiB. Dialectology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes	22
Figura 2 - Partes estudadas do cavalo.....	40
Figura 3 - Arealização da variante <i>perna</i> na Região Norte	46
Figura 4 - Arealização das variantes <i>casco</i> , <i>perna</i> e <i>pé</i> na Região Nordeste	51
Figura 5 - Arealização das variantes <i>perna</i> , <i>pé</i> e <i>ferradura</i> na Região Sudeste.....	60
Figura 6 - Arealização da variante <i>perna</i> na Região Sul.....	65
Figura 7 - Arealização da variante <i>quilina</i> na Região Centro-Oeste.....	86
Figura 8 - Arealização da variante <i>quilina</i> na Região Sudeste.....	91
Figura 9 - Arealização da variante <i>cabo</i> na Região Nordeste	113
Figura 10 - Arealização da variante <i>cola</i> na Região Centro-Oeste	118
Figura 11 - Arealização da variante <i>cauda</i> na Região Sul	127
Figura 12 - Arealização da variante <i>garupa</i> na Região Norte.....	174
Figura 13 - Arealização da variante <i>anca</i> na Região Nordeste	179
Figura 14 - Arealização da variante <i>cadeira</i> na Região Centro-Oeste	184

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL no Brasil.....	41
Tabela 2 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Norte	44
Tabela 3 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Nordeste	48
Tabela 4 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Centro-Oeste	53
Tabela 5 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sudeste..	57
Tabela 6 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sul.....	62
Tabela 7 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL no Brasil.....	73
Tabela 8 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Norte	76
Tabela 9 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Nordeste	80
Tabela 10 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Centro- Oeste	84
Tabela 11 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sudeste	89
Tabela 12 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sul.....	93
Tabela 13 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL no Brasil.....	104
Tabela 14 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Norte .	106
Tabela 15 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Nordeste	111
Tabela 16 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Centro- Oeste	115
Tabela 17 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sudeste	121
Tabela 18 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sul.....	124
Tabela 19 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL no Brasil.....	136
Tabela 20 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Norte .	140
Tabela 21 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Nordeste	145
Tabela 22 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Centro- Oeste	148
Tabela 23 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sudeste	153
Tabela 24 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sul.....	157

Tabela 25 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL no Brasil.....	166
Tabela 26 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Norte .	172
Tabela 27 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Nordeste	176
Tabela 28 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Centro- Oeste	181
Tabela 29 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sudeste	186
Tabela 30 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sul.....	190

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Norte	47
Gráfico 2 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte.....	48
Gráfico 3 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Nordeste	52
Gráfico 4 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste.....	53
Gráfico 5 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Centro-Oeste	56
Gráfico 6 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.....	57
Gráfico 7 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Sudeste	61
Gráfico 8 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste.....	62
Gráfico 9 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Sul	66
Gráfico 10 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul.....	67
Gráfico 11 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo	68
Gráfico 12 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 72 do QSL no Brasil.....	71
Gráfico 13 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Norte	78
Gráfico 14 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte.....	79
Gráfico 15 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Nordeste	82
Gráfico 16 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste.....	83

Gráfico 17 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Centro-Oeste	87
Gráfico 18 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.....	88
Gráfico 19 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Sudeste	92
Gráfico 20 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste.....	93
Gráfico 21 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Sul	96
Gráfico 22 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul.....	97
Gráfico 23 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil.....	98
Gráfico 24 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 73 do QSL no Brasil.....	102
Gráfico 25 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Norte	109
Gráfico 26 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte	110
Gráfico 27 - -- Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Nordeste	114
Gráfico 28 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste.....	115
Gráfico 29 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Centro-Oeste	119
Gráfico 30 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.....	120
Gráfico 31 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Sudeste	123
Gráfico 32 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste.....	124
Gráfico 33 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Sul	128

Gráfico 34 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul.....	129
Gráfico 35 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil.....	130
Gráfico 36 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 74 do QSL no Brasil.....	134
Gráfico 37 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Norte	143
Gráfico 38 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte.....	144
Gráfico 39 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Nordeste	147
Gráfico 40 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste.....	148
Gráfico 41 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Centro-Oeste	151
Gráfico 42 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.....	152
Gráfico 43 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Sudeste	155
Gráfico 44 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste.....	156
Gráfico 45 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Sul	159
Gráfico 46 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul.....	160
Gráfico 47 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil.....	161
Gráfico 48 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 75 do QSL no Brasil	164
Gráfico 49 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Norte	175
Gráfico 50 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte.....	176

Gráfico 51 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Nordeste	180
Gráfico 52 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste.....	181
Gráfico 53 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Centro-Oeste	185
Gráfico 54 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.....	186
Gráfico 55 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Sudeste	189
Gráfico 56 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste.....	190
Gráfico 57 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Sul	193
Gráfico 58 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul.....	194
Gráfico 59 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil.....	195
Gráfico 60 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 76 do QSL no Brasil	198

LISTA DE CARTAS

Carta 1 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Norte	45
Carta 2 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Nordeste.....	50
Carta 3 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Centro- Oeste	55
Carta 4 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sudeste	59
Carta 5 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sul	64
Carta 6 - Arealidade Gradual de <i>pata</i> no Brasil	69
Carta 7 - Arealidade Gradual de <i>mão</i> no Brasil.....	70
Carta 8 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Norte	77
Carta 9 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Nordeste.....	81
Carta 10 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Centro-Oeste.....	85
Carta 11 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sudeste.....	90
Carta 12 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sul	95
Carta 13 - Arealidade Gradual de <i>crina</i> no Brasil	99
Carta 14 - Arealidade Gradual de <i>quilina</i> no Brasil	101
Carta 15 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Norte	108
Carta 16 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Nordeste.....	112
Carta 17 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Centro-Oeste.....	117
Carta 18 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sudeste.....	122

Carta 19 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sul	126
Carta 20 - Arealidade Gradual de <i>rabo</i> no Brasil.....	131
Carta 21 - Arealidade Gradual de <i>cauda</i> no Brasil.....	132
Carta 22 - Arealidade de <i>rabo</i> e <i>cola</i> no Brasil	133
Carta 23 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Norte	142
Carta 24 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Nordeste.....	146
Carta 25 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Centro-Oeste.....	150
Carta 26 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sudeste.....	154
Carta 27 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sul	158
Carta 28 - Arealidade Gradual de <i>lombo</i> no Brasil	162
Carta 29 - Arealidade Gradual de <i>costas</i> no Brasil	163
Carta 30 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Norte	173
Carta 31 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Nordeste.....	178
Carta 32 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Centro-Oeste.....	183
Carta 33 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sudeste.....	188
Carta 34 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sul	192
Carta 35 - Arealidade Gradual de <i>garupa</i> no Brasil.....	196
Carta 36 - Arealidade Gradual de <i>traseira</i> no Brasil.....	197

SUMÁRIO

1	Introdução.....	19
1.1	Objetivos.....	20
1.2	Perguntas de Pesquisa e Hipóteses	21
1.3	Estrutura da Dissertação	23
2	Revisão de literatura	25
2.1	Língua e Variação	25
2.2	O Léxico	26
2.3	Sociolinguística e Dialetoлогия	29
2.4	O Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB.....	34
3	Metodologia.....	37
3.1	Corpus.....	37
3.2	Perfil dos informantes	37
3.3	Rede de pontos.....	38
3.4	Cartas Linguísticas.....	38
4	Descrição e Análise dos Dados	40
4.1	Variantes da questão 72 no Brasil: patas dianteiras do cavalo	41
4.2	Variantes da questão 73 no Brasil: crina do cavalo	73
4.3	Variantes da questão 74 no Brasil: rabo do cavalo.....	104
4.4	Variantes da questão 75 no Brasil: lombo do cavalo.....	136
4.5	Variantes da questão 76 no Brasil: garupa do cavalo	166
5	Considerações Finais	201
	Referências	204
	ANEXO	208
	Rede de pontos - ALiB	208

1 INTRODUÇÃO

A língua está em constante transformação e para melhor compreendê-la é necessário entender que “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 2006, p. 125). Assim, para entender melhor a variação linguística, é importante entender que variação “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (COELHO et al., 2015, p. 16). Sabe-se que, no Brasil, fala-se de diferentes maneiras, ou seja, a forma de falar tem variações à norma oficial e essas variações ocorrem em qualquer aspecto da linguagem, seja no léxico de determinada língua ou nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e/ou semântico-lexical. A variação pode, ainda, ocorrer devido a fatores regionais e sociais. As características das variações regionalizadas no Brasil apresentam uma inclinação dialetal de fala e são essas mesmas variações de fala que acabam caracterizando as regiões brasileiras. Todas essas variações são assimiláveis por falantes da língua, porém os significados dos léxicos podem gerar dificuldade no entendimento entre falantes de outras regiões ou classes sociais.

Dessa forma, levando em consideração essa variação linguística e que “a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais” (MARGOTTI, 2002, p.3), a necessidade de estudos da relação entre a língua, sociedade e sua abrangência geográfica para determinar os comportamentos de fenômenos variáveis dentro e fora da própria língua e suas mudanças com o passar do tempo são fundamentais. Para tal estudo, os campos da linguística: Sociolinguística e Dialectologia; bem como o campo interdisciplinar da linguística e geografia: Geolinguística são de extrema importância.

Há quem confunda Sociolinguística com Dialectologia, porém, a Dialectologia surgiu antes, mais precisamente no fim do século XIX, e “já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo etc. A Dialectologia, portanto, já há muito tempo usa de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da Sociolinguística” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 18).

Buscando descrever o português falado no Brasil, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB, criado em 1996 no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a*

Geolinguística no Brasil, realizado na Universidade Federal da Bahia, tem como objetivo a elaboração de um atlas nacional no que diz respeito à língua portuguesa. Além disso, os principais objetivos do ALiB são o de descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, considerando a perspectiva da Geolinguística; oferecer aos estudiosos de várias áreas subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil; e contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica (CARDOSO, 2013, p. 32-33).

De acordo com Razky (2013, p. 247-249), “graças à mobilidade comunicativa dos falantes, é possível falar hoje de mobilidade lexical, fluxo lexical e contínuo lexical. De fato, o léxico é uma dimensão importante em que é possível mapear a variabilidade e medir sua produtividade”. Dessa forma, sabendo da importância que o léxico possui em uma sociedade, essa pesquisa busca dar continuidade aos estudos na área lexical, bem como contribuir para a pesquisa dialetológica no Brasil. Dentre os questionários do ALiB disponíveis para pesquisa, foram escolhidos cinco lemas do Questionário Semântico-Lexical (QSL), a saber: *patas dianteiras*, *crina do pescoço*, *crina da cauda*, *lombo* e *garupa*. Para isso serão utilizadas as entrevistas realizadas pela equipe do ALiB, nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil.

1.1 Objetivos

Um dos principais objetivos dessa dissertação é descrever e analisar as variantes lexicais para *patas dianteiras*, *crina do pescoço*, *crina da cauda*, *lombo* e *garupa* do cavalo, utilizando para isso os dados coletados pela equipe do ALiB nas cinco regiões do Brasil. Com isso, determinar as diferenças na utilização das variantes por região, idade e sexo, considerando as seguintes etapas metodológicas: 1) catalogar os dados das entrevistas feitas nas 250 localidades estudadas pelo ALiB; 2) mapear os dados levantados, utilizando, para isso, o software SGVclin (ROMANO; SEABRA; OLIVEIRA, 2014), gerando como resultado, relatórios, cartas diatópicas, cartas de arealidade e arealidade gradual; 3) consultar em dicionários as variantes a fim de demonstrar se as formas lexicais condizem com o significado dado pelos falantes; 4) estudar os resultados, utilizando, para isso, além das cartas linguísticas, tabelas de

produtividade das variantes por localidade, gráficos por região, faixa etária e sexo; e 5) delimitar áreas dialetais, através de isoléxicas, sempre que necessário.

1.2 Perguntas de Pesquisa e Hipóteses

Após a análise dos dados coletados, determina-se o seguinte:

- 1) Com base na distribuição diatópica das variantes lexicais, é possível constar a existência de variedades dialetais no Brasil?
- 2) A idade e o sexo dos informantes influenciam na escolha de determinada variante?
- 3) É possível determinar sinonímias, perífrases nominais, analogias ou neologismos correlacionados aos vocábulos já dicionarizados?

Buscando respostas para essas perguntas, as seguintes hipóteses foram formuladas:

- 1) A variação dialetal tem estreita relação com a sócia-história e a cultura das populações em cada região, ou seja, as variantes lexicais são representativas de valores etnolinguísticos.
- 2) As dimensões diagenérica e diassexual, além de indicar eventual mudança em progresso, podem determinar escolhas lexicais.
- 3) Acredita-se que seja a utilização de sinônimos, analogias, ou até mesmo a criação de novas palavras, que tenham relação com as práticas sociais, econômicas e culturais de cada região, que se somam à herança dos antepassados e aos contatos linguísticos.

Alguns estudos já realizados na área lexical servem de base para fundamentar as hipóteses desse trabalho. Assim, no que diz respeito à hipótese 1:

Ao utilizar como base a distribuição diatópica do português falado no Brasil podemos considerar que existe uma uniformidade na língua. As variações existentes não ocasionam transformações suficientes ao ponto de que o gaúcho não compreenda o cearense e/ou o paulista não possa compreender o amazonense. Porém, isso não pode caracterizar uma uniformidade dos léxicos utilizados nas regiões do Brasil. Em uma análise monodimensional existe como estabelecer certas variedades dialetais no Brasil ou

uma regionalização dos léxicos utilizados por falantes no território nacional. Já em 1920, de forma empírica, Amaral já delimitava variedades dialetais regionais:

O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de São Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior deste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferentes matiz dialetal – o Litoral, o chamado “Norte”, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro. (Amaral, 1920, 14-15)

Em 1953 na obra *O linguajar Carioca*, Antenor Nascentes propôs uma divisão diatópica mais completa sobre as variedades dialetais do Brasil, dividindo o território em seis subfalares conforme a Figura 1 abaixo:

Figura 1 - Divisão dialetal de Antenor Nascentes



Fonte: Nascentes (1953)

Porém, devido ao fluxo migratório interno do país, que foi e ainda tem sido intenso, essas áreas dialetais acabaram se transformando. Contudo, ainda é possível traçar isoglossas¹ de variantes lexicais e delimitações de variações dialetais regionais no Brasil pelas análises diatópicas das escolhas dos léxicos pelos falantes.

Quanto à hipótese 2:

¹ Linha que, num mapa linguístico, indica as áreas em que se concentram determinados traços linguísticos; pode ser fônica, morfológica, léxica ou sintática, de acordo com a natureza do elemento linguístico focalizado.

Além da variação da língua pelo seu espaço geográfico, a mesma pode ser diferenciada por fatores extralinguísticos dos falantes como idade e sexo. Conforme Cardoso (2002, p. 1):

[...] idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

Para suprir a lacuna existente entre a Dialetoologia Tradicional, restrita à variação diatópica, e a Sociolinguística, que se ocupa sobre as diferentes variáveis linguísticas, Thun (1998) afirma que a forma de preencher essa lacuna é a fusão metodológica da Dialetoologia Tradicional e da Sociolinguística como uma subdisciplina da ciência geral da variação linguística, a Dialetoologia Pluridimensional.

A Dialetoologia Pluridimensional foca no máximo de variáveis extralinguísticas e no máximo de variedades linguísticas. Com isso é possível afirmar que a análise pluridimensional diagenérica e diassexual contribuem para as escolhas lexicais dos falantes.

Por fim, para a hipótese 3:

Costa (2016) pesquisou em sua tese as designações registradas para *diabo*, pergunta 147 do QSL, no campo semântico religião e crenças em todas as capitais brasileiras. Como objetivo da pesquisa, a autora tinha o “intuito de documentar a riqueza sinonímica para a variante *diabo*” (p. 9). Os 506 dados foram agrupados em 39 variantes, entre as principais: *diabo*, *Satanás*, *capeta*, *demônio*, *cão* e *lúcifer*. Como conclusão desse estudo, observou-se, entre outras coisas, “o registro de uma extensa diversidade lexical para diabo, criada através de processos metafóricos, metonímicos e eufemísticos”; e “a manifestação de tabus linguísticos no processo de nomeação das variantes pertencentes ao campo semântico da religião e das crenças” (p. 195). Demonstrando, dessa forma, que a utilização de sinônimos está presente na escolha lexical dos falantes, visto a grande quantidade de lexias encontradas para a pergunta em questão.

1.3 Estrutura da Dissertação

Esse estudo contém quatro capítulos. São eles: 1) Introdução contendo o tema do estudo, os objetivos da dissertação, as perguntas e hipóteses de pesquisa, bem como a estrutura geral do trabalho; 2) Referencial teórico contendo os conceitos de língua, variação, léxico, Sociolinguística e Dialetoologia e o projeto Atlas Linguístico do Brasil –

ALiB; 3) Metodologia geossociolinguística utilizada no Projeto ALiB, os instrumentos e o modo como foi coletado o *corpus*, o perfil dos informantes, a rede de pontos e os procedimentos para o levantamento dos dados com base no recorte estabelecido, a sistematização e tratamento dos dados e os procedimentos para a confecção dos mapas linguísticos; 4) A apresentação geral dos resultados obtidos no Brasil e também a descrição e análise dos dados de cada um dos itens pesquisados, nas cinco regiões do país separadamente; e 5) As considerações finais, seguida das referências e o anexo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção serão expostos alguns conceitos utilizados para fundamentar essa pesquisa. São eles: língua, variação, léxico, Sociolinguística e Dialetoлогия, bem como uma breve explanação sobre o Projeto Atlas Linguístico do Brasil - ALiB.

2.1 Língua e Variação

O ser humano tem o poder exclusivo de se comunicar utilizando um sistema articulado de linguagem. Por meio dele são expressas as ideias, vontades e pensamentos. Como parte essencial da sociedade, o homem não teria como sobreviver e prosperar sem um sistema articulado de linguagem que lhe permitisse comunicar e elaborar o pensamento. A língua também externa características individuais de um falante e agrega características próprias de um grupo ou subgrupo de falantes. Por isso que uma língua possui variedades que:

São igualmente importantes, sincronicamente falando: para os níveis de língua, fala-se de língua familiar, elevada, técnica, erudita, popular, própria a certas classes sociais, a certos subgrupos (família, grupos profissionais); nesta categoria colocam-se os diferentes tipos de gíria; para as variações geográficas, fala-se de dialetos e de patoás (DUBOIS, 1978, p.378).

O aprendizado da língua falada é intrínseco ao homem, visto que ele já nasce com uma predisposição internalizada e adquire o conhecimento dela de forma empírica. Por meio da linguagem, o homem se apropria das características do meio social e geográfico em que está inserido e se desenvolve e aperfeiçoa em contato com outros nos meios sociais. Para a linguagem escrita, o aprendizado se dá de forma sistemática, onde se aprende a transcrever os sons articulados em sinais gráficos, e posteriormente se aprende a sistematizar, ordenar e normatizar esses sinais.

Assim, a língua se caracteriza por ser um sistema organizado em que os falantes se comunicam e se compreendem, independentemente de idade, sexo ou variação geográfica. As variações da fala, que ocorrem com o aperfeiçoamento exponencial do conhecimento da língua em contato com diferentes meios sociais, em diferentes espaços geográficos e em contato com outras variedades dialetais, constituem a heterogeneidade da língua.

Segundo Coelho et al. (2015, p. 14 e 15), “damos o nome de variedade à fala característica de determinado grupo. A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha [...] A partir de critérios sociais, podemos pensar, por

exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados [...] Podemos ainda combinar diferente critérios para as variedades”.

Com base nessa heterogeneidade, temos as variações linguísticas, que nada mais são do que as formas existentes na língua de expressar o mesmo significado. Essas formas serão variantes se cumprirem dois requisitos: “1) Elas devem ser intercambiáveis no mesmo contexto; 2) Elas devem manter o mesmo significado referencial/representacional” (COELHO et al., 2015, p.17). Já para Tarallo, “variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1986, p. 8).

Há ainda os condicionadores linguísticos e sociais que caracterizam a forma de falar de um grupo ou indivíduo. Os condicionadores linguísticos tratam de fatores internos da língua, em diferentes níveis, como: variação lexical; variação sintática, variação fonológica, morfológica, entre outras. A variação lexical, por exemplo, é explicada por Ilari e Basso (2009) ao afirmarem que “a mesma realidade é expressa, conforme a região, por palavras diferentes: *lanternagem / funilaria; macaxeira / aipim / mandioca; negócio / venda; geleia de frutas / chimia*” (p. 164), sendo esses dois últimos estudados por Romano (2015) em sua tese de doutorado. Já os condicionadores extralinguísticos levam em conta a variação regional ou geográfica, variação social, variação estilística, variação na fala e na escrita, que são fatores externos à língua.

2.2 O Léxico

O léxico pode dizer muito sobre determinada pessoa ou comunidade, já que é também através do léxico que se reflete boa parte da cultura de uma sociedade. Dessa maneira, o léxico é entendido como “conjunto das unidades que formam a língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor etc.” (DUBOIS et al., 2006, p. 364 *apud* RAZKY, 2013, p.248). Além disso, segundo Biderman (2001, p. 14) “o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história”.

O léxico de uma língua acaba por registrar tudo o que há no mundo e, assim, vive em constante expansão. “Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente”. No entanto, é importante destacar que “as comunidades que atingiram

tal estágio de civilização precisaram ampliar sempre mais seu repertório de signos lexicais para designar a realidade da qual tomavam consciência [...]”. (BIDERMAN, 2001, p. 15).

A dimensão lexical é relevante para os estudos da língua, tanto é que as disciplinas de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia se apropriam desse objeto de estudo. Porém, essas disciplinas, apesar de descreverem o léxico de uma língua, fazem-no de maneiras diferentes. Enquanto que “a lexicologia, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”, a lexicografia “é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional” que só começou “nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna)”. Assim, a Lexicografia ocupa-se da significação das palavras, enquanto que a Lexicologia estuda o léxico de maneira mais científica. (BIDERMAN, 2001, pp. 16-17). Já a Terminologia, “se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano” (p. 19). Durante esse percurso que marcou a “evolução teórico-metodológica dos estudos sobre o léxico”, a Dialetologia e a Geografia Linguística estiveram sempre presentes e “interessadas em registrar o patrimônio lexical de um passado recente e as mudanças lexicais ocorridas graças às transformações sociopolíticas e geopolíticas de várias regiões do mundo”. Dessa forma, “essas duas disciplinas se mantiveram vivas do final do século XVIII até os dias atuais” (RAZKY, 2013, p. 249).

Por refletir os aspectos culturais de uma sociedade, o léxico está sempre se transformando. Para mostrar a variação lexical existente no Brasil e a importância dos estudos lexicais, apresenta-se, nesse trabalho, um pouco do que se estuda em pesquisas dessa área, pois, mais do que na escrita, é na língua falada que podemos comprovar, de fato, as variações e mudanças que ocorrem através do tempo.

Muitos estudos vêm sendo realizados na área do léxico. Entre os mais recentes, o estudo de Ribeiro (2012), levando em consideração a proposta de Nascentes (1953), busca analisar a área do Falar Baiano. Para isso, utiliza os dados de 57 localidades que fazem parte de 11 estados, sendo 5 situados na área do Falar Baiano e o restante em áreas limítrofes. As perguntas estudadas fazem parte do campo semântico jogos e diversões infantis, são elas: 155 – *cambalhota*; 156 – *gude*; 157 – *estilingue*; 158 – *pipa*; 159 – *pipa* (sem varetas); 160 – *esconde-esconde*; 161) *cobra-cega*; 162 – *pega-pega*; 163 – *pique* (local combinado); 164 – *chicotinho-queimado*; 165 – *gangorra*; 166 – *balanço*; e 167 – *amarelinha*. Como resultado, além do Falar Baiano, a autora sugere a existência de 4 subáreas dialetais, as quais denomina “subáreas Dialetais A, B, C e D” (p. 449).

Em sua tese, Romano (2015) propõe uma reformulação do que Nascentes (1953) nomeou como subfalar sulista. Para isso, foram analisados cinco itens lexicais do questionário semântico-lexical (QSL), a saber: 001 – *córrego*; 039 – *tangerina*; 132 – *menino*; 156 – *bolinha de gude*; e 177 – *geleia*. Com a análise dos dados, Romano concluiu que:

Considerando que o PB, em meados da segunda década do século XXI, já se encontra documentado em áudio pela equipe do Projeto ALiB, pode-se afirmar que, sob o ponto de vista do léxico, a divisão de Nascentes (1953), para o subfalar sulista, não é mais válida. Parece inadequado considerar como pertencente ao mesmo falar Estados linguística e sócio-historicamente distintos como SP e RS, uma vez que apresentam aspectos que os definem e os diferenciam. (Romano, 2015, p. 265).

Oliveira (2016) busca, em sua dissertação, estudar o campo religião e crenças do QSL na região da Bahia. As questões analisadas são: 147 – *diabo*; 148 – *fantasma*; 149 – *feitiço*; 150 – *amuleto*; 151 – *benzedeira*; 152 – *curandeiro*; 153 – *medalha*; e 154 – *presépio*. Além das variantes lexicais encontradas para as questões acima, os dados revelaram que “a cultura local tem forte influência religiosa na sua configuração lexical e revelam a multiplicidade de culturas que, ainda hoje, coexistem e sobrevivem na Bahia” (p. 268).

Em sua dissertação de mestrado, Chofard (2019) busca descrever e analisar as variações linguísticas existentes para denominar cinco itens também do QSL. São eles: 043 - *banana dupla*; 131 - *filho mais moço*; 178 - *carne moída*; 184 - *glutão*; e 194 - *semáforo*. Após a análise dos dados, a autora observou que todos os itens apresentaram caráter poliforme, sendo condicionados, principalmente, pela dimensão diatópica. Além disso, fica evidente que as dimensões diageracional e diassexual também se mostraram relevantes nas escolhas lexicais feitas pelos informantes.

Espíndola (2019), em seu trabalho de conclusão de curso, apresenta as variantes lexicais para as perguntas 114 – *perneta* e 115 – *manco* do QSL, no campo semântico corpo humano. Como resultado desse estudo, foi possível observar que as variantes *aleijado* e *deficiente* foram as mais produzidas como respostas à pergunta 114 e *manco* e *coxo* para a pergunta 115. Ademais, a faixa etária e o sexo dos falantes foram fundamentais na escolha lexical dos mesmos, visto que a variante *coxo*, por exemplo, obteve índices relativamente baixo entre os informantes da faixa I (18 – 30 anos), mostrando que essa variante é típica entre os informantes da faixa II (50 – 65 anos).

Outro estudo que utilizou questões do QSL no campo semântico corpo humano é o de Nunes (2017). Para identificar possíveis semelhanças e diferenças na fala dos informantes do Norte e Sul do país, Nunes pesquisou as perguntas 091 – *caolho*; 092 – *vesgo*; 102 – *tatu/meleca*; 109 – *cheiro nas axilas*. Como resultado observou-se tanto as diferenças entre as regiões Norte e Sul, como subáreas dialetais em cada região. Além disso, foram notados alguns tabus relacionados à determinadas áreas do corpo humano, bem como “o uso de itens léxicos formados por mais de um elemento, denominados expressões fixas” (p. 247).

Isso posto, buscando contribuir para os estudos lexicais, principalmente no campo semântico fauna, esse estudo fará a análise das variantes registradas para denominar cinco partes do corpo do cavalo: *pata dianteira*, *crina do pescoço*, *crina da cauda*, *lombo* e *garupa*.

2.3 Sociolinguística e Dialectologia

Atualmente, sabe-se que a língua é um sistema heterogêneo. No entanto, nem sempre foi assim, visto que essa noção de heterogeneidade da língua, durante muito tempo, não foi aceita pelos linguistas, tais como Saussure, Bloomfield, Chomsky, entre outros. Segundo Romano (2014), isso veio a mudar, de fato, somente com os estudos de William Bright (1966), J. A. Fishman (1972) e William Labov (1966), quando “inauguraram uma nova área de estudos, a Sociolinguística, seja sob a perspectiva variacionista (LABOV, 1966), seja sob o ponto de vista interacional (GUMPERZ, 1996)” (p. 136).

Responsável pela *relação* entre a língua e a sociedade, a Sociolinguística agrega o caráter e a função social da linguagem por meio do comportamento individual e condições sociais (classe social, educação, sexo, idade e ocupação), itens determinantes para as variações linguísticas de uma língua. O objeto de estudo da Sociolinguística abrange os padrões de comportamento linguísticos de uma comunidade de fala, composta por pessoas que possuem traços linguísticos similares dentro do seu grupo, sendo assim validado por um sistema heterogêneo, composto de unidades e regras variáveis.

A Sociolinguística, ao trabalhar com dados reais (gerados por falantes reais em comunidades reais), tenta descobrir quais dispositivos regem a variação da língua; como ela se comporta com outros elementos do sistema linguístico, o contexto social em que ocorre e como isso pode levar à transformação da língua. Assim, “cabe à Sociolinguística

investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que tem efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático” (MOLLICA, 2008, p11).

Para entender melhor as variações linguísticas é necessário percorrer a história, pois já na Antiguidade Clássica havia a necessidade de descrever as variações de um espaço para o outro. Os gregos, por exemplo, “distinguiam quatro variantes regionais de sua língua – o eólico, o jônico, o dórico e o ático. E a partir do século IV a.C., adotaram, com base neste último, a koiné dialektos, ou ‘língua comum’, como meio de intercomunicação” (BRANDÃO, 1991, p. 7). Também entre os gregos e romanos havia certa preocupação em relação às diferenças no idioma resultantes de fatores sociais. Para evitar que as formas ditas eruditas se perdessem, foram criadas gramáticas “consideradas ideais para a comunicação” (ROMANO, 2014, p. 138).

De acordo com Brandão (1991), os estudos das variações, especialmente as que levam em conta fatores geográficos, “só veio a formalizar-se no século XIX”, época em que as investigações no campo da linguagem, dominadas por ideias positivistas, se desenvolviam segundo métodos histórico-comparativos”. A partir desses estudos, que buscavam “reconstruir a protolíngua do indo-europeu, pelo estabelecimento e comparação de famílias e subfamílias de línguas e, ainda, dos resultados obtidos por tal método, foi surgindo o interesse pelos dialetos” (p. 7).

Na mesma época dos estudos comparativos, no século XIX, alguns linguistas, fazendo uso das teorias darwinianas evolucionistas, passaram a considerar a língua como “um organismo natural” e, conseqüentemente, passaram a tratar a Linguística como uma das “ciências naturais”. Entretanto, alguns linguistas tratavam a fala humana como “um produto meramente mental, embora seja material nos sons” (ROMANO, 2014, pp. 139-140). Assim, entre o que era visto como natural e o psíquico, surgem os neogramáticos, grupo esse que “difundiu o princípio de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas, que, à semelhança das leis naturais, não admitiam exceções” (BRANDÃO, 1991, p. 8). Assim, para os neogramáticos:

O que não podia ser explicado pelas leis explicava-se por analogia, ou seja, tinham uma concepção mecânica e ao mesmo tempo psíquica da língua. Em outras palavras, na linguagem humana atuam duas forças: uma psíquica (analogia) e outra de natureza física ou mecânica (as leis fonéticas). (ROMANO, 2014, p. 140).

Ainda no século XIX, mais precisamente na França, Jules Gilliéron, fundador da Geografia Linguística, começava a elaboração do Atlas Linguístico da França – ALF, obra essa que veio a ser considerada o marco dos estudos dialetológicos. Uma das principais preocupações de Gilliéron eram as questões dialetais e após 15 anos de pesquisas em diversas localidades francesas veio a “planejar aquilo que denominaria de ‘modesto esboço’ da realidade dialetal da França”. Como resultado de seus estudos, Gilliéron comprovou “a inconsistência dos princípios em que se fundamentava a doutrina dos neogramáticos, sempre ressaltando a importância de se estudarem os fatos linguísticos levando em conta sua distribuição espacial” (BRANDÃO, 1991, p. 9-11).

Para concluir, Brandão (1991) afirma que “os princípios da geografia linguística combinados aos da sociolinguística podem ensejar um melhor conhecimento dos mecanismos com que opera uma língua e dos fatores que determinam sua evolução” (p. 12).

Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos na Europa, outros continentes foram influenciados. Assim, Hans Kurath (1939) está à frente da elaboração do Linguistic Atlas New of England (LANE), resultado do Atlas Linguístico dos Estados Unidos da América e Canadá, inovando, segundo Romano (2014) “quanto ao critério de escolha dos informantes, somando ao aspecto geográfico, o social, o que evidencia relações entre os dados linguísticos e os dados de cunho sociocultural”. Assim, desde os anos 60, os estudos geolinguísticos começaram a utilizar, além da variável diatópica, variáveis sociais. Às variáveis sociais foram incluídos outros níveis de interlocução como “discursos livres com temas para que os informantes os desenvolvessem e textos de leitura, buscando, dessa forma, a variação diafásica” (p. 145). Esse novo modo de ver a variação linguística gerou a Dialetologia pluridimensional, desenvolvida por Edgar Radtke e Harald Thun.

Segundo Thun (2005), os atlas que levam em consideração apenas a variação diatópica são vistos como monodimensionais. Já quando o atlas contempla, além da diatopia, informantes de duas classes sociais, tem-se o chamado atlas bidimensional. Por fim, os atlas que abarcam mais de duas variáveis são chamados de pluridimensionais. Esse tipo de atlas pode considerar até oito dimensões da variação linguística, a saber: a dimensão dialingual, a diatópica, a diatópico-cinética, a diastrática, a diageracional, a diassexual, a diafásica e a diarreferencial.

Para Romano (2014), “os estudos geolinguísticos que vêm se desenvolvendo fora da Europa, principalmente, na América do Sul, agregam à Dialetologia conhecimentos advindos da Sociolinguística” (p. 147). Por considerar tantas variáveis em seus estudos,

a Dialetoologia pluridimensional tem como uma de suas missões a “organização inteligente e racional do grande rol de dados coletados” (CARDOSO, 2010, p. 64).

A Geografia linguística, também denominada Geolinguística, vem sendo tratada como um método da Dialetoologia em que são geradas “fotografias autênticas de formas e expressões linguísticas de grandes e pequenos territórios”. Segundo Romano (2014 p. 148-150).

A Geolinguística é um ramo dos estudos dialetais, uma área de interesse subordinada à disciplina maior, a Dialetoologia, portanto, uma subdisciplina. O fazer geolinguístico significa, necessariamente, fazer pesquisa dialetológica, uma vez que o objetivo principal é evidenciar formas e expressões linguísticas usadas em determinado espaço geográfico, porém, não se resume à simples representação dos dados em cartas linguísticas. A cartografia é apenas um dos métodos empregados em Geolinguística.

Assim, sendo uma ramificação da Linguística, a Dialetoologia tem uma longa tradição e metodologia definida capaz de delimitar geográfica, sociocultural e cronologicamente as formas fonológicas, morfológicas, sintáticas ou lexicais. “A dialetoologia, tem-se incumbido de descrever e situar os usos em que uma língua se diversifica, não só no espaço geográfico, mas também em sua distribuição sociocultural e cronológica” (MARGOTTI, 2002, p. 1).

Com objetivo principal de estudar os diversos dialetos de uma língua, as definições de alguns conceitos básicos fazem-se necessárias: fatores extralinguísticos, tais como espaço (variação diatópica), idade (variação diageracional), gênero (variação diagenérica), escolaridade ou classe social (variação diastrática), entre outras. Esses conceitos visam estabelecer uma metodologia capaz de superar a fragilidade das investigações dialetológicas com relação à seleção dos informantes, os quais podem distorcer por completo a realidade de uma região, caso a seleção desses informantes não seja feita com base em critérios controlados.

Em termos diatópicos, “a dialetoologia busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas” (CARDOSO, 2002, p. 1). Levando em consideração a distribuição geográfica dos falantes, é possível determinar a similaridade ou o distanciamento na variação dos itens lexicais estudados, bem como de outras variáveis em diferentes níveis da língua. A distribuição geográfica também enfatiza ou desmistifica a caracterização dos dialetos regionais.

A variação diageracional (idade) desperta muitas reflexões e estudos sociolinguísticos e dialetais, mas “estudos têm mostrado que ela não pode ser estudada sem que se leve em conta uma correlação entre indivíduo e comunidade [...] nível de escolaridade, o nível socioeconômico e o sexo/gênero dos falantes” (COELHO et al. 2015, p. 45). Em geral essa variação entrepõe a questão da mudança linguística, ou seja, existe uma substituição gradual da variante linguística. Onde há “uma tendência de os falantes mais velhos preferirem a forma mais antiga, ao passo que os mais novos preferem a forma nova” (COELHO et al. 2015, p. 45).

O apontamento do condicionador sexo/gênero dos indivíduos (variação diagenérica) também chama a atenção. Os estudos, como os de Scherre (1996) sobre concordância nominal, demonstraram que mulheres tendem a ser mais conservadoras em relação aos homens, utilizando as variantes mais conservadoras (normativas), que comumente são mais valorizadas socialmente.

As variantes de condição social e escolaridade são, portanto, relevantes para os estudos dialetológicos, pois o maior contato com a normatização devido ao nível maior de escolaridade e o âmbito social mais requintado tendenciam a utilização de variantes padrões da língua. Em outra extremidade, os menos privilegiados socialmente e pouco escolarizados tendem a utilizar as variantes não padrão. O estudo de Scherre, realizado em 1996 sobre a concordância nominal de número na fala carioca, mostra que “os falantes que haviam completado quatro anos de escolaridade realizavam a concordância padrão em 40% das ocorrências. Essa taxa aumentava para 47% nos falantes com oito anos de escolarização e para 73% nos falantes com onze anos de escolarização (cf. COELHO et al., 2015, p. 41).

No Brasil, a primeira manifestação de natureza dialetal, segundo Cardoso (1999) “deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que escreveu, em 1926 [...] uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil” (p. 234). Dessa época em diante, considera-se iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil para a qual, reformulando a proposta de Nascentes (1953), Ferreira e Cardoso (1984) atribuem três diferentes etapas. São elas: a primeira, a segunda e a terceira fases.

A primeira fase vai de 1826 a 1920. Nessa fase, os estudos do léxico no português do Brasil têm como resultado dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Às obras resultantes desse conjunto de estudos, soma-se *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva (1879).

A segunda fase, por sua vez, tem seu marco com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral e dura até 1952, “momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolinguística em território brasileiro”. Essa fase é marcada por trabalhos que analisam, em uma determinada área, além dos fenômenos semântico-lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos. “Nota-se a existência da preocupação com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade, observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos” (CARDOSO, 1999, p. 235-236).

Outra obra fundamental publicada nessa época é *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes. O autor busca discutir o processo de dialeção do português do Brasil e, para tanto, apresenta uma divisão dos falares brasileiros.

Para completar, Mário Marroquim publica em 1934 *A língua do Nordeste*, pois alimentava grande interesse pelos estudos dialetais, principalmente porque esses eram ainda raros naquele período.

Além dessas três obras citadas, outras tantas também caracterizam a segunda fase e estão distribuídas em quatro grupos distintos, a saber:

No primeiro grupo estão léxicos e glossários regionais que continuam a ser produzidos e dão, em consequência, continuidade ao que predominou na fase anterior [...] no segundo grupo encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões uma perspectiva mais ampla e globalizante [...] integrando um terceiro grupo estão estudos de caráter regional, abordando, particularmente, aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de uma dada região [...] por fim, vêm a constituir uma quarta vertente de interesses dialetais nessa segunda fase, os estudos específicos sobre a contribuição africana.

Já a terceira fase tem como marco um ato do governo brasileiro que decidira pela elaboração do Atlas linguístico do Brasil – ALiB que vem a ser explicado na seção 2.4 do presente estudo.

2.4 O Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

Desde 20 de março de 1952, através do Decreto 30.643, os dialetólogos brasileiros começaram a ter interesse na elaboração de um atlas linguístico do Português Brasileiro. Como a elaboração de um atlas que contemple todo o território brasileiro é um trabalho que exige muitos recursos humanos e financeiros, os dialetólogos decidiram elaborar,

inicialmente, atlas regionais. Somente em 1996 o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB² passou a tornar-se realidade.

Em outubro de 2014, durante o III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, ocorreu o lançamento dos dois primeiros volumes do ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL, publicados pela EDUEL. O primeiro, volume I, é o de Introdução, e o segundo, Volume II, apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais de estado.

Fazendo uso da Geolinguística contemporânea, o Projeto ALiB lida com a variação espacial ou diatópica e com fatores sociais, além de possuir os objetivos enumerados a seguir:

1. Descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística.
2. Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos, etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia, etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
3. Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.
4. Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
5. Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
6. Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.
(PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/objetivos>>. Acesso em: 5 maio 2020).

² Informações mais detalhadas sobre o ALiB estão disponíveis em: <https://alib.ufba.br/>

A rede de pontos do Projeto ALiB conta com 250 localidades brasileiras. Essas localidades foram escolhidas utilizando os seguintes critérios: fatores demográficos, históricos e culturais, além da extensão de cada região.

Para o Projeto, foram escolhidos 1100 informantes, nascidos na região pesquisada e de pais que também nasceram na mesma região. Além dessa questão espacial também foram incluídos o controle de variáveis sociais tais como idade (definida por duas faixas etárias: 18 a 30 anos e 50 a 65 anos), sexo (feminino e masculino) e escolaridade (nível fundamental no interior e fundamental e superior nas capitais).

No ALiB existem três tipos distintos de questionários: “(a) fonético-fonológico - 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexical - 202 perguntas; e (c) morfossintático - 49 perguntas”.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se: questões de pragmática (04), temas para discursos semidirigidos - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal -, perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura - a ‘Parábola dos sete vimes’ (PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/content/question%C3%A1rios>>. Acesso em: 5 maio 2020).

3 METODOLOGIA

A metodologia desse trabalho baseia-se na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional (THUN, 1996), que considera novas dimensões de análise. Nesse trabalho, em particular, foram consideradas as dimensões diatópica, diageracional e diassexual.

3.1 Corpus

O *corpus* desse trabalho refere-se aos dados de 1000 entrevistas coletadas pela equipe do ALiB nas 250 localidades espalhadas pelo país. Buscando dar continuidade a estudos anteriores e levando em consideração os itens ainda não pesquisados Brasil afora, foram escolhidas cinco questões pertencentes ao campo semântico “Fauna” para a realização do estudo. São elas: QSL 72 “[Como se chamam]... as patas dianteiras do cavalo?”; QSL 73 “[Como se chama]... o cabelo em cima do pescoço do cavalo?”; QSL 74 “[Como se chama]... o cabelo comprido na traseira do cavalo?”; QSL 75 “[Como se chama]... a parte do cavalo onde vai a sela?”; e QSL 76 “[Como se chama]... a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)?”.

Para o levantamento dos dados foram analisados áudios e transcrições das entrevistas realizadas com 1000 informantes de 250 localidades. É importante salientar que, apesar de o *corpus* do ALiB possuir 1100 entrevistas, para esse estudo foram utilizadas apenas 1000, pois não foram considerados os informantes das capitais que possuem nível superior³.

3.2 Perfil dos informantes

Os informantes de cada localidade estão estratificados em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, de ambos os sexos e de ensino fundamental, o que totaliza quatro informantes por ponto, conforme mostra o Quadro 1.

³ Para que as análises não fossem prejudicadas, os dados dos informantes de nível superior não foram utilizados nesse estudo, pois o número de entrevistas com esse perfil é inferior aos de entrevistas com informantes que possuem nível fundamental de escolaridade.

Quadro 1 - Perfil dos Informantes

Informante	Escolaridade	Faixa etária	Sexo
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: Projeto Atlas Linguístico do Brasil

3.3 Rede de pontos

O *corpus* analisado refere-se aos 250 pontos distribuídos pelas cinco regiões do país, sendo 24 pontos no Norte, 78 no Nordeste, 24 no Centro-Oeste, 80 no Sudeste e 44 no Sul (ANEXO).

3.4 Cartas Linguísticas

Para gerar as cartas linguísticas, primeiramente, foi feito o levantamento dos dados utilizando as transcrições já concluídas e, na ausência da transcrição, foram ouvidos os áudios. Para facilitar a realização dessa etapa, cada dado coletado foi transferido para uma planilha do Excel.

Após o levantamento dos dados e o preenchimento de uma base de dados no sistema *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas - SGVCLin* (SEABRA; ROMANO; OLIVEIRA, 2014), foram geradas as cartas linguísticas.

Para a criação das cartas, foram consideradas as cinco primeiras respostas de cada informante. Em algumas entrevistas, os dados para o item pesquisado não estão disponíveis. No caso de ausência de áudio ou quando o informante não sabe ou não lembra a resposta ou, por algum outro motivo, a resposta não é obtida, esses dados são indicados como resposta prejudicada (*RP*). Quando o informante não lembra a resposta é necessário verificar em *retomadas* ao fim de cada entrevista para confirmar se ele realmente não lembrou da resposta no decorrer da entrevista.

Outro ponto importante é que o número de respostas costuma ser maior que o número de informantes. Isso ocorre porque foram consideradas as cinco primeiras

respostas de cada informante, então, naturalmente alguns informantes forneceram respostas múltiplas para o item perguntado.

As cartas apresentadas nesse trabalho são de três tipos: 1) Cartas Diatópicas, com gráficos em formato de pizza, nas quais é possível observar as variantes documentadas em cada região; 2) Carta de Arealidad, na qual se representa o espaço geográfico em que determinada variante aparece; e 3) Cartas de Arealidade Gradual, nas quais é possível observar a intensidade em que a variante ocorre. Esse tipo de carta é representada por meio de uma escala de cores, que vai de 0% a 100%, sendo 0% mais clara e sem nenhuma ocorrência e 100% mais escura onde todas as ocorrências de uma única variante são consideradas.

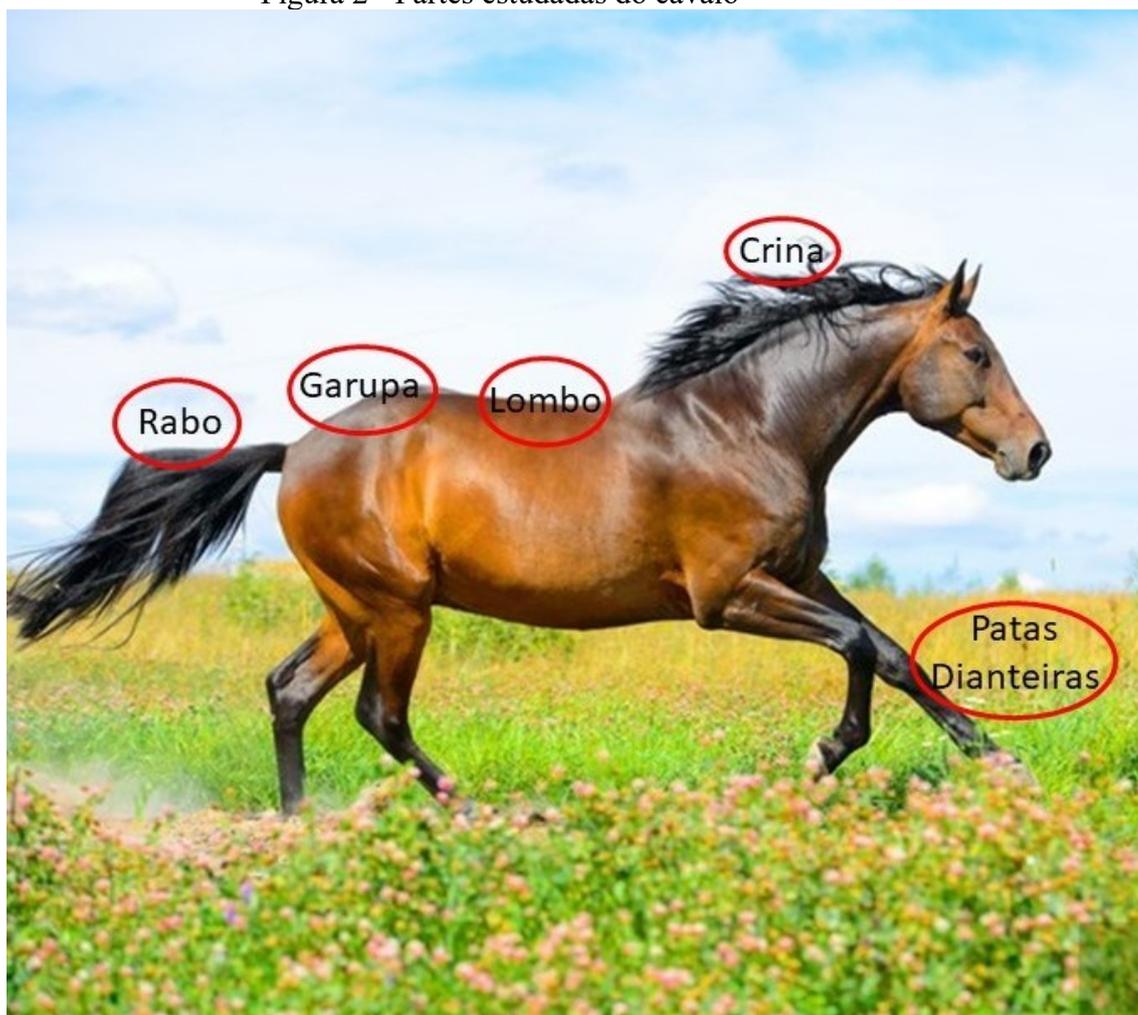
De acordo com Margotti (2002, p.3), “através de um mapa linguístico é possível visualizar, simultaneamente, as variantes linguísticas do fenômeno focado relativamente ao espaço geográfico estudado, o que vale dizer de todas as variedades dialetais de uma determinada área”. Assim, para cada item lexical pesquisado nesse trabalho, apresenta-se 01 carta diatópica por região do país, bem como tabelas e gráficos de produtividade e gráficos de faixa etária e sexo, produzidos com base nos relatórios gerados pelo SGVClin (2014). Para maior detalhamento das análises realizadas, também foram utilizadas cartas de arealidade e arealidade gradual para todos os itens pesquisados que se mostraram relevantes para o estudo. Nos casos em que foi possível determinar isoléxicas, foram utilizadas figuras com as delimitações das mesmas.

Após o agrupamento das variantes que aparecem em todo o país foi feita uma pesquisa em três dicionários *on-line*, são eles: Aulete, Michaelis e Priberam, A partir dos significados encontrados, fica mais fácil compreender o motivo pelo qual algumas variantes foram recorrentes.

4 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, serão apresentadas a descrição e a análise das variantes obtidas para as cinco questões do QSL em estudo no campo semântico *Fauna*. Para uma melhor análise, cada item lexical será analisado separadamente. De modo geral, a análise começará pela pergunta de número 72) [Como se chamam] as patas dianteiras do cavalo?; seguida da análise das questões 73) [Como se chama] o cabelo em cima do pescoço do cavalo?; 74) [Como se chama] o cabelo comprido na traseira do cavalo?; 75) [Como se chama] a parte do cavalo onde vai a sela?; e 76) [Como se chama] a parte larga atrás do _____ (cf. item 75)? em todas as regiões do Brasil, conforme Figura 2. A análise começará por uma perspectiva macro, abordando os resultados gerais do Brasil, seguida de uma análise micro que considera os dados isolados das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul.

Figura 2 - Partes estudadas do cavalo



Fonte: <https://www.dreamstime.com/stock-photo-bay-horse-runs-gallop-flowers-meadow-sky-background-image76028493>

4.1 Variantes da questão 72 no Brasil: patas dianteiras do cavalo

A primeira questão abordada nesse estudo busca variantes para a pergunta 72 do QSL: *[como se chamam] as patas dianteiras do cavalo?* Para essa questão foram obtidas 1201 respostas, agrupadas em nove rótulos, incluindo o rótulo *outras* e *RP* (respostas prejudicadas), conforme critérios detalhados abaixo:

- Substantivo seguido de adjetivo ou locução adjetiva: *pata* > *pata dianteira*, *mão* > *mão da frente*, *perna* > *perna dianteira*, *pé* > *pé da frente*, entre outros;
- Formas que apresentam o mesmo radical: *casco*, *casca*, *casculo*;
- Formas que apresentam flexão de número: *pata* > *patas*, *ferradura* > *ferraduras*, entre outras;
- Rótulo isolado com mais de cinco ocorrências: *braço*;
- Variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*: *cavalgadura*, *sapato*, *unha* etc.

A análise da produtividade das variantes terá início com os dados gerais do Brasil. Na sequência, será feita a análise de cada uma das cinco regiões do país separadamente. A Tabela 1 mostra a produtividade de cada variante encontrada para a questão 72 do QSL no Brasil.

Tabela 1 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL no Brasil

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
PATA	<i>pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s) / pata direita / pata esquerda / pata anterior / pata(s) anteira(s) / patas frenteiras / patas primeiras / patas superiores</i>	604	50,29%
MÃO	<i>mão(s) / mão da frente / mão dianteira</i>	328	27,31%
PERNA	<i>perna(s) / perna da frente / perna(s) dianteira(s)</i>	49	4,08%
CASCO	<i>casco / casco da frente / casco da mão / casco dianteiro / casculo / casca</i>	26	2,16%
PÉ	<i>pé(s) / pé da frente / pé dianteiro</i>	23	1,92%
FERRADURA	<i>ferradura(s)</i>	12	1,00%
BRAÇO	<i>braço</i>	11	0,92%

OUTRAS	cavalgadura / mocotó da frente / pá / parte dianteira / quarto / rasto / sapato / unha / unha da frente	12	1,00%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	136	11,32%
	Total	1201	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Do total de 1201 respostas, 50,29% são do rótulo *pata* e as variantes a ele agrupadas *patas / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s) / pata direita / pata esquerda / pata anterior / pata(s) anteira(s) / patas frenteiras / patas primeiras / patas superiores*. Em segundo lugar, *mão(s) / mão da frente / mão dianteira* aparecem com 27,31% das ocorrências. Na sequência *perna(s) / perna da frente / perna(s) dianteira(s)* obtiveram 4,08% dos registros. *Casco* e suas variantes *casco da frente / casco da mão / casco dianteiro / cascudo / casca* ocorrem em 2,16% das respostas. *Pé(s) / pé da frente / pé dianteiro* são as variantes escolhidas em 1,92% das ocorrências. *Ferradura(s), braço* e as variantes agrupadas em *outras (cavalgadura / mocotó da frente / pá / parte dianteira / quarto / rasto / sapato / unha / unha da frente)* obtiveram número aproximado de ocorrências, 1,00%, 0,92% e 1,00%, respectivamente. Já *RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* ocorre em 11,32% dos registros.

Para melhor compreensão dos usos de cada variante documentada para nomear *as patas dianteiras do cavalo*, fez-se necessária a consulta a três dicionários *on-line*. São eles: Aulete, Michaelis e Priberam.

Segundo o dicionário Aulete, *pata* refere-se a “apêndice dos animais vertebrados ou artrópodes, us. para locomoção ou apoio; PÉ”. Em Priberam aparece como “cada um dos membros de um animal usados na locomoção” e “extremidade do membro de um animal. = PÉ”. Já no dicionário Michaelis *pata* aparece com outros significados que não possuem relação semântica com *as patas dianteiras do cavalo*.

A variante *mão* aparece em Aulete como “cada um dos membros anteriores dos quadrúpedes”. No Michaelis significa, em relação à anatomia humana, “parte similar nos animais, com aspecto semelhante e a mesma função; gatázio” e “a extremidade de

qualquer pata das reses depois de cortada e que serve de alimento”. No Priberam consta como “pé dianteiro do quadrúpede”.

Perna, por sua vez, aparece em Aulete como “cada um dos membros de locomoção de diversos animais”. No Michaelis diz para “Vpata2, acepção 1”, porém, como dito anteriormente, *pata* não consta no referido dicionário como algo referente às *patas dianteiras do cavalo*. No Priberam significa “cada um dos dois membros inferiores ou posteriores do corpo animal”.

A acepção para *casco* em Aulete aparece como “envoltório córneo, unha de animais como o boi, o cavalo, a anta, o elefante etc”. Algo semelhante consta no Michaelis: “ revesti mento ósseo que protege as pontas dos pés dos mamíferos ungulados”; e no Priberam: “unha espessa ou cobertura córnea da última falange dos solípedes (ex.: casco do cavalo)”.

Os significados encontrados para *casca* são semelhantes em Aulete e no Michaelis. Em Aulete consta como “ revesti mento ou cobertura rígida do corpo de certos animais”, e no Michaelis aparece como “cobertura óssea de um animal”. Já no Priberam, o significado encontrado não possui relação com nenhuma parte do cavalo.

O item lexical *pé* consta em Aulete como “cada membro de locomoção e apoio ou fixação de um animal; PATA”. O significado que aparece em Michaelis é semelhante ao que aparece em Aulete: “cada um dos apêndices pares que os animais, especialmente os vertebrados ou artrópodes, usam para apoiar o corpo e locomover-se; pata”. E no Priberam *pé* aparece como “parte final dos membros, especialmente posteriores, dos vertebrados terrestres”.

Ferradura possui o mesmo significado tanto em Aulete quanto no Michaelis e no Priberam. Assim, consta, respectivamente, como “objeto de ferro semicircular, us. para proteger os cascos de cavalos, burros etc”, “peça de ferro em forma de semicírculo com que se protegem os cascos das cavalgadas” e “peça de ferro que se prega na face inferior do casco dos animais de carga, tiro e sela”.

A variante *braço* aparece em Aulete como “cada membro anterior de um vertebrado quadrúpede”. No Michaelis consta como “cada um dos membros anteriores dos quadrúmanos e quadrúpedes”. Já no Priberam, *braço* significa “membro anterior do cavalo” e “cada um dos membros anteriores dos quadrúmanos”.

Cavalgada consta em Aulete como “animal de montaria; cavalo, mulo, jumento, ou fêmea de um desses animais, que se pode montar para usar como meio de transporte”. No Michaelis aparece como “besta cavalgar, muar ou asinina que se pode cavalgar;

montaria” e no Priberam significa também “besta cavalari, muar ou asinina, que pode cavalgar-se”. Dessa forma, apesar de as acepções para cavalgadura possuírem relação semântica com o cavalo, as mesmas não têm necessariamente relação com *as patas dianteiras do cavalo*.

Quarto aparece em Aulete como “fenda no casco das cavalgaduras”. No Michaelis significa “racha no casco das cavalgaduras” e no Priberam “fenda do pé do cavalo, desde a coroa do casco até à ferradura” e “cada uma das partes laterais da muralha do casco do cavalo”.

Já as variantes *casculo*, *mocotó*, *pá*, *rasto*, *sapato* e *unha* aparecem nos dicionários, porém, sem significado semântico que possua relação com o item lexical em estudo.

Feita a análise dos dados de produtividade geral do Brasil, a seguir serão abordados os resultados das variantes por região do país.

Tabela 2 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Norte

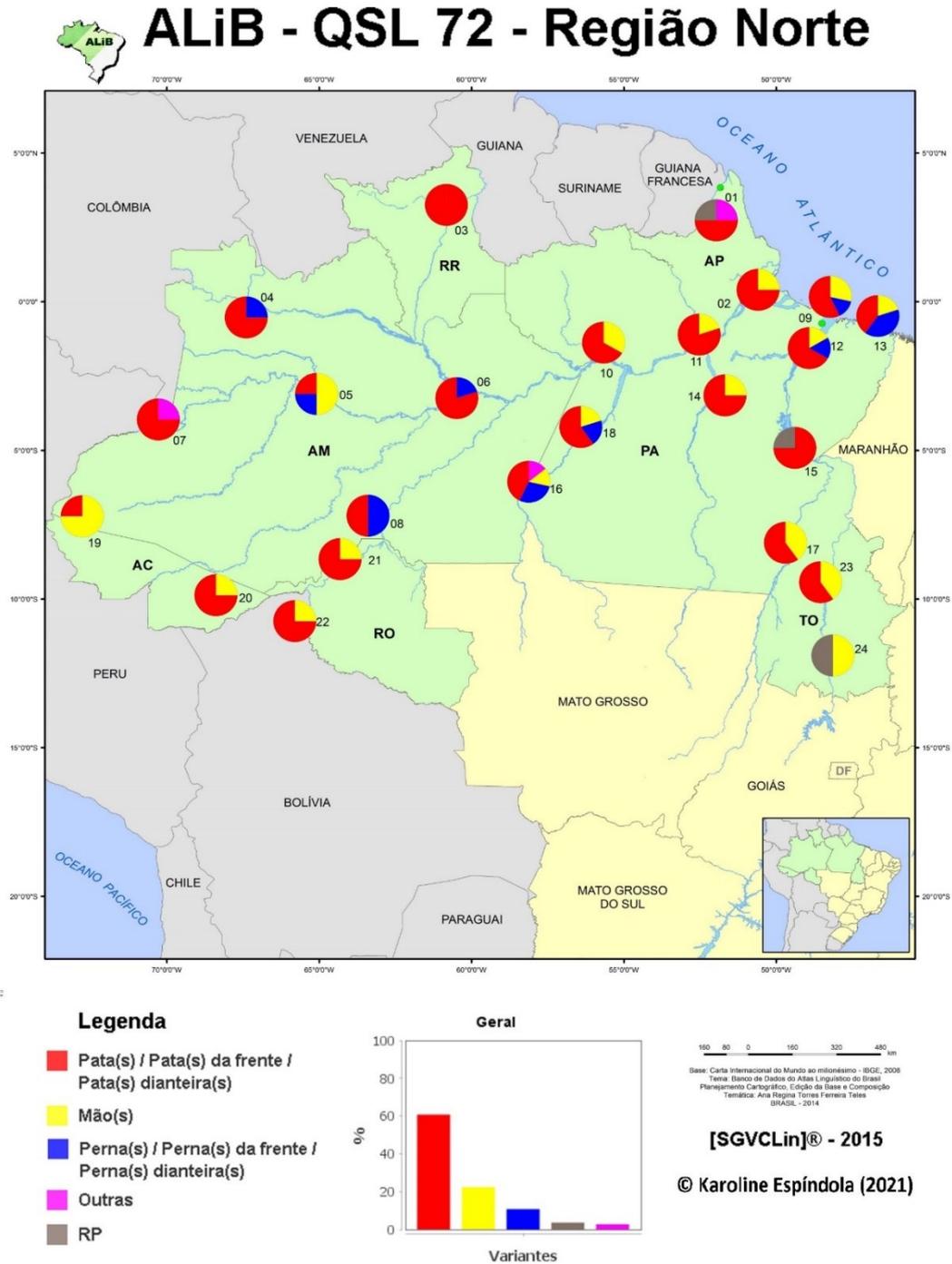
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
PATA	pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s)	68	60,71%
MÃO	mão(s)	25	22,32%
PERNA	perna(s) / perna(s) da frente / perna(s) dianteira(s)	12	10,71%
OUTRAS	braço / pé	3	2,68%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não soube	4	3,57%
	Total	112	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 2 mostra a produtividade para *patas dianteiras* na Região Norte. As 112 respostas foram agrupadas em quatro rótulos mais as respostas prejudicadas em *RP*. As variantes *pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s)* aparecem em primeiro lugar, com 60,71% das ocorrências. *Mão(s)* ocorre em 22,32% dos registros. *Perna(s) / perna(s) da frente / perna(s) dianteira(s)* foram registradas em 10,71% das respostas. Em *outras* temos as variantes *braço* e *pé* com 2,68% das ocorrências. Já *RP (áudio incompleto / não lembrou / não soube)* aparece em 3,57% das entrevistas.

A Carta 1 mostra a distribuição das variantes na Região Norte.

Carta 1 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Norte

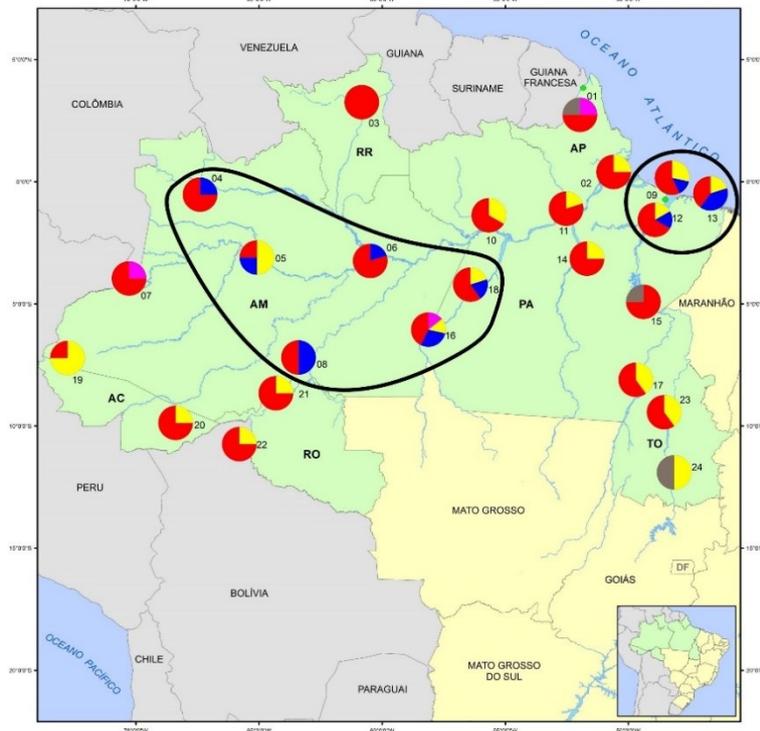


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A variante *pata* predomina em toda a região, não aparecendo apenas no ponto 024 (Natividade – TO). A variante *mão* não aparece em sete regiões nortistas, são elas: 001 (Oiapoque – AP), 003 (Boa Vista – RR), 004 (São Gabriel da Cachoeira – AM), 006 (Manaus – AM), 007 (Benjamin Constant – AM), 008 (Humaitá – AM) e 015 (Marabá – PA). Já a *resposta braço*, agrupada em *outras*, ocorreu como primeira resposta do informante 3 no ponto 007 (Benjamin Constant – AM) e como quarta resposta da informante 2 no ponto 016 (Jacareacanga – PA); a variante *pé*, também agrupada em *outras*, aparece como resposta do informante 1 no ponto 001 (Oiapoque – AP). Dos quatro registros de *RP*, um ocorreu no ponto 001 (Oiapoque - AP), outro no ponto 015 (Marabá – PA) e dois no ponto 024 (Natividade – TO).

Para *perna*, observa-se uma arealização nos estados do Amazonas e Pará, mais especificamente nos pontos 004 (São Gabriel da Cachoeira – AM), 005 (Tefé – AM), 006 (Manaus – AM), 008 (Humaitá – AM), 009 (Soure – PA), 012 (Belém – PA), 013 (Bragança – PA), 016 (Jacareacanga – PA) e 018 (Itaituba – PA), conforme delimitação em preto na Figura 3.

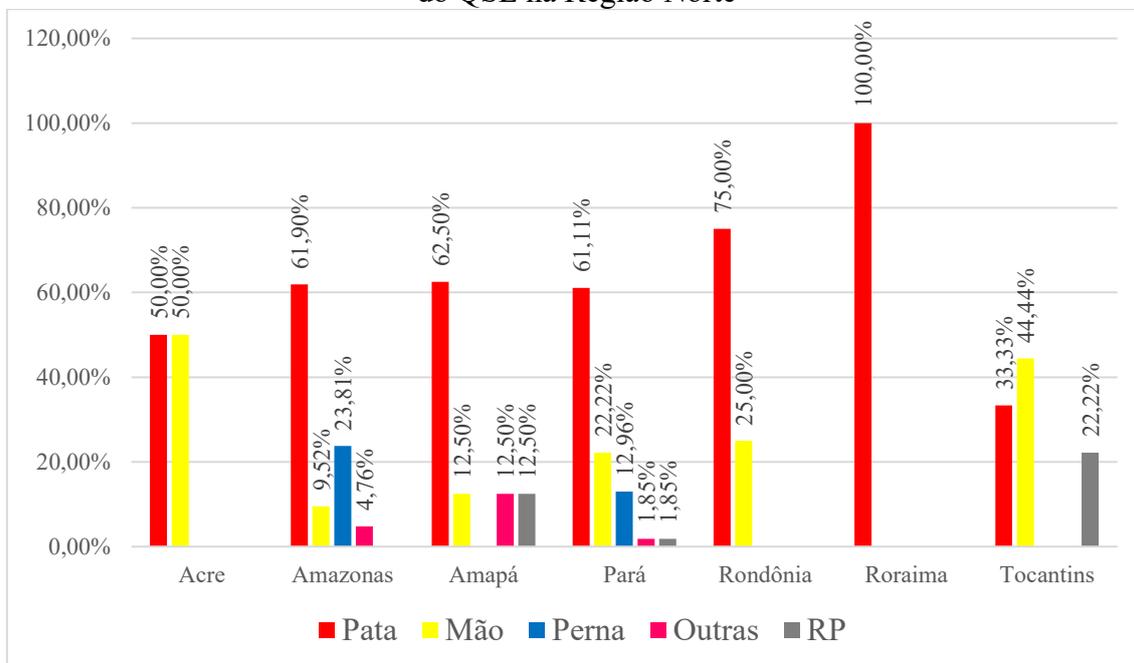
Figura 3 - Arealização da variante *perna* na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

O Gráfico 1 mostra o detalhamento da produtividade das variantes por estado na Região Norte.

Gráfico 1 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Norte

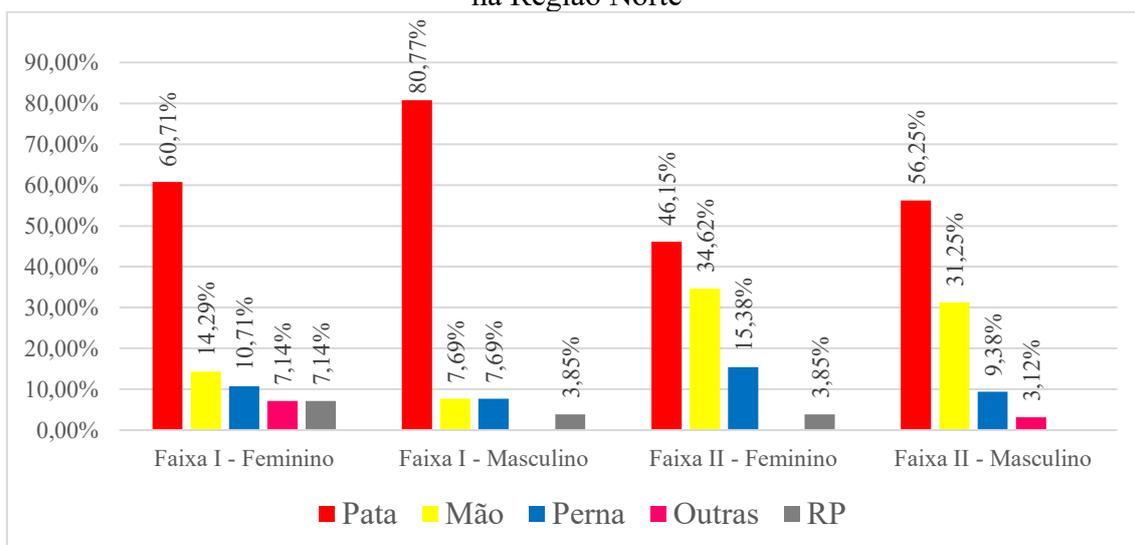


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Observa-se que no estado do Acre as duas variantes mais produtivas são *pata* e *mão*, que obtiveram, ambas, 50,00% das respostas. Em Roraima, a variante *pata* obteve 100,00% das ocorrências, sendo a única variante registrada. Já em Tocantins, os resultados destoam dos demais estados da Região Norte, visto que a segunda variante mais produtiva, *mão*, obteve um índice de 44,44% das respostas, superando, assim, os 33,33% do item lexical *pata*. No Amazonas, *perna* obteve 23,81% dos registros, sendo a segunda variante mais produtiva, diferente de Amapá, Pará e Rondônia, em que *mão* é a segunda variante mais produtiva, conforme análise anterior da produtividade geral da Região Norte.

O Gráfico 2 traz a produtividade das variantes por faixa etária e sexo na Região Norte.

Gráfico 2 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A variante predominante *pata* teve maior incidência entre os informantes da Faixa etária I com 60,71% das ocorrências entre o sexo feminino e 80,77% das respostas entre o sexo masculino. Essa mesma variante obteve 46,15% das respostas entre as mulheres da faixa etária II e 56,25% entre os homens. Nos informantes da Faixa etária II, apesar de a variante *pata* ser a mais recorrente, *mão*, em comparação à faixa I, obteve uma produtividade bastante significativa, sendo 34,62% para o sexo feminino e 31,25% para o masculino.

Tabela 3 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Nordeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
PATA	pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s)	137	36,93%
MÃO	mão(s) / mão da frente / mão dianteira	121	32,61%
CASCO	casco / casco da frente / casco dianteiro / casca	15	4,04%
PERNA	perna(s) / perna da frente	14	3,77%
PÉ	pé(s)	10	2,70%
OUTRAS	braço / ferradura(s) / mocotó da frente / pá / rasto / unha / unha da frente	10	2,70%

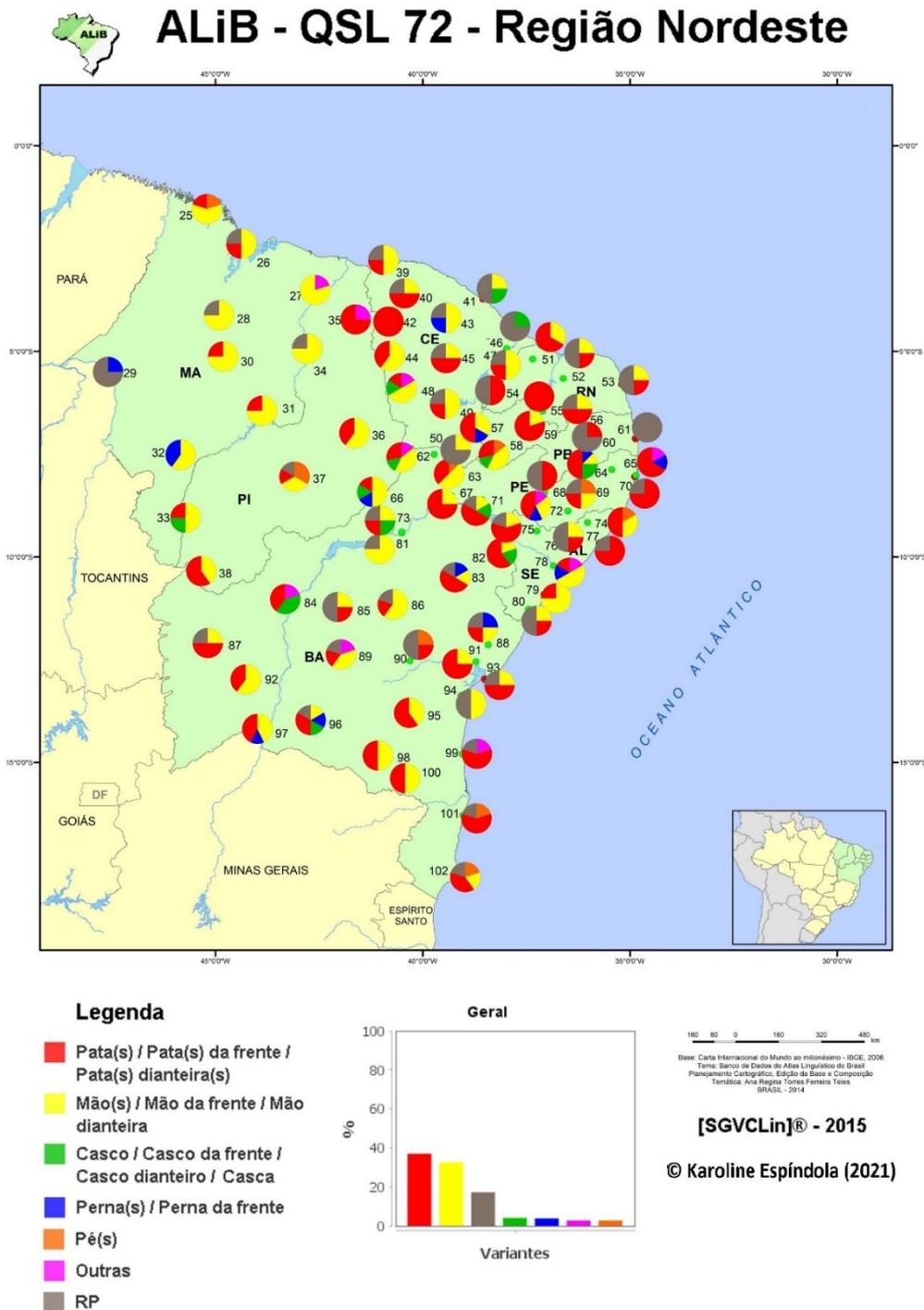
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube	64	17,25%
	Total	371	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 3 traz a produtividade das 371 respostas na Região Nordeste. Assim como na Região Norte, as variantes mais produtivas são *pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s)* com 36,93% das ocorrências. Em segundo lugar, *mão(s) / mão da frente / mão dianteira* aparecem como as variantes mais recorrentes com 32,61% dos registros. *Casco e suas variantes casco da frente / casco dianteiro / casca e perna(s) / perna da frente* tiveram quase o mesmo número de ocorrências, com 4,04% e 3,77% das respostas, respectivamente. Já *pé(s)* e as variantes agrupadas no rótulo *outras (braço / ferradura(s) / mocotó da frente / pá / rasto / unha / unha da frente)* obtiveram um total de 2,70% das respostas. *RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube)* ocorre em um número considerável de inquéritos 17,25%.

A Carta 2 mostra a distribuição das variantes na Região Nordeste.

Carta 2 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Nordeste



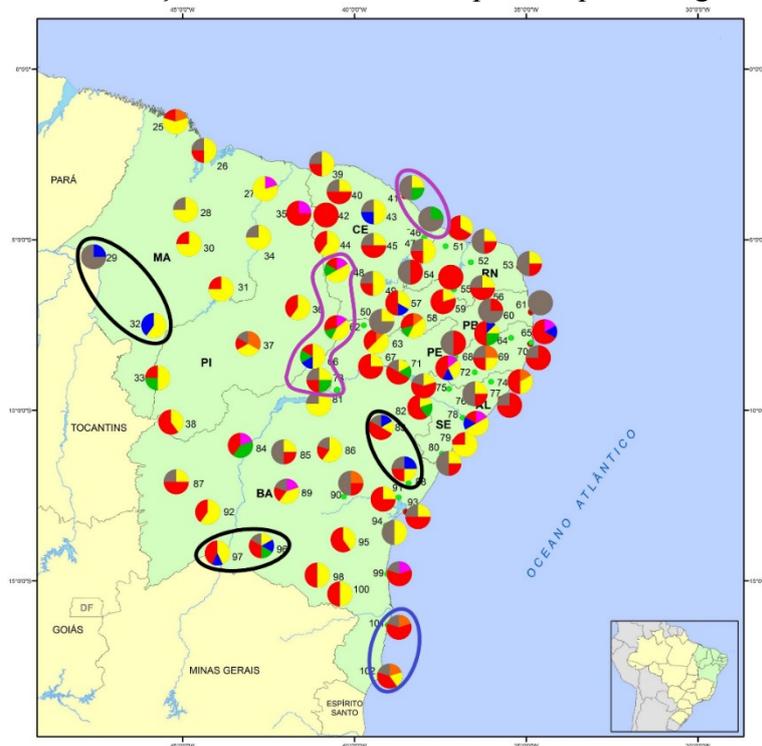
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Pata e *mão*, por serem as mais produtivas, aparecem em quase todas as localidades. *Casco*, por sua vez, é mais recorrente na Bahia, Pernambuco e Ceará. *Perna* aparece mais vezes na Bahia, em Pernambuco e no Maranhão. *Pé*, apesar de ter apenas

10 ocorrências, aparece em seis dos nove estados nordestinos, ficando de fora apenas dos dados registrados no Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte. As variantes agrupadas em *outras* ocorrem na Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí e Sergipe.

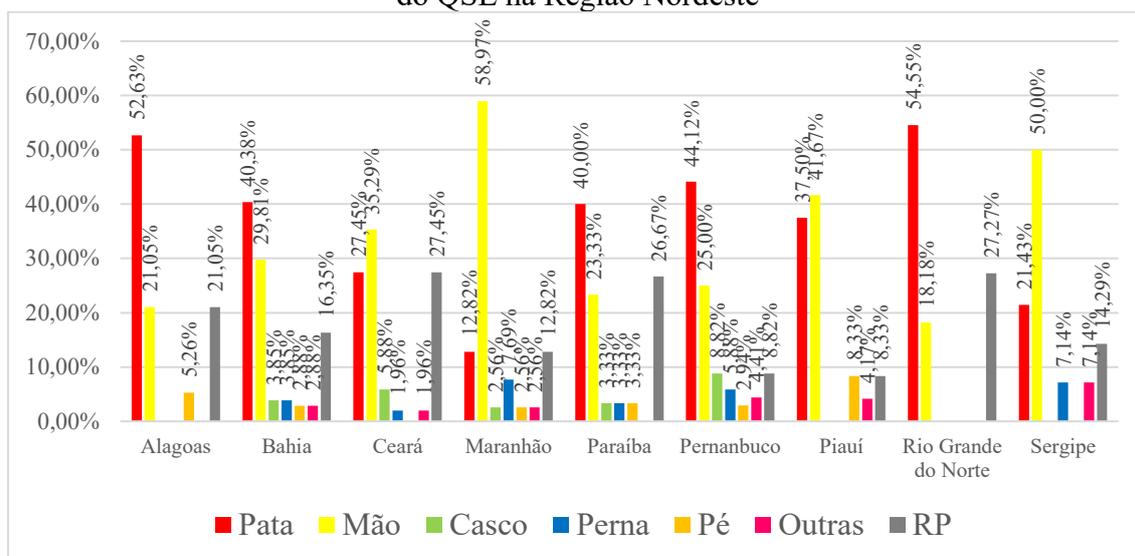
A Figura 4 mostra em quais pontos da Região Nordeste foram possíveis traçar isoléxicas. As áreas delimitadas em roxo referem-se à variante *casco* que ocorre nos pontos 041 (Fortaleza – CE), 046 (Russas – CE), 048 (Tauá – CE), 062 (Exu – PE), 066 (Afrânio – PE) e 073 (Petrolina – PE). Em preto aparecem as arealizações da variante *perna* que ocorre nos pontos 029 (Imperatriz – MA), 032 (Balsas – MA), 83 (Euclides da Cunha – BA), 88 (Alagoinhas – BA), 96 (Caetité – BA) e 97 (Carinhanha – BA). Circulados em azul aparecem os pontos 101 (Santa Cruz Cabralia – BA) e 102 (Caravelas – BA) formando a área lexical referente à variante *pé*.

Figura 4 - Arealização das variantes *casco*, *perna* e *pé* na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Gráfico 3 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Nordeste

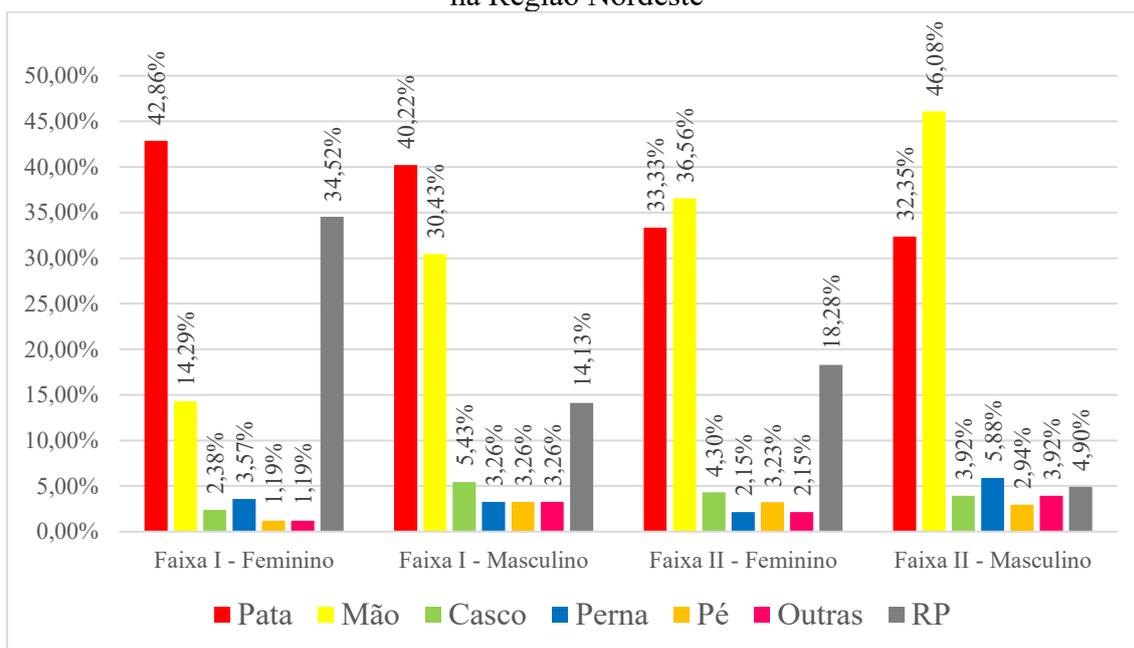


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 3 mostra a produtividade das variantes na Região Nordeste. A variante *mão* predomina nos estados do Ceará, Maranhão, Piauí e Sergipe com 35,29%, 58,99%, 41,67% e 50,00%, respectivamente. Apesar de *pata* ser a variante mais recorrente na maioria dos estados nordestinos, no Ceará, as respostas prejudicadas *RP* obtiveram o mesmo percentual de *pata*, 27,45%, mostrando, dessa forma, um menor conhecimento da variante esperada como resposta à questão 72 do QSL entre o povo cearense.

Finalizando a análise na Região Nordeste, o Gráfico 4 mostra a produtividade das variantes por faixa etária e sexo.

Gráfico 4 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Entre os informantes da faixa etária II, *mão* aparece com 36,56% de ocorrências entre as mulheres e 46,08% entre os homens, ultrapassando, assim, a variante *pata* que costuma ser a mais recorrente nas regiões. Outro ponto interessante é o alto índice de respostas prejudicadas *RP* entre as informantes da faixa etária I, com 34,52% de registros, mostrando, dessa forma, a pouca familiaridade das mulheres jovens com os assuntos relacionados aos animais como o cavalo. As demais variantes, *casco*, *perna*, *pé* e *outras* não possuem diferenças significativas entre as faixas etárias e os sexos dos informantes.

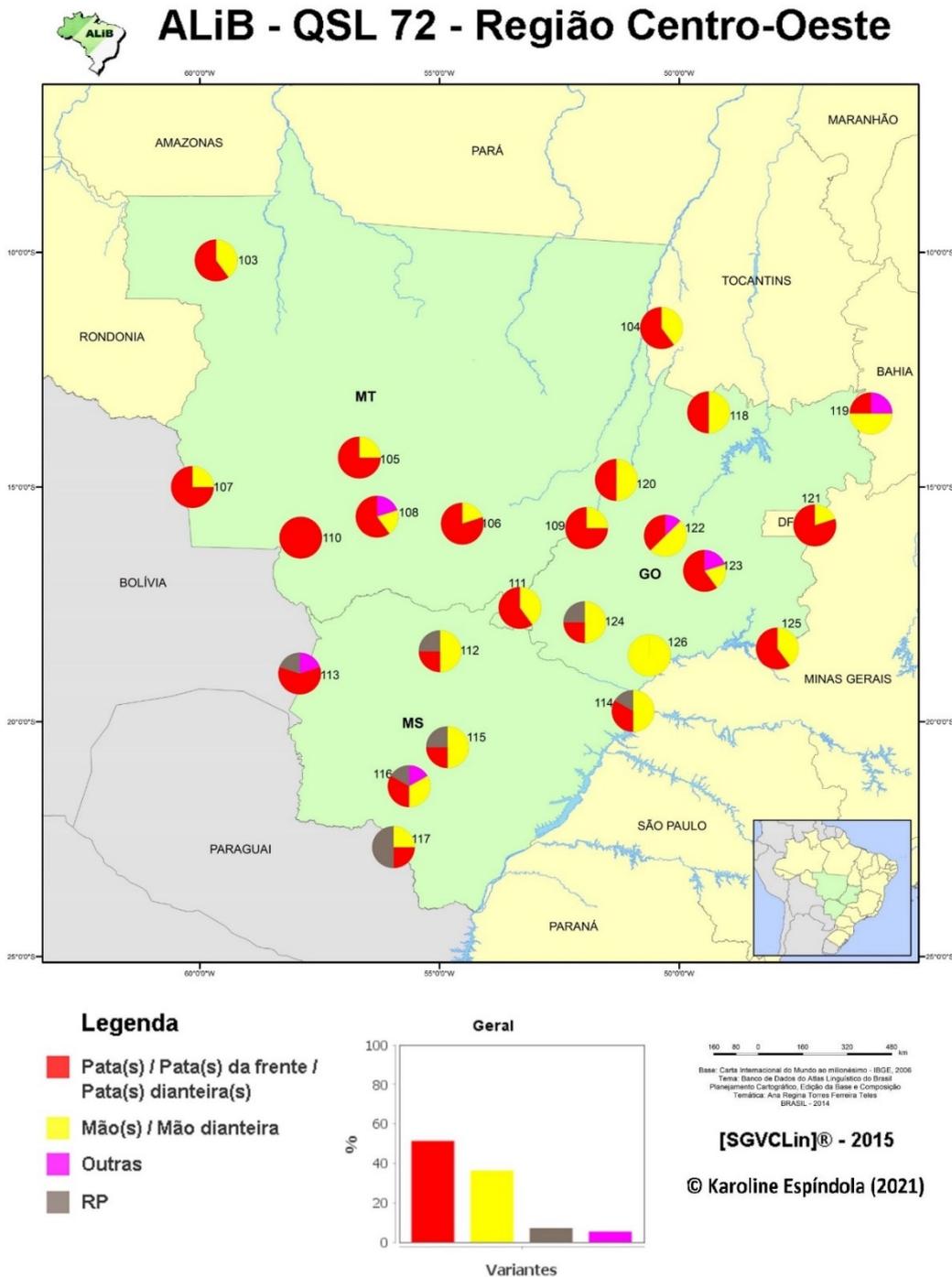
Tabela 4 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Centro-Oeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
PATA	pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s)	58	51,33%
MÃO	mão(s) / mão dianteira	41	36,28%
OUTRAS	braço / casco / casco da mão / pé dianteiro / pés	6	5,31%
RP	não lembrou / não obtida / não soube	8	7,08%
	Total	113	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Na Tabela 4 observa-se a distribuição dos itens lexicais para a questão 72 na Região Centro-Oeste. Em relação à produtividade das variantes, das 113 respostas totais, as designações *pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s)*, assim como no Norte e Nordeste, foram as formas mais recorrentes com 51,33% dos registros. Em segundo lugar, com 36,28% das ocorrências, aparecem as variantes lexicais *mão(s) e mão dianteira*. As variantes agrupadas em *outras (braço / casco / casco da mão / pé dianteiro / pés)* obtiveram um total de 5,31% dos registros. Já *RP (não lembrou / não obtida / não soube)* ocorre em 7,08% dos inquéritos pesquisados.

Carta 3 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Centro-Oeste

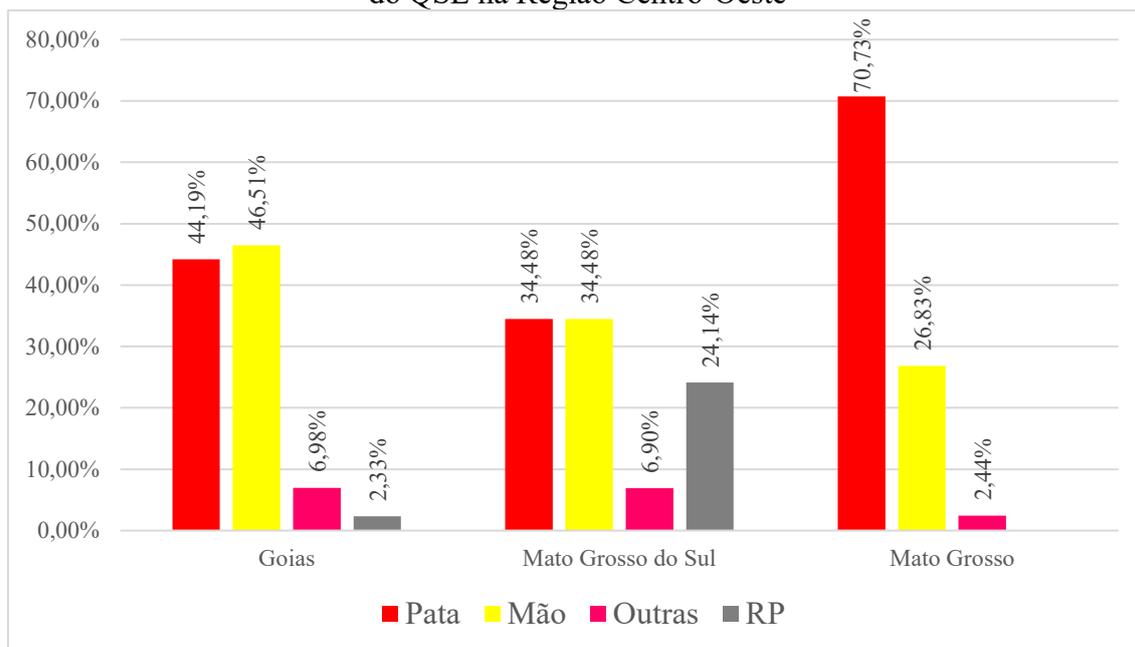


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Ao observar a Carta 3 da Região Centro-Oeste, fica nítido o predomínio das variantes *pata* e *mão* por todo o território. É importante destacar que no ponto 110 (Cáceres – MT) todas as respostas foram *pata*. Já no ponto 126 (Quirinópolis – GO),

todos os informantes deram como resposta o item lexical *mão*. Das seis ocorrências agrupadas no rótulo *outras*, as formas *casco*, *casco da mão* e *pés* aparecem em Goiás, *casco* e *braço* ocorrem no Mato Grosso do Sul e *pé dianteiro* no Mato Grosso. No Mato Grosso do Sul sete respostas foram tidas como prejudicadas e, dessa forma, agrupadas em *RP*. Já a oitava ocorrência de *RP* aconteceu no ponto 124 (Jataí – GO).

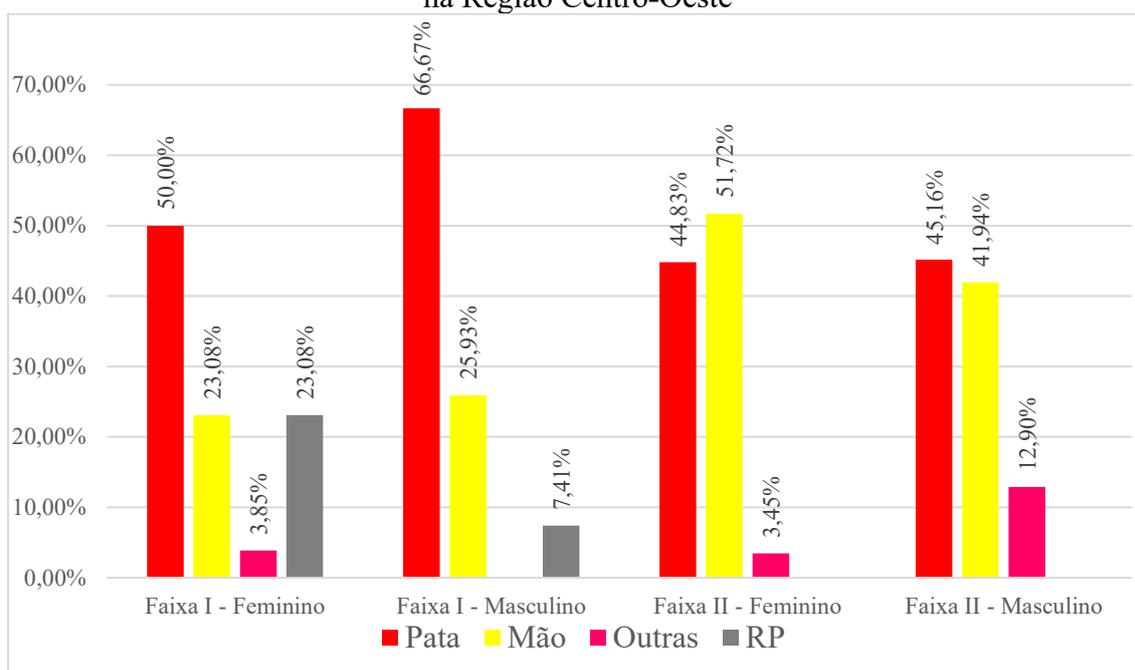
Gráfico 5 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Ao observar o Gráfico 5, fica claro o predomínio da variante *pata* no estado do Mato Grosso com 70,73% das ocorrências. No Mato Grosso do Sul, tanto *pata* quanto *mão* obtiveram 34,48% das respostas. Nesse estado também ocorre um maior índice de *RP*, com 24,14% de registros. Já no estado de Goiás, a variante *mão* obteve 46,51% das ocorrências *versus* 44,19% registros de *pata*.

Gráfico 6 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Diferente do que acontece na Região Nordeste, na Região Centro-Oeste ocorre um predomínio da variante *mão* apenas entre as mulheres da faixa etária II, com 51,72% de ocorrências. Já entre os homens também da faixa etária II, a variante mais produtiva é *pata*, com 45,16% dos registros. De todas as respostas prejudicadas (*RP*), nenhuma delas ocorreu entre os informantes do sexo feminino e do sexo masculino pertencentes à faixa etária II.

Tabela 5 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sudeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
PATA	pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s) / pata direita / pata esquerda / pata anterior / pata(s) anteira(s) / patas frenteiras / patas primeiras / patas superiores	223	58,07%
MÃO	mão(s) / mão da frente / mão dianteira	78	20,31%
PERNA	perna(s) / pernas da frente / perna dianteira	15	3,91%
PÉ	pé(s) / pé dianteiro	8	2,08%
CASCO	casco	6	1,56%

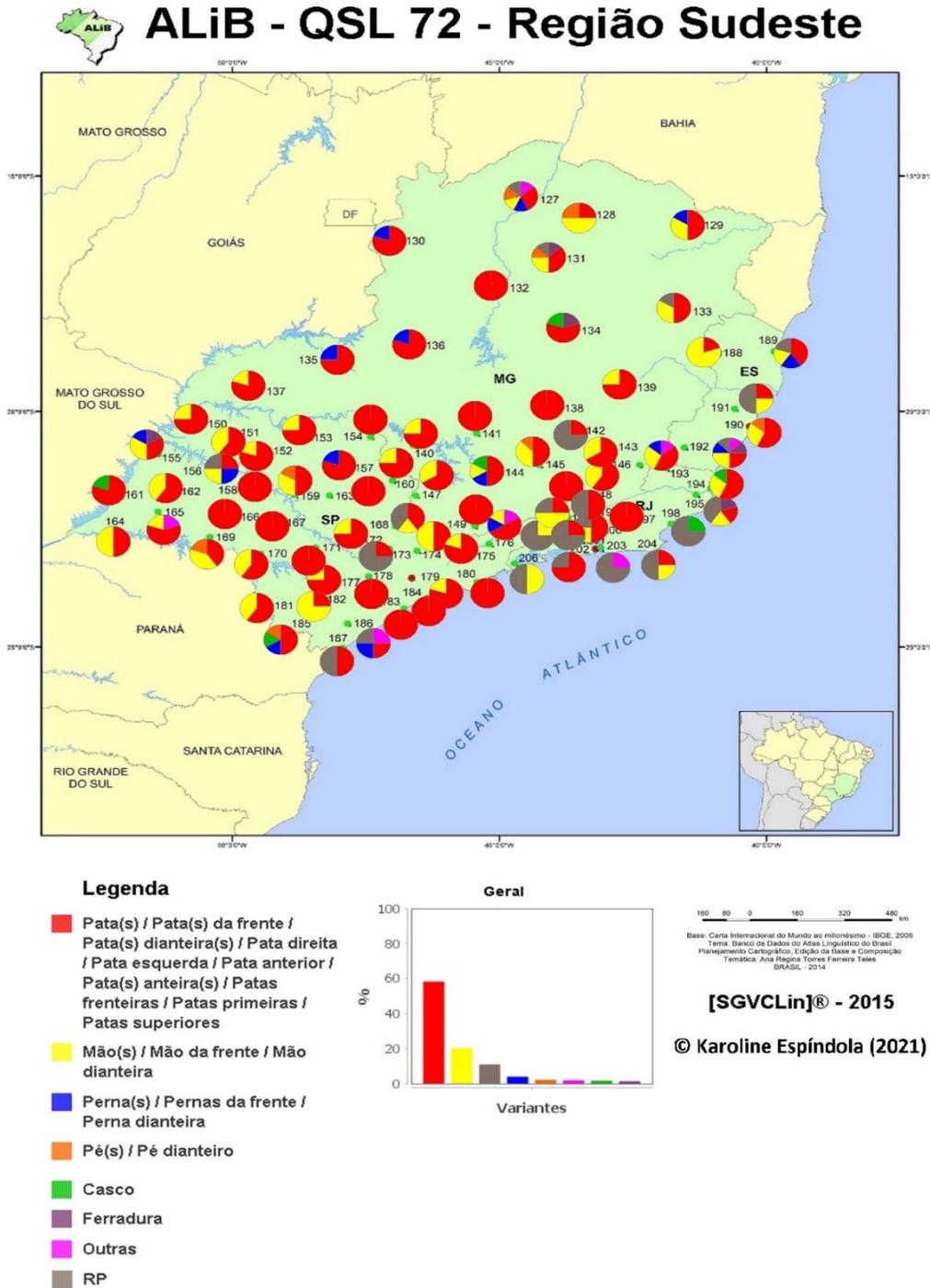
FERRADURA	ferradura	5	1,30%
OUTRAS	braço / cavalgada / sapata / pá	7	1,82%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	42	10,94%
	Total	384	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 5 traz a produtividade das variantes documentadas na Região Sudeste para denominar *as patas dianteiras do cavalo*. Do total de 384 respostas, o rótulo *pata* e as variantes a ele agrupadas *patas / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s) / pata direita / pata esquerda / pata anterior / pata(s) anteira(s) / patas frenteadas / patas primeiras / patas superiores* representam 58,07% das respostas. *Mão e formas associadas mãos / mão da frente / mão dianteira* aparecem na sequência com 20,31% das ocorrências. *Perna* e suas variantes *pernas / pernas da frente / perna dianteira* aparecem em 3,91% dos registros. *Pé(s) / pé dianteiro, casco e ferradura* possuem número aproximado de respostas, com 2,08%, 1,56% e 1,30%, respectivamente. *Outras (braço / cavalgada / sapata / pá)* ocorrem em 1,82% das respostas e *RP (áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* aparece em 10,94% dos registros.

A distribuição das variantes por todo o Sudeste pode ser vista na Carta 4.

Carta 4 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sudeste



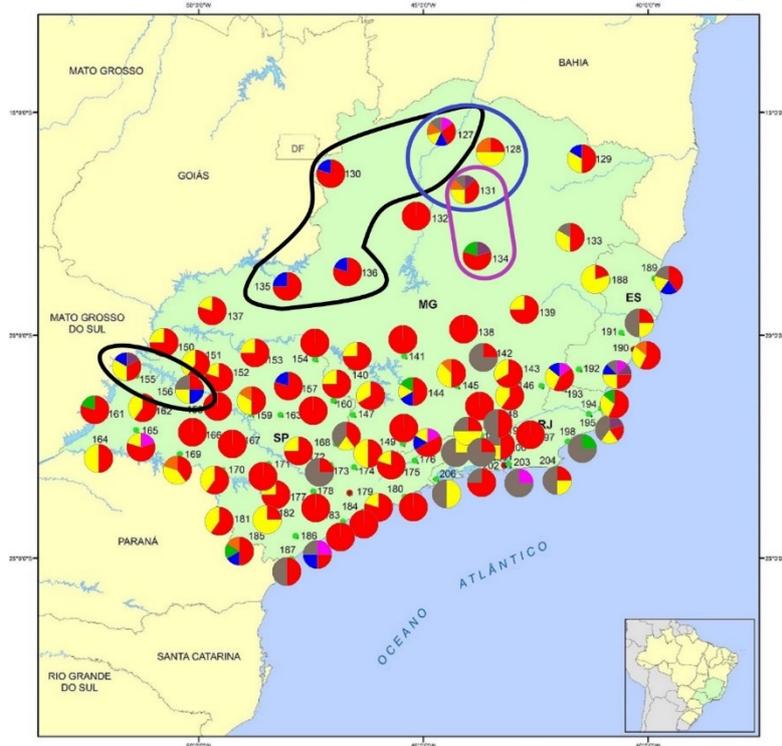
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin[®]

O item lexical mais produtivo, *pata*, predomina por toda a região. *Mão*, apesar de aparecer nos quatro estados que compõem a Região Sudeste, aparece em menor quantidade que *pata*. *Perna* também aparece em todos os estados, porém, em menor

quantidade, visto que, das 15 ocorrências, 06 ocorrem em Minas Gerais, 06 em São Paulo, 02 no Espírito Santo e apenas 01 no Rio de Janeiro. *Pé* aparece em todos os estados com exceção do Rio de Janeiro. Já *casco* não aparece apenas no estado do Espírito Santo. *Ferradura* e as variantes agrupadas em *outras* ocorrem em todos os estados. O maior número de respostas prejudicadas (*RP*) ocorre no Rio de Janeiro com 36,51% dos registros, sendo, inclusive, um percentual maior do que a variante *pata*, que é a forma mais produtiva em todos os estados. Já em São Paulo foram obtidas 5,17% das respostas prejudicadas, em Minas Gerais 5,08% e no Espírito Santo 13,79%.

A Figura 5 ilustra a arealização das variantes *perna*, *pé* e *ferradura* na Região Sudeste. As áreas delimitadas em preto referem-se à variante *perna* nos pontos 127 (Januária – MG), 130 (Unaí – MG), 135 (Uberlândia – MG), 136 (Patos de Minas – MG), 155 (Andradina – SP) e 156 (Araçatuba – SP). Os pontos 127 (Januária – MG), 128 (Janaúba – MG) e 131 (Montes Claros – MG), circulosados em azul, traçam a isoléxica da variante *pé*. Também no ponto 131 (Montes Claros – MG) e no ponto 134 (Diamantina – MG), marcado com roxo no mapa, é possível observar a arealização do item lexical *ferradura*.

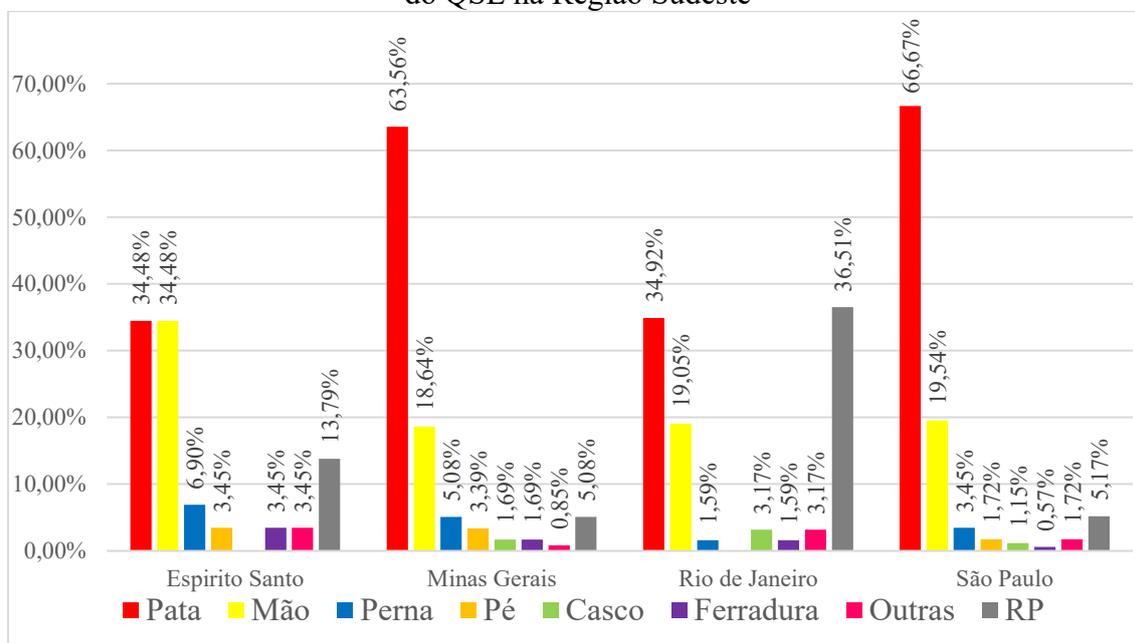
Figura 5 - Arealização das variantes *perna*, *pé* e *ferradura* na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A seguir, será apresentada, conforme Gráfico 7, a distribuição das variantes de *patas dianteiras* por estados na Região Sudeste.

Gráfico 7 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Sudeste

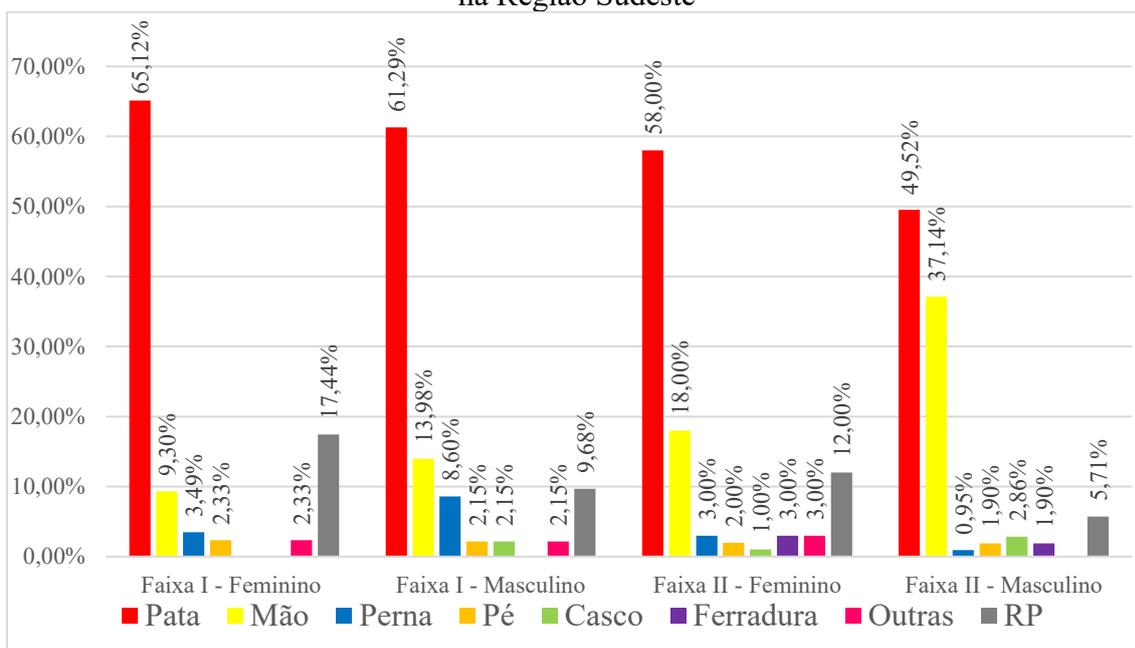


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 7 é possível observar a produtividade das variantes em cada estado da Região Sudeste. Entre as variantes com resultados mais significativos, *pata* aparece com maior recorrência no estado de São Paulo, com 66,67% das respostas. Em Minas Gerais essa variante ocorre em 63,56% dos registros. Já nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo, *pata* obteve menor número de respostas, sendo, respectivamente, 34,92% e 34,48%. Também com 34,48% dos registros, *mão* empata com *pata* no estado do Espírito Santo. Em Minas Gerais *mão* obteve 18,64% das respostas, no Rio de Janeiro 19,05% e em São Paulo 19,54%. Como visto anteriormente, *RP* é mais frequente no Rio de Janeiro com 36,51% dos dados, mostrando, assim, pouca familiaridade dos falantes com as atividades envolvendo os cavalos em geral.

Na sequência, será apresentada a distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste (cf. Gráfico 8).

Gráfico 8 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com o Gráfico 8, *pata* predomina tanto entre as mulheres quanto entre os homens da faixa etária I e II com 65,12%, 61,29%, 58,00% e 49,52%, respectivamente. Como já ocorrido nas outras regiões, *mão* é bastante produzida entre os informantes homens da faixa etária II, com 37,14% das ocorrências. *RP* também mantém o padrão das regiões anteriores, sendo mais recorrente entre as mulheres da faixa etária I, com 17,44% dos registros. As demais variantes não possuem grande diferença entre as faixas etárias e os sexos dos informantes.

As variantes lexicais de *patas dianteiras* na Região Sul do Brasil serão apresentadas e analisadas a seguir.

Tabela 6 - Produtividade das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sul

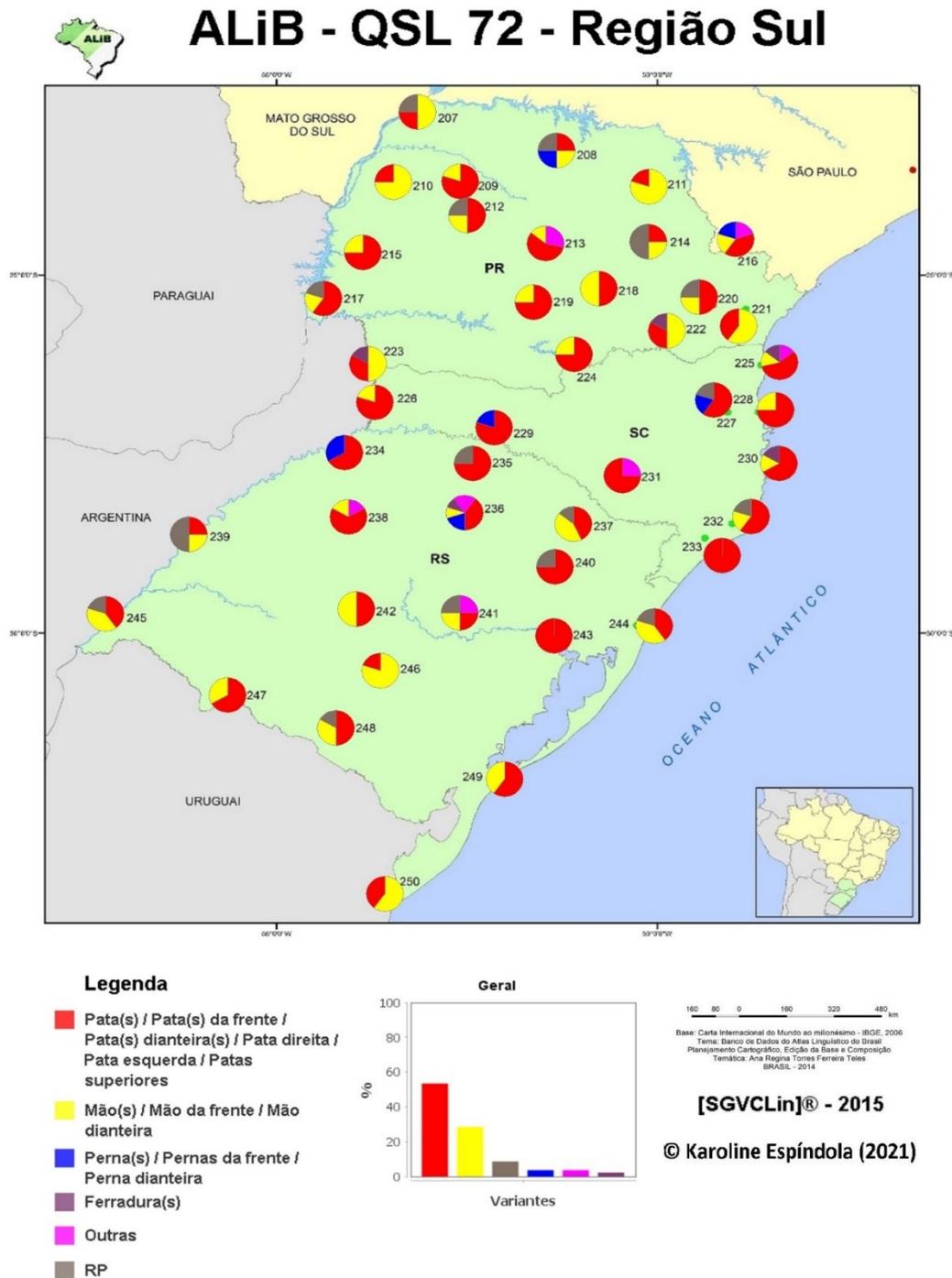
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
PATA	pata(s) / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s) / pata direita / pata esquerda / patas superiores	118	53,39%
MÃO	mão(s) / mão da frente / mão dianteira	63	28,51%
PERNA	perna(s) / pernas da frente / perna dianteira	8	3,62%

FERRADURA	ferradura(s)	5	2,26%
OUTRAS	braço / casco / cascudo / parte dianteira / pé / pé da frente / quarto	9	4,07%
RP	não lembrou / não soube	18	8,14%
	Total	221	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 6 traz os resultados obtidos na Região Sul para a questão 72 do QSL. Como nas outras regiões do Brasil, das 221 respostas totais, *pata* e suas variantes *patas / pata(s) da frente / pata(s) dianteira(s) / pata direita / pata esquerda / patas superiores* foram as mais recorrentes, com 53,39% das respostas obtidas. *Mão(s) / mão da frente / mão dianteira* aparecem na sequência com 28,51% dos registros. *Perna(s) / pernas da frente / perna dianteira* totalizam 3,62% das ocorrências. *Ferradura(s)* obteve 2,26% das respostas. As variantes agrupadas em *outras (braço / casco / cascudo / parte dianteira / pé / pé da frente / quarto)* correspondem a 4,07% das respostas. Já *RP (não lembrou / não soube)* teve um total de 8,14% dos registros.

Carta 5 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 72 do QSL na Região Sul

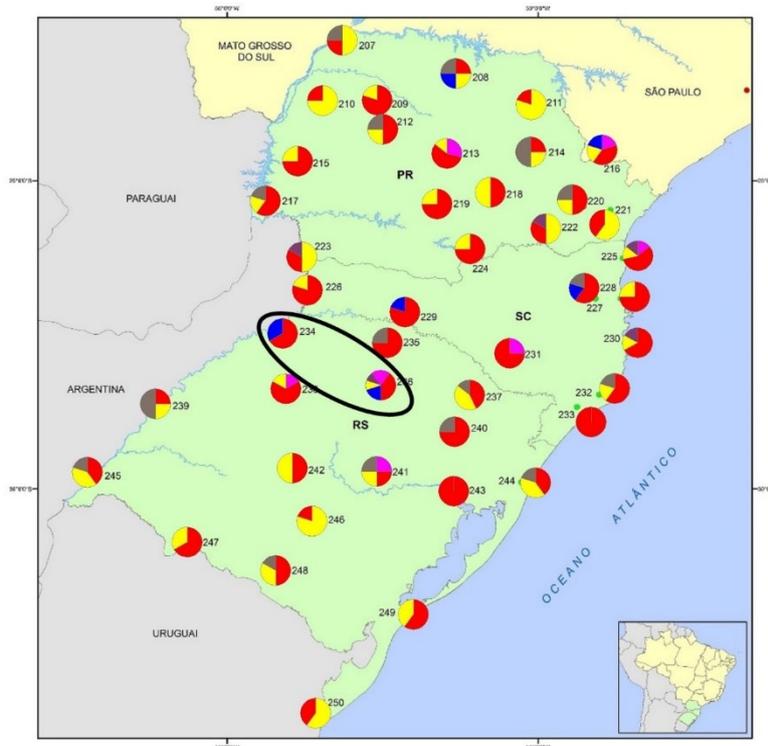


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 5 é possível observar que todas as variantes, incluindo as variantes agrupadas em *outras* e as respostas prejudicadas *RP*, aparecem pelo menos uma vez em cada estado da Região Sul. No entanto, por serem as variantes mais recorrentes,

pata e mão, predominam no mapa. O item lexical *perna* e suas variantes aparecem 04 vezes no Rio Grande do Sul e 02 vezes no Paraná e em Santa Catarina. Já *ferradura* aparece 02 vezes no Paraná e em Santa Catarina e apenas 01 vez no Rio Grande do Sul. Entre as variantes agrupadas em *outras*, *casco*, *pé da frente* e 01 ocorrência de *braço* aparecem no Paraná; *casculo*, *pé* e outra ocorrência de *braço* aparecem no Rio Grande do Sul; *parte dianteira* aparece 02 vezes em Santa Catarina, como primeira resposta do informante 1 no ponto 231 (Lages – SC) e como terceira resposta do informante 1 no ponto 225 (São Francisco do Sul – SC); a única ocorrência de *quarto* apareceu como terceira resposta do informante 3 no ponto 236 (Passo Fundo – RS).

Figura 6 - Arealização da variante *perna* na Região Sul

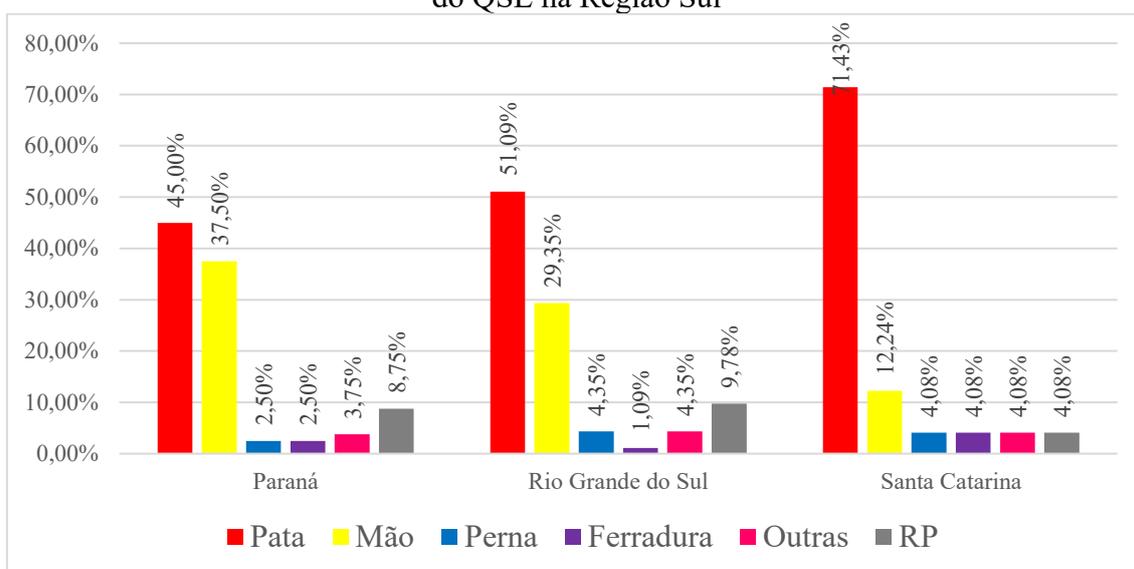


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A visualização da arealização da variante *perna* na Região Sul pode ser observada na Figura 6. A marcação em preto mostra que a variante *perna* ocorre em dois pontos próximos no mapa, a saber: 234 (Três Passos – RS) e 236 (Passo Fundo – RS).

Por meio do Gráfico 9 apresenta-se o detalhamento da produtividade por estado das respostas à questão do QSL 72 do ALiB na Região Sul.

Gráfico 9 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 72 do QSL na Região Sul

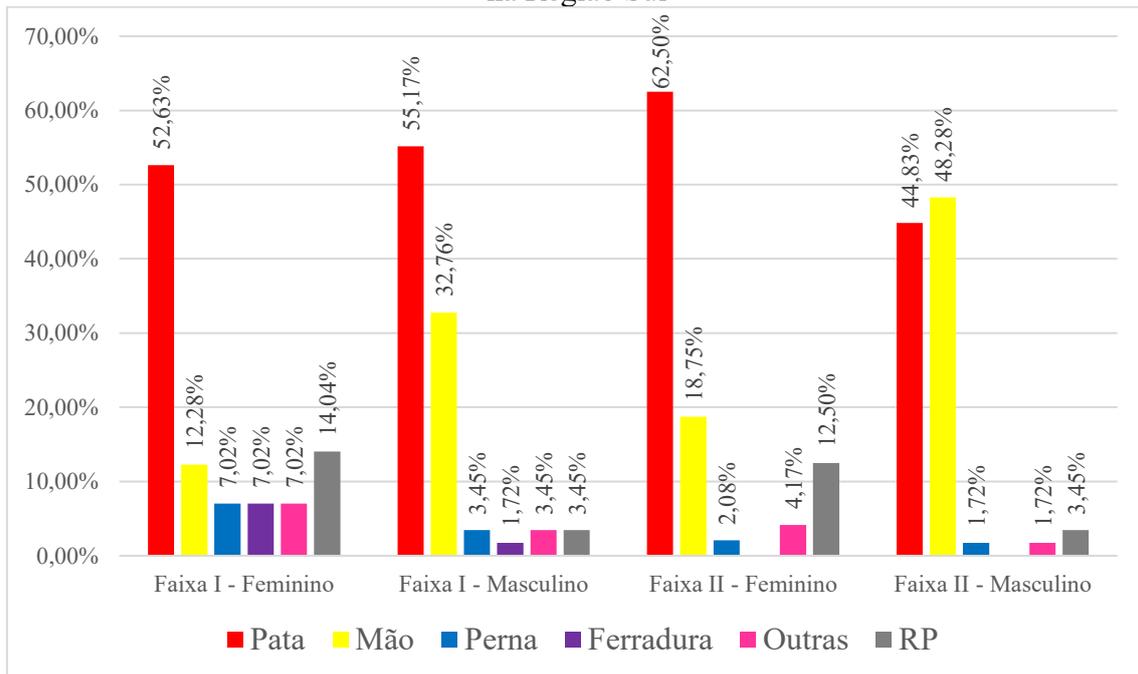


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 9 traz o detalhamento da produtividade de cada variante nos três estados da Região Sul. Apesar de *pata* e *mão* predominarem por toda a região, *pata* é bem mais recorrente em Santa Catarina com 71,43% das ocorrências, 51,09% no Rio Grande do Sul e 45,00% no Paraná. *Mão*, por sua vez, é mais recorrente no Paraná com 37,50% dos registros, seguido do estado do Rio Grande do Sul com 29,35% dos dados e apenas 12,24% em Santa Catarina.

Para finalizar as análises por região, o Gráfico 10 detalha a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Sul.

Gráfico 10 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul

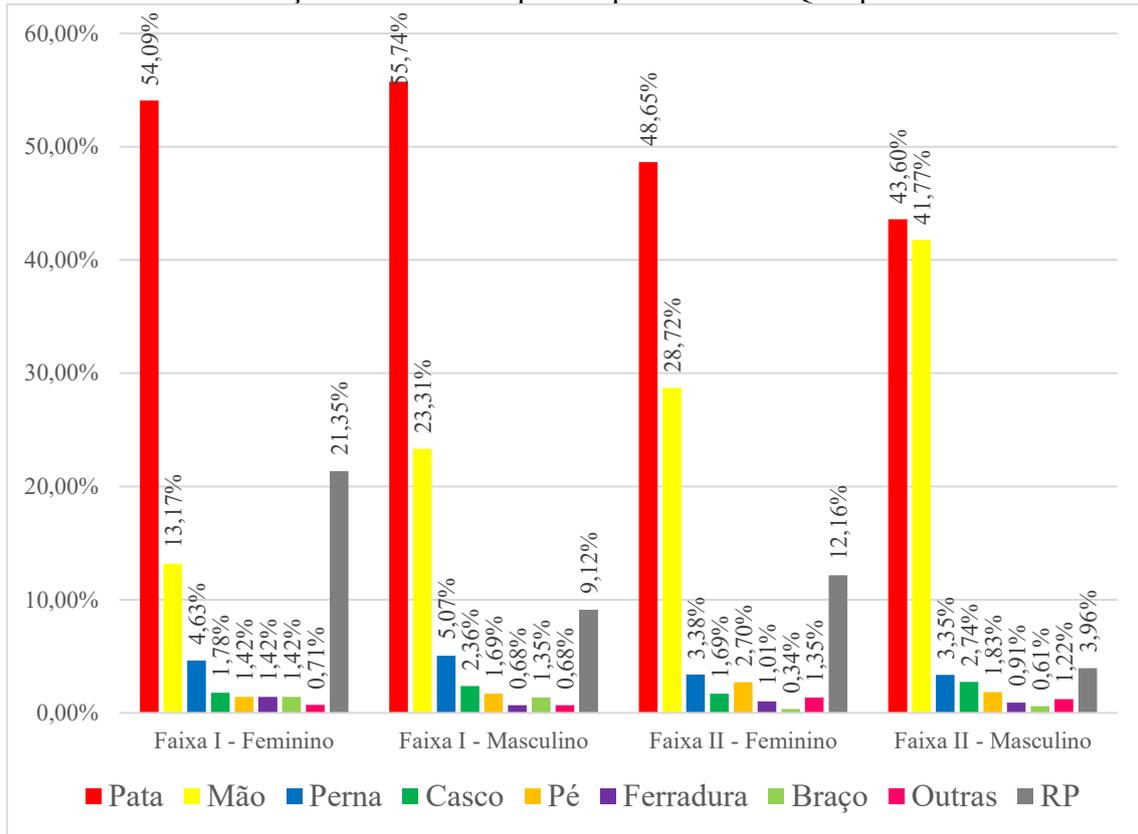


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Como esperado, *pata* predomina nas faixas etária e sexos, com 52,63% de ocorrências entre as mulheres da faixa etária I, 55,17% entre os homens também da faixa etária I e 62,50% entre as mulheres da faixa etária II. No entanto, entre os informantes do sexo masculino da faixa etária II, *pata* e *mão* obtiveram quase o mesmo número de ocorrências, sendo 44,83% e 48,28%, respectivamente, ficando *mão* como a variante mais recorrente. Já entre os outros informantes, *mão* obteve números bem menores de recorrências, quando comparada à variante *pata*, sendo 12,28% entre as mulheres jovens, 32,76% entre os homens jovens e 18,75% entre as mulheres mais velhas.

Após a análise diatópica das variantes por região, faz-se necessário analisar as variáveis independentes por faixa etária e sexo nos dados gerais do Brasil para, assim, demonstrar a influência das mesmas na escolha dos falantes.

Gráfico 11 - Distribuição das variantes para a questão 72 do QSL por faixa etária e sexo

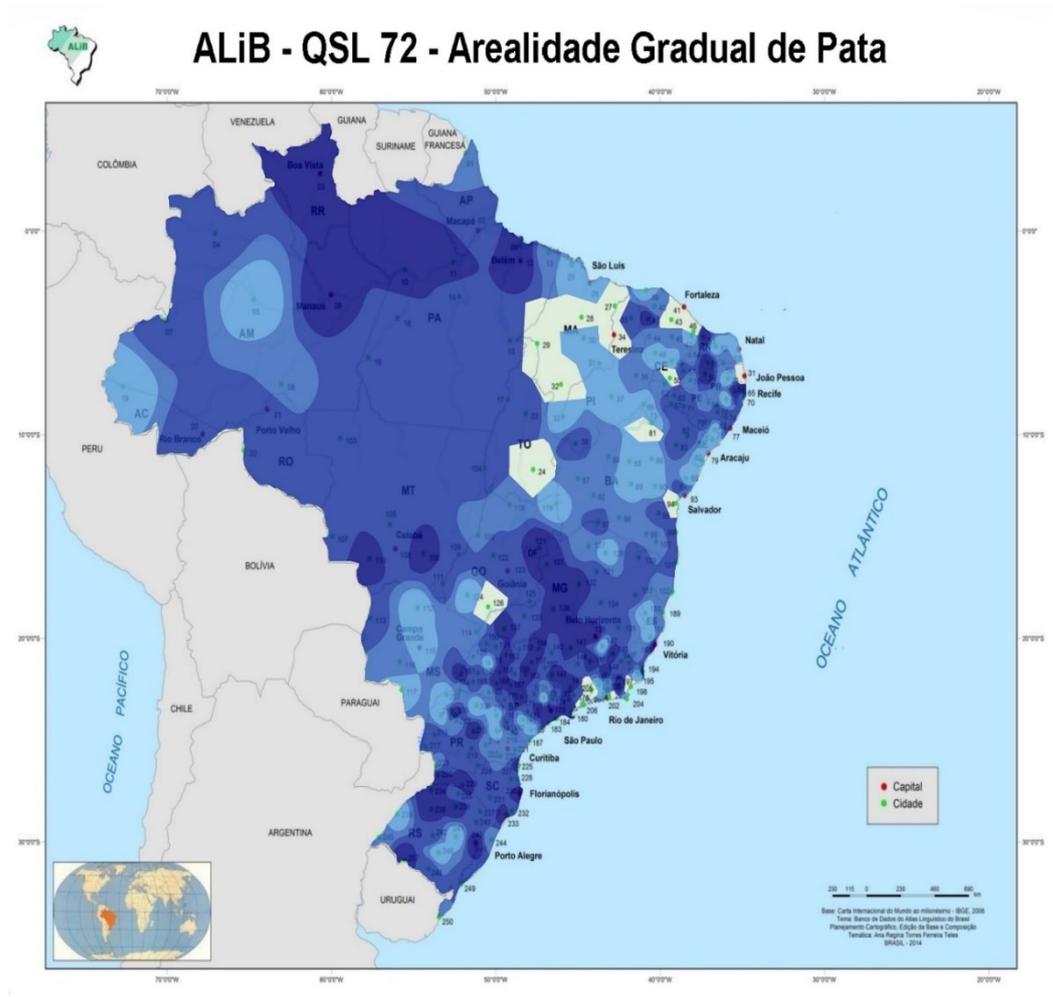


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 11 traz a produtividade das variantes por faixa etária e sexo no Brasil. Seguindo o padrão já analisado nas regiões individualmente, a variante mais recorrente *pata* é mais utilizada entre os informantes da faixa I com 54,09% das respostas entre o sexo feminino e 55,74% entre o sexo masculino. Entre os informantes da faixa II, *pata* é utilizada como resposta em 48,65% das ocorrências para o sexo feminino e 43,60% para o sexo masculino. Diferentemente de *pata*, o item lexical *mão* teve maior recorrência entre os informantes homens da faixa II com 41,77% dos registros em comparação com os 23,31% das ocorrências entre os homens mais jovens, o que mostra que esta variante, típica entre os informantes mais velhos, pode estar sendo progressivamente substituída pela variante *mão*. Já as respostas prejudicadas agrupadas em *RP* são mais recorrentes entre as mulheres da faixa I com 21,35% dos registros. Esse índice em *RP* possivelmente tem relação com o fato de as mulheres jovens atualmente terem pouco contato com animais como o cavalo, diferentemente do que acontecia com os jovens de antigamente. As demais variantes não possuem valores significativos para análise.

As cartas de arealidade gradual 6 e 7 mostram, respectivamente, a intensidade com que as variantes mais produtivas *pata* e *mão* foram produzidas pelos falantes.

Carta 6 - Arealidade Gradual de *pata* no Brasil



Legenda

Pata(s) / Pata(s) da frente /
 Pata(s) dianteira(s) / Pata direita
 / Pata esquerda / Pata anterior /
 Pata(s) anteira(s) / Patas
 frenteiras / Patas primeiras /
 Patas superiores

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

100 80 60 40 20 0 200 400 600 km
 Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - SGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Linguístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico: Edição da Base e Composição
 Técnica: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRASIL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

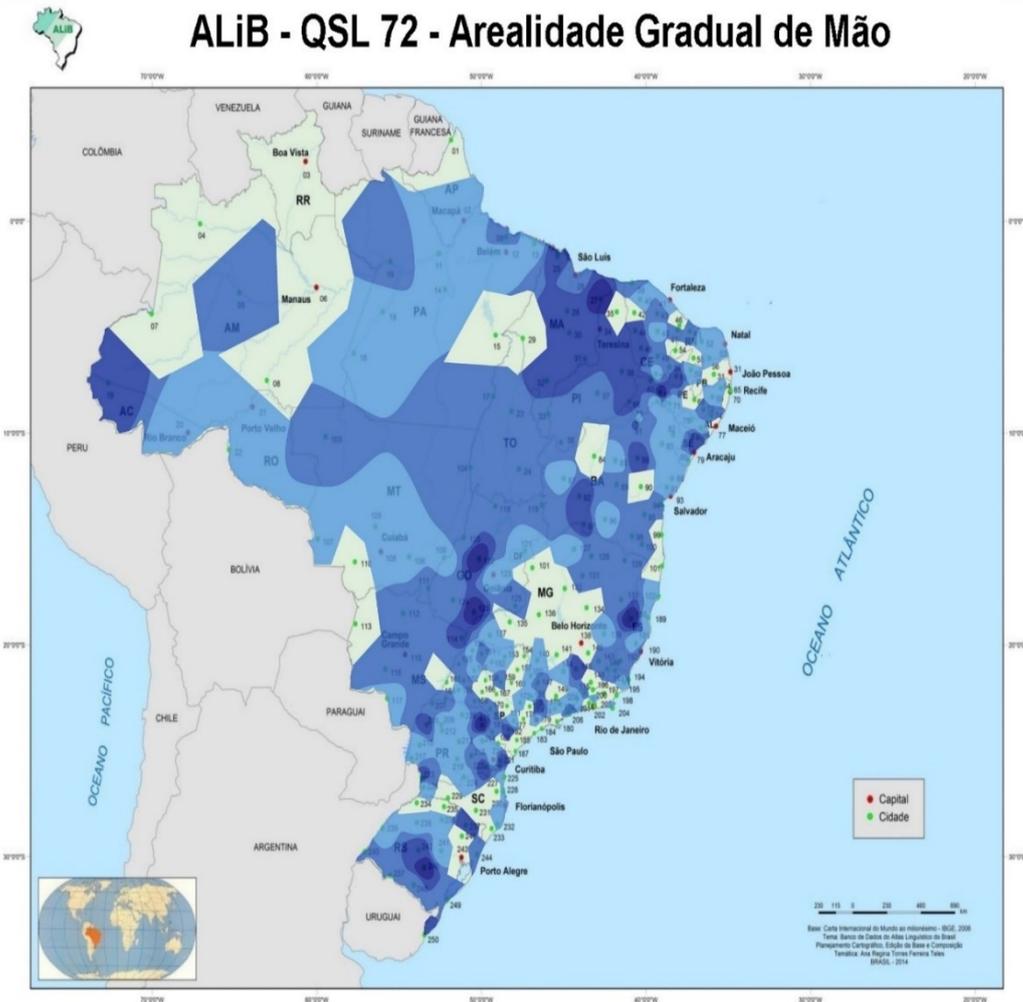
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Pata aparece distribuída por quase todo o território nacional com grande intensidade. Nos pontos 042 (Ipu – CE) e 110 (Cáceres – MT), por exemplo, essa é a

variante escolhida pelos quatro informantes. No restante do país, foram poucos os pontos em que *pata* não aparece nenhuma vez, a saber os pontos 024 (Natividade – TO), 027 (Brejo – MA), 041 (Fortaleza – CE), 126 (Quirinópolis – GO), 205 (Barra Mansa – RJ), entre outros.

Carta 7 - Arealidade Gradual de *mão* no Brasil



Legenda

Mão(s) / Mão da frente / Mão dianteira

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

180 80 0 180 320 480 km
 Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Linguístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico: Edição da Base e Composição
 Temática: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRASIL - 2014

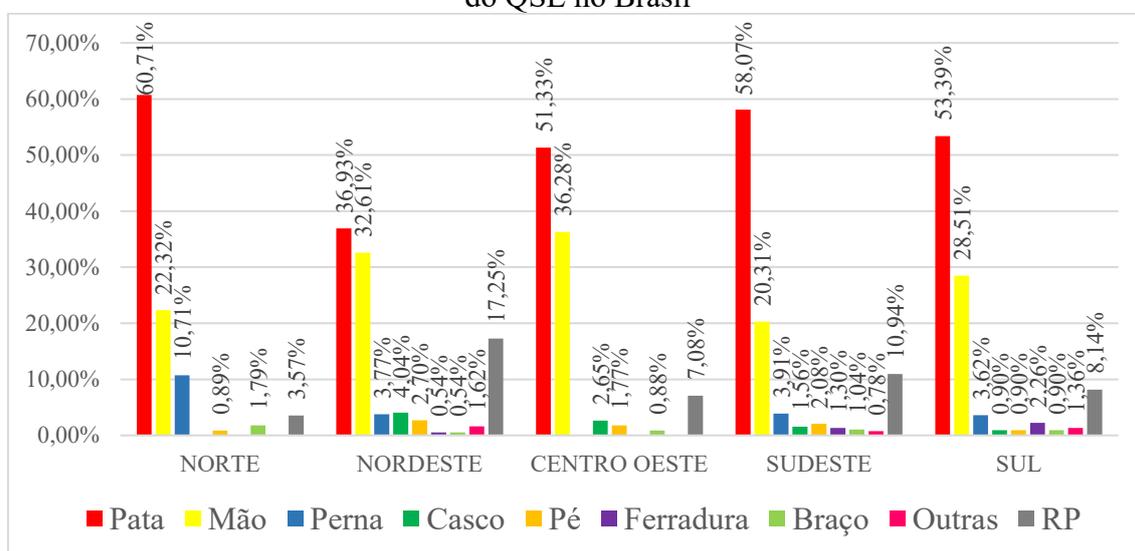
[SGVCLin]® - 2015

© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A variante *mão* aparece como resposta dos quatro informantes nos pontos 126 (Quirinópolis- GO) e 211 (Tomazina – PR). Nas outras localidades aparece com menor frequência, como resposta de três informantes, como é o caso dos pontos 188 (Barra de São Francisco – ES) e 079 (Aracaju – SE). No ponto 100 (Itapetinga – BA) ocorre nas respostas dos informantes 2 e 3, e no ponto 014 (Altamira – PA) foi a resposta escolhida pela informante 4. No entanto, em algumas localidades esta variante não aparece nenhuma vez, como é o caso dos pontos 004 (São Gabriel da Cachoeira – AM), 134 (Diamantina – MG), 227 (Blumenau – SC) etc.

Gráfico 12 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 72 do QSL no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 12, nota-se que a variante *pata* predomina em todas as regiões do país com 60,71% das ocorrências no Norte, 36,93% no Nordeste, 51,33% no Centro-Oeste, 58,07% no Sudeste e 53,39% no Sul. Porém, no Nordeste, a incidência da variante *mão* obteve quase o mesmo número de ocorrências que a variante mais produtiva *pata*, visto que *mão* obteve 32,61% dos registros. Já no Norte, *mão* aparece em 22,32% das respostas, no Centro-Oeste ocorre em 36,28% dos registros, no Sudeste aparece em 20,31% e no Sul com 28,51% das ocorrências. No que diz respeito às respostas prejudicadas *RP*, é no Nordeste o maior número de ocorrências, com 17,25% dos dados, seguido da Região Sudeste com 10,94%, Sul com 8,14%, Centro-Oeste com 7,08% e no Norte com 3,57%, sendo, portanto, a região com menor número de respostas

prejudicadas. É importante notar que a variante *perna* aparece em maior número na Região Norte com 10,71% dos registros. Já no Nordeste, essa variante aparece em 3,77% dos dados, no Sudeste em 3,91% e no Sul com 3,62%, porém, não aparece nenhuma vez na Região Centro-Oeste.

Dessa forma, conclui-se que a resposta esperada para a questão 72 do QSL, *pata*, de fato, teve predominância em todo o território nacional. Já *mão*, segunda variante mais produtiva, em todas as regiões predomina entre os informantes do sexo masculino da faixa etária II. Isso ocorre devido ao fato de os informantes tentarem diferenciar as patas dianteiras dos cavalos das patas traseiras, conforme fala do informante⁴ abaixo:

INF.- Pata.
INQ.- Como se chamam as duas da frente?
INF.- Mão.
INQ.- E as de trás?
INF.- Pé.

Também existem incidências da variante *mão* entre o sexo feminino. Por terem menos contato com os cavalos e, assim, desconhecerem uma forma lexical específica, as mulheres acabam fazendo uma analogia com o corpo humano, como detalhado na fala da informante⁵ a seguir:

INF. – O de detrás é o pé e na frente é a mão. Pé e mão. A gente não tem, né?
Eles também têm, porque é diferente.

Portanto, as dimensões diageracional e diassexual mostram-se relevantes nesse estudo, pois tiveram influência nas escolhas lexicais dos informantes.

Para finalizar foi possível identificar áreas dialetais de isoléxicas e heteroléxicas baseadas nas cartas diatópicas para os léxicos *perna*, *casco*, *pé* e *ferradura*, visto que essas variantes ocorrem em pontos isolados dos mapas.

⁴Informante 3 do ponto 010 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Óbidos/PA). Siglas: INF. (informante) e INQ. (inquiridor/a).

⁵ Informante 4 do ponto 079 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Aracaju/SE).

4.2 Variantes da questão 73 no Brasil: crina do cavalo

Para a questão 73 do QSL – *o cabelo comprido em cima do pescoço do cavalo* – foram registradas 1028 respostas agrupadas em 11 rótulos incluindo as respostas com poucas ocorrências rotuladas como *outras* e as respostas prejudicadas agrupadas como *RP*. Os critérios utilizados para os agrupamentos são os seguintes:

- Formas que apresentam alterações fonológicas: *crina* > *clina* > *crinia* > *grina*, entre outras;
- Substantivo seguido de adjetivo ou locução adjetiva: *cabelo* > *cabelão comprido*, *cabelo* > *cabelo do pescoço*, *crina* > *crina do pescoço*;
- Formas que apresentam o mesmo radical: *quilina*, *aquilina*, *esquilina*, *isquilina* etc;
- Formas que apresentam flexão de número: *crina* > *crinas*, *pelo* > *pelos*, *cabelo* > *cabelos*, entre outras;
- Formas que apresentam flexão de gênero: *quilina* > *quilino*, *esquilina* > *esquilino*;
- Formas que apresentam aumentativo ou diminutivo: *cabelo* > *cabelão*, *franja* > *franjinha* e *pelo* > *pelinho*;
- Rótulo isolado com cinco ou mais ocorrências: *topete*, *quina* e *rabo*;
- Variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*: *charme*, *juba*, *penugem*, entre outras.

A Tabela 7 traz a produtividade das variantes para a questão 73 do QSL nos dados gerais do Brasil.

Tabela 7 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL no Brasil

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
CRINA	<i>crina(s) / crina do pescoço / clina(s) / crinia / crilha / crilina / crinica / grina</i>	589	57,30%
QUILINA	<i>quilina(s) / quilinda / quilino / aquilina / esquilina / esquilino / esquilim / isquilia / isquilina</i>	136	13,23%
CABELO	<i>cabelo(s) / cabelo do pescoço / cabelinho / cabelão comprido</i>	46	4,47%
CRISTA	<i>crista</i>	26	2,53%

FRANJA	franja / <i>franjinha</i>	16	1,56%
PELO	pelo(s) / <i>pelinho</i>	10	0,97%
TOPETE	topete	7	0,68%
QUINA	quina	5	0,49%
RABO	rabo	5	0,49%
OUTRAS	<i>cabeloro / charme / conguru / coroa / costelera / custeleta / grelha / inquietina / isquiliga / juba / pastinha / penugem / pescoço / rabichola / cernelha / serrilha / tinina / trança / véu</i>	20	1,95%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	168	16,34%
	Total	1028	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme dados expostos na Tabela 7, constata-se que *crina* e suas variantes *crinas / crina do pescoço / clina(s) / crinia / crilha / crilina / crinica / grina* contabilizam mais da metade das respostas com 57,30%. *Quilina(s) / quilinda / quilino / aquilina / esquilina / esquilino / esquilim / isquilia / isquilina*, apesar de menos recorrentes, ainda possuem um valor elevado no número de respostas totais, sendo 13,23% dos registros. *Cabelo(s) / cabelo do pescoço / cabelinho / cabelão comprido* ocorrem em 4,47% das respostas. *Crista* aparece em 2,53% das ocorrências. As variantes *franja e franjinha* foram as respostas de 1,56% dos informantes. Já *pelo(s) / pelinho e topete* contabilizam número semelhante de respostas: 0,97% e 0,68%, respectivamente. *Quina e rabo* ocorrem, ambas, em 0,49% dos registros. As variantes agrupadas no rótulo *outras (cabeloro / charme / conguru / coroa / costelera / custeleta / grelha / inquietina / isquiliga / juba / pastinha / penugem / pescoço / rabichola / cernelha / serrilha / tinina / trança / véu)* totalizam 1,95% das respostas. Já *RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* obteve um total de 16,34% dos registros.

Buscando entender o uso dos léxicos pelos falantes entrevistados, verificam-se suas acepções nas obras lexicográficas utilizadas nesse trabalho.

Clina, variante agrupada no rótulo *crina*, consta como “o mesmo que crina” nos dicionários Aulete e Priberam. No dicionário Michaelis aparece “Vcrina”. Assim, por ter o mesmo significado que *crina*, essa variante foi, inclusive, agrupada no mesmo rótulo.

Crina, por sua vez, aparece com significados semelhantes nos três dicionários consultados. Em Aulete consta como “pelo comprido e flexível do pescoço e da cauda de

cavalo, burro, zebra etc”. No Michaelis aparece como “pelo comprido, firme e flexível, que o cavalo e outros animais têm no alto da cabeça, no pescoço e na cauda” e no Priberam “conjunto de pelos compridos do pescoço e cauda do cava e de outros animais”.

Aquilina aparece apenas no dicionário Priberam como “fem. sing. de aquilino”. No entanto, ao procurar a acepção de *aquilino*, a mesma não possui relação semântica com *o cabelo em cima do pescoço do cavalo*.

A variante *cabelo* consta nos três dicionários como “pelo ou conjunto de pelos, esp. quando compridos, do corpo de certos animais”. Já a variante *cabelinho* não foi encontrada no dicionário Aulete. No Michaelis aparece como “cabelo pequeno, geralmente ralo” e “fio de cabelo muito curto ou fino”. No Priberam significa “diminutivo de cabelo”.

Nos três dicionários pesquisados, *crista* aparece como “excrecência carnosa na cabeça de determinadas aves, como galo, peru etc.” e como “topete de penas; *penacho*; *poupa*”. No Michaelis aparece também como uma analogia “posição garbosa e elegante do pescoço do cavalo”. Já no Aulete aparece no popular como “cabelo, cabeleira”. Possivelmente, o uso dessa variante ocorre por analogia que os falantes fazem ao comparar o cavalo com outros animais. O mesmo ocorre com a variante *coroa* que significa “tufo de penas em forma de coroa na cabeça de certas aves” e *juba* que aparece em todos os dicionários como “pelos volumosos que rodeiam a cabeça e o pescoço do leão” e, no sentido figurado, “cabeleira farta. = CRINA”.

Por analogia referente ao corpo humano foram registradas as variantes *franja* e *pastinha*, visto que *franja* significa “porção de cabelo que cobre total ou parcialmente a testa de uma pessoa” e “aquilo que é semelhante a uma franja”; já *pastinha* aparece como “porção de cabelos que cai sobre a testa em certos penteados”.

Em Aulete, *pelo* consta como “filamento (cabelo, penugem, cílio, pestana) que nasce em certas partes da pele do corpo do homem e dos mamíferos em geral” e como “qualquer filamento que cresça na cutícula ou epiderme dos invertebrados que seja semelhante aos pelos dos mamíferos; PELAGEM: o pelo do gato/do cão”. No Priberam significa “prolongamento filiforme que cresce na pele dos animais e em algumas partes do corpo humano” e “conjunto dos pelos de um mamífero. = PENUGEM”. Já no Michaelis o significado que aparece não possui relação semântica com os cavalos ou animais em geral. *Penugem*, por sua vez, significa “camada sedosa de penas ou pelos que surgem primeiro; pelo” e “pelos ou cabelos muito macios e curtos”.

A acepção para *topete* em Aulete e Michaelis consta como “parte anterior da crina do cavalo que cai entre as orelhas”: No Priberam o significado é semelhante “parte anterior da crina do cavalo pendente sobre a testa”.

A variante *grelha*, apesar de apresentar nos três dicionários significados relacionados ao cavalo “cavalo magro e ordinário”, não possui relação com *o cabelo em cima do pescoço do cavalo*.

Quilina não foi encontrada nos dicionários Michaelis e Priberam. Já em Aulete a acepção que aparece não possui sentido com o item lexical em estudo. *Quina, rabo, charme, inquilina, pescoço, rabichola, cernelha, serrilha, trança e véu* também não possuem significado relacionado ao cavalo.

Por fim, os itens lexicais *crinia, grina, crilha, crilina, crinica, esquilim, esquilina, esquilino, isquilia, isquilina, quilinda, quilino, franjinha, pelinho, cabeloro, conguru, costelera, custeleta, isquiliga* e *tinina* não foram encontrados em nenhum dos três dicionários pesquisados.

Após a apresentação dos dados do Brasil, serão analisados os dados de produtividade de cada região do país individualmente.

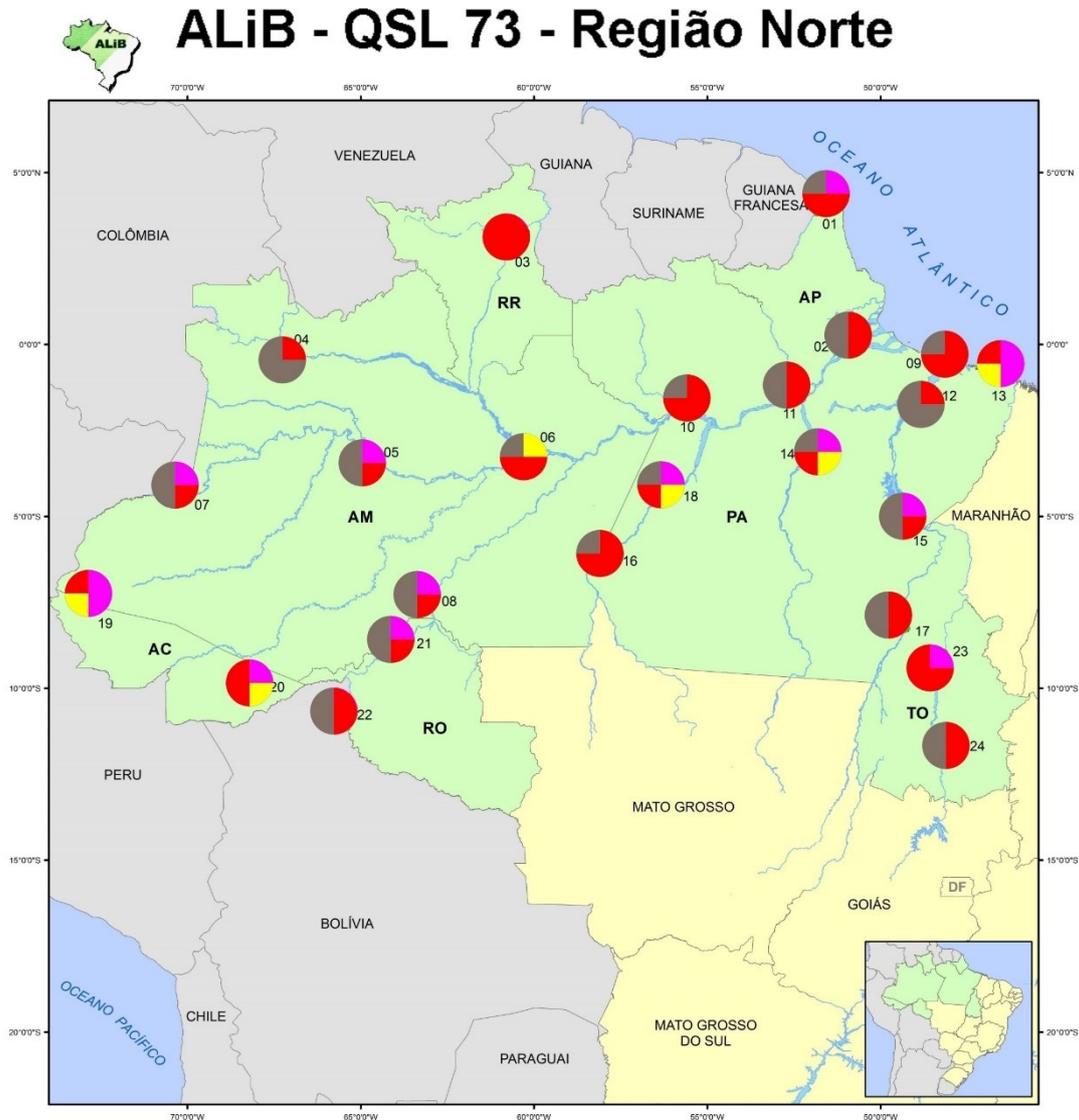
Tabela 8 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Norte

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
CRINA	crina / clina(s) / crilha / crinica	43	44,79%
QUILINA	quilina / aquilina	6	6,25%
OUTRAS	cabelo / crista / pelo / serrilha / topete	14	14,58%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube	33	34,38%
	Total	96	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Norte pode ser observada na Tabela 8. Para denominar *o cabelo em cima do pescoço do cavalo* foram obtidas 96 respostas agrupadas em quatro rótulos. A variante mais produtiva foi *crina* e os itens a ela agrupados *clina(s) / crilha / crinica* que, juntos, correspondem a 44,79% do total das respostas. *Quilina e aquilina* aparecem em 6,25% dos registros. As variantes menos recorrentes, agrupadas em *outras (cabelo / crista / pelo / serrilha / topete)* obtiveram 14,58% das ocorrências. *RP (áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube)* ocorre em 34,38% dos inquiridos.

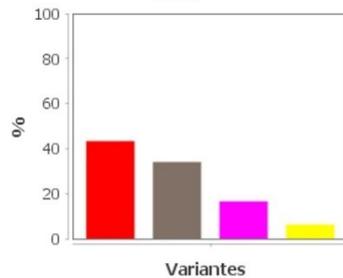
Carta 8 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Norte



Legenda

- Crina / Clina(s) / Crilha / Crinica
- Quilina / Aquilina
- Outras
- RP

Geral



150 90 0 150 320 480 1m
 Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Linguístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
 Têmbica: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRASIL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

© Karoline Espíndola (2021)

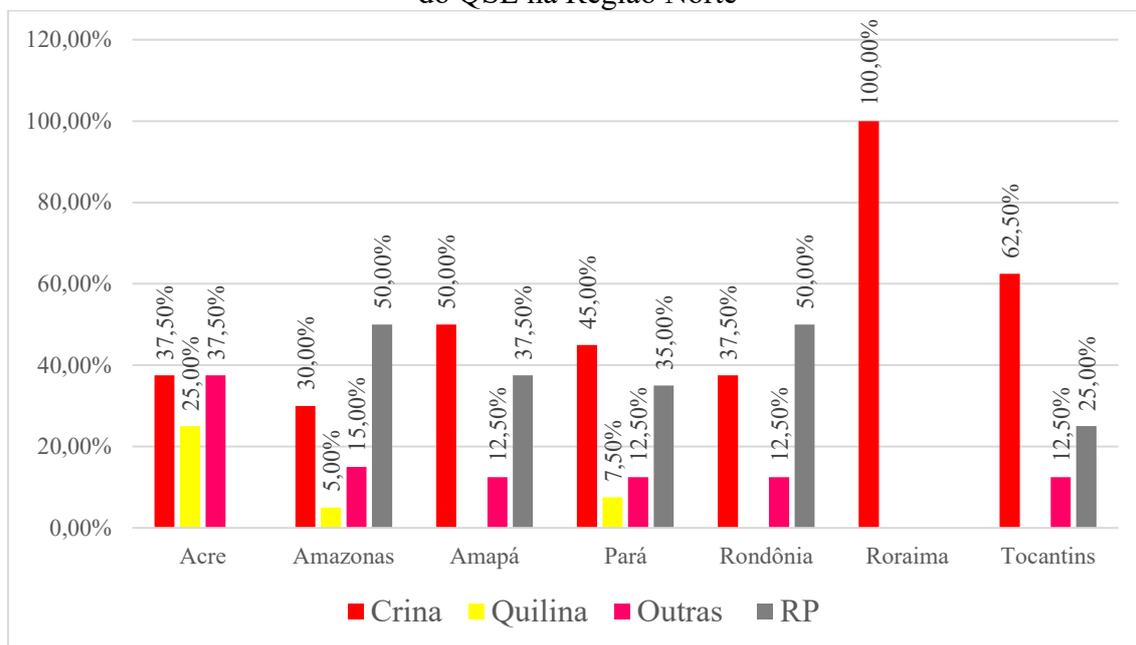
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 8 pode-se observar o predomínio da variante *crina* por todo o Norte. Em Roraima essa variante foi a única escolha dos informantes, porém, vale lembrar

que, nessa região, há apenas uma localidade que faz parte do *corpus* do ALiB, a saber o ponto 003 (Boa Vista – RR). A segunda variante mais produtiva, *quilina*, aparece em três dos sete estados nortistas. Assim, *quilina* ocorre como primeira resposta nos pontos 006 (Manaus – AM), 013 (Bragança – PA), 014 (Altamira – PA), 018 (Itaituba – PA), 019 (Cruzeiro do Sul – AC) e 020 (Rio Branco – AC).

No Gráfico 13 é possível observar a produtividade das variantes em cada estado da Região Norte.

Gráfico 13 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Norte



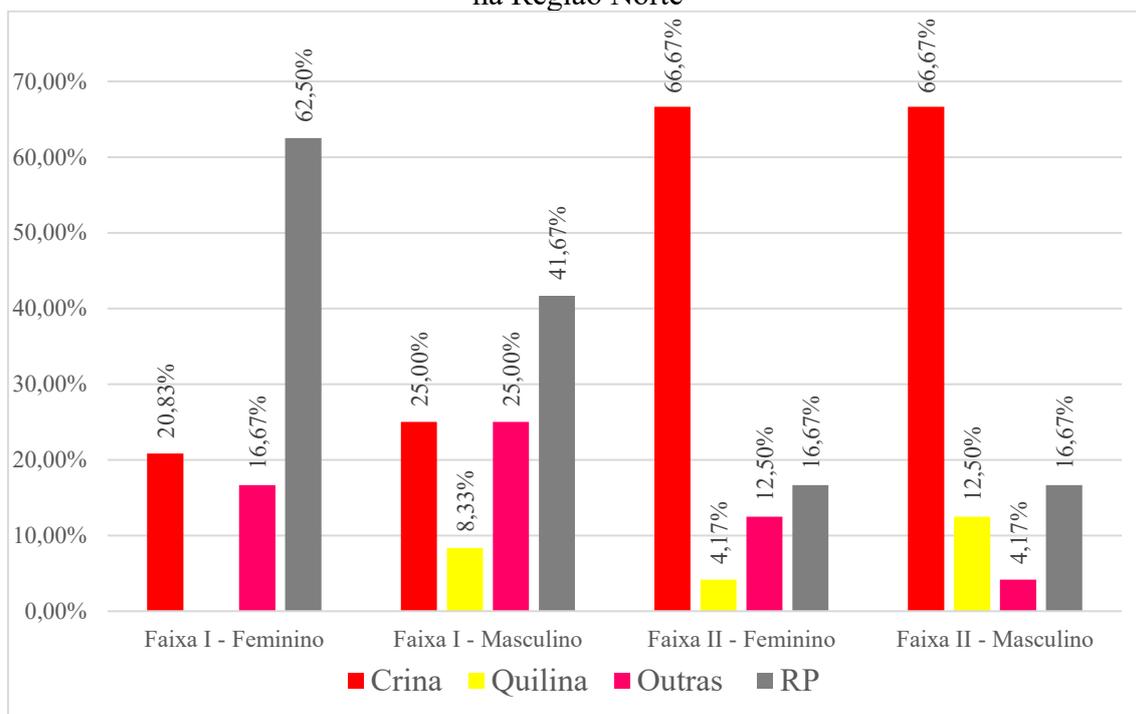
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 13 é possível observar a produtividade das variantes em cada estado nortista. A menor ocorrência de *crina* é registrada no Amazonas, com 30,00% das respostas. Em Rondônia e Acre, essa variante ocorre em 37,50% dos registros. No Pará, Amapá, Tocantins e Roraima, *crina* obteve 45,00%, 50,00%, 62,50% e 100,00%, respectivamente. Já a variante *quilina* obteve 5,00% do total das respostas no Amazonas, 7,50% no Pará e 25,00% no Acre. As variantes agrupadas em *outras* ocorrem em todos os estados, com exceção de Roraima que, como visto anteriormente, teve como resposta dos quatro informantes a variante *crina*. O Gráfico 13 também mostra um predomínio das respostas prejudicadas *RP*, já que esse tipo de resposta ocorre em cinco dos sete estados do Norte, são eles: Amazonas com 50,00% das respostas, Amapá com 37,50% dos

registros, Pará com 35,00%, Rondônia com 50,00% das ocorrências e Tocantins com 25,00% das respostas.

A seguir será apresentada a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Norte.

Gráfico 14 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com o Gráfico 14, a variante *crina* predomina entre os informantes da faixa etária II, sendo que tanto entre as mulheres quanto entre os homens essa variante obteve 66,67% do total das respostas. Já entre os informantes da faixa etária I, *crina* obteve 20,83% das respostas entre as mulheres e 25,00% entre os homens. *Quilina*, por sua vez, aparece apenas entre as respostas do sexo masculino na faixa etária I com 8,33% das ocorrências. Entre os informantes da faixa etária II, *quilina* é mais recorrente entre os informantes do sexo masculino com 12,50% das respostas e apenas 4,17% das ocorrências entre as mulheres. Das variantes agrupadas em *outras*, 16,67% ocorreram entre as mulheres e 25,00% entre os homens da faixa etária I e 12,50% e 4,17% entre as mulheres e homens da faixa etária II, respectivamente. *RP* também traz dados relevantes, visto que, entre as mulheres da faixa etária I, obteve significativos 62,50% dos dados, sendo a maior porcentagem de *RP* entre todos os informantes. A segunda maior

porcentagem ocorre entre os homens também da faixa etária I com 41,67% dos registros. Entre os homens e mulheres da faixa etária II, *RP* obteve o mesmo índice de ocorrências, 16,67%.

Tabela 9 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Nordeste

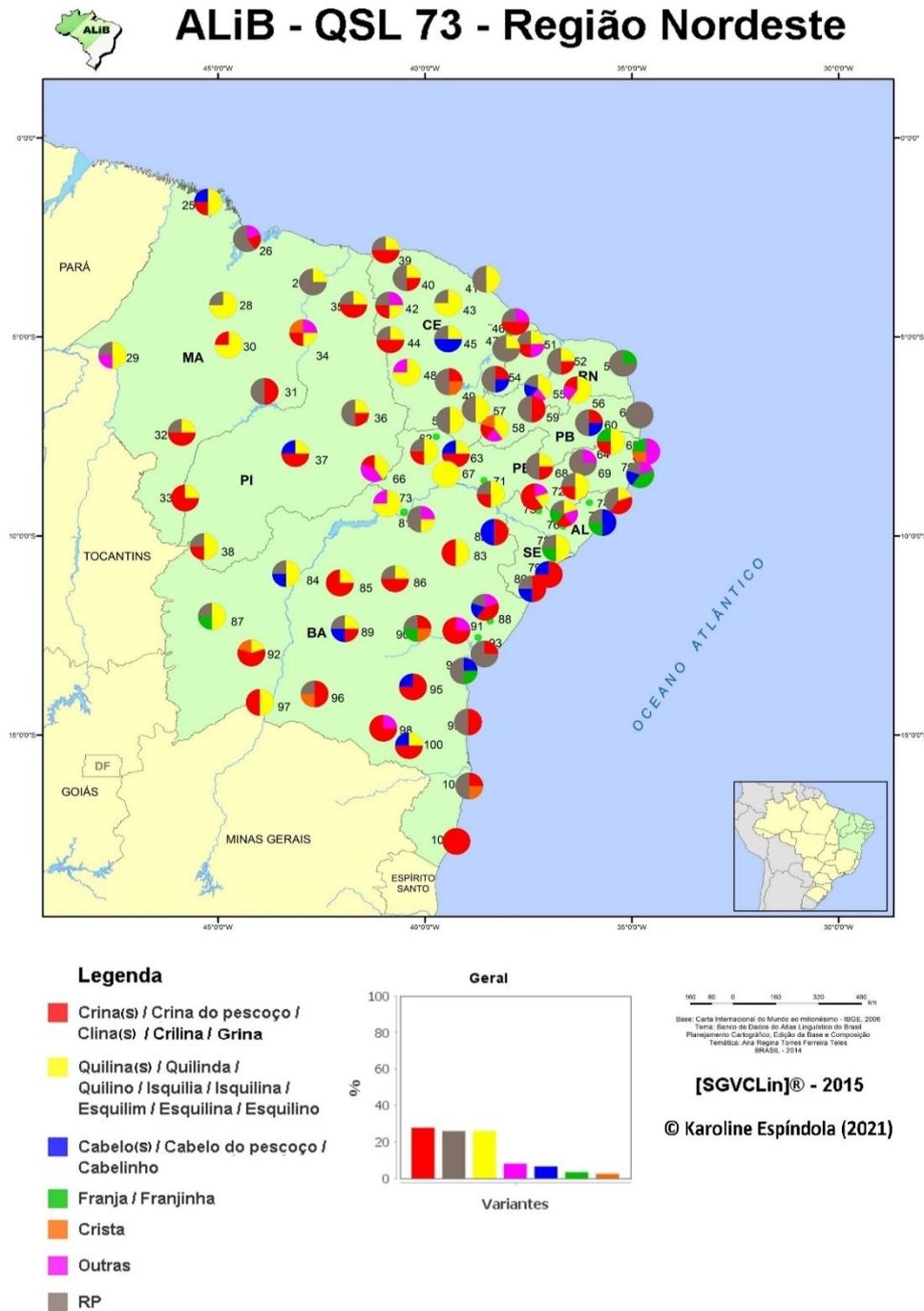
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
CRINA	crina(s) / crina do pescoço / clina(s) / crilina / grina	92	28,48%
QUILINA	quilina(s) / quilinda / quilino / isquilia / isquilina / esquilim / esquilina / esquilino	84	26,01%
CABELO	cabelo(s) / cabelo do pescoço / cabelinho	21	6,50%
FRANJA	franja / franjinha	11	3,41%
CRISTA	crista	8	2,48%
OUTRAS	cabeloro / coroa / costelera / custeleta / inquilina / isquiliga / pastinha / pelinho / pelo / pelos / penugem / pescoço / quina / rabichola / rabo do cavalo / cernelha / tinina / topete / véu	23	7,12%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	84	26,01%
	Total	323	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Para a Região Nordeste foram obtidas 323 respostas agrupadas em sete rótulos. Em relação à produtividade das variantes, a Tabela 9 mostra que *crina(s) / crina do pescoço / clina(s) / crilina / grina* foram as mais recorrentes na Região Nordeste com 28,48% das ocorrências. *Quilina* e suas variantes *quilinas / quilinda / quilino / isquilia / isquilina / esquilim / esquilina / esquilinho* aparecem em 26,01% dos registros. As variantes *cabelo(s) / cabelo do pescoço / cabelinho* obtiveram 6,50% das respostas. *Franja / franjinha* e *crista* obtiveram número aproximado de respostas, sendo, respectivamente, 3,41% e 2,48%. As respostas menos recorrentes foram agrupadas em *outras (cabeloro / coroa / costelera / custeleta / inquilina / isquiliga / pastinha / pelinho / pelo / pelos / penugem / pescoço / quina / rabichola / rabo do cavalo / cernelha / tinina / topete / véu)* e somam 7,12% do montante total. Já as respostas prejudicadas agrupadas em *RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* obtiveram número significativo de registros, com 26,01%, o mesmo que a segunda variante mais produtiva *quilina*.

A Carta 9 traz a distribuição das variantes por todo o espaço geográfico da Região Nordeste.

Carta 9 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Nordeste

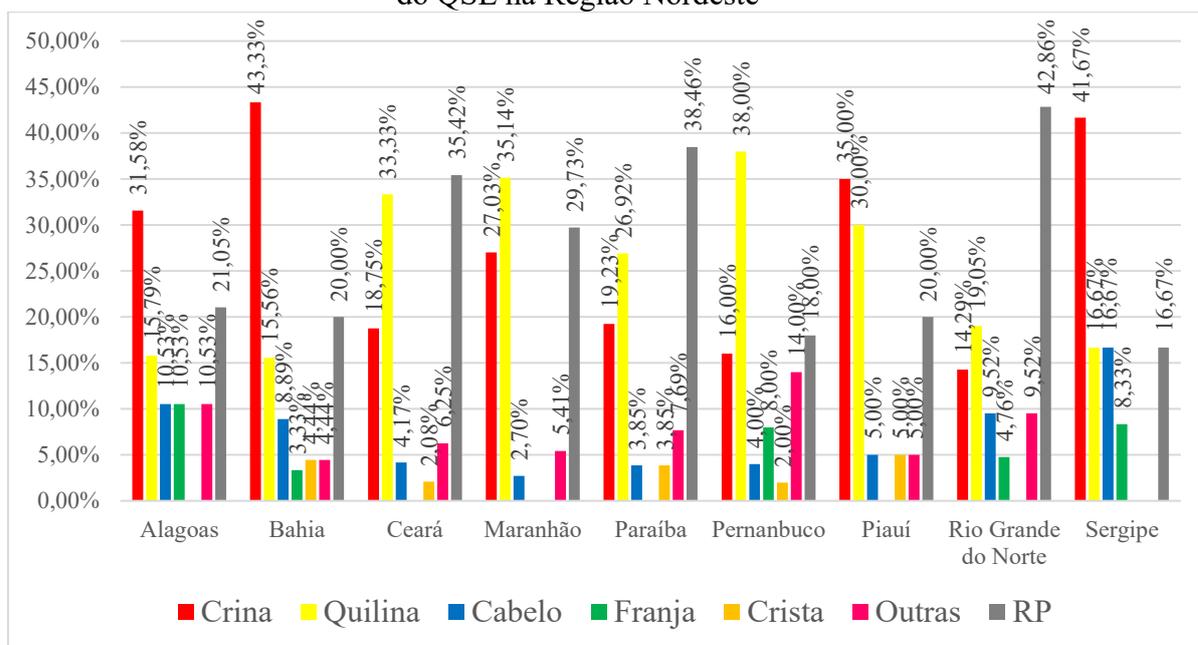


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

As duas variantes mais produtivas *crina* e *quilina* aparecem em todos os nove estados nordestinos. *Cabelo*, apesar de menos recorrente, também aparece em todos os estados com pelo menos uma ou duas ocorrências. Apenas na Bahia, essa variante teve maior relevância, aparecendo em 8,89% das respostas. Já a variante *franja* não aparece nenhuma vez nos estados do Ceará, Maranhão, Paraíba e Piauí. A variante *crista* aparece em todos os estados, com exceção de Alagoas, Maranhão, Rio Grande do Norte e Sergipe. As variantes agrupadas em *outras* estão distribuídas por oito dos nove estados da Região Nordeste, exceto em Sergipe. E por fim, os itens agrupados em *RP*, por serem bastante recorrentes, também aparecem em todos os estados.

A produtividade das variantes em cada estado do Nordeste pode ser observada no Gráfico 15.

Gráfico 15 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Nordeste



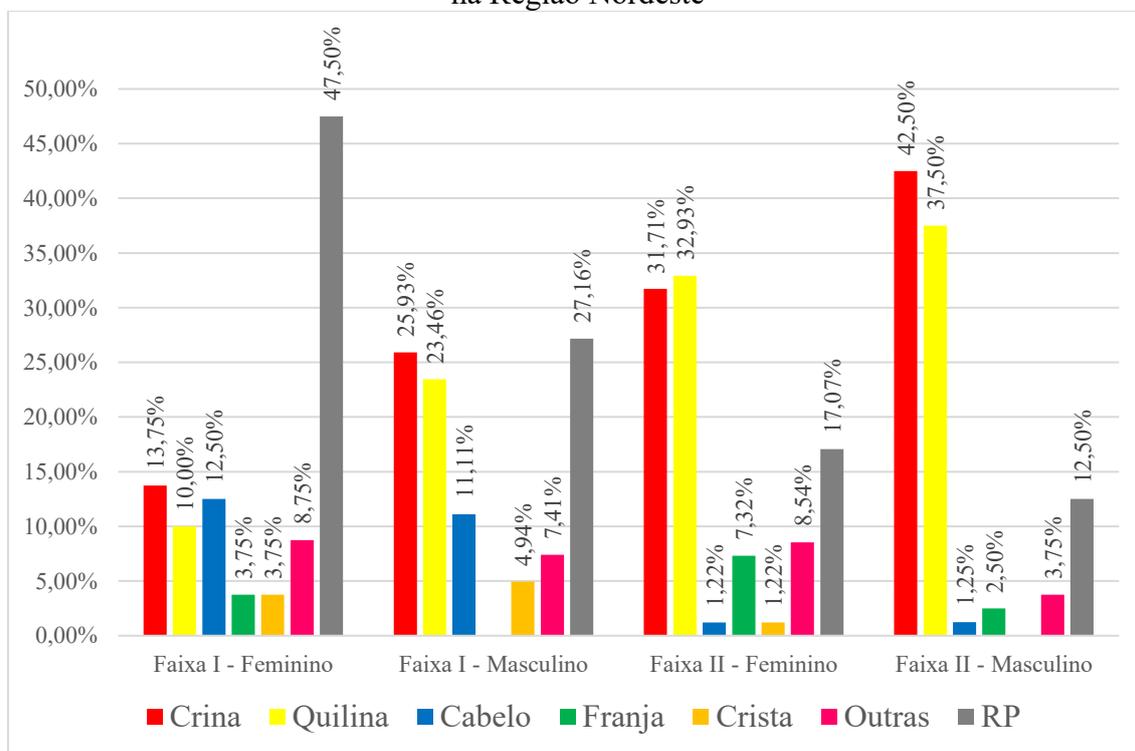
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A variante *crina* tem maior predomínio nos estados da Bahia e Sergipe, com 43,33% e 41,67% das ocorrências, respectivamente. Já no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, essa variante foi menos recorrente, com 14,29% e 16,00% dos dados. No entanto, em alguns estados nordestinos, *quilina* foi mais comum entre as respostas dos falantes que a variante *crina*, como é o caso dos estados do Ceará com 33,33% dos registros, Maranhão com 35,14%, Paraíba com 26,92%, Pernambuco com 38,00% e Rio

Grande do Norte com 19,05%. Já a variante *cabelo* é mais recorrente em Sergipe com 16,67% e em Alagoas com 10,53% das ocorrências. *Franja* aparece em cinco dos nove estados que compõem a Região Nordeste e é mais recorrente em Alagoas com 10,53% e em Sergipe com 8,33% dos dados. Já o maior índice de *crista* ocorre no Piauí com 5,00% das respostas. É importante destacar que no Ceará *RP* foi mais recorrente que qualquer outro rótulo e respectivas variantes e obteve 35,42% das respostas. O mesmo ocorre na Paraíba e no Rio Grande do Norte, locais em que o rótulo *RP* obteve 38,46% e 42,86% das respostas.

O Gráfico 16 ilustra a possível influência das variáveis extralinguísticas faixa etária e sexo nas escolhas dos falantes por determinada variante.

Gráfico 16 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Na Região Nordeste, a variante *crina* é mais recorrente entre as respostas dos informantes do sexo masculino com 25,93% para a faixa etária I e 42,50% entre os informantes da faixa II. A porcentagem de *quilina* entre os informantes da faixa etária II é maior que o observado na Região Norte, já que entre as mulheres obteve 32,93% dos dados e entre os homens 37,50% das ocorrências, sendo, inclusive, quase o mesmo número que a variante *crina* obteve entre esses informantes. *Crina* e *quilina* também

obtiveram número semelhante de respostas entre os mais jovens. *Crina* representa 13,75% de uso entre as mulheres e 25,93% entre os homens; *quilina*, por sua vez, representa 10,00% de uso entre as mulheres e 23,46% entre os homens. Porém, entre os mais velhos essas variantes ainda são mais recorrentes. A variante *cabelo* acaba sendo mais comum entre os informantes da faixa etária I com 12,50% entre as mulheres e 11,11% entre os homens. Já entre os informantes da faixa etária II, *cabelo* ocorre em apenas 1,22% e 1,25% entre mulheres e homens, respectivamente. As respostas prejudicadas (*RP*), novamente, mostram-se mais recorrentes entre as mulheres da faixa etária I com 47,50% dos dados, o que totaliza quase metade das respostas registradas por esse segmento.

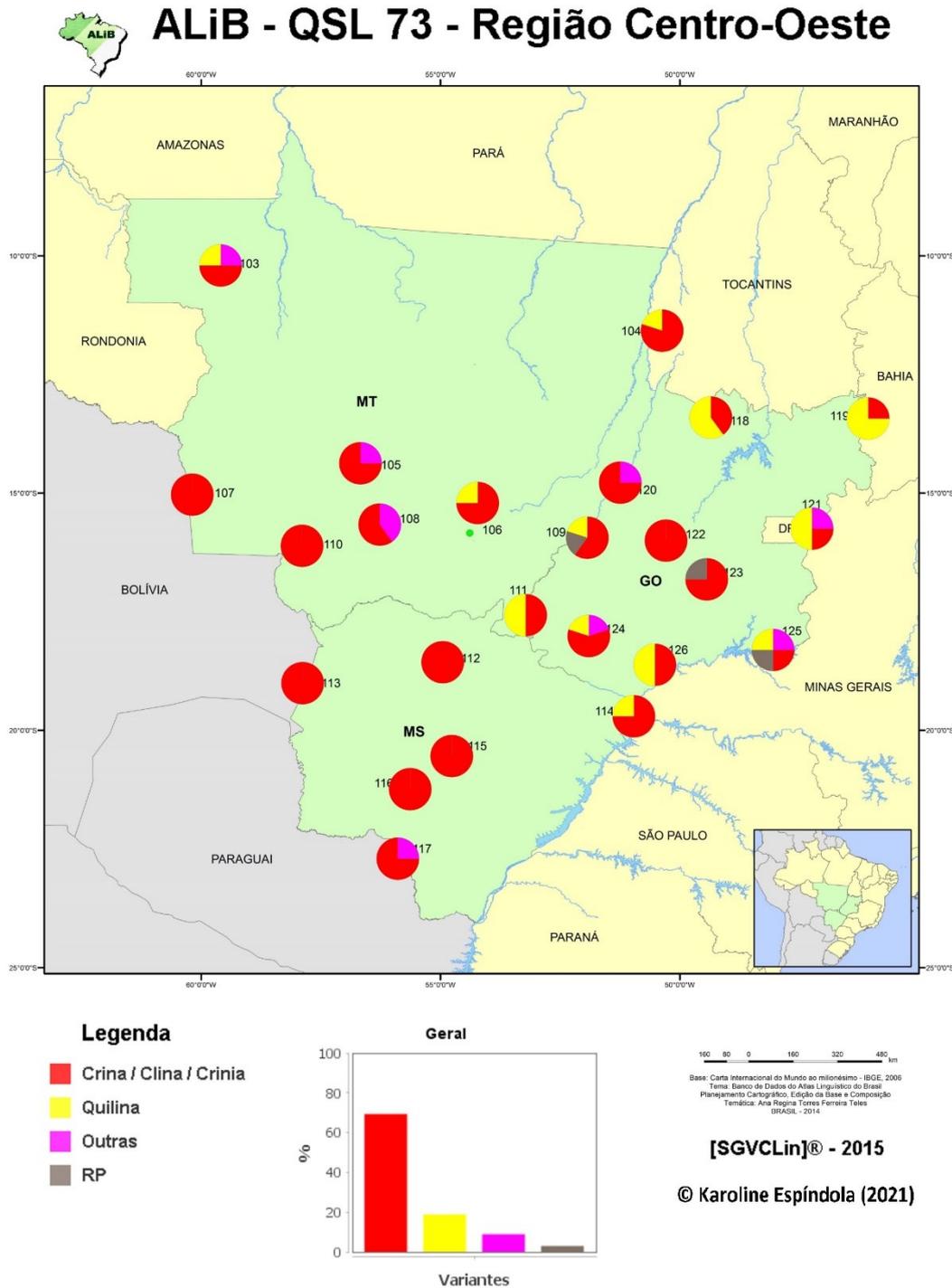
Tabela 10 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Centro-Oeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
CRINA	crina / clina / crinia	70	69,31%
QUILINA	quilina	19	18,81%
OUTRAS	cabelo / crista / quina	9	8,91%
RP	não lembrou / não soube	3	2,97%
	Total	101	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 10 de produtividade mostra que, das 101 respostas totais registradas na Região Centro-Oeste para denominar *o cabelo em cima do pescoço do cavalo*, mais da metade da amostra é constituída por *crina / clina / crinia*, com 69,31% das ocorrências. Com 18,81% dos registros aparece a variante *quilina*. *Outras (cabelo / crista / quina)* são responsáveis por 8,91% das respostas. E *RP (não lembrou / não soube)* ocorre em apenas 2,97% dos inquiridos.

Carta 10 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Centro-Oeste



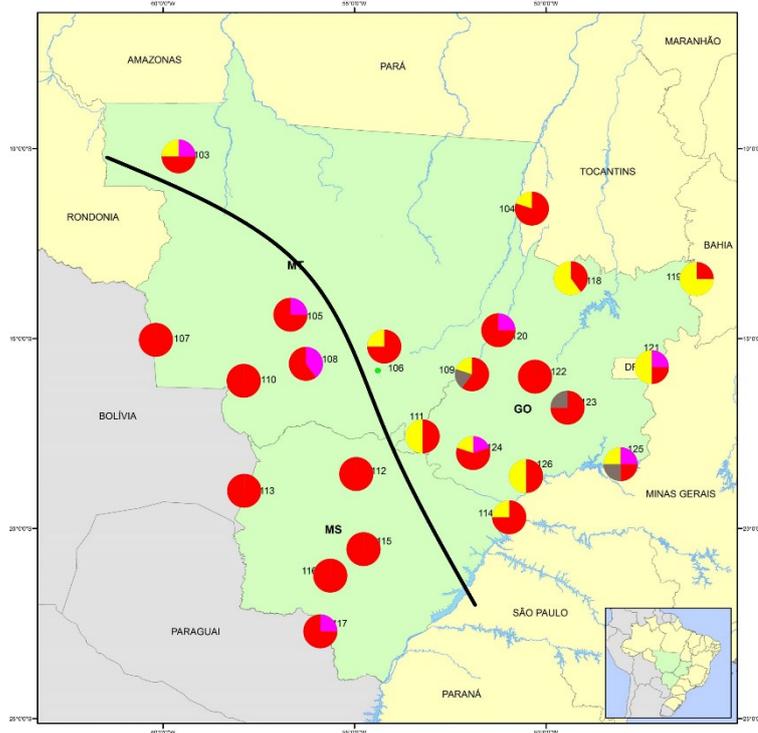
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Ao observar a Carta 10 nota-se o predomínio da variante *crina* nos três estados da Região Centro-Oeste. A variante *quilina* também aparece nos três estados, porém em menor número, com 12 registros em Goiás, 06 no Mato Grosso e apenas 01 no Mato

Grosso do Sul no ponto 114 (Paranaíba – MS). Entre as variantes agrupadas no rótulo *outras*, 04 delas apareceram em Goiás, 01 no Mato Grosso do Sul e também 04 no Mato Grosso. Dessa forma, *cabelo* foi a resposta escolhida pelas informantes 2 nos pontos 103 (Aripuanã – MT) e 108 (Cuiabá – MT) e pelo informante 1 no ponto 117 (Ponta Porã – MS). A variante *crista*, por sua vez, foi a resposta escolhida pelo informante 1 no ponto 105 (Diamantino – MT) e pelos informantes 2 e 1 nos pontos 120 (Aruanã – GO) e 124 (Jataí – GO). Já a variante *quina* aparece na resposta do informante 1 no ponto 108 (Cuiabá – MT) e nas respostas dos informantes 1 nos pontos 121 (Formosa – GO) e 125 (Catalão – GO). Das três respostas prejudicadas agrupadas (*RP*), 01 delas foi registrada no ponto 109 (Barra do Garças – MT) e 02 foram registradas nos pontos 123 (Goiânia – GO) e 125 (Catalão – GO).

A Figura 7 ilustra a arealização da variante *quilina* na Região Centro-Oeste.

Figura 7 - Arealização da variante *quilina* na Região Centro-Oeste

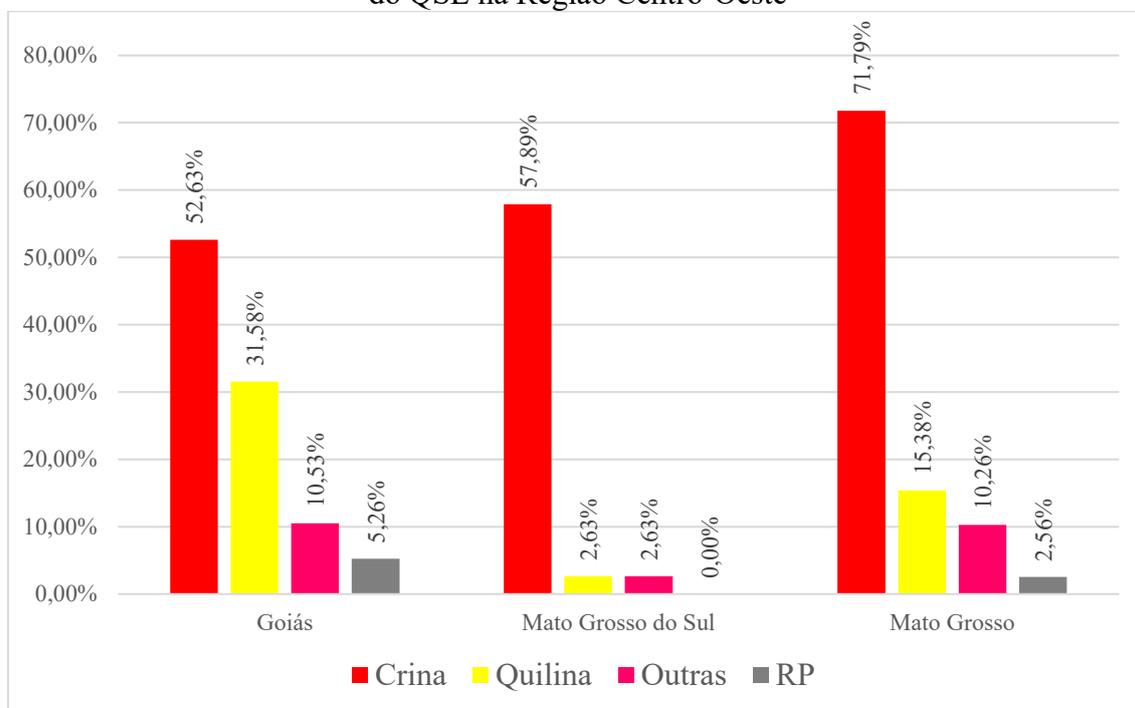


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Pode-se observar que a variante *quilina*, representada em amarelo, só foi registrada na área onde existe contato com estados de outras regiões, que também utilizam a variante *quilina*. Possivelmente essa variante é oriunda da Região Nordeste e teve sua expansão devido ao êxodo nordestino.

Para melhor observar a produtividade das variantes por estado, apresenta-se o Gráfico 17.

Gráfico 17 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Centro-Oeste

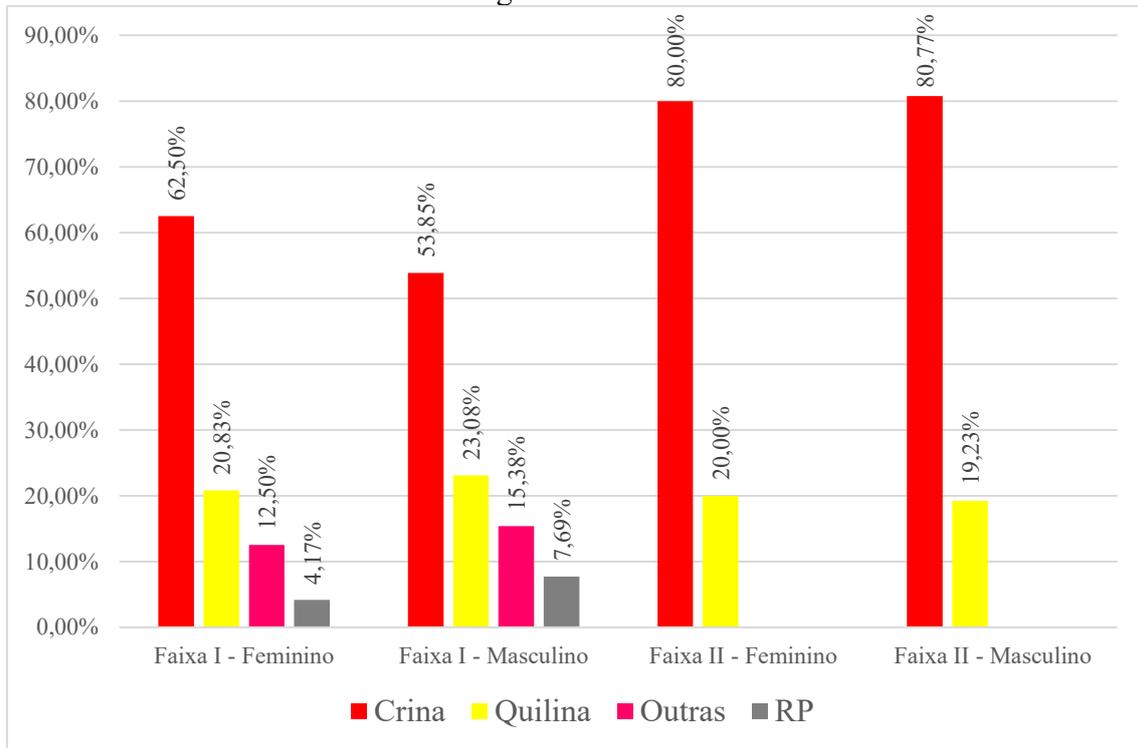


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Nota-se no Gráfico 17 o predomínio da variante *crina* no estado do Mato Grosso com 71,79% das ocorrências, seguido do estado do Mato Grosso do Sul com 57,89% e de Goiás com 52,63% das respostas. A variante *quilina* predomina no estado de Goiás com 31,58% dos dados. No Mato Grosso essa variante aparece em 15,38% dos registros e no Mato Grosso do Sul, local em que *quilina* é menos recorrente, aparece em apenas 2,63% dos registros, no ponto 114 (Paranaíba – MS), o qual faz divisa com os estados de Goiás e Minas Gerais, explicando, assim, a isoléxica da Figura 7 acima. As variantes agrupadas no rótulo *outras* obtiveram quase o mesmo número de respostas em Goiás e no Mato Grosso, sendo 10,53% e 10,26%, respectivamente. Já no Mato Grosso do Sul, assim como *quilina*, a porcentagem para as variantes agrupadas em *outras* também foi de 2,63%. Por fim, *RP* não aparece no Mato Grosso do Sul e aparece poucas vezes no Mato Grosso e em Goiás, com 2,56% e 5,26% das ocorrências, respectivamente.

Para finalizar a análise da Região Centro-Oeste, o Gráfico 18 traz o detalhamento da distribuição das variantes por faixa etária e sexo.

Gráfico 18 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Crina e suas variantes predominam nas respostas das mulheres e homens tanto da faixa etária I quanto da faixa etária II com 62,50%, 53,85%, 80,00% e 80,77%, respectivamente. Porém, apesar de ser a mais recorrente entre todos os informantes, *crina* ainda é mais comum entre os informantes da faixa etária II. *Quilina*, por sua vez, obteve números semelhantes na faixa etária I, sendo 20,83% entre as mulheres e 23,08% entre os homens; e na faixa etária II, 20,00% entre as mulheres e 19,23% entre os homens. As variantes agrupadas em *outras* obtiveram 12,50% das respostas entre as mulheres e 15,38% entre os homens, na faixa etária I. Também apenas entre a faixa etária I ocorreram as respostas prejudicadas (*RP*), sendo 4,17% entre as mulheres e 7,69% entre os homens, diferentemente dos dados da Região Nordeste em que os casos de *RP* foram mais comuns entre as mulheres da faixa etária I.

Na sequência, apresentam-se os dados obtidos na Região Sudeste para designar o *cabelo em cima do pescoço do cavalo*.

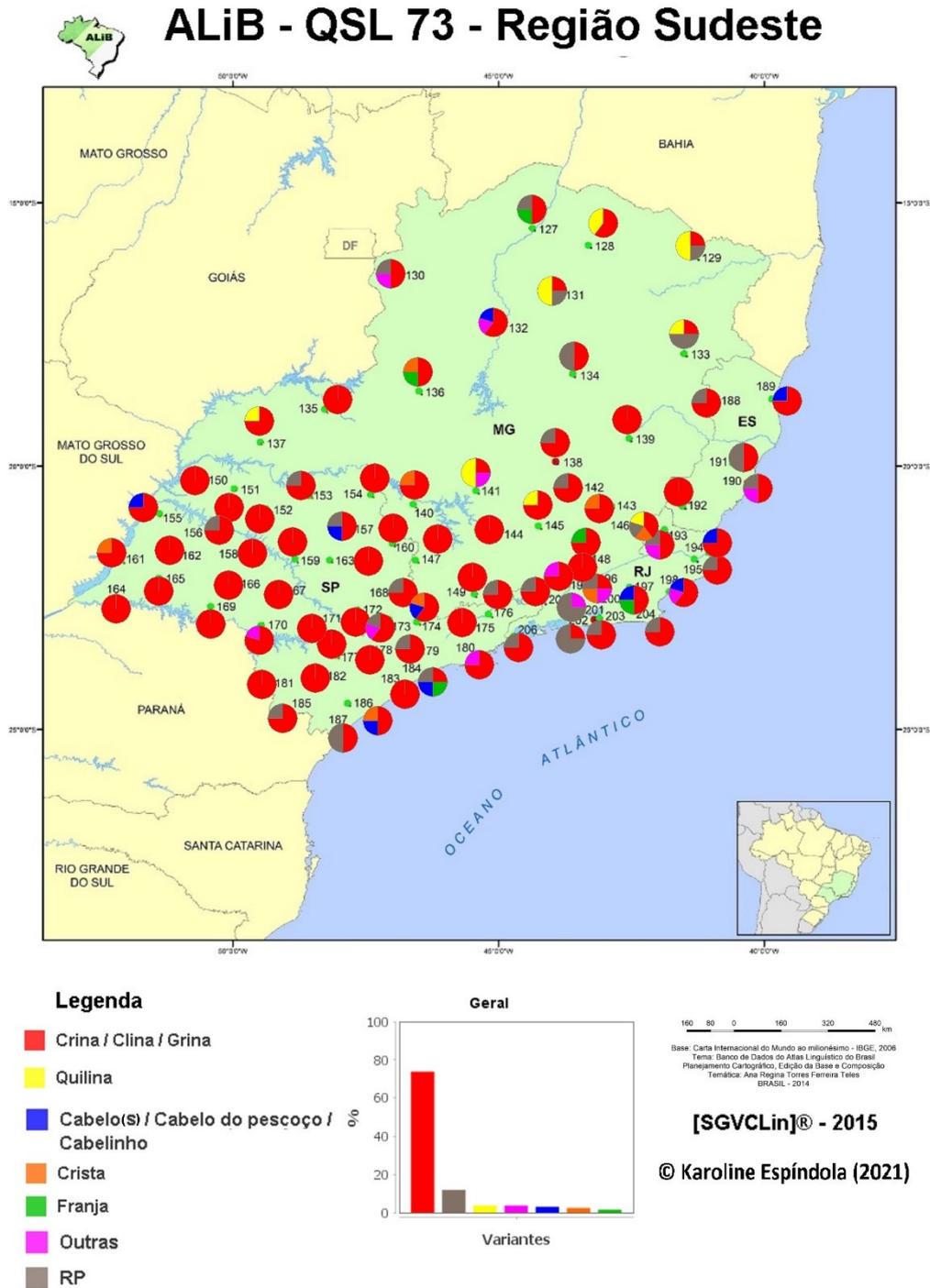
Tabela 11 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sudeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
CRINA	crina / clina / grina	241	73,70%
QUILINA	quilina / quilinas / quilinda / quilino / isquilia / isquilina / esquilim / esquilina / esquilino	12	3,67%
CABELO	Cabelo(s) / cabelo do pescoço / cabelinho	10	3,06%
CRISTA	crista	8	2,45%
FRANJA	franja	5	1,53%
OUTRAS	charme / conguru / grelha / juba / pelo / pelos / rabo / topete / trança	12	3,67%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	39	11,93%
	Total	327	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Para a Região Sudeste foram registradas 327 respostas agrupadas em sete rótulos, incluindo os rótulos *outras* e *RP*. De acordo com a Tabela 11, *crina / clina / grina* predominam por grande parte da Região Sudeste com 73,70% das ocorrências. Com bem menos registros, *quilina* e as variantes agrupadas a esse rótulo *quilinas / quilinda / quilino / isquilia / isquilina / esquilim / esquilina / esquilinho* aparecem em segundo lugar com 3,67% das respostas totais. *Cabelo(s) / cabelo do pescoço / cabelinho* e *crista* possuem quase o mesmo número de ocorrências, com 3,06% e 2,45%, respectivamente. *Franja* aparece em apenas 1,53% das respostas. Assim como *quilina*, as variantes agrupadas em *outras (charme / conguru / grelha / juba / pelo / pelos / rabo / topete / trança)* totalizam 3,67% das ocorrências. Já *RP (áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* aparece em 11,93% das entrevistas.

Carta 11 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sudeste

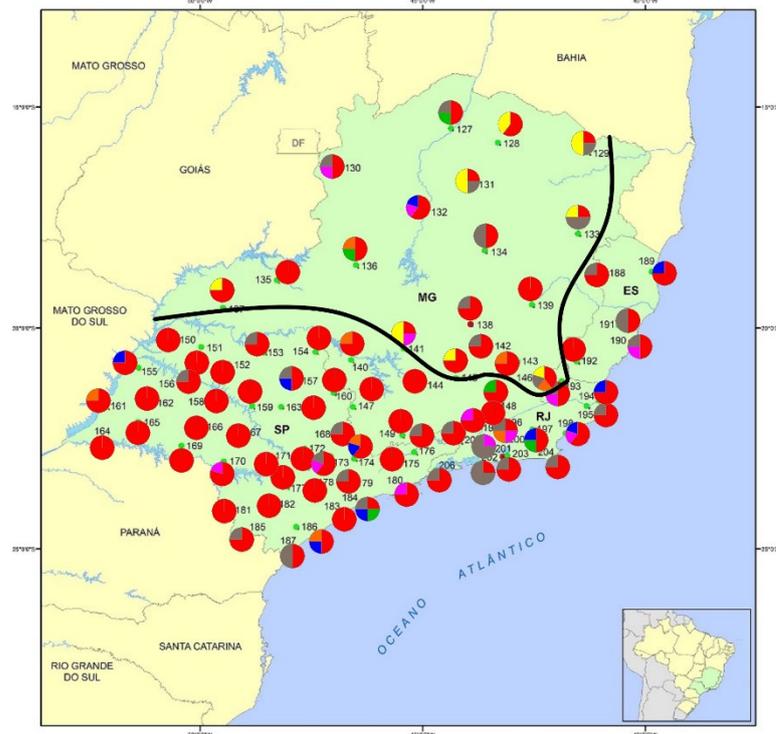


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Na Carta 11 percebe-se o predomínio da variante *crina* por todo o território do Sudeste. Já a variante *quilina*, representada pela cor amarela, aparece apenas no estado de Minas Gerais, como primeira resposta dos informantes nos pontos 128 (Janaúba –

MG), 129 (Pedra Azul – MG), 131 (Montes Claros – MG), 133 (Teófilo Otoni – MG), 137 (Campina Verde – MG), 141 (Formiga – MG) e 145 (São João Del Rei – MG) e como segunda resposta nos pontos 128 (Janaúba – MG) e 146 (Muriaé – MG). Por aparecer apenas em Minas Gerais, é possível traçar uma linha de isoléxica como mostra a Figura 8. *Crista e franja*, apesar de menos recorrentes, aparecem em todos os estados com exceção do Espírito Santo. Já as variantes agrupadas em *outras* e em *RP* tiveram recorrência em todos os estados do Sudeste.

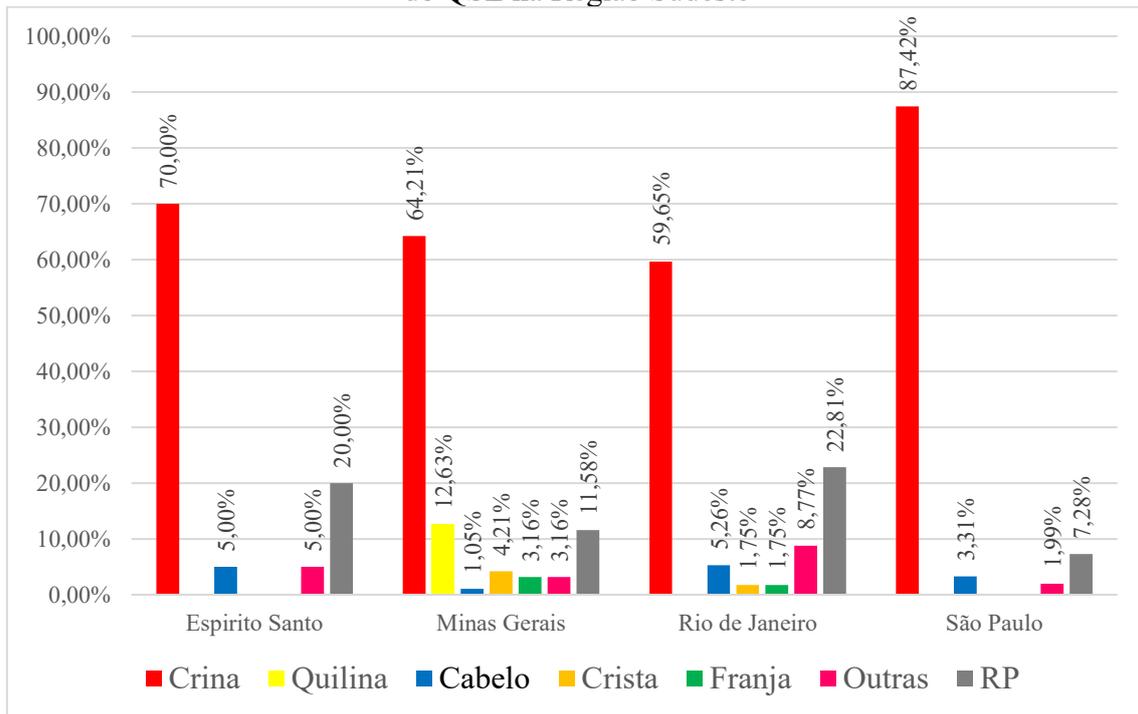
Figura 8 - Arealização da variante *quilina* na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

O Gráfico 19 apresenta o detalhamento da produtividade das variantes em cada um dos quatro estados que compõem a Região Sudeste.

Gráfico 19 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Sudeste

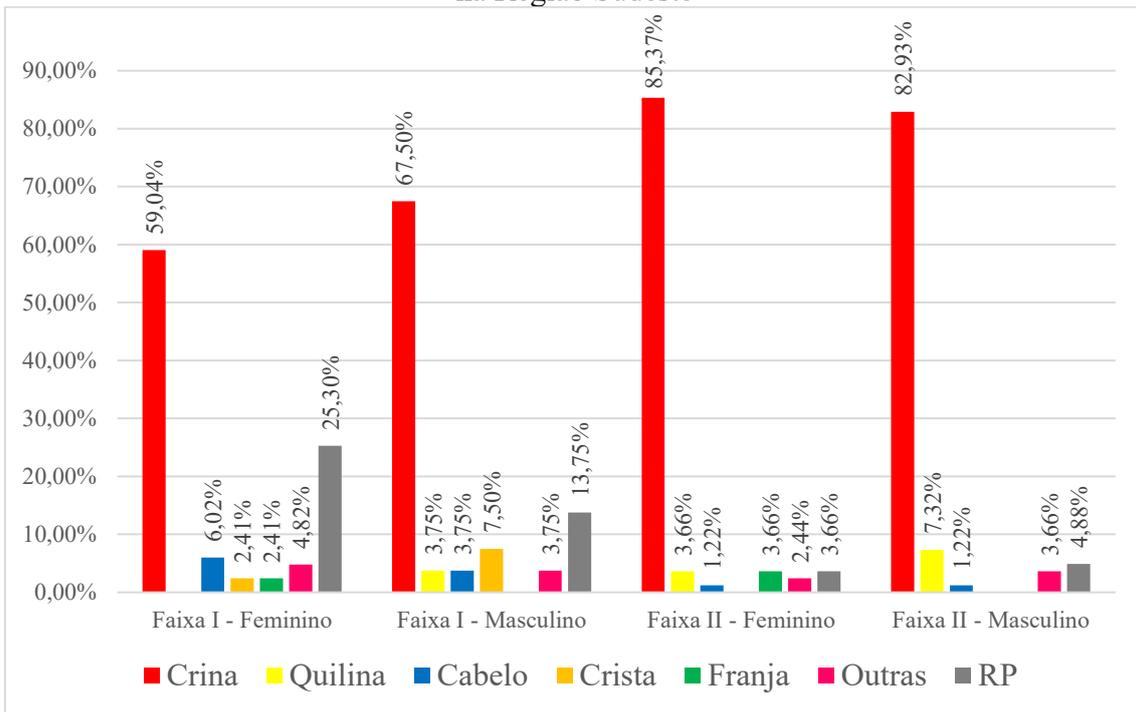


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A partir da análise do Gráfico 19 fica nítido o predomínio da variante *crina* em todos os estados da Região Sudeste. São Paulo é o estado em que *crina* aparece em mais respostas, com 87,42% das ocorrências, seguido do Espírito Santo com 70,00%, Minas Gerais com 64,21% e Rio de Janeiro com 59,65%. Já *quilina*, variante bastante recorrente nas outras regiões do país, aparece apenas em Minas Gerais com 12,63% dos registros. As variantes agrupadas em *outras* e em *RP* predominam no Rio de Janeiro com 8,77% e 22,81%, respectivamente. Porém, no Espírito Santo esses rótulos também obtiveram valores expressivos, sendo 5,00% para as respostas agrupadas em *outras* e 20,00% para as respostas prejudicadas (*RP*). Já as variantes *crista* e *franja* aparecem apenas em Minas Gerais, com 4,21% e 3,16%, respectivamente, e no Rio de Janeiro com 1,75%, para ambas as variantes.

A distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Sudeste pode ser observada no Gráfico 20.

Gráfico 20 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por ser a variante mais recorrente, *crina* lidera o número de respostas de todos os informantes do Sudeste. Entre a faixa etária I, *crina* obteve 59,04% das respostas entre as mulheres e 67,50% entre os homens. Já entre os informantes da faixa etária II, essa variante obteve 85,37% dos registros entre os informantes do sexo feminino e 82,93% entre os informantes do sexo masculino, ficando quase igual ao número de respostas *crina* entre os informantes mais velhos. Entre as ocorrências de *crista*, é possível observar que essa variante aparece apenas na fala dos mais jovens com 2,41% entre as mulheres e 7,50% entre os homens. Já a variante *franja* aparece apenas nas falas das mulheres, sendo 2,41% das respostas pertencentes às informantes da faixa etária I e 3,66% das informantes da faixa etária II. *RP* continua sendo mais recorrente entre as mulheres jovens com 25,30% das ocorrências.

A Tabela 12 apresenta os dados de produtividade das variantes na Região Sul.

Tabela 12 - Produtividade das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sul

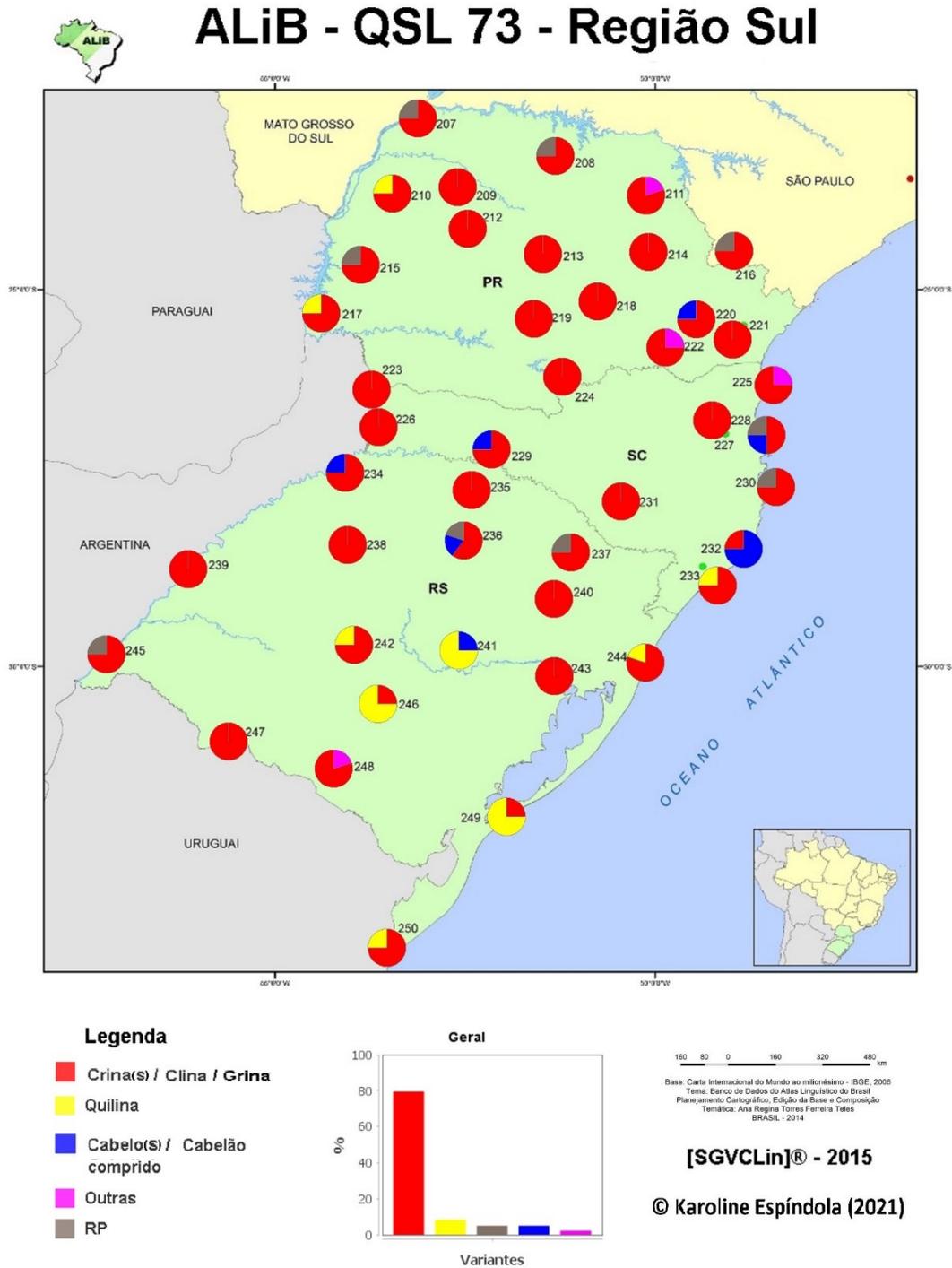
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
CRINA	crina(s) / clina / grina	143	79,44%
QUILINA	quilina	15	8,33%
CABELO	cabelo(s) / cabelão comprido	9	5,00%

OUTRAS	crista / topete	4	2,22%
RP	não lembrou / não soube / pergunta não formulada	9	5,00%
	Total	180	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Os 180 dados da Região Sul estão distribuídos em cinco rótulos incluindo as respostas agrupadas em *outras* e em *RP*. Como detalhado na Tabela 12, assim como no Sudeste, na Região Sul também predomina, com mais de 70% das respostas, as variantes *crina(s) / clina / grina* com 79,44% dos registros. *Quilina* aparece em 8,33% das ocorrências. *Cabelo* e suas variantes *cabelos / cabelão comprido* registraram 5,00% das respostas. Já *crista* e *topete*, variantes agrupadas em *outras*, somam 2,22% das respostas totais. Em *RP (não lembrou / não soube / pergunta não formulada)*, 5,00% das ocorrências foram registradas.

Carta 12 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 73 do QSL na Região Sul



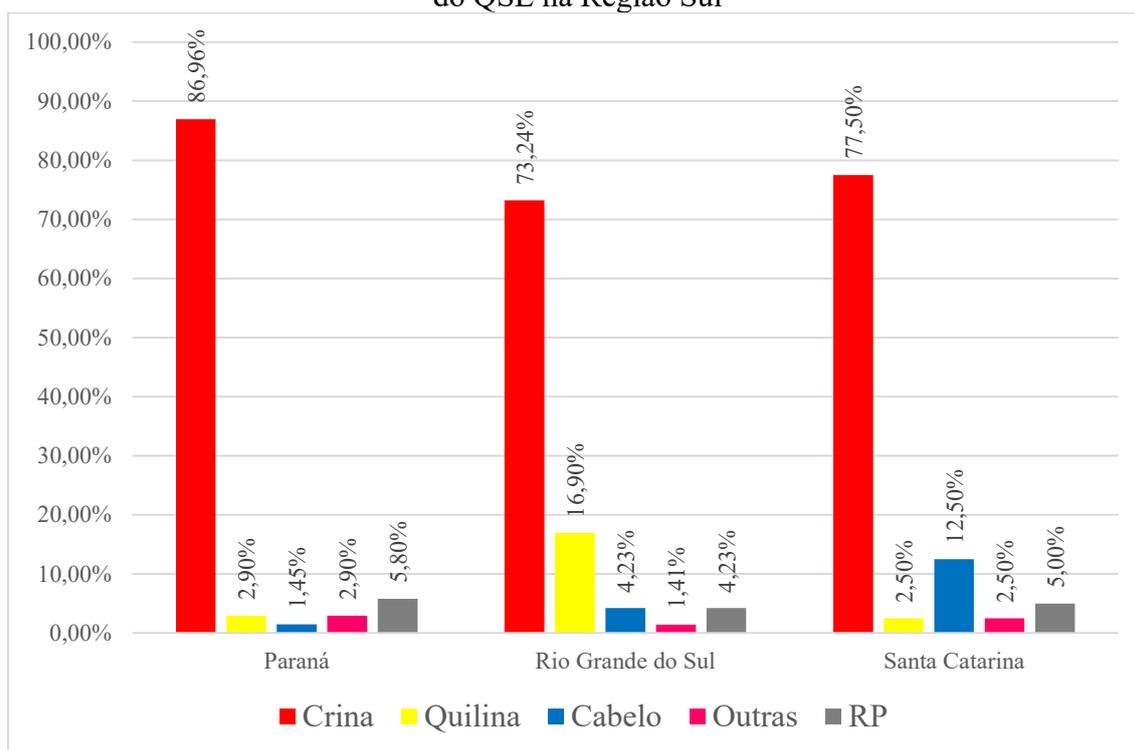
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 12 observa-se o predomínio da variante *crina* por toda a Região Sul. A variante *quilina*, por sua vez, aparece 12 (16,90%) vezes no Rio Grande do Sul, mas apenas 02 vezes no Paraná, como primeira resposta das informantes 4 nos pontos

210 (Umuarama – PR) e 217 (São Miguel do Iguçu – PR) e 01 vez em Santa Catarina, como primeira resposta do informante 3 no ponto 233 (Criciúma – SC). O item lexical *cabelo* também aparece em todos os estados sulistas, porém aparece apenas 01 vez no Paraná, como primeira resposta da informante 2 no ponto 220 (Curitiba – PR). Já *crista* e *topete*, variantes agrupadas em *outras*, aparecem em todos os estados, sendo *crista* primeira resposta das informantes 2 e 4 nos pontos 211 (Tomazina – PR) e 222 (Lapa – PR) e primeira resposta do informante 1 no ponto 225 (São Francisco do Sul – SC); e *topete* segunda resposta do informante 3 no ponto 248 (Bagé – RS). Entre as respostas prejudicadas (RP), 04 (5,80%) ocorrem no Paraná, 03 (4,23%) no Rio Grande do Sul e 02 (5,00%) em Santa Catarina.

A produtividade das variantes por estado na Região Sul aparece melhor detalhada no Gráfico 21.

Gráfico 21 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 73 do QSL na Região Sul



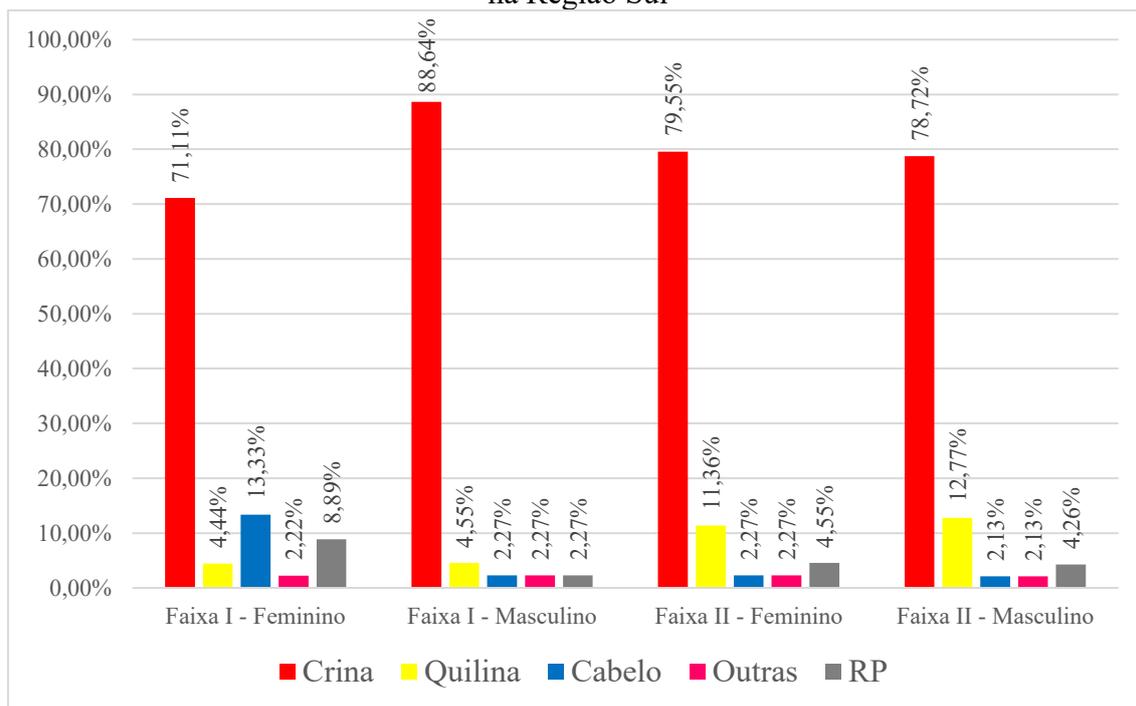
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Assim como nas outras regiões do país, *crina* continua sendo a variante predominante com 86,96% do total de ocorrências no Paraná, 77,50% em Santa Catarina e 73,24% no Rio Grande do Sul. O maior número de ocorrências de *quilina* aparece no Rio Grande do Sul com 16,90%, seguido do Paraná com 2,90% e de Santa Catarina com

2,50%. Já a variante *cabelo* é mais recorrente em Santa Catarina com 12,50%, sendo 4,23% no Rio Grande do Sul e 1,45% no Paraná. Por fim, os rótulos *outras* e *RP* obtiveram números semelhantes entre os três estados da Região Sul.

Para finalizar as análises por região, o Gráfico 22 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Sul.

Gráfico 22 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul

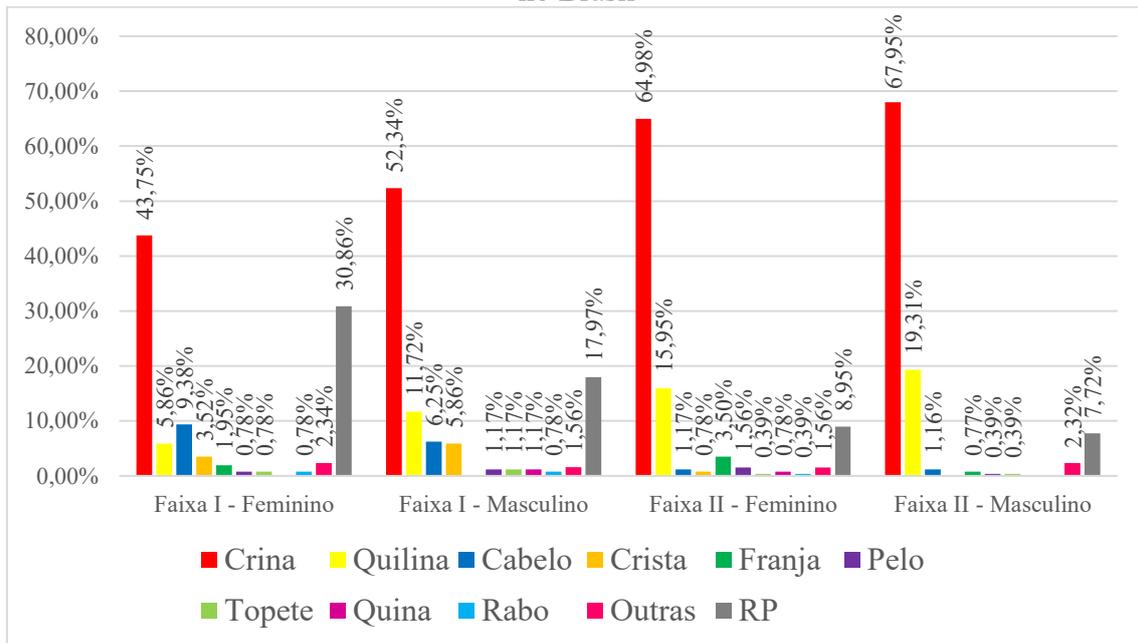


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Nota-se, ao analisar o Gráfico 22, que a variante *crina* predomina entre os informantes de ambos os sexos das duas faixas etárias investigadas nesse estudo. Entretanto, *quilina*, assim como na Região Nordeste, é mais recorrente entre os informantes da faixa etária II, sendo 11,36% das ocorrências entre as mulheres e 12,77% entre os homens. Já *cabelo* mantém praticamente os mesmos valores entre todos os informantes, com exceção das mulheres da faixa etária I, que produziram mais a forma em questão em 13,33% das respostas. Também entre as mulheres mais jovens está o maior índice de *RP* com 8,89% dos registros.

Finalizadas as análises por região, será realizada uma análise macro dos dados do Brasil, iniciando pela faixa etária e sexo dos informantes conforme Gráfico 23.

Gráfico 23 - Distribuição das variantes para a questão 73 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

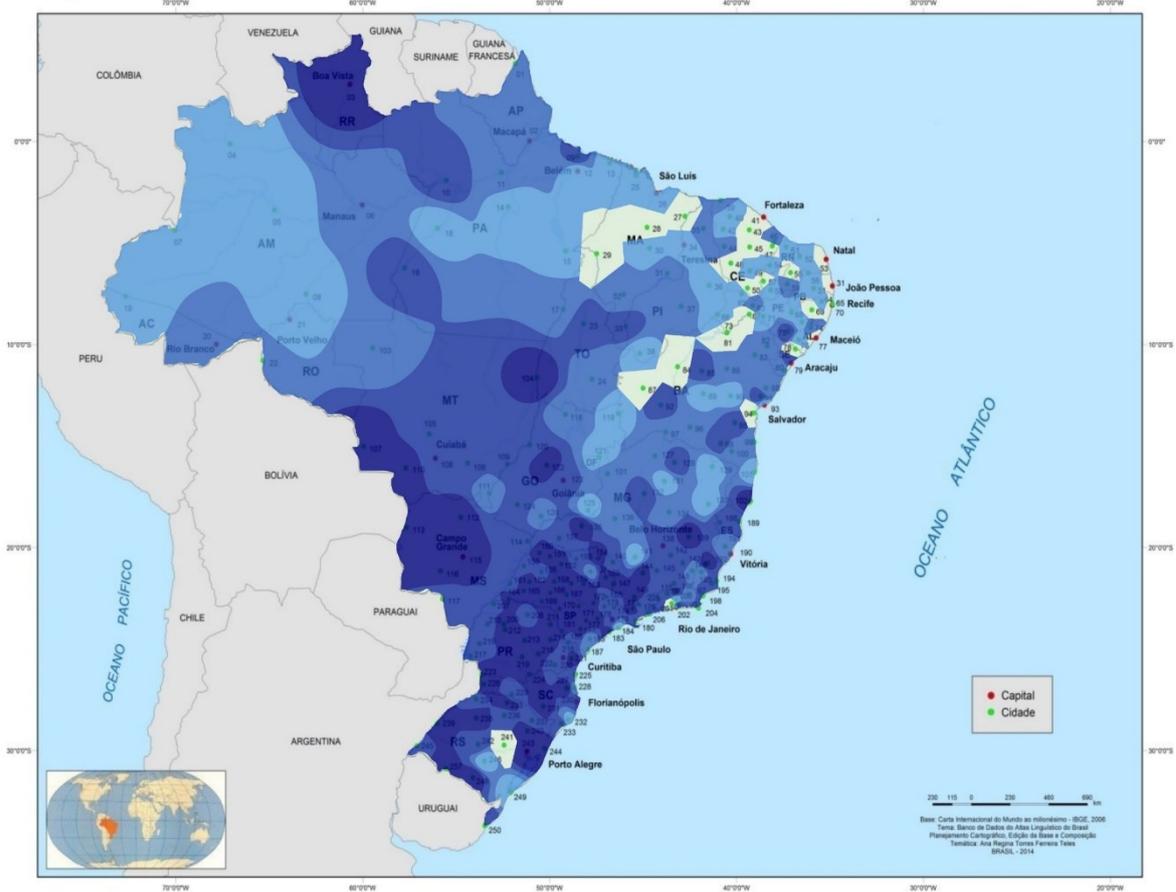
O Gráfico geral por faixa etária e sexo no Brasil ratifica o que já foi detalhado nas regiões separadamente sobre as variantes para referenciar *o cabelo em cima do pescoço do cavalo*. A variante esperada como resposta à pergunta 73 do QSL, *crina*, predomina entre os informantes da faixa etária I, com 43,75% das respostas entre as mulheres e 52,34% entre os homens; e na faixa etária II, com 64,98% entre as mulheres e 67,95% entre os homens. A variante *quilina*, por sua vez, na comparação entre as variáveis sociais sexo e idade dos informantes, é mais recorrente na faixa etária II, com 15,95% dos registros entre as mulheres e 19,31% entre os homens. Já na faixa etária I, o uso da variante *cabelo* e *crista* também é recorrente, com 9,38% e 3,52% na fala das mulheres, e 6,25% e 5,86% na fala dos homens respectivamente. O maior número de respostas prejudicadas (*RP*) ocorre na faixa etária I com 30,86% entre as mulheres e 17,97% entre os homens. As demais variantes não se mostraram significativas nas duas faixas etárias e sexos dos informantes.

A arealidade gradual de *crina* pode ser observada na Carta 13.

Carta 13 - Arealidade Gradual de *crina* no Brasil



ALiB - QSL 73 - Arealidade Gradual de Crina



Legenda

Crina(s) / Crina do pescoço /
Clina(s) / Crinia / Crilha / Crilina /
Crinica / Grina

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

160 80 0 160 320 480 km
Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2008
Tema: Banco de Dados do Atlas Linguístico do Brasil
Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
Temática: Ana Regina Torres Ferreira Teles
BRASIL - 2014

[SGVCLin][®] - 2015

© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin[®]

Por ser a variante mais recorrente nas respostas dos falantes, *crina* aparece distribuída por quase todo o mapa do Brasil. Em algumas localidades essa variante obteve 100% das respostas e, por esse motivo, aparece na cor azul escuro no mapa, como é o

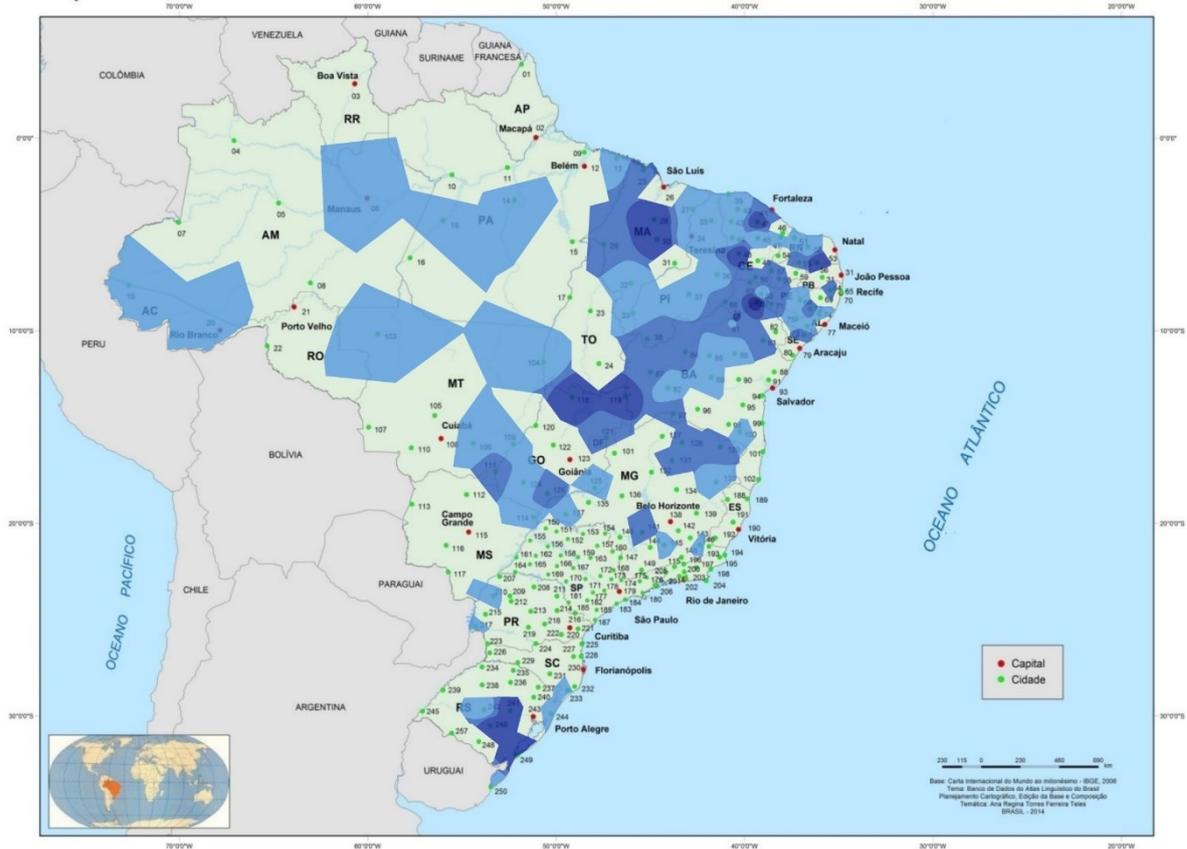
caso dos pontos 003 (Roraima – RR), 110 (Cáceres – MT), 135 (Uberlândia – MG), 209 (Terra Boa – PR), entre outros. Os pontos onde essa variante ocorre em apenas 01 resposta podem ser vistos em azul claro no mapa, a saber: 019 (Cruzeiro do Sul – AC), 034 (Teresina – PI), 112 (Coxim – MS), 249 (São José do Norte – RS) etc. Há, ainda, algumas localidades em que *crina* não aparece nenhuma vez, como é o caso dos pontos 029 (Imperatriz – MA), 201 (Nova Iguaçu – RJ), 241 (Santa Cruz do Sul – RS), dentre outros.

Já a arealidade gradual da variante *quilina* pode ser vista na Carta 14.

Carta 14 - Arealidade Gradual de *quilina* no Brasil



ALiB - QSL 73 - Arealidade Gradual de Quilina



Legenda

**Quilina(s) / Quilinda / Quilino /
Aquilina / Esquilina / Esquilino /
Esquillim / Isquilia / Isquilina**

- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

160 80 0 160 320 480 Km

Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
Tema: Banco de Dados do Atlas Linguístico do Brasil
Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
Temática: Ana Regina Torres Ferreira Teles
BRASIL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

© Karoline Espíndola (2021)

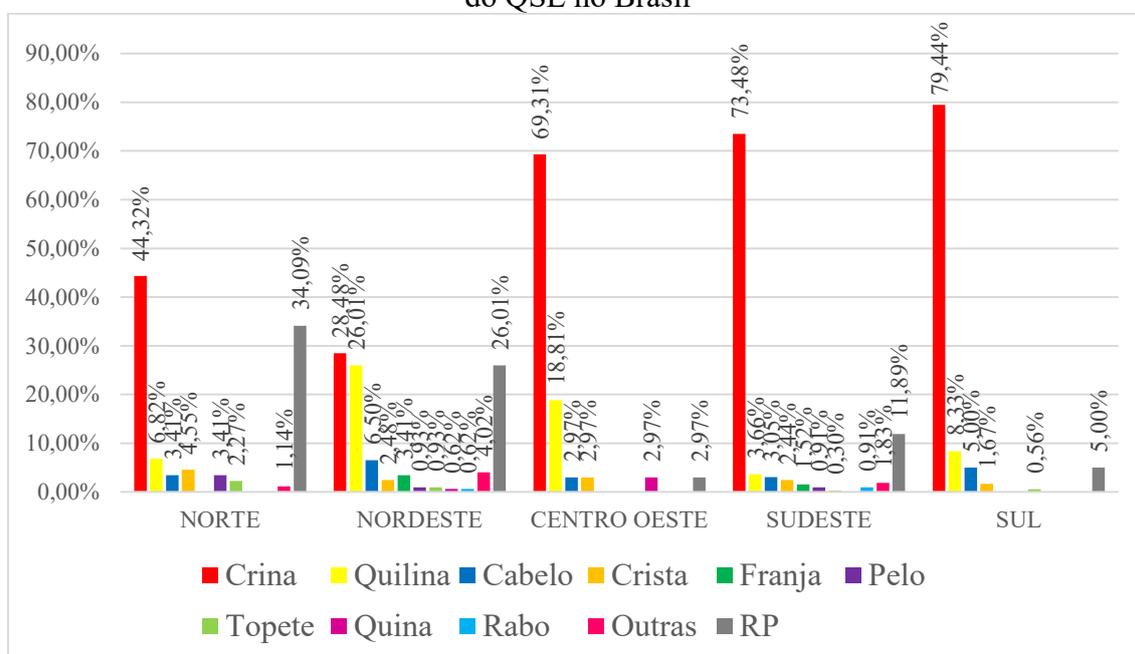
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por ser bem menos recorrente que *crina*, muitos são os pontos em que *quilina* não aparece nenhuma vez, a saber: 021 (Porto Velho – RO), 046 (Russas – CE), 116 (Nioaque – MS), 170 (Bernardino de Campos – SP), 228 (Itajaí – SC), entre outros. Nos pontos 020

(Rio Branco – AC) e 086 (Jacobina – BA), essa variante aparece apenas 01 única vez. Nos pontos 121 (Formosa – GO) e 129 (Pedra Azul – MG), *quilina* aparece 02 vezes. Já nas localidades 073 (Petrolina – PE) e 249 (São José do Norte – RS) foram documentadas 03 ocorrências. Por fim, apenas no ponto 067 (Cabrobró – PE) todos os informantes deram como resposta a variante *quilina*. Conforme visto nas análises de isoléxicas e regiões, a variante *quilina* predomina na Região Nordeste, tendo sua difusão pelas rotas migratórias dos nordestinos.

O Gráfico 24 mostra, em detalhes, a produtividade das variantes em cada região do Brasil.

Gráfico 24 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 73 do QSL no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Como o esperado, *crina* predomina em todo o país sendo mais recorrente na Região Sul com 79,44% das respostas totais. No Sudeste aparece em 73,48% das ocorrências, no Centro-Oeste em 69,31%, no Nordeste em 28,48% e no Norte com 44,32% dos registros. Já a variante *quilina* é a forma predominante no Nordeste com 26,01% dos registros e menos recorrente no Sudeste com 3,66% das ocorrências. A região em que teve mais respostas prejudicadas (*RP*) foi a Norte, com 34,09%, e a com menos ocorrências foi a Região Centro-Oeste, com 2,97%. As variantes *cabelo*, *crista*, *franja*, *pelo*, *topete*, *quina*,

rabo e os itens agrupados em *outras* não representam grande diferença entre as regiões do país.

Para concluir, verifica-se que o rótulo *RP* é predominante entre os falantes da faixa etária I, mais jovens, o que demonstra o desconhecimento do léxico formal. Dessa forma, os números apontam para o que foi detalhado na dicionarização das variantes, ou seja, que os jovens utilizam a analogia por desconhecerem o léxico formal como resposta para a pergunta, como é o caso do informante⁶ abaixo, que utiliza a variante *crista* para denominar *o cabelo em cima do pescoço do cavalo*:

INF.- Crista, crista, né.
INQ.- Mais crista num é do galo?
INF.- Então, mais do cavalo também acho que usa.

Outro exemplo que utiliza a variante *crista* é o do informante⁷ abaixo:

INF.- Ah, aquilo ali chamo de crista, né, na realidade usa pa galinha, que tem crista do galo, mas eu uso pra fala do cavalo tamém.

Há também alguns informantes que utilizam a variante *crina*, porém já ouviram falar em *juba* para se referir *ao cabelo em cima do pescoço do cavalo*. Como exemplo, a informante⁸ a seguir:

INF.- Aquilo lá nós fala né... uns fala juba, otros fala crina mesmo né.
INQ.- E você fala?
INF.- Ah, eu falo a crina mesmo.

Por fim, a informante⁹ comprova que a variante *cabelo* é mais recorrente entre os mais jovens:

INF.- Eu chamo cabelão comprido.
INQ.- Aqui você não usa falar crina de cavalo?
INF.- Crina? Os mais antigos falam.
AUX.- Falam crina ou clina?
INF.- Uma coisa assim.
INQ.- Você não saberia dizer?
INF.- Eu não sei dizer.

Outro dado fundamental é a variante *quilina*, que apesar de não possuir entradas lexicais nos dicionários pesquisados, obteve a segunda maior produtividade entre os falantes. Através dessa variante é possível identificar as isoléxicas de contato nas regiões Centro-Oeste e Sudeste com a Região Nordeste.

⁶ Informante 1 do ponto 136 (Homem, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Patos de Minas/MG). Sigla: AUX. (auxiliar).

⁷ Informante 1 do ponto 225 (Homem, faixa etária I: 18 a 30 anos, de São Francisco do Sul/SC).

⁸ Informante 2 do ponto 170 (Mulher, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Bernardino de Campos/SP).

⁹ Informante 2 do ponto 241 (Mulher, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Santa Cruz do Sul/RS).

4.3 Variantes da questão 74 no Brasil: rabo do cavalo

A questão 74 do QSL traz as respostas para a pergunta que se refere *ao cabelo comprido na traseira do cavalo*. Para essa questão foram obtidas 1115 respostas, agrupadas em sete rótulos, incluindo o rótulo *outras* e as respostas prejudicadas (RP), conforme critérios detalhados abaixo:

- Formas que apresentam alterações fonológicas: *cauda > cauna, crina > clina*;
- Substantivo seguido de adjetivo ou locução adjetiva: *crina > crina do rabo, clina > clina do rabo*;
- Formas que apresentam o mesmo radical: *rabo e rabicho*;
- Formas que apresentam aumentativo ou diminutivo: *rabo > rabinho, rabo > rabão*;
- Rótulo isolado com cinco ou mais ocorrências: *cola e cabo*;
- Variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*: *cabelo, trança e vassoura*.

A Tabela 13 traz a produtividade das variantes para a questão 74 no Brasil.

Tabela 13 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL no Brasil

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
RABO	rabo / rabinho / rabicho / rabão	886	79,46%
CAUDA	cauda / <i>cauna</i>	103	9,24%
COLA	cola	46	4,13%
CRINA	crina / <i>crina do rabo</i> / <i>clina</i> / <i>clina do rabo</i>	14	1,26%
CABO	cabo	11	0,99%
OUTRAS	cabelo / cotoco / espinhaço / <i>pelo do rabo</i> / <i>salha</i> / <i>sedenho</i> / <i>trança</i> / <i>vassoura</i>	11	0,99%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	44	3,95%
	Total	1115	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Em relação à produtividade das variantes, a Tabela 13 mostra que das 1115 respostas, *rabo* / *rabinho* / *rabicho* / *rabão* foram as mais produtivas com 79,46% de ocorrências. *Cauda* e *cauna* aparecem como a segunda variante mais produtiva com 9,24% de registros. Em terceiro lugar, *cola* ocorre em 4,13% das respostas. *Crina* / *crina do rabo* / *clina* / *clina do rabo* obtiveram 1,26% das ocorrências. *Cabo* e as variantes agrupadas em *outras* (*cabelo* / *cotoco* / *espinhaço* / *pelo do rabo* / *salha* / *sedenho* / *trança* / *vassoura*) obtiveram, ambas, 0,99% das respostas. Já *RP* (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada) ocorre em 3,95% dos inquéritos.

Para maior compreensão das variantes aqui estudadas, apresentam-se a seguir as entradas lexicais encontradas nos três dicionários utilizados como referência nesse trabalho.

A variante *rabão* aparece em Aulete como “que tem o rabo curto ou cortado (cavalo rabão)”. No Michaelis aparece como “diz-se de animal que tem o rabo curto ou cortado; bicó, cotó, derrabado, desrabado, nabuco, pitoco, rabão, rabi, sura, suri, suro, surrote, suru”. E no Priberam consta como “derivação masc. sing. de rabo”.

Rabinho significa no dicionário Aulete “s. m. || cauda muito curta; (fig.) pedaço; resto. F. Rabo”. No Michaelis consta como “rabo muito curto” e no Priberam: “derivação masc. sing. de rabo”.

Rabo, por sua vez, consta em Aulete como “prolongamento da coluna vertebral de alguns animais; CAUDA”. No Michaelis significa “COLOQ Apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, em geral bem mais delgado que o corpo, que se estende como uma espécie de prolongamento da coluna vertebral; cauda” e “COLOQ Vbunda”. Já no Priberam significa “termo genérico com que se indica o apêndice caudal de todos os animais” e “[Informal] Zona das nádegas. = TRASEIRO”.

A variante *cauda* aparece em Aulete como “Anat. Zool. Prolongamento móvel da parte traseira do corpo de certos animais; RABO: cauda de lagarto/ de peixe/ de cavalo: Sapos não têm cauda”. No Michaelis consta como “ZOOLOG Apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, em geral bem mais delgado que o corpo, que se estende como uma espécie de prolongamento da coluna vertebral; rabo”. E no Priberam significa “apêndice posterior móvel do corpo de alguns animais”.

Dos três dicionários consultados, *cola* aparece apenas em Aulete como “cauda ou rabo de animal” e no Priberam como “apêndice posterior do corpo de alguns animais. = CAUDA”.

Clina aparece em Aulete e no Priberam como “o mesmo que crina”. Já no Michaelis diz para “vcrina”. Crina, por sua vez, consta em Aulete como “Anat. Zool. Pelo comprido e flexível do pescoço e da cauda de cavalo, burro, zebra etc”. No Michaelis aparece como “pelo comprido, firme e flexível, que o cavalo e outros animais têm no alto da cabeça, no pescoço e na cauda” e no Priberam significa “conjunto de pelos compridos do pescoço e cauda do cavalo e de outros animais”.

Cabo significa em Aulete “parte final ou elemento terminal de algo; porção extrema; fim, término”. No Michaelis consta como “extremo, fim, termo”. E no Priberam o significado não possui relação semântica com o item em estudo.

Já a variante *cabelo* consta em Aulete como “pelo ou conjunto de pelos, esp. quando compridos, do corpo de certos animais”. No Michaelis significa “conjunto de pelos que cobrem o corpo de certos animais”. No dicionário Priberam aparece como “pelo comprido de certos animais”.

Sedinho aparece em Aulete como “Bras. A cauda ou o traseiro das reses; SEDÉM”, “Bras. O traseiro, as nádegas” e “MG Pop. Crina cortada que se usa para fazer corda”. No Michaelis consta como “cauda das reses com o cabelo; sedém”, “cabelos da cauda e da crina dos animais, de que se fazem cordas; sedém” e “REG (MG, N.E.), COLOQ Região glútea; assento, nádegas, sedém, traseiro”. Já no Priberam a acepção que aparece não possui significado compatível com *o cabelo comprido na traseira do cavalo*.

As variantes *rabicho*, *cotoco*, *espinhaço*, *trança* e *vassoura* não possuem significado semântico com o item lexical em estudo.

Já as variantes *cauna*, *clina do rabo*, *crina do rabo*, *pelo do rabo* e *salha* não foram encontradas em nenhum dos três dicionários pesquisados.

Para dar continuidade às análises para a questão 74 do QSL, será realizado o estudo da produtividade em cada região do Brasil. A Tabela 14 mostra a produtividade das variantes na Região Norte do país.

Tabela 14 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Norte

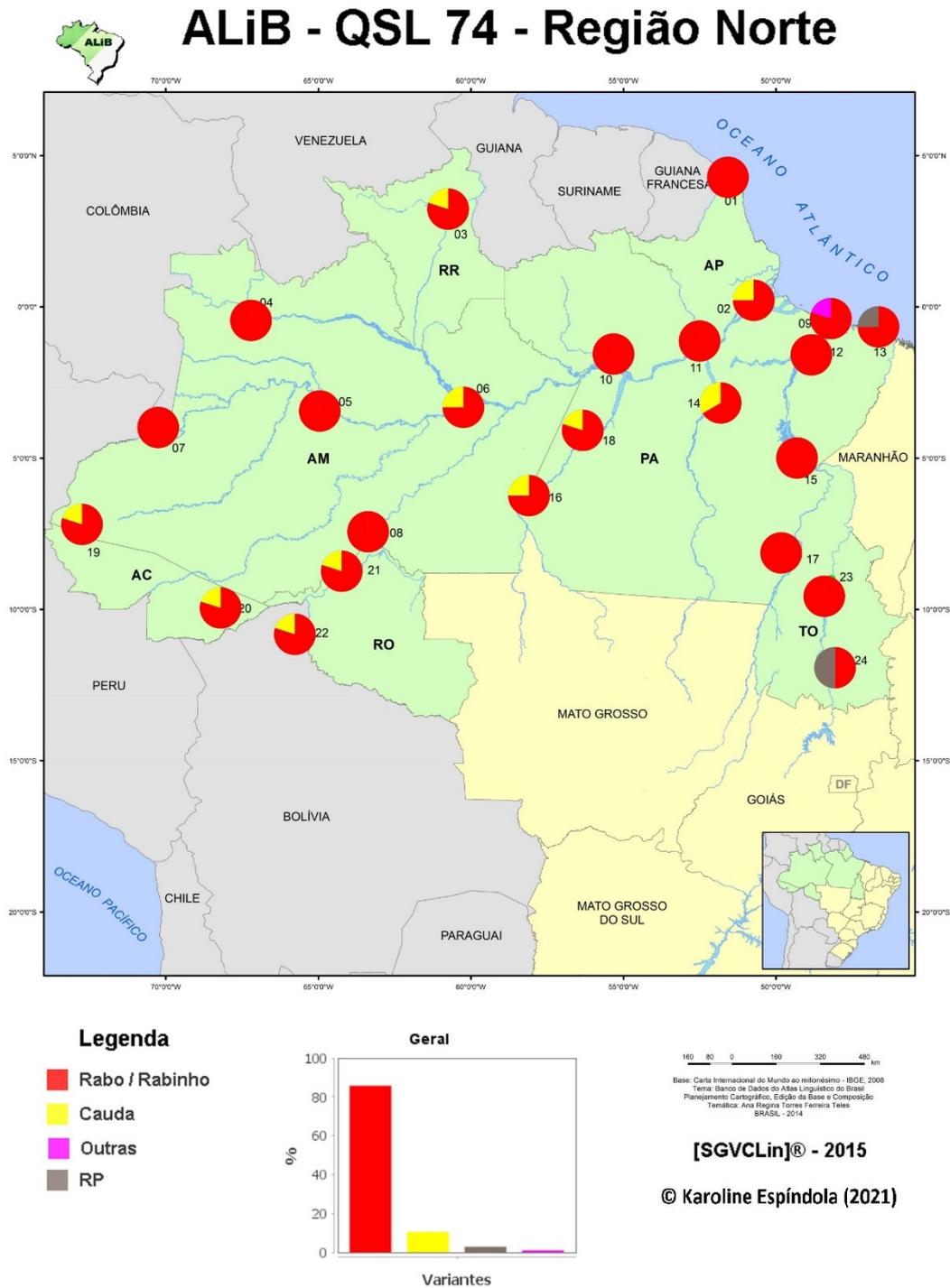
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
RABO	rabo / rabinho	90	85,71%
CAUDA	cauda	11	10,48%
OUTRAS	espinhaço	1	0,95%
RP	áudio incompleto / pergunta não formulada	3	2,86%
	Total	105	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio da Tabela 14 observa-se que, na Região Norte, foram registrados quatro rótulos para a questão 74, totalizando 105 respostas. As variantes *rabo* e *rabinho* aparecem em um elevado número de respostas, com 85,71% das ocorrências. *Cauda* ocorre em 10,48% dos registros. *Outras* possui apenas a variante *espinhaço* que ocorre em 0,95% do total de respostas. Já *RP (áudio incompleto / pergunta não formulada)* aparece em três inquéritos com 3,81% dos registros.

A Carta 15 mostra a distribuição das variantes na Região Norte.

Carta 15 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Norte



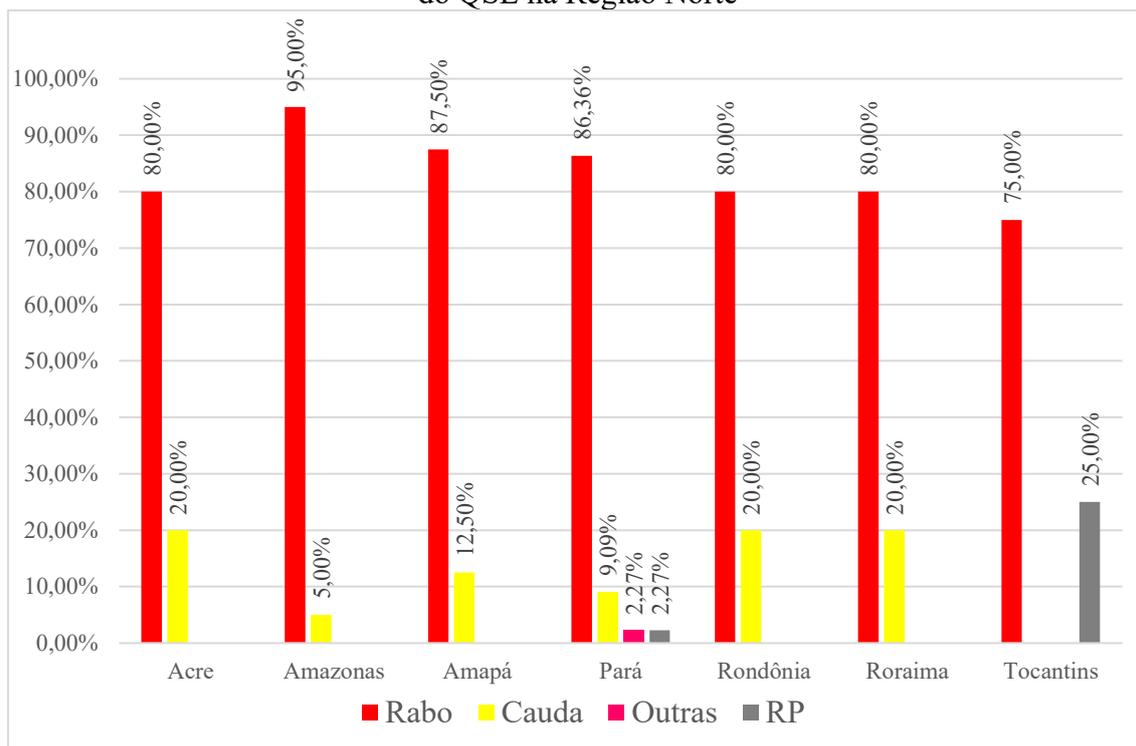
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A variante *rabo* predomina em toda a região, sendo utilizada como resposta de pelo menos dois informantes em cada ponto. Já a segunda variante mais produtiva – *cauda* – não aparece apenas no estado do Tocantins. A variante *espinhaço*, agrupada em *outras*,

aparece apenas uma vez como segunda resposta do informante 3 no ponto 009 (Soure – Pará). Os três registros de *RP* ocorrem nos pontos 013 (Bragança – Pará) e 024 (Natividade – Tocantins).

O Gráfico 25 traz o detalhamento da produtividade das variantes por estado na Região Norte.

Gráfico 25 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Norte

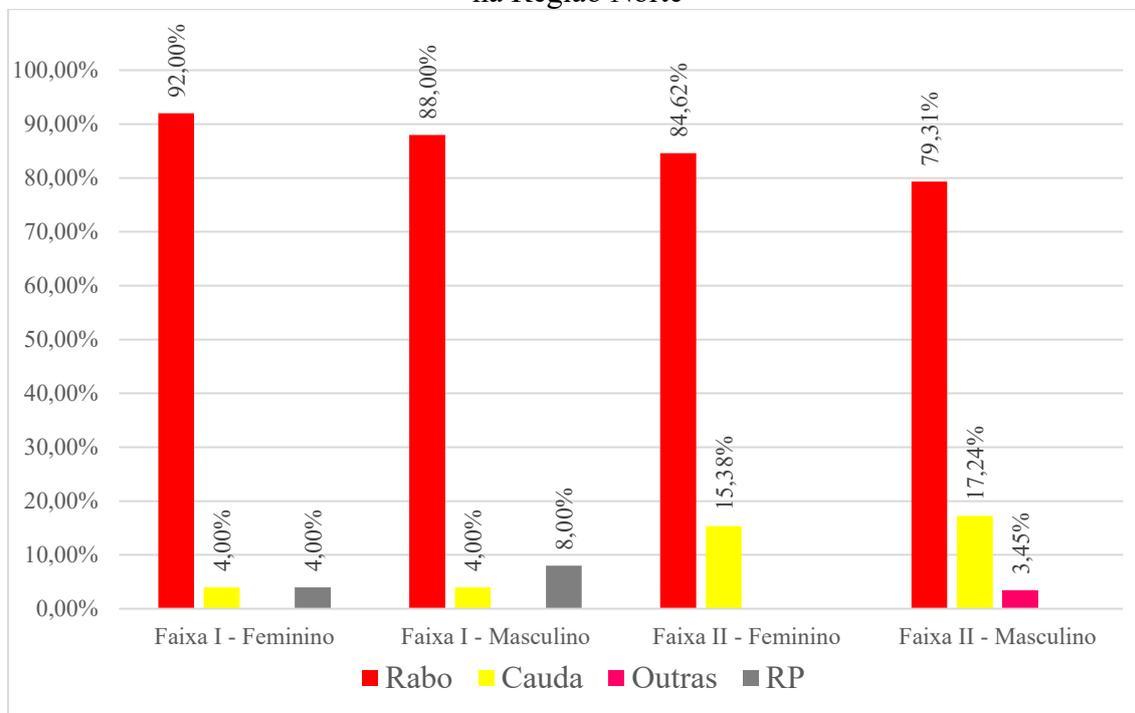


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Como exposto no Gráfico 25, a variante *rabo* predomina por todos os estados nortistas, sendo mais recorrente no Amazonas com 95,00% das ocorrências e menos recorrente em Tocantins com 75,00% dos dados. Já a variante *cauda*, apesar de aparecer em seis dos sete estados, obteve uma produtividade relativamente menor que a variante *rabo*, visto que, os maiores índices dessa variante ocorrem no Acre, em Rondônia e em Roraima, ambos os estados com 20,00% dos registros. O menor índice de *cauda* ocorre no Amazonas com 5,00% das respostas. Já em Tocantins, *cauda* não aparece nenhuma vez. Também em Tocantins ocorre o maior número de *RP*, com 25,00% dos registros. Por ter apenas 1 variante agrupada em *outras*, esse rótulo aparece apenas em 1 estado, a saber: Pará, totalizando 2,27% dos dados.

Os dados referentes à faixa etária e sexo dos informantes na Região Norte estão expostos no Gráfico 26.

Gráfico 26 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com o Gráfico 26, *rabo* é a variante escolhida tanto pelas mulheres como pelos homens de ambas as faixas etárias, já que entre as mulheres obteve 92,00% (faixa etária I) e 84,62% (faixa etária II) das respostas e entre os homens 88,00% (faixa etária I) e 79,31% (faixa etária II) dos registros. A variante *cauda*, por sua vez, foi mais comum entre os informantes da faixa etária II com 15,38% das respostas entre os informantes do sexo feminino e 17,24% entre os do sexo masculino. A única ocorrência agrupada em *outras* ocorre na fala de um informante do sexo masculino da faixa etária II. *RP* aparecem apenas entre os informantes da faixa etária I, sendo 4,00% entre os falantes do sexo feminino e 8,00% entre os do sexo masculino.

Terminada a análise na Região Norte, a seguir serão apresentados os dados da Região Nordeste.

Tabela 15 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Nordeste

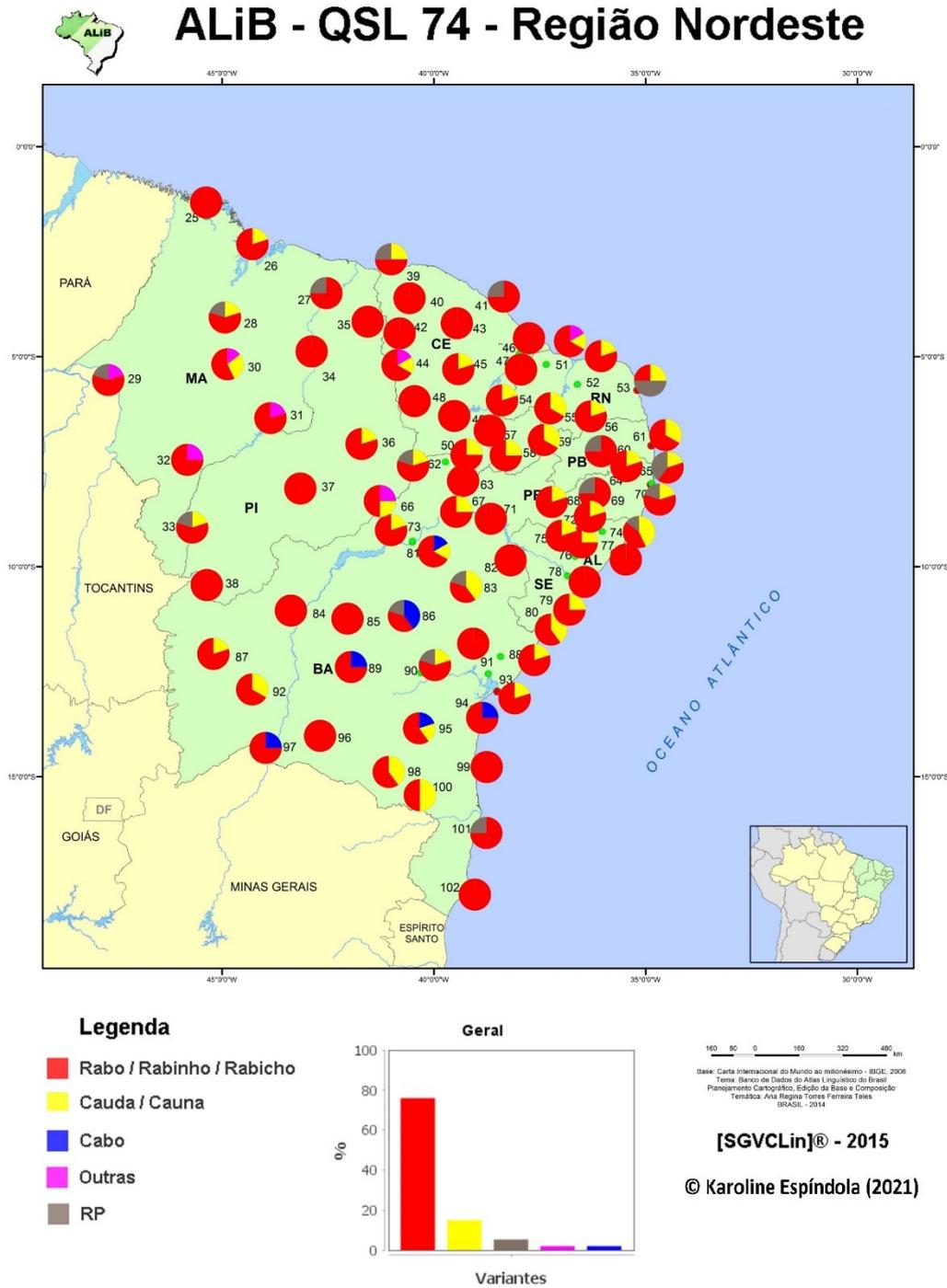
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
RABO	rabo / rabinho / rabicho	274	75,90%
CAUDA	cauda / cauna	54	14,96%
CABO	cabo	7	1,94%
OUTRAS	crina / salha / sedenho / vassoura	7	1,94%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	19	5,26%
	Total	361	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme consta na Tabela 15, as 361 respostas registradas na Região Nordeste para a questão 74 foram agrupadas em cinco rótulos. As variantes mais recorrentes *rabo / rabinho / rabicho* aparecem em 75,90% das respostas. *Cauda e cauna*, apesar de serem as segundas variantes mais produtiva no Nordeste, tiveram um valor relativamente mais baixo do que *rabo*, aparecendo em 14,96% das respostas. Os rótulos *cabo* e *outras (crina / salha / sedenho / vassoura)* tiveram, cada um, 1,94% dos registros. *RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* ocorre em 5,26% das entrevistas.

A visualização da distribuição das variantes no território nordestino pode ser observada na Carta 16.

Carta 16 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Nordeste

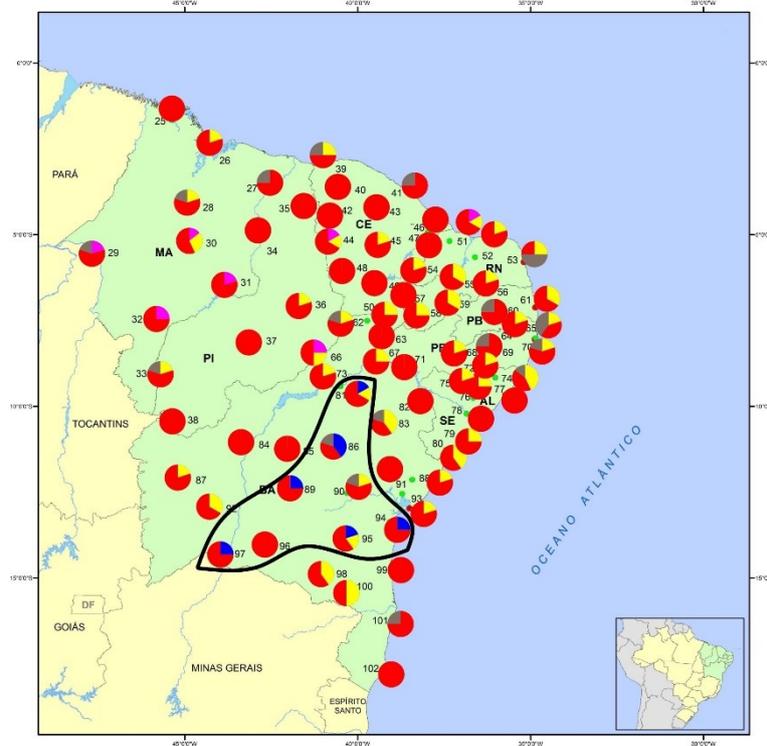


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

As variantes mais produtivas *rabo* e *cauda* encontram-se difundidas por toda a região, visto que apareceram em todos os estados. Já a forma *cabo* aparece apenas sete vezes, sendo todas elas no estado da Bahia, formando, assim, uma isoléxica conforme

Figura 9. No ponto 081 (Juazeiro – BA) aparece 01 vez como segunda resposta do informante 1; já no ponto 086 (Jacobina - BA) aparece 02 vezes, sendo 01 vez na resposta do informante 1 e 01 vez no informante 2; no ponto 089 (Seabra - BA), aparece na resposta do informante 3; nos pontos 094 (Valença - BA) e 095 (Jequié - BA) ocorre nas falas dos informantes de número 1; por fim, no ponto 097 (Carinhanha - BA), essa variante foi obtida na resposta da informante 4. As respostas agrupadas em *outras* ocorrem em apenas quatro estados, a saber: Ceará, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Já as ocorrências de *RP* aparecem em sete estados, são eles: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, e Rio Grande do Norte.

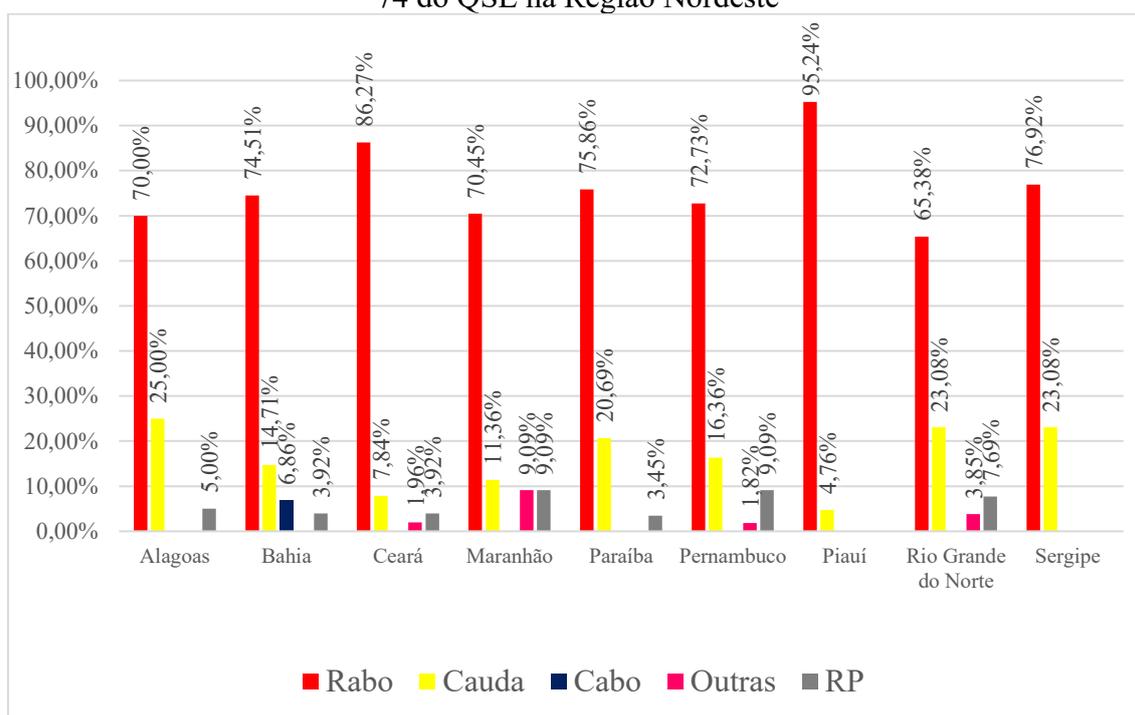
Figura 9 - Arealização da variante *cabo* na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

O Gráfico 27 mostra a produtividade das variantes por estado na Região Nordeste.

Gráfico 27 - – Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Nordeste

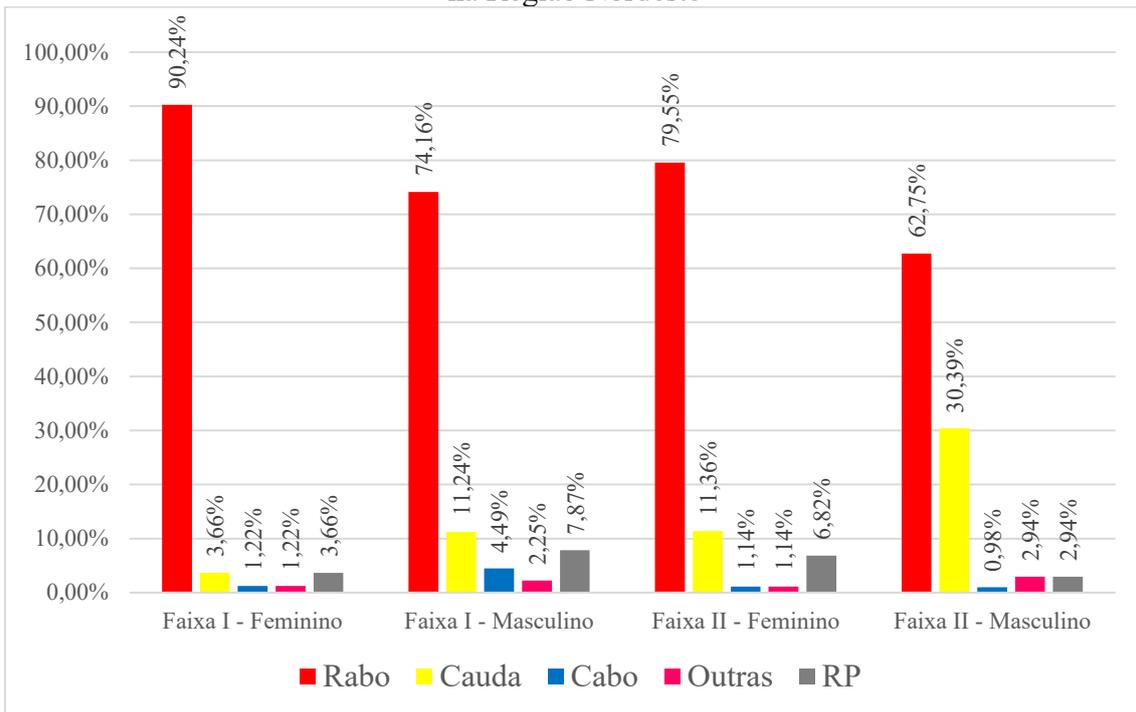


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Como é possível observar no Gráfico 27, no Nordeste, assim como no Norte, a variante mais recorrente é *rabo*, sendo que no Piauí essa variante obteve o maior índice entre todos os estados nordestinos com 95,24% das ocorrências. A segunda variante mais produtiva *cauda* também aparece em todos os estados, porém, em menor número, visto que a maior porcentagem dessa variante ocorre em Alagoas com 25,00% dos registros. Já no Piauí, *cauda* obteve a menor porcentagem de ocorrências, com 4,76%. Como visto anteriormente, *cabo* aparece apenas no estado da Bahia com 6,86% das ocorrências. As variantes agrupadas em *outras* aparecem no Ceará com 1,96%, no Maranhão com 9,09%, em Pernambuco com 1,82% e no Rio Grande do Norte com 3,85% das respostas. Já as respostas prejudicadas (*RP*) aparecem em todos os estados com exceção do Piauí e Sergipe.

O Gráfico 28 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Nordeste.

Gráfico 28 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 28 verifica-se o predomínio da variante *rabo* nas respostas de todos os informantes. No entanto, essa variante é mais recorrente entre os informantes do sexo feminino, sendo 90,24% na faixa etária I e 79,55% na faixa etária II. O maior número da forma *cauda* ocorre entre os homens da faixa etária II com 30,93% dos registros, seguido das mulheres da faixa etária II com 11,36% das ocorrências. Entre os homens da faixa etária I, *cauda* também obteve número expressivo de ocorrências, sendo 11,24%. Já entre as mulheres da faixa etária I essa variante foi pouco recorrente, com apenas 3,66% das respostas. A variante *cabo* é mais utilizada entre os homens da faixa etária I com 4,49% dos registros e menos comum entre os homens da faixa etária II com 0,98% dos dados.

A análise da Região Centro-Oeste começa com a Tabela 16 que mostra a produtividade das variantes nessa região.

Tabela 16 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Centro-Oeste

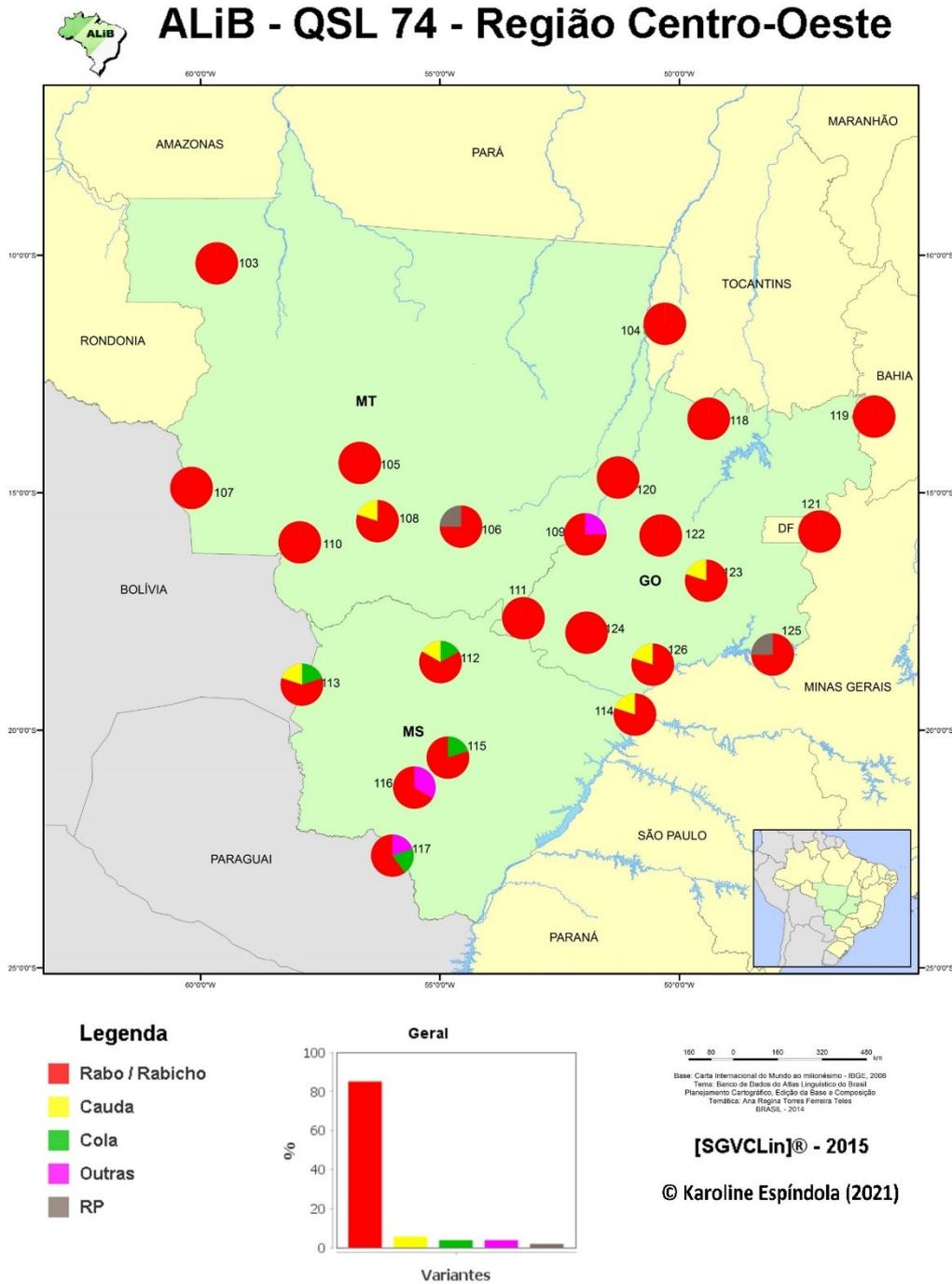
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
RABO	rabo / rabicho	91	85,05%
CAUDA	cauda	6	5,61%

COLA	cola	4	3,74%
OUTRAS	crina / pelo do rabo / trança	4	3,74%
RP	pergunta não formulada	2	1,87%
	Total	107	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 16 mostra a produtividade das variantes produzidas na Região Centro-Oeste. Cinco rótulos englobam as variantes produzidas nas 107 respostas dadas pelos informantes. As variantes *rabo* e *rabicho* ocorrem em 85,05% dos registros. *Cauda* aparece em 5,61% das respostas. Apesar de serem consideradas 5 ou mais respostas para a criação de um rótulo, decidiu-se manter o rótulo *cola* com apenas 4 ocorrências, o que equivale a 3,74%, devido à proximidade com a fala da Região Sul, como será demonstrado adiante. Assim como *cola*, *outras* (*crina / pelo do rabo / trança*) também obteve apenas 4 registros e um percentual de 3,74%. *RP* (*pergunta não formulada*) ocorre em 1,87% dos inquéritos.

Carta 17 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Centro-Oeste

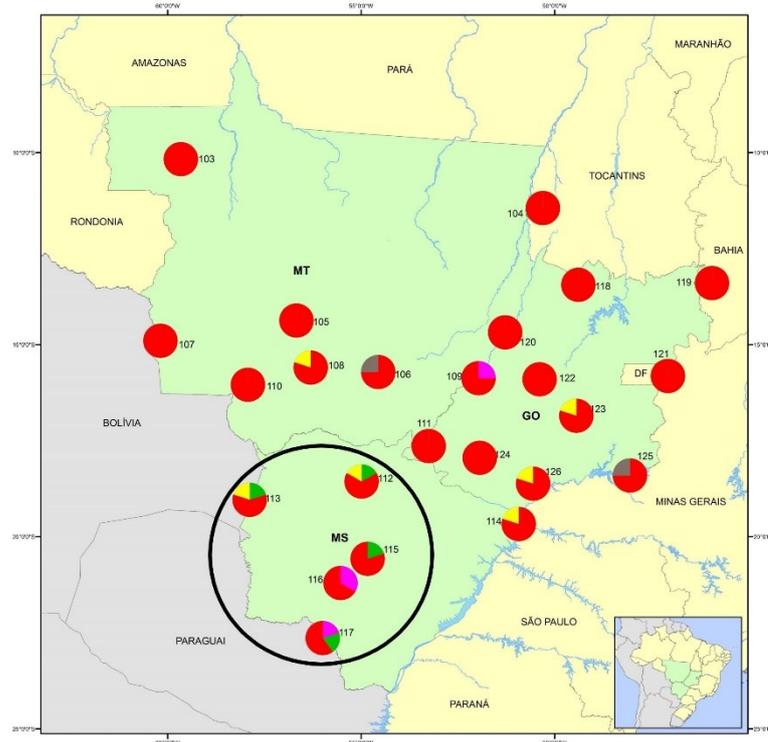


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A Carta 17 mostra, na cor vermelho, o predomínio da variante *rabo* em todo o Centro-Oeste. *Cauda* aparece 02 vezes em Goiás, 03 vezes no Mato Grosso do Sul e 01 vez no Mato Grosso. A variante *cola* aparece apenas no estado do Mato Grosso do Sul,

sendo como duas primeiras respostas nos pontos 113 (Corumbá - MS) e 117 (Ponta Porã - MS) e duas segundas respostas nos pontos 112 (Coxim - MS) e 115 (Campo Grande - MS), formando, assim, uma área de isoléxica conforme ilustra a Figura 10. As variantes agrupadas em *outras* ocorrem em dois dos três estados do Centro-Oeste. São eles: Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. As 02 ocorrências de *RP* aparecem nos pontos 106 (Poxoréu – MT) e 125 (Catalão – GO).

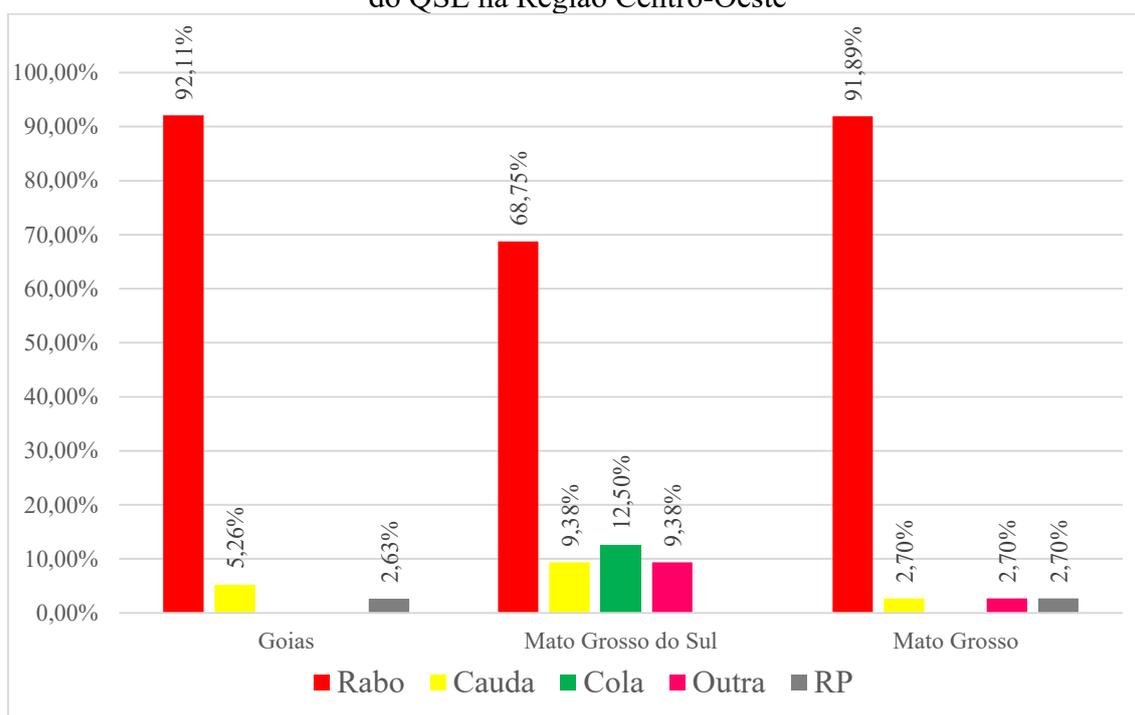
Figura 10 - Arealização da variante *cola* na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A produtividade das variantes em cada estado da Região Centro-Oeste pode ser observada no Gráfico 29.

Gráfico 29 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Centro-Oeste

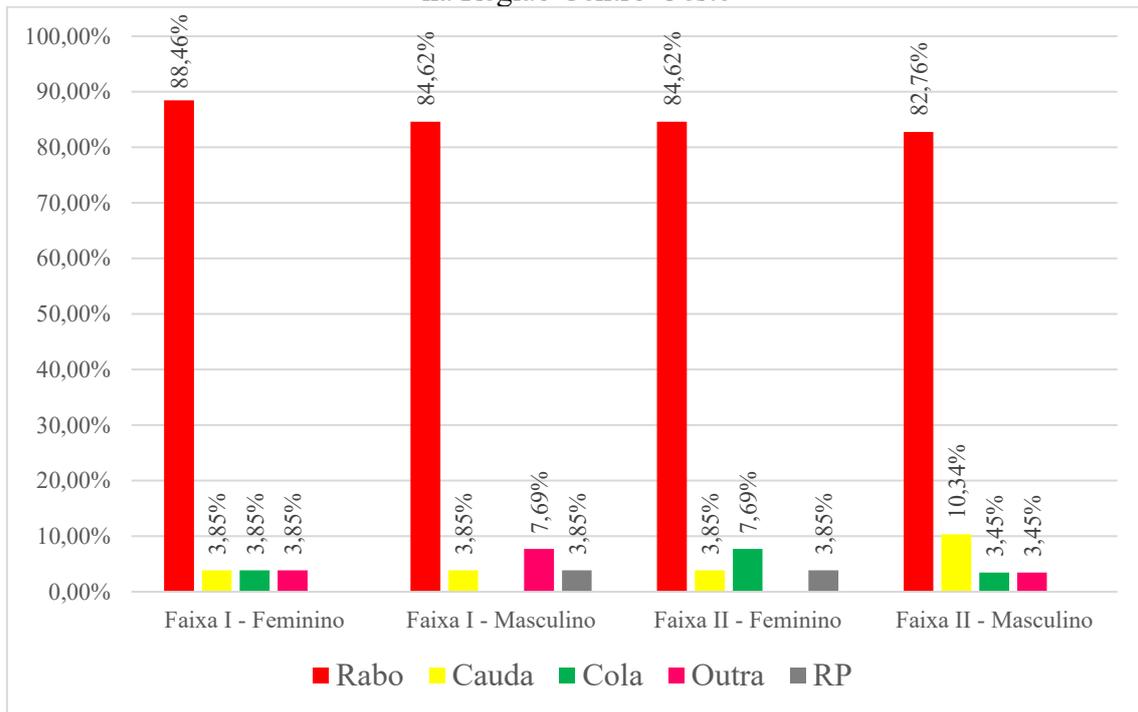


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com o Gráfico 29, em Goiás e no Mato Grosso, *rabo* obteve mais de 90% das respostas, sendo 92,11% e 91,89%, respectivamente. Já no Mato Grosso do Sul essa variante também obteve número significativo de respostas, com índice de 68,75%. A variante *cauda* também aparece em todos os estados, sendo 5,26% dos registros em Goiás, 9,38% no Mato Grosso do Sul e 2,70% no Mato Grosso. *Cola* aparece apenas no Mato Grosso do Sul com 12,50% das respostas, ultrapassando a segunda variante mais produtiva, que foi a resposta *cauda*. Também no Mato Grosso do Sul aparece o maior número de respostas agrupadas no rótulo *outras*, com 9,38% dos registros. Já *RP* aparece apenas em Goiás, com 2,63% dos registros, e no Mato Grosso, com 2,70% das respostas.

A distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste está exposta no Gráfico 30.

Gráfico 30 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A produtividade das variantes por faixa etária e sexo, detalhada no Gráfico 30, mostra o predomínio da variante *rabo* entre os informantes, seguindo, assim, o padrão das outras regiões do país. Dessa forma, na faixa etária I, *rabo* obteve 88,46% das respostas entre as mulheres e 84,62% entre os homens. Já entre os informantes da faixa etária II, essa variante obteve 84,62% das respostas entre as mulheres e 82,76% entre os homens. *Cauda* aparece em números semelhantes entre as faixas etárias e os sexos, com exceção dos homens da faixa etária II que produziram essa variante em 10,34% das suas respostas. A maior ocorrência de *cola* ocorre entre as mulheres da faixa etária II, com 7,69% dos registros. Entre as mulheres da faixa etária I e os homens da faixa etária II, essa variante obteve quase o mesmo número de ocorrências, a saber, 3,85% e 3,45%, respectivamente. Já entre os informantes do sexo masculino, da faixa etária I, essa variante não foi produzida nenhuma vez. As variantes agrupadas em *outras* foram mais recorrentes entre os homens da faixa etária I, com 7,69%. Entre as mulheres da faixa etária II, *outras* não aparece em nenhuma entrevista. O mesmo número de *RP* foi registrado para o sexo masculino da faixa etária I e para o sexo feminino da faixa etária II, ambos com 3,85% de registros.

Finalizada a análise da Região Centro-Oeste, a seguir será feita a análise das variantes na Região Sudeste.

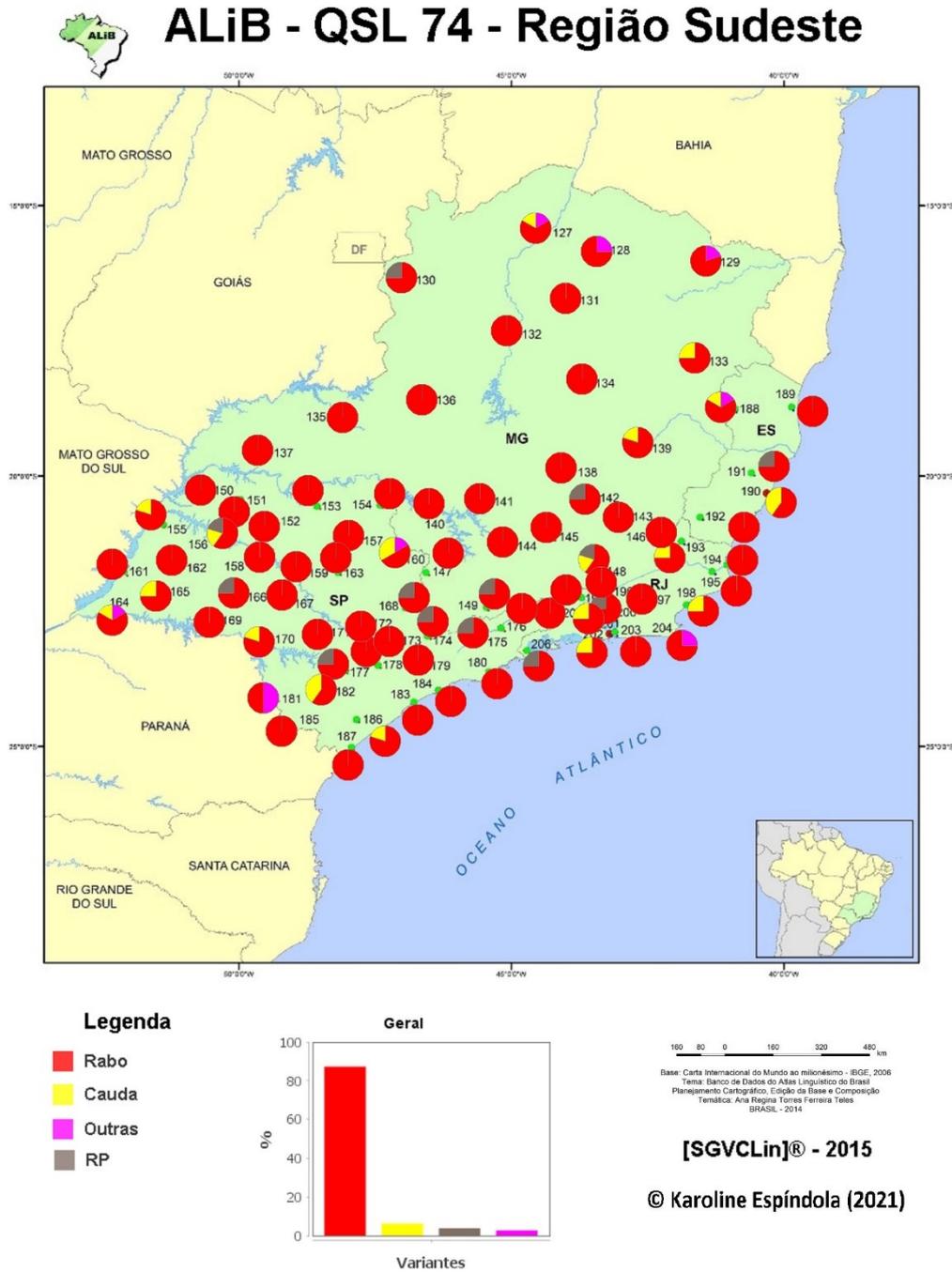
Tabela 17 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sudeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
RABO	rabo	294	87,24%
CAUDA	cauda	21	6,23%
OUTRAS	cabelo / cabo / clina / cola / cotoco / crina	9	2,67%
RP	áudio incompleto / não obtida / não soube / pergunta não formulada	13	3,86%
	Total	337	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com a Tabela 17, na região Sudeste foram registrados quatro rótulos, incluindo o rótulo *outras* e *RP*, para as 337 respostas obtidas para a questão 74 do QSL. O item lexical *rabo* predomina com 87,24% das ocorrências. *Cauda* aparece em 6,23% dos inquéritos. As variantes *cabelo*, *cabo*, *clina*, *cola*, *cotoco* e *crina*, agrupadas em *outras*, correspondem a 2,67% dos dados totais. Já *RP* (*áudio incompleto / não obtida / não soube / pergunta não formulada*) ocorre em 3,86% das entrevistas.

Carta 18 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sudeste



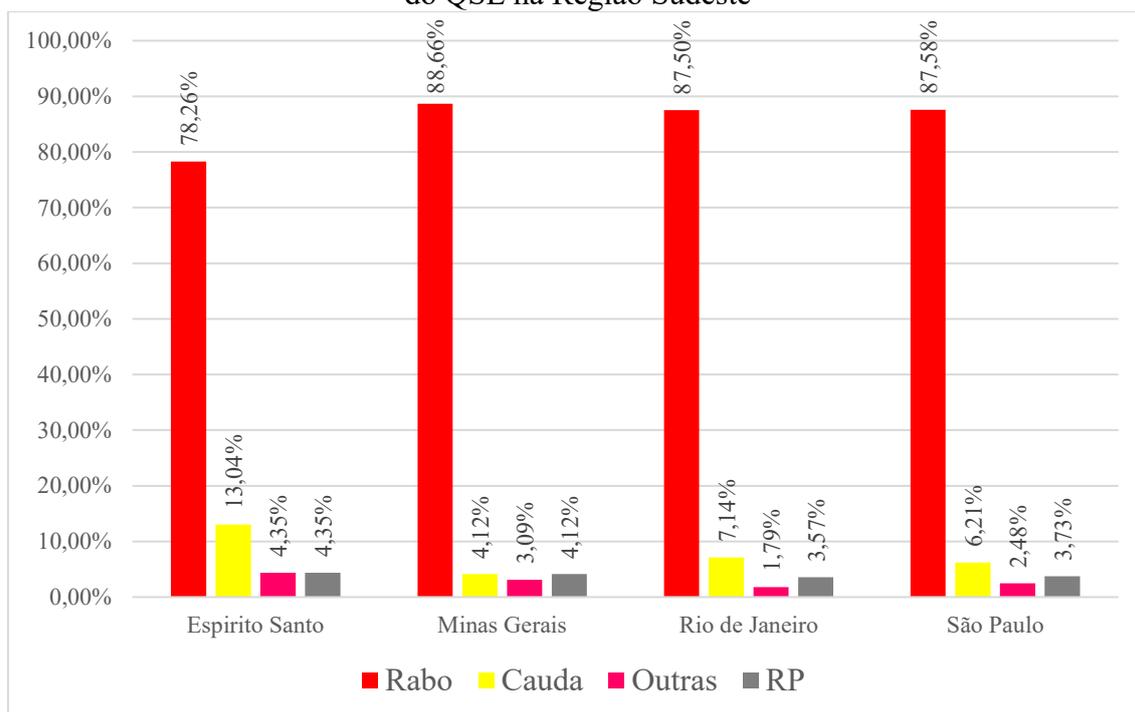
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 18 fica nítido o predomínio da variante *rabo* por toda a Região Sudeste. Apesar de aparecer em menor número, *cauda* foi registrada em todos os estados da região, aparecendo 03 vezes no Espírito Santo, 04 em Minas Gerais e no Rio de Janeiro

e 10 em São Paulo. O rótulo *outras*, por sua vez, aparece 04 vezes em São Paulo, 03 em Minas Gerais e apenas 01 única vez no Rio de Janeiro e no Espírito Santo. As respostas prejudicadas *RP* ocorrem em 06 inquéritos de São Paulo, 04 de Minas Gerais, 02 no Rio de Janeiro e 01 no Espírito Santo.

O Gráfico 31 traz com mais detalhes a produtividade das variantes por estado na Região Sudeste.

Gráfico 31 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Sudeste

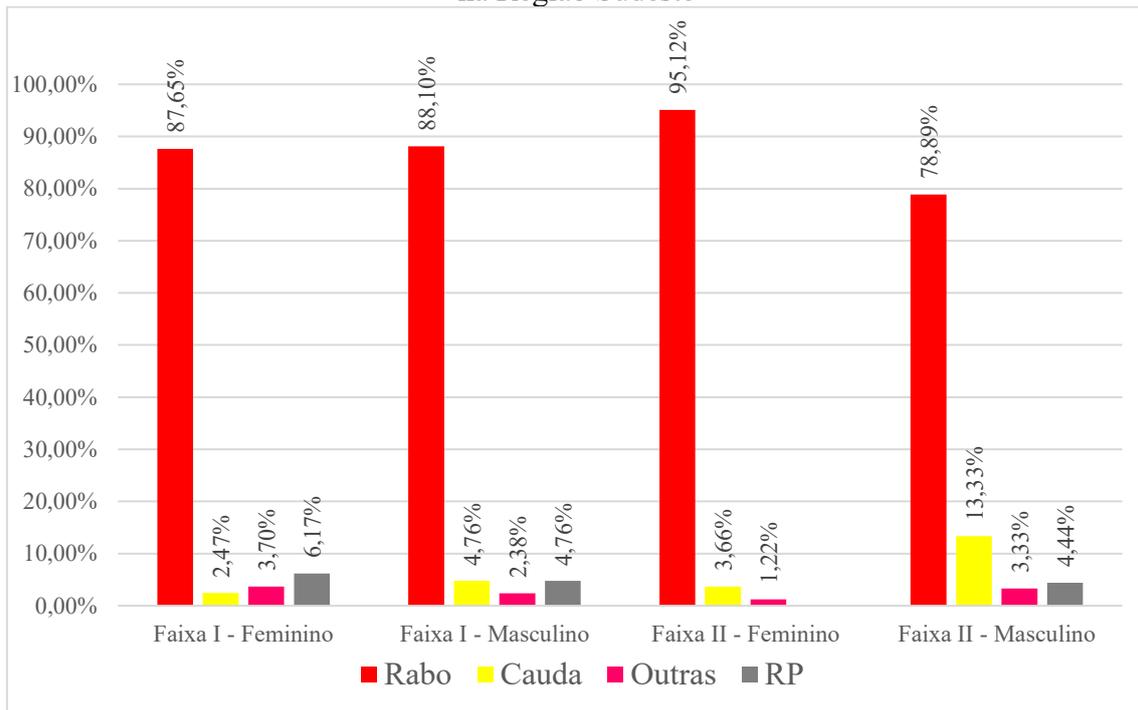


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 31, nota-se que a variante *rabo* obteve o maior número de respostas em todos os estados da Região Sudeste, sendo 78,26% no Espírito Santo, 88,66% em Minas Gerais, 87,50% no Rio de Janeiro e 87,58% em São Paulo. *Cauda*, por sua vez, obteve 13,04% das respostas no Espírito Santo, 4,12% em Minas Gerais, 7,14% no Rio de Janeiro e 6,21% em São Paulo. *Outras* e *RP* não possuem diferenças significativas entre os estados analisados.

Para finalizar a análise da Região Sudeste, o Gráfico 32 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo.

Gráfico 32 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 32 mostra que *rabo* predomina entre as duas faixas etárias e sexos dos informantes, já que essa variante aparece em 87,65% das respostas entre as mulheres e 88,10% entre os homens da faixa etária I, e 95,12% entre as mulheres e 78,89% entre os homens da faixa etária II. A variante *cauda* continua sendo a mais recorrente entre os homens da faixa etária II com 13,33% das respostas, enquanto que entre as mulheres da mesma faixa etária essa variante obteve apenas 3,66% das respostas. Já entre a faixa etária I, *cauda* obteve 2,47% dos dados entre as mulheres e 4,76% entre os homens. *Outras* obtiveram número semelhante entre as faixas etárias e sexos. Já *RP* não ocorre entre as mulheres da faixa etária II e foi mais recorrente na fala das mulheres da faixa etária I, com 6,17% dos registros.

Para finalizar a análise da questão 74 por região, a Tabela 18 traz a produtividade das variantes na Região Sul.

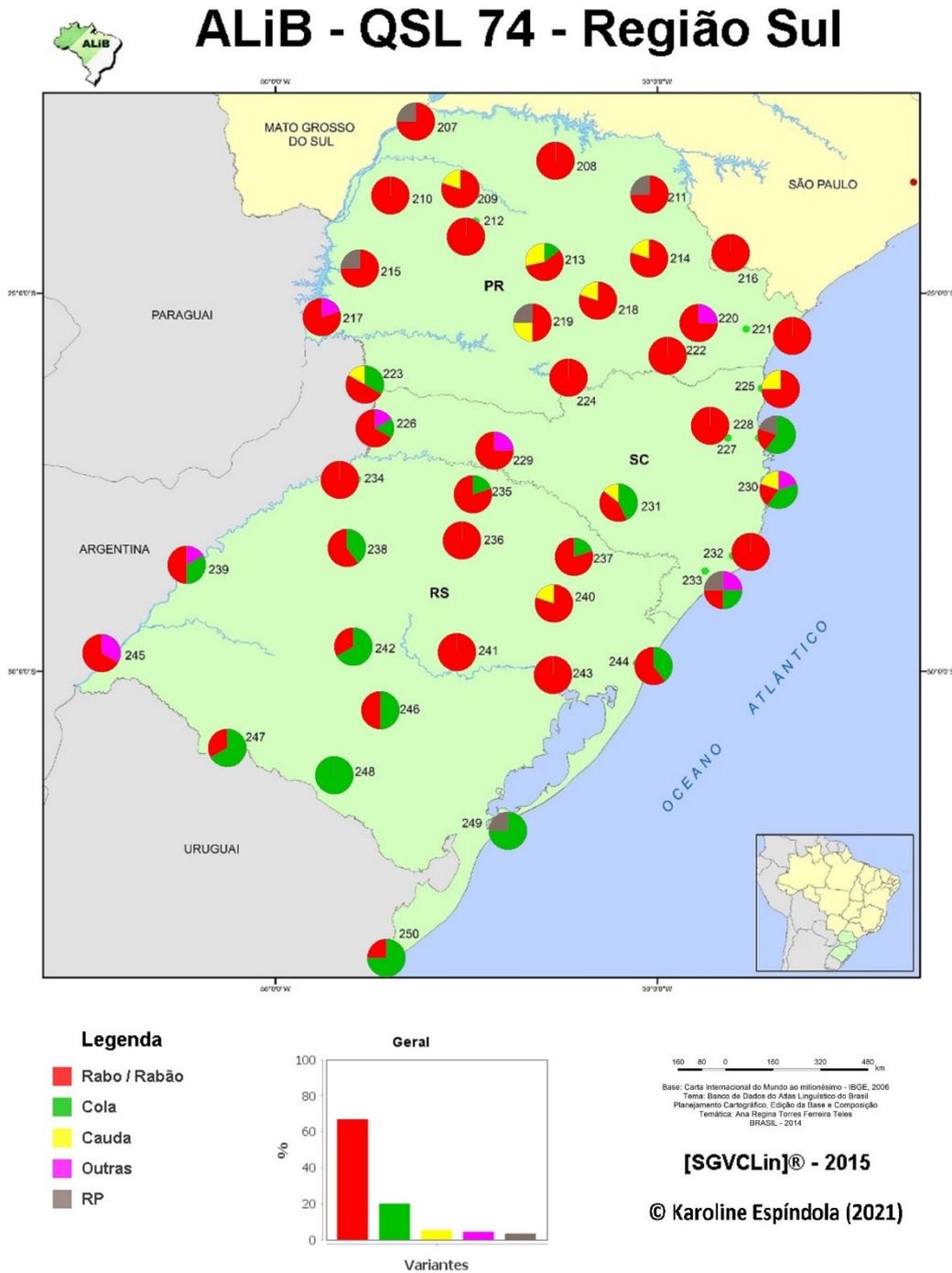
Tabela 18 - Produtividade das variantes para a questão 74 do QSL na Região Sul

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
RABO	rabo / rabão	137	66,83%
COLA	cola	41	20,00%
CAUDA	cauda	11	5,37%

OUTRAS	cabelo / clina / clina do rabo / crina / crina do rabo	9	4,39%
RP	não soube / pergunta não formulada	7	3,41%
	Total	205	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 18 mostra a produtividade das variantes na Região Sul. As 205 respostas registradas para a pergunta sobre *o cabelo comprido na traseira do cavalo* foram agrupadas em cinco rótulos. As variantes *rabo* e *rabão* aparecem em 66,83% dos registros, ficando em primeiro lugar entre as variantes, assim como aconteceu nas outras regiões do Brasil. A variante *cola*, que apresentou poucas ocorrências nas regiões Centro-Oeste e Sudeste e não foi registrada no Norte e no Nordeste, aparece em 20,00% dos registros, mostrando que é uma variante típica do Sul. *Cauda* obteve 5,37% das respostas. As respostas *cabelo*, *clina*, *clina do rabo*, *crina* e *crina do rabo* foram agrupadas em *outras*, somando 4,39% dos registros. *RP* (*não soube / pergunta não formulada*) obteve 3,41% das respostas.

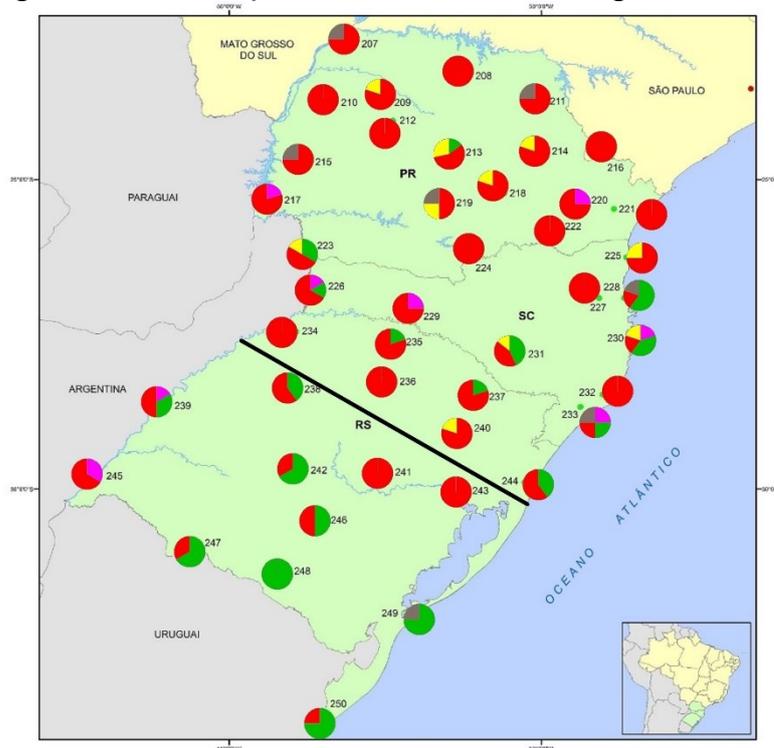


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A Carta 19 mostra que todos os rótulos foram encontrados nos três estados do Sul. Porém, é importante notar que a variante *cola* predomina no estado do Rio Grande do Sul, e em parte de Santa Catarina, onde *cola* aparece 10 vezes, e no Paraná, onde aparece

em apenas 3 registros, como primeira resposta dos informantes 1 e 4 localizados no ponto 223 (Barracão – PR) e como segunda resposta do informante 4 no ponto 213 (Cândido de Abreu – PR). Por ser mais recorrente no Rio Grande do Sul, confirmando o que já foi apontado pela carta 078 de ALERS (2011, v. 2, p. 235), *cola*¹⁰ talvez seja uma influência do contato com o espanhol falado no Uruguai e Argentina, visto que, segundo Ilari e Basso (2009, p. 137) “os vários dialetos do espanhol foram uma fonte importante de empréstimos desde o português antigo [...]”. Já a variante *cauda* ocorre apenas 01 vez no Rio Grande do Sul, como segunda resposta do informante 4 no ponto 240 (Flores da Cunha – RS). Em Santa Catarina, *cauda* aparece em 03 respostas, sendo 02 delas como primeiras respostas dos informantes 2 nos pontos 225 (São Francisco do Sul – SC) e 230 (Florianópolis – SC) e 01 como segunda resposta do informante 1 no ponto 231 (Lages – SC). Assim, o predomínio de *cauda* ocorre no estado do Paraná com 7 registros, mostrando maior semelhança lexical com a Região Sudeste do país. Dessa forma, é possível traçar uma isoléxica delimitando a variante *cauda*, em amarelo, na Figura 11.

Figura 11 - Arealização da variante *cauda* na Região Sul

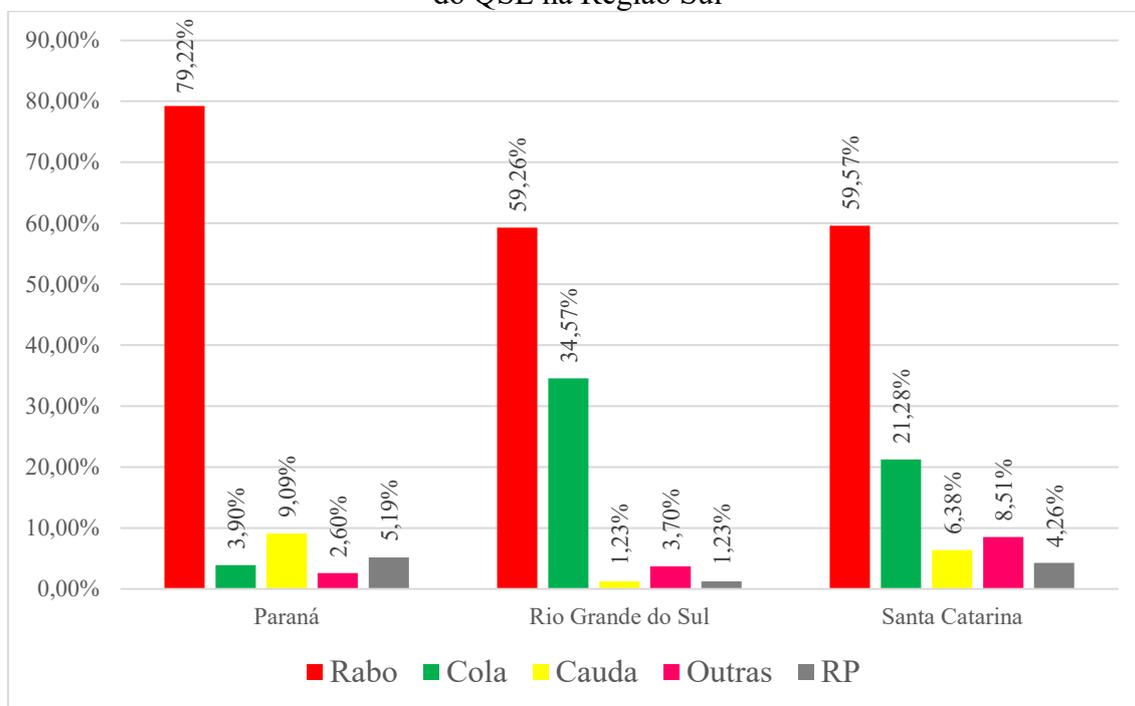


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin[®]

¹⁰ *Rabo* em tradução para o espanhol é *cola*.

O detalhamento da produtividade das variantes por estado na Região Sul pode ser observado no Gráfico 33.

Gráfico 33 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 74 do QSL na Região Sul

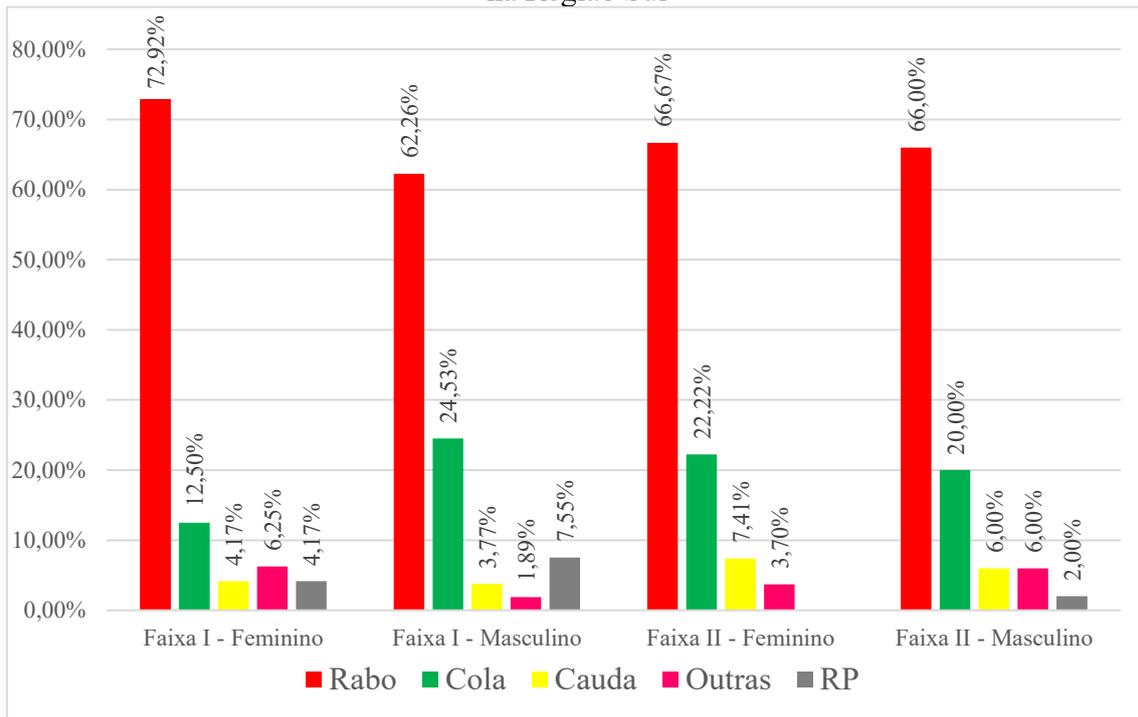


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 33, a variante *rabo* predomina nos três estados que compõem a Região Sul do país, sendo 79,22% das ocorrências no Paraná, 59,26% no Rio Grande do Sul e 59,57% em Santa Catarina. Já a segunda variante mais produtiva, *cola* é mais recorrente no Rio Grande do Sul com 34,57% dos registros. Na sequência, Santa Catarina registrou 21,28% das respostas e no Paraná apenas 3,90% das ocorrências. No Paraná, a variante *cauda* obteve 9,09% de respostas, sendo superada pela forma *rabo*. Em Santa Catarina essa variante obteve 6,38% dos registros e no Rio Grande do Sul ocorre em somente 1,23% das respostas. O maior número das variantes agrupadas em *outras* ocorre em Santa Catarina, com 8,51% dos registros. Já *RP* aparece mais vezes no Paraná, com 5,19% dos dados.

O Gráfico 34 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Sul, finalizando, assim, a análise dessa região do país.

Gráfico 34 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul

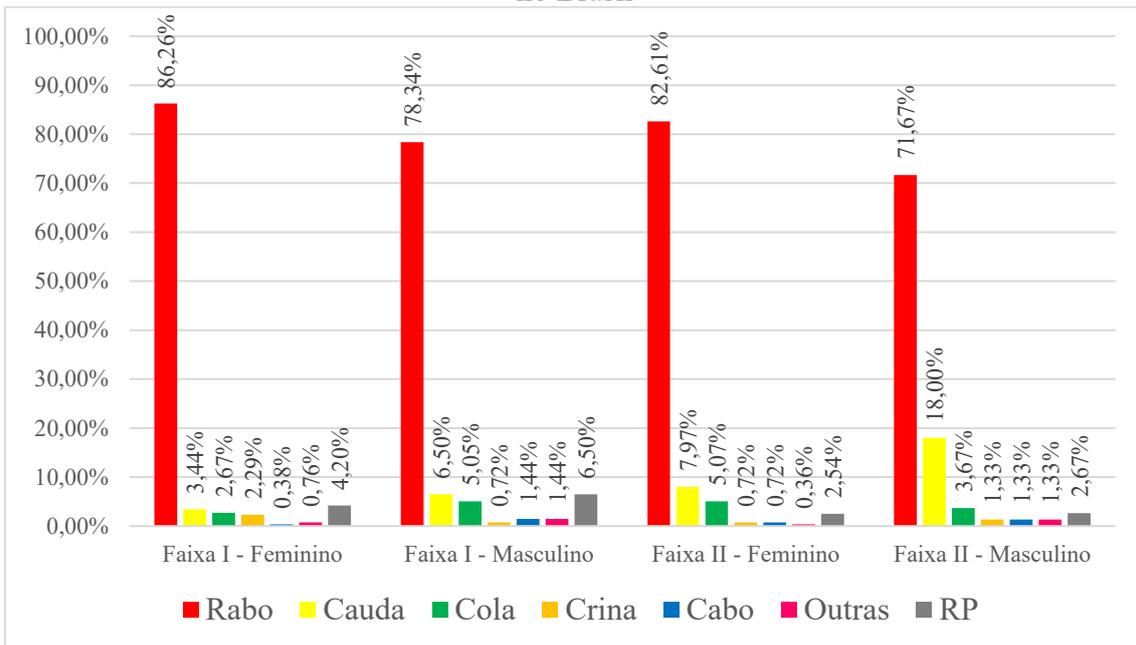


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 34 observa-se que a variante *rabo* aparece em 72,92% das respostas do sexo feminino da faixa etária I e 62,26% das respostas do sexo masculino também da faixa etária I. Entre os informantes da faixa etária II, o número é quase o mesmo, sendo 66,67% entre as mulheres e 66,00% entre os homens. *Cola* é mais recorrente entre os homens da faixa etária I com 24,53% dos registros. Entre as mulheres jovens, *cola* aparece em 12,50% das respostas. Entre os informantes da faixa etária II, essa variante aparece em 22,22% das respostas entre as mulheres e 20,00% entre os homens. *Cauda* é mais recorrente entre a faixa etária II, sendo 7,41% entre as mulheres e 6,00% entre os homens. As variantes agrupadas em *outras* obtiveram os maiores índices entre as mulheres da faixa etária I e os homens da faixa etária II, sendo 6,25% e 6,00%, respectivamente. Já as respostas prejudicadas (*RP*) foram mais recorrentes entre os homens da faixa etária I, com 7,55% dos registros. Entre as respostas das mulheres da faixa etária II, *RP* não aparece nenhuma vez.

O Gráfico 35 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo em todo o território brasileiro.

Gráfico 35 - Distribuição das variantes para a questão 74 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

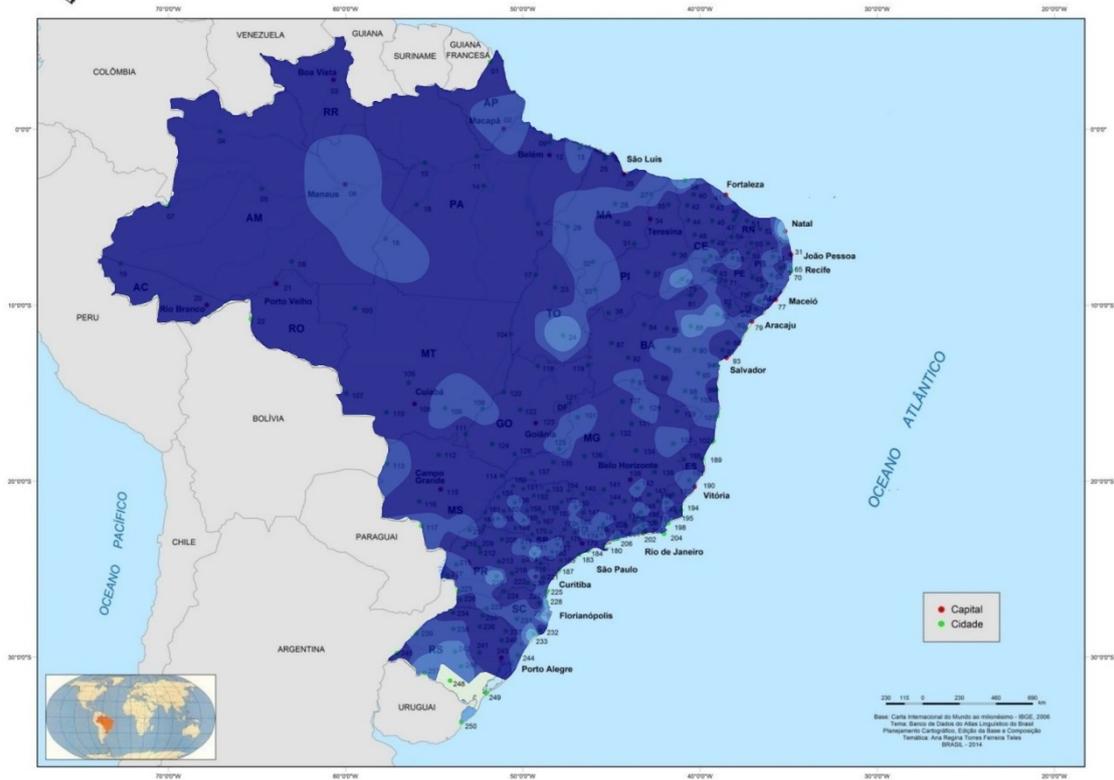
O Gráfico 35 demonstra que a variante *rabo* predomina nas respostas de todos os informantes. *Cauda*, por sua vez, é mais recorrente entre os homens da faixa etária II, com 18,00% das respostas, e menos recorrente entre as mulheres da faixa etária I, com 3,44% dos registros. Nas respostas das informantes mulheres da faixa etária II, *cola* apresenta maior índice de ocorrências, com 5,07%, seguido dos informantes masculinos da faixa etária I, com 5,05% de registros. *RP*, diferente do que foi observado nas questões anteriores desse estudo, aparece mais vezes nos dados dos informantes da faixa etária I, sexo masculino, com 6,50% das respostas. As demais variantes não possuem diferenças significativas entre faixas etárias e sexos.

Observa-se na Carta 20 a arealidade gradual de *rabo*.

Carta 20 - Arealidade Gradual de *rabo* no Brasil



ALiB - QSL 74 - Arealidade Gradual de Rabo



Legenda

- Rabo / Rabinho / Rabicho / Rabão**
- 100% (4)
 - 75% (3)
 - 50% (2)
 - 25% (1)
 - 0% (0)



[SGVCLin][®] - 2015

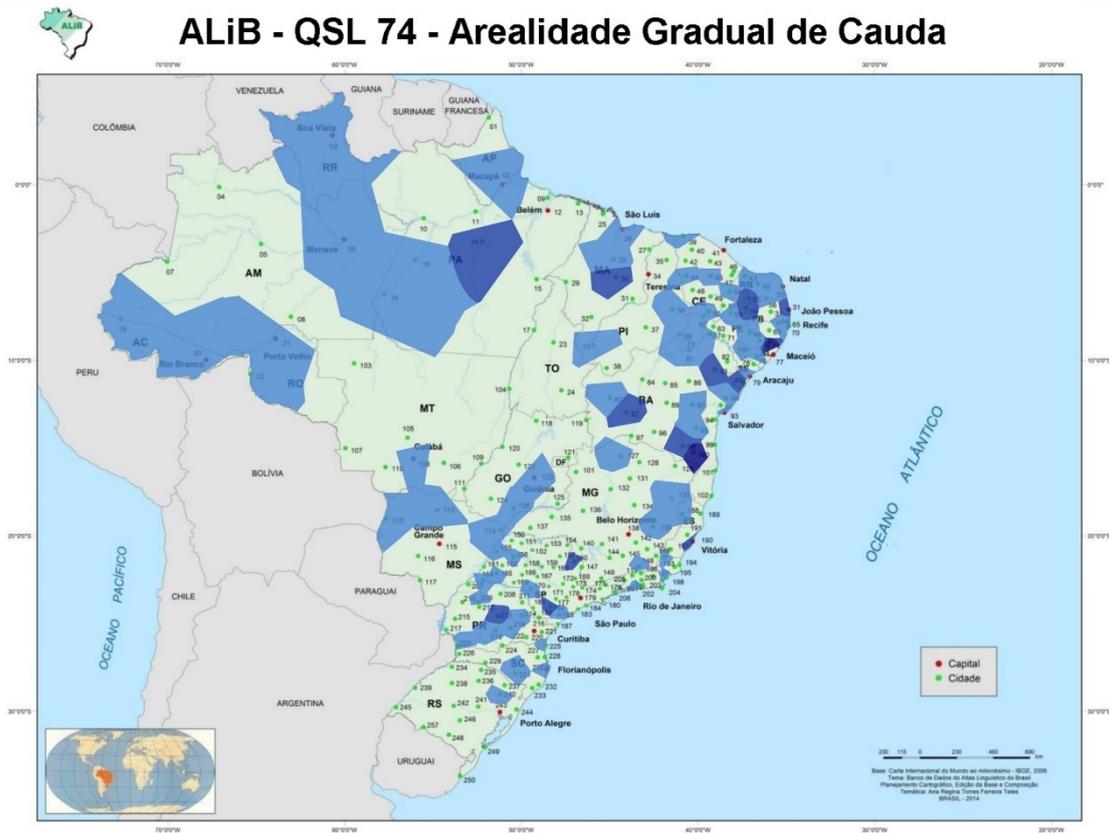
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin[®]

Como já detalhado anteriormente, *rabo* predomina nas respostas dos informantes por todo o país, sendo bastante recorrente nos pontos 023 (Pedro Afonso – TO), 071 (Floresta – PE), 121 (Formosa – GO), 144 (Lavras – MG), 216 (Adrianópolis – PR) etc. Por outro lado, em apenas 2 localidades, *rabo* não aparece nenhuma vez, são elas: ponto 248 (Bagé – RS) e 249 (São José do Norte – RS).

A Carta 21 mostra a arealidade gradual da variante *cauda*.

Carta 21 - Arealidade Gradual de *cauda* no Brasil



Legenda

- Cauda / Cauna**
- 100% (3)**
 - 66% (2)**
 - 33% (1)**
 - 0% (0)**

160 80 0 160 320 480 km
 Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Lingüístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico: Edição da Base e Concepção
 Temática: Ana Regina Torres Fereira Teles
 BRASIL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

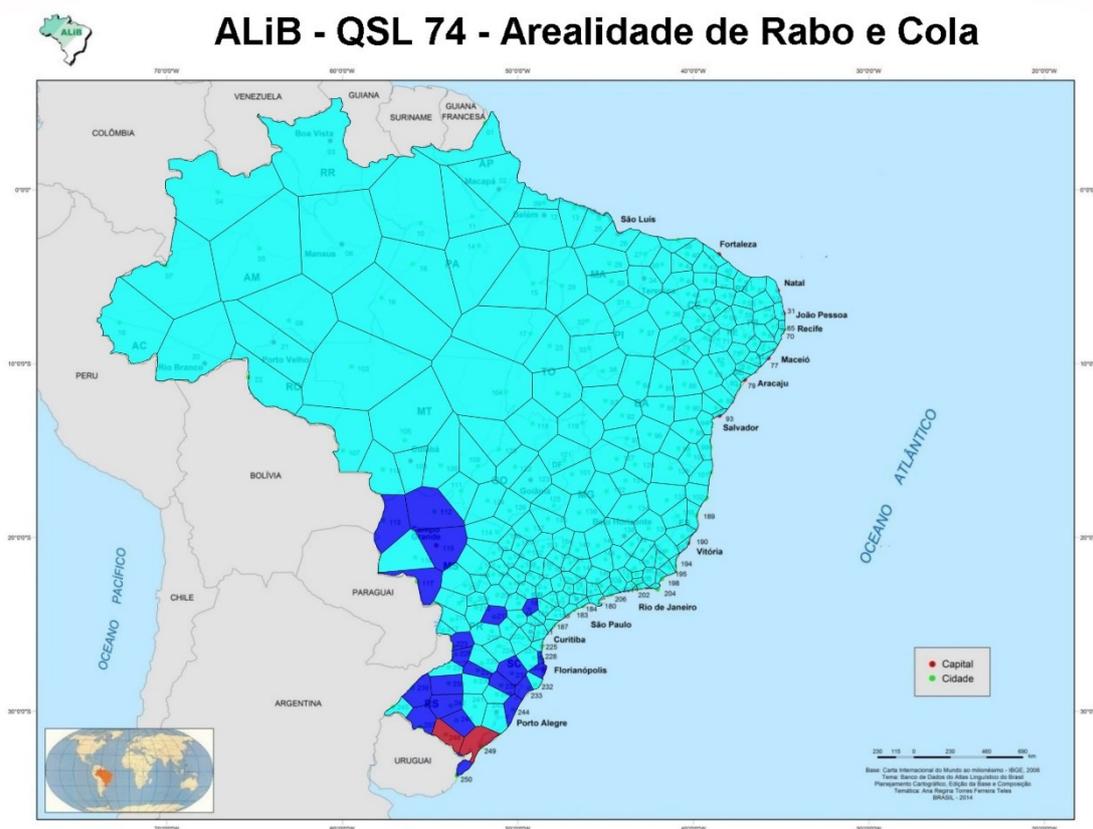
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Apesar de ser a segunda variante mais recorrente no Brasil, *cauda* não aparece nenhuma vez em muitas localidades. Mesmo nos pontos em que essa variante foi produtiva, ela não aparece na resposta dos quatro informantes de cada ponto, como é o caso dos pontos 074 (União dos Palmares – AL) e 100 (Itapetinga – BA), nos quais *cauda* aparece nas respostas de três dos quatro informantes.

Por meio da Carta 22 observa-se a arealidade de *rabo* e *cola* no Brasil.

Carta 22 - Arealidade de *rabo* e *cola* no Brasil



Legenda

- Cola, Rabo / Rabinho / Rabicho / Rabão
- Cola
- Rabo / Rabinho / Rabicho / Rabão

160 80 0 80 160 240 320 400 km
 Base: Carta Internacional do Mundo ao milonétrico - IDGE, 2006
 Tema: Sincro do Banco de Alíeis Linguísticas do Brasil
 Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
 Temática: Ana Regina Torres Feres Tates
 BRASUL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

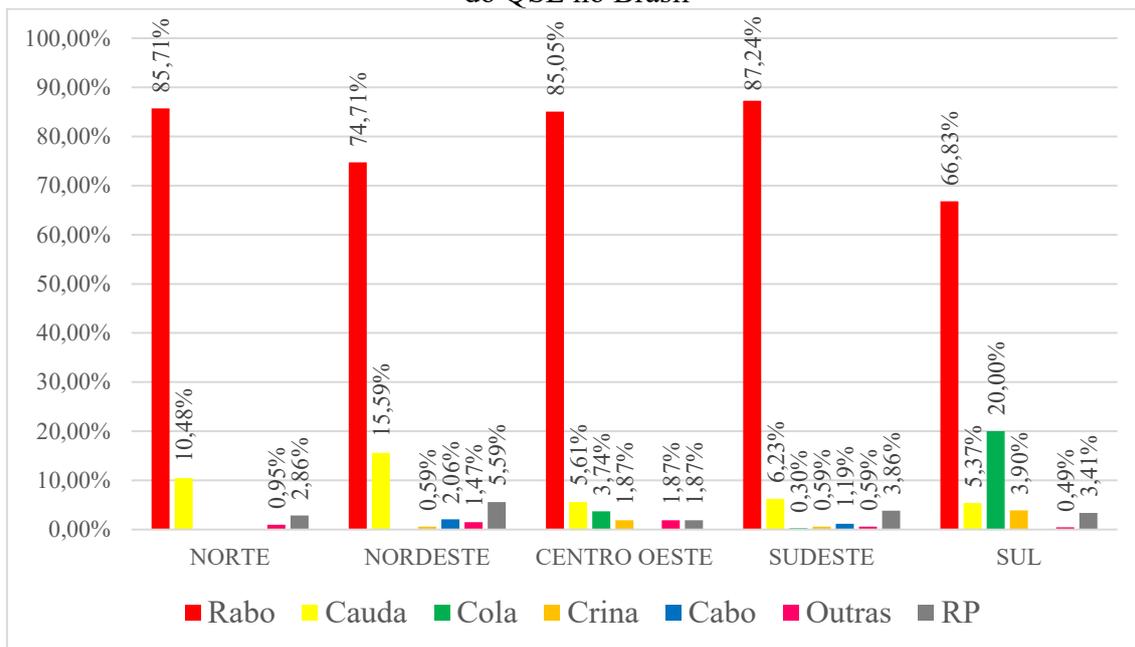
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Rabo aparece no mapa na cor azul claro, *cola* aparece na cor vinho e a junção de *rabo* e *cola* aparece em azul escuro. Como já visto na carta de arealidade gradual de *rabo*, essa variante predomina por todo o país. Já a variante *cola* é mais recorrente na Região Sul. Ao juntar as duas variantes em uma mesma carta nota-se em quais pontos elas coexistem. São eles: 113 (Corumbá – MS), 181 (Itararé – SP), 247 (Santana do Livramento – RS), entre outros.

O Gráfico 36 traz o detalhamento da produtividade das variantes em cada região do Brasil.

Gráfico 36 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 74 do QSL no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 36 observa-se o predomínio da variante *rabo* em todas as regiões do país. Enquanto no Nordeste *cauda* aparece como segunda variante mais produtiva, com 15,59% das ocorrências, no Sul, a segunda variante mais recorrente é *cola*, com 20,00% dos registros. O maior número de respostas prejudicadas (*RP*) ocorre no Nordeste, com 5,59% dos dados. As demais variantes não possuem dados significativos para análise.

Após as análises da questão 74 do QSL, observa-se que as variantes mais produtivas são *rabo* e *cauda*. A resposta esperada *crina do rabo* obteve poucos registros em todo o Brasil, evidenciando-se, por outro lado, a alta produtividade da forma *rabo* para designar *o cabelo comprido na traseira do cavalo*. Entretanto, essa variante foi vista de maneira estigmatizada por alguns informantes, como mostra a fala do informante¹¹ abaixo:

INF. – Rabo.
 INQ. – Humrum.
 INF. – Rabo, a cauda, né?
 INQ. – Hum... cauda também? [...] E ca... cauda usa ainda hoje em dia ou todo mundo num conhece muito?
 INF. – Usa, às vei, usa o rabo rapidi, aí depois fala a cauda do cavalo.
 INQ. – Hum. Certo.
 INF. – Mas de respei... mais uma de respeito, né? Fala o rabo, aí ninguém pode...

¹¹ Informante 3 do ponto 056 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Cuité/PB).

AUX – Ah, tá.

INF. – Às vei, tem duas pessoal mais vei. Aqui, é aquela tradição. Aí, dissé o rabo, aí... aí tem que falá a cauda do cavalo, que é pa respeitá.

Por ter esse estigma em relação à variante *rabo*, muitos informantes da faixa etária II acabam optando pela forma *cauda*, pois consideram uma maneira mais respeitosa de falar, principalmente com as pessoas mais velhas.

Além desse estigma, os informantes da faixa etária II atribuem à variante *cauda* uma conotação mais atual, conforme fala da informante¹² abaixo:

INF.- O rabo. Chama cauda. Antigamente era rabo, agora é as cauda, né?
Tudo tá mais moderno. (risos)

E também o informante¹³:

INF.- Rabo.
INQ.- Pode dizer de outro jeito?
INF.- Não, isso é mais é a cauda. Esses fazendêro hoje não quer chamar o rabo, chama mais a cauda do animal.

Porém, conforme os dados analisados nesse estudo, constata-se que entre os informantes da faixa etária I, mais jovens, esse estigma não ocorre, visto que a variante *rabo* predomina entre os informantes dessa faixa etária.

¹² Informante 4 do ponto 036 (Mulher, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Picos/PI).

¹³ Informante 3 do ponto 095 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Jequié/BA).

4.4 Variantes da questão 75 no Brasil: lombo do cavalo

A questão 75 do QSL busca documentar as respostas para a pergunta sobre *a parte do cavalo onde vai a sela*. As 1129 respostas obtidas em todos os pontos do *corpus* foram agrupadas em 11 rótulos, além das respostas prejudicadas, agrupadas em *RP*. Para o agrupamento, foram considerados os seguintes critérios:

- Formas que apresentam alterações fonológicas: *lombo* > *longo*; *espinhaço* > *ispinhaço*; *dorso* > *torso*;
- Substantivo seguido de adjetivo ou locução adjetiva: *dorso* > *dorso lombar*; *espinha* > *espinha do cavalo*;
- Formas que apresentam flexão de número: *costa* > *costas*;
- Formas que apresentam diminutivo: *corpo* > *corpinho*;
- Rótulo isolado com cinco ou mais ocorrências: *meio*, *barriga*, *costela*, *coluna* e *anca*;
- Variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*: *assento*, *cadeira* e *cintura* etc.

Tabela 19 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL no Brasil

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
LOMBO	lombo / longo	557	49,34%
COSTAS	costa(s)	298	26,40%
ESPINHAÇO	espinhaço / <i>ispinhaço</i> / <i>espinha do cavalo</i>	65	5,76%
MEIO	meio	17	1,51%
BARRIGA	barriga	24	2,13%
COSTELA	costela	20	1,77%
COLUNA	coluna	11	0,97%
CORPO	corpo / corpinho	11	0,97%
DORSO	dorso / dorso lombar / torso	10	0,89%
ANCA	anca	6	0,53%
OUTRAS	assento / bucho / cacunda / cadeira / cangote / central / cintura / colo / <i>em cima</i> / <i>em pelo</i> / garupa / <i>istrivu</i> / montaria / ombro / pá / paleta / <i>parte de cima</i> / popa / quadril / quarto(s) / sela / <i>suador do cavalo</i> / tombo / traseira / tronco / vazio	43	3,81%

RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	67	5,93%
Total		1129	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 19 traz em números absolutos e percentuais a produtividade para designar *a parte do cavalo onde vai a sela* em todas as regiões do Brasil. A resposta mais recorrente foi *lombo / longo* com 49,34% das ocorrências. A segunda variante mais produtiva foi *costa(s)* com 26,40% dos registros. Na sequência aparece *espinhaço / ispinhaço / espinha do cavalo* em 5,76% das respostas. *Meio, barriga e costela* possuem número semelhante de ocorrências, com 1,51%, 2,13% e 1,77%, respectivamente. Já *coluna e corpo / corpinho* possuem, ambas, 0,97% das ocorrências. Na sequência, *dorso / dorso lombar / torso* aparecem com 0,89% dos registros e *anca* com 0,53% das respostas. O rótulo *outras* e as variantes a ele agrupadas (*assento / bucho / cacunda / cadeira / cangote / central / cintura / colo / em cima / em pelo / garupa / istrivu / montaria / ombro / pá / paleta / parte de cima / popa / quadril / quarto(s) / sela / suador do cavalo / tombo / traseira / tronco / vazio*) aparecem em 3,81% das ocorrências. Em relação a RP (*áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada*), 5,93% foi o número de registros.

Para entender melhor o uso que os falantes fazem das variantes foi feita a consulta aos três dicionários utilizados como referência nesse trabalho, são eles: Aulete, Michaelis e Priberam.

A variante *lombo* aparece em Aulete como “costas, dorso” e “parte carnosa muito tenra que fica entre a espinha dorsal e as costelas, tanto de um lado quanto do outro, da rês (lombo de boi)”. No Michaelis consta como “ANAT, COLOQ Região situada de cada um dos lados da coluna vertebral; a região posterior do abdome, entre a costela e a crista ilíaca” e “POR EXT, COLOQ Região dorsal; costas”. No Priberam significa “carne pegada à espinha dorsal, na altura das costelas” e “costas, dorso; lombada, lomba”.

Costas consta em Aulete como “parte de trás do tronco humano; COSTADO”. No Michaelis possui significado semelhante: “parte posterior do tronco humano; dorso”. No Priberam aparece como “parte exterior do corpo desde o pescoço até à região lombar. = DORSO” e “dorso do animal. = LOMBO” e ainda “parte traseira”.

Espinhaço, por sua vez, aparece em Aulete como “espinha grande”; “Pop. Coluna vertebral; ESPINHA”; e “Pop. A parte superior e posterior do corpo humano; ESPÁDUAS; COSTAS”. No Michaelis, significa “COLOQ Espinha dorsal ou coluna vertebral” e “COLOQ Nos vertebrados, parte posterior do corpo, onde se encontram as vértebras; costas, dorso”. Já no Priberam essa variante aparece como “série de ossos articulados ao longo do corpo dos animais. = COSTAS” e “[Popular] Série de vértebras articuladas ao longo do corpo dos animais. = COLUNA VERTEBRAL, ESPINHA DORSAL”.

Já a variante *barriga* significa, em Aulete, “nos animais vertebrados, região do corpo que contém a maior parte das vísceras; ABDOME; VENTRE” e “parte correspondente ao abdome, oposta ao dorso, nos animais; ABDOME; ABDÔMEM”. No dicionário Michaelis consta como “cavidade abdominal do homem e dos animais, que contém o estômago e os intestinos” e no Priberam “cavidade abdominal. = ABDOME, VENTRE”. Apesar de essas acepções não possuírem significado semântico com *a parte do cavalo onde vai a sela*, obteve produtividade relativamente alta e, dessa forma, é considerada como um rótulo isolado. *Bucho*, por sua vez, aparece em Aulete e no Michaelis como “o estômago dos animais mamíferos e dos peixes”. No Priberam significa “estômago dos peixes e dos quadrúpedes” e “[Informal] Estômago do ser humano. = BARRIGA”.

Em Aulete, *costela* consta como “cada um dos ossos (12 pares) achatados e encurvados que partem da coluna vertebral e formam a maior parte da parede do tórax”. No Michaelis aparece como “cada um dos 12 pares de ossos chatos, alongados e curvos, que se estendem das vértebras ao esterno e cujo conjunto forma a caixa torácica dos vertebrados”. Já no Priberam significa “cada um dos ossos curvos que formam a cavidade do peito”.

Dos três dicionários consultados, *coluna* aparece apenas em Aulete como “coluna vertebral.; RAQUE”. No Michaelis e Priberam essa variante possui significados que não possuem relação com o cavalo.

Corpinho aparece em todos os dicionários pesquisados como “corpo pequeno” e “diminutivo de corpo”. *Corpo*, por sua vez, significa em Aulete “estrutura física e individualizada do homem ou dos animais” e “o tronco, de um ser humano ou animal”. No Michaelis consta como “conjunto de elementos físicos que constitui o organismo do homem ou do animal, formado por cabeça, tronco e membros”. E no Priberam aparece como “o que constitui o ser animal (vivo ou morto)” e “tronco humano”.

A variante *dorso* aparece em Aulete como “parte posterior do corpo que se estende do pescoço à bacia; COSTAS” e “lado superior ou posterior de qualquer parte do corpo ou de qualquer objeto”. No Michaelis significa “nos vertebrados, parte ao longo da qual corre a coluna vertebral; espinhaço” e no Priberam a acepção para *dorso* aparece como “parte superior do corpo dos quadrúpedes. = LOMBO”. Já *dorso lombar* aparece apenas no Priberam como “relativo às vértebras dorsais e às vértebras lombares” e “[Anatomia] Que se situa na zona das vértebras dorsais e das vértebras lombares”.

Torso significa em Aulete “parte do corpo formada pelo tórax, abdome e bacia; TRONCO”. No priberam consta como “parte do corpo para cima da cintura. = BUSTO”. Já no Michaelis diz para “VANAT tronco1, acepção 3”. Dessa forma, *tronco*, no Michaelis, significa “a parte mais volumosa do corpo do homem e dos outros animais, excluindo-se a cabeça e os membros; talhe, torso”. Em Aulete aparece como “parte do corpo dos animais, sobretudo dos vertebrados, situada entre a cabeça e a cauda”. E no Priberam: “o corpo humano, considerado sem a cabeça e sem os membros”.

A variante *anca* significa em Aulete “quadril, cadeira [Tb. us. no pl.]” e “parte traseira dos quadrúpedes; GARUPA”. No Michaelis aparece como “[também usado no plural] Cada uma das regiões laterais do corpo humano, da cintura à articulação da coxa; quadril, cadeira” e “quarto traseiro (parte mais alta) dos quadrúpedes (boi, cavalo, burro etc.); garupa”. Já no Priberam, *anca* possui as seguintes acepções: “proeminência lateral por baixo da cintura”; “garupa”; e “quadril, nádega”. Assim como *barriga*, *anca* também não possui relação semântica com o item lexical em estudo *lombo*. No entanto, por ser recorrente, também constitui um rótulo à parte.

Assento, variante agrupada em *outras*, consta em Aulete como “pop. Conjunto das nádegas; TRASEIRO”. No Michaelis significa “Vnádegas” e no Priberam aparece como “[Informal] Zona das nádegas. = TRASEIRO”.

Cacunda aparece nos três dicionários como “costas, dorso” ou “o mesmo que corcunda”.

A variante *cintura* aparece em Aulete como “região do corpo humano abaixo das costelas e acima dos quadris, que forma o contorno do tronco na parte mediana e mais estreita deste”. No Michaelis significa “parte média do tronco, abaixo do tórax e acima dos quadris”, “ANAT Parte mais delgada do corpo humano que une os membros inferiores ao tronco” e “medida em torno da parte mais delgada do corpo humano”. Já no Priberam consta como “parte média do corpo humano, que corresponde geralmente à

parte mais estreita do tronco” e “[Anatomia] Estrutura óssea que liga os membros ao corpo (ex.: cintura escapular, cintura pélvica)”.

A aceção para *garupa* em Aulete consta como “a parte do dorso de cavalos, burros etc. que vai do lombo aos quartos traseiros; ANCA” e “P.ext. A parte de uma bicicleta ou motocicleta localizada atrás do assento do motorista”. Já no Michaelis aparece como “parte superior do cavalo e de outros grandes quadrúpedes situada entre os quartos traseiros até o lombo; anca” e “POR ANAL Lugar atrás do assento de bicicleta ou motocicleta”. No Priberam também significa “parte posterior de certos animais que vai desde os rins até à base da cauda”, “ancas do cavalo” e “[Brasil] Lugar atrás do assento do condutor de uma moto ou bicicleta”.

Montaria aparece em dois dos três dicionários consultados. Em Aulete consta como “cavalo que se pode montar; CAVALGADURA” e no Priberam: “animal que se pode montar ou cavalgar. = CAVALGADURA, MONTADA”.

As variantes *longo, meio, cadeira, cangote, central, colo, ombro, pá, paleta, popa, quadril, quarto(s), sela, tombo, traseira* e *vazio* foram encontradas nos dicionários consultados, porém, não possuem relação semântica com *a parte do cavalo onde vai a sela*.

Já as variantes *espinha do cavalo, ispinhaço, em cima, em pelo, istrivu, parte de cima* e *suador do cavalo* não foram encontradas nos três dicionários utilizados para consulta.

Após a análise da produtividade das variantes no Brasil, serão realizadas as análises por região do país.

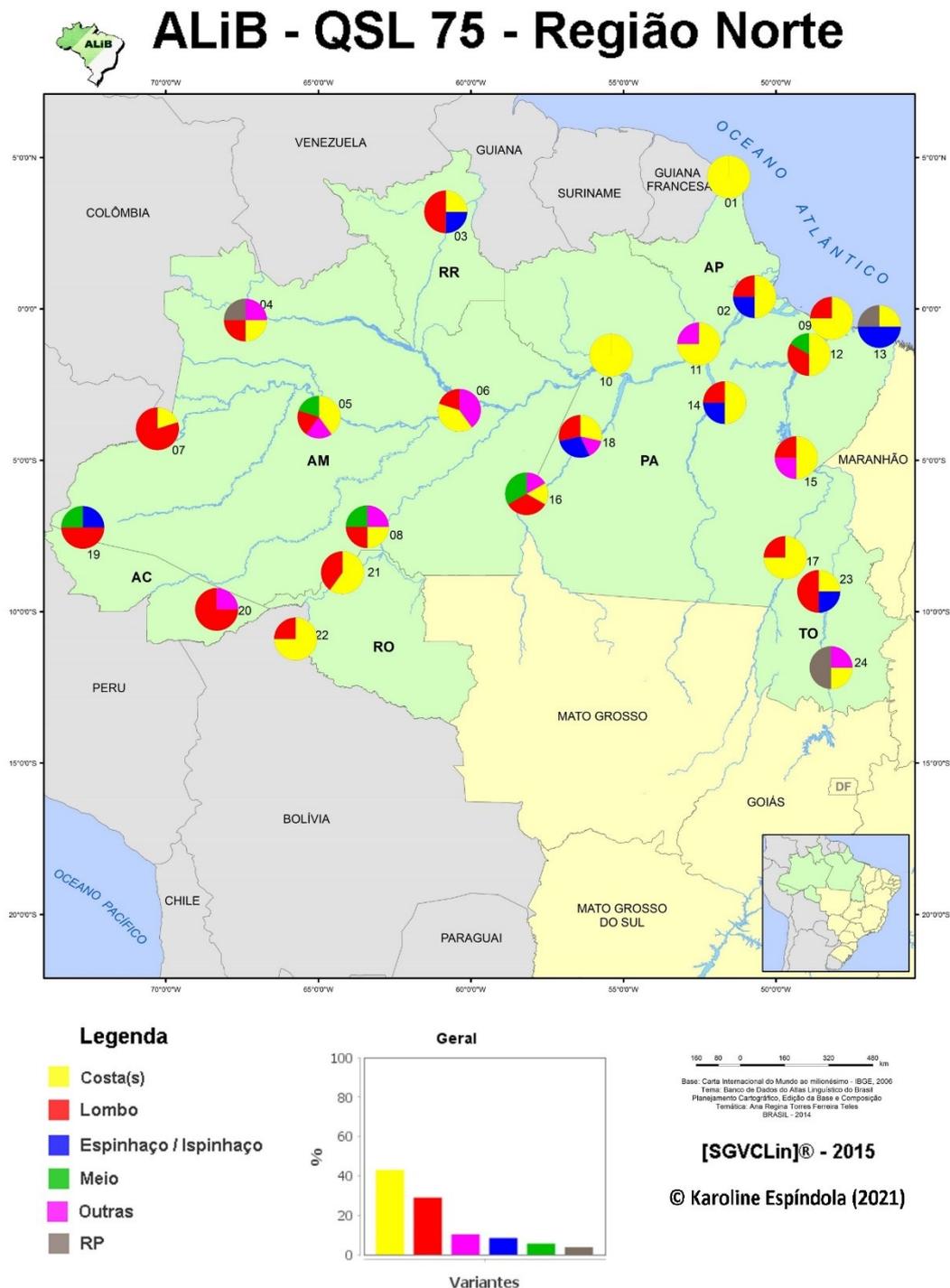
Tabela 20 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Norte

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
COSTAS	costa(s)	46	42,99%
LOMBO	lombo	31	28,97%
ESPINHAÇO	espinhaço / ispinhaço	9	8,41%
MEIO	meio	6	5,61%
OUTRAS	barriga / coluna / corpo / costela / em cima / pá / traseira / tronco	11	10,28%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não soube	4	3,74%
	Total	107	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 20 mostra a produtividade para a questão 75 do QSL na Região Norte. As 107 respostas foram agrupadas em seis rótulos incluindo o rótulo *RP*. O rótulo *costas* aparece como dominante na Região Norte com 42,99% das ocorrências. *Lombo* ocorre em 28,97% dos registros. *Espinhaço / ispinhaço* obteve 8,41% das respostas. A variante *meio* aparece em 5,61% das ocorrências. O rótulo *outras (barriga / coluna / corpo / costela / em cima / pá / traseira / tronco)* obteve 10,28% dos registros. Já *RP (áudio incompleto / não lembrou / não soube)* ocorre em 3,74% dos inquéritos.

Carta 23 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Norte



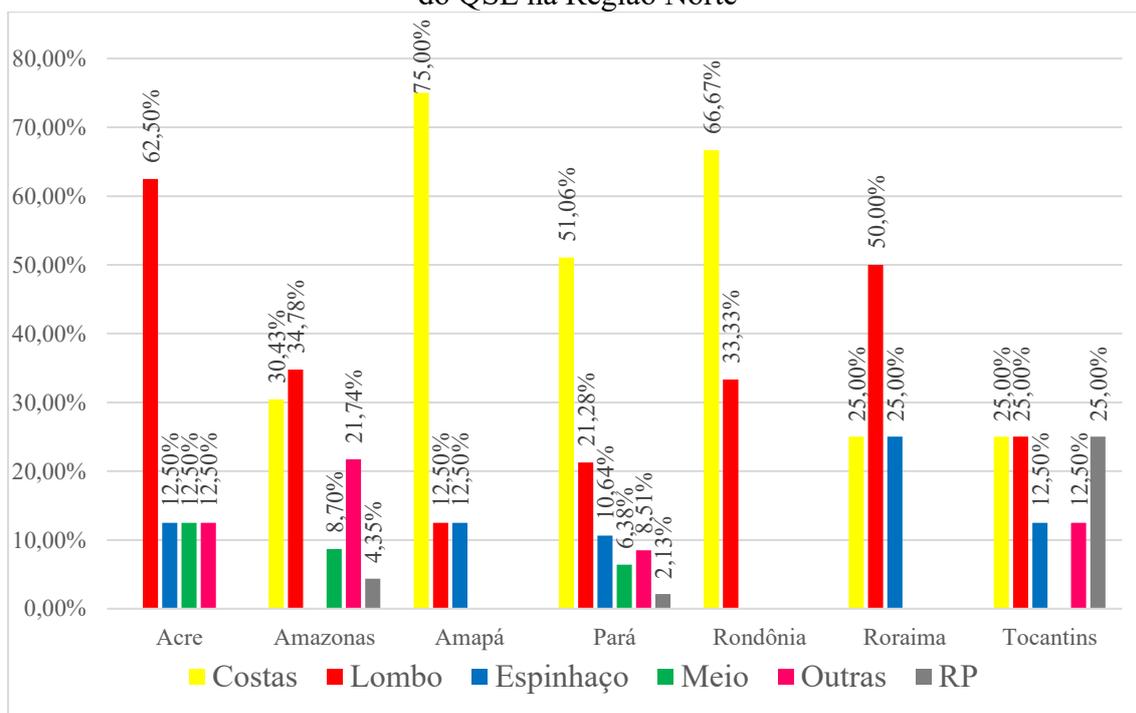
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Em relação à distribuição diatópica das variantes, a Carta 23 mostra que, apesar de ser a variante mais produtiva no Norte, *costas* não aparece nenhuma vez no estado do Acre. Assim, *lombo* foi a variante mais produtiva nesse estado com 05 ocorrências. Ainda

no que diz respeito a *lombo*, essa variante aparece em todos os estados nortistas, porém, predomina no estado do Pará com 10 ocorrências. *Espinhaço*, por sua vez, não aparece nenhuma vez no Amazonas e em Rondônia. *Meio* aparece em três dos sete estados do Norte, a saber: Acre, Amazonas e Pará. Já as variantes menos recorrentes, agrupadas em *outras*, aparecem nos estados do Acre, Amazonas, Tocantins e Pará. Inclusive, o Pará foi o único estado em que teve a ocorrência de todas as variantes documentadas na região, incluindo as agrupadas no rótulo *outras* e 01 pergunta não formulada registrada no ponto 013 (Bragança – PA). As outras 03 ocorrências de *RP* ocorreram 01 no ponto 004 (São Gabriel da Cachoeira – AM) e 02 no ponto 024 (Natividade – TO).

O Gráfico 37 traz o detalhamento da produtividade das variantes por estado na Região Norte.

Gráfico 37 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Norte



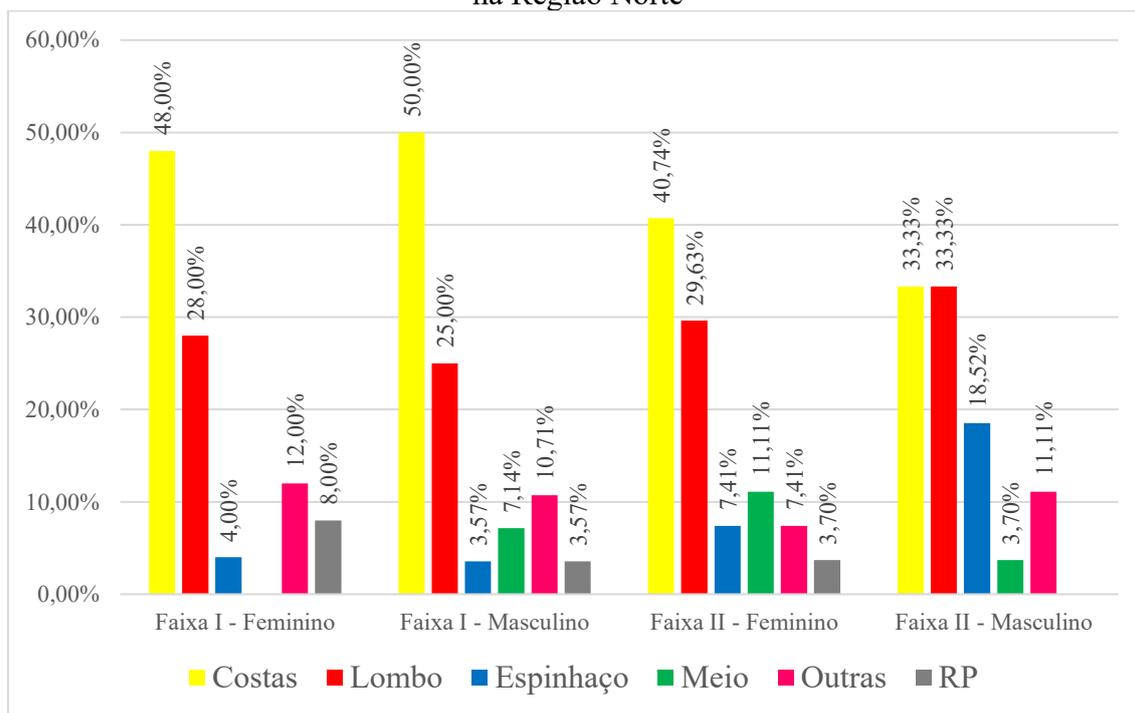
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 37, a variante *lombo*, que seria a esperada como resposta à pergunta sobre *a parte do cavalo onde vai a sela*, não foi a mais produtiva em três dos sete estados nortistas, a saber: Amapá, Pará e Rondônia, visto que nesses estados a variante mais recorrente foi *costas*, com 75,00%, 51,06% e 66,67% das respostas, respectivamente. Já em Tocantins, *lombo* e *costas* obtiveram o mesmo número de

ocorrências, com 25,00%. No Acre *costas* não aparece nenhuma vez e a variante predominante é *lombo*, com 62,50% dos registros. Em Roraima também foi elevado o número de ocorrências da variante *lombo*, com 50,00%. No Amazonas, *lombo* obteve 34,78% das respostas, número aproximado das ocorrências de *costas*, com 30,43%. A variante *espinhaço* foi mais recorrente em Roraima, com 25,00% dos registros, e menos recorrente no Pará, com 10,64% dos dados. A variante *meio* aparece no Acre com 12,50% dos registros, no Amazonas com 8,70% e no Pará com 6,38% das respostas. As variantes agrupadas em *outras* foram mais produtivas no estado do Amazonas com 21,74% das respostas. Já a maior ocorrência de respostas prejudicadas (*RP*) ocorre em Tocantins, com 25,00% dos registros.

O Gráfico 38 mostra a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Norte.

Gráfico 38 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 38 observa-se que a variante *costas* predomina entre os informantes da faixa etária I, com 48,00% e 50,00% das respostas entre mulheres e homens, respectivamente. Entre os informantes da faixa etária II, *costas* obteve 40,74% das respostas entre os informantes do sexo feminino e 33,33% entre os do sexo masculino.

Também com 33,33% das respostas, *lombo* aparece entre os informantes homens da faixa etária II. Já a menor ocorrência de *lombo* ocorre entre os homens da faixa etária I, com 25,00% dos dados. *Espinhaço* predomina nas respostas dos informantes da faixa etária II, sendo 18,52% nas respostas dos homens e 7,41% nas respostas das mulheres. Já a variante *meio* predomina com 11,11% das respostas registradas entre as mulheres da faixa etária II e 7,14% entre os homens da faixa etária I. A maior ocorrência de *RP* foi registrada entre as mulheres da faixa etária I, com 8,00% dos registros. Já entre os homens da faixa etária II, *RP* não aparece nenhuma vez.

A seguir será feita a análise para a questão 75 do QSL na Região Nordeste.

Tabela 21 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Nordeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
LOMBO	lombo	132	37,50%
COSTA	costa(s)	82	23,30%
ESPINHAÇO	espinhaço / ispinhaço / espinha do cavalo	53	15,06%
BARRIGA	barriga	11	3,12%
MEIO	meio	9	2,56%
COSTELA	costela	7	1,99%
OUTRAS	assento / bucho / cintura / coluna / corpo / dorso / istrivu / montaria / pá / popa / quarto(s) / sela / tombo / vazio	20	5,68%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	38	10,80%
	Total	352	

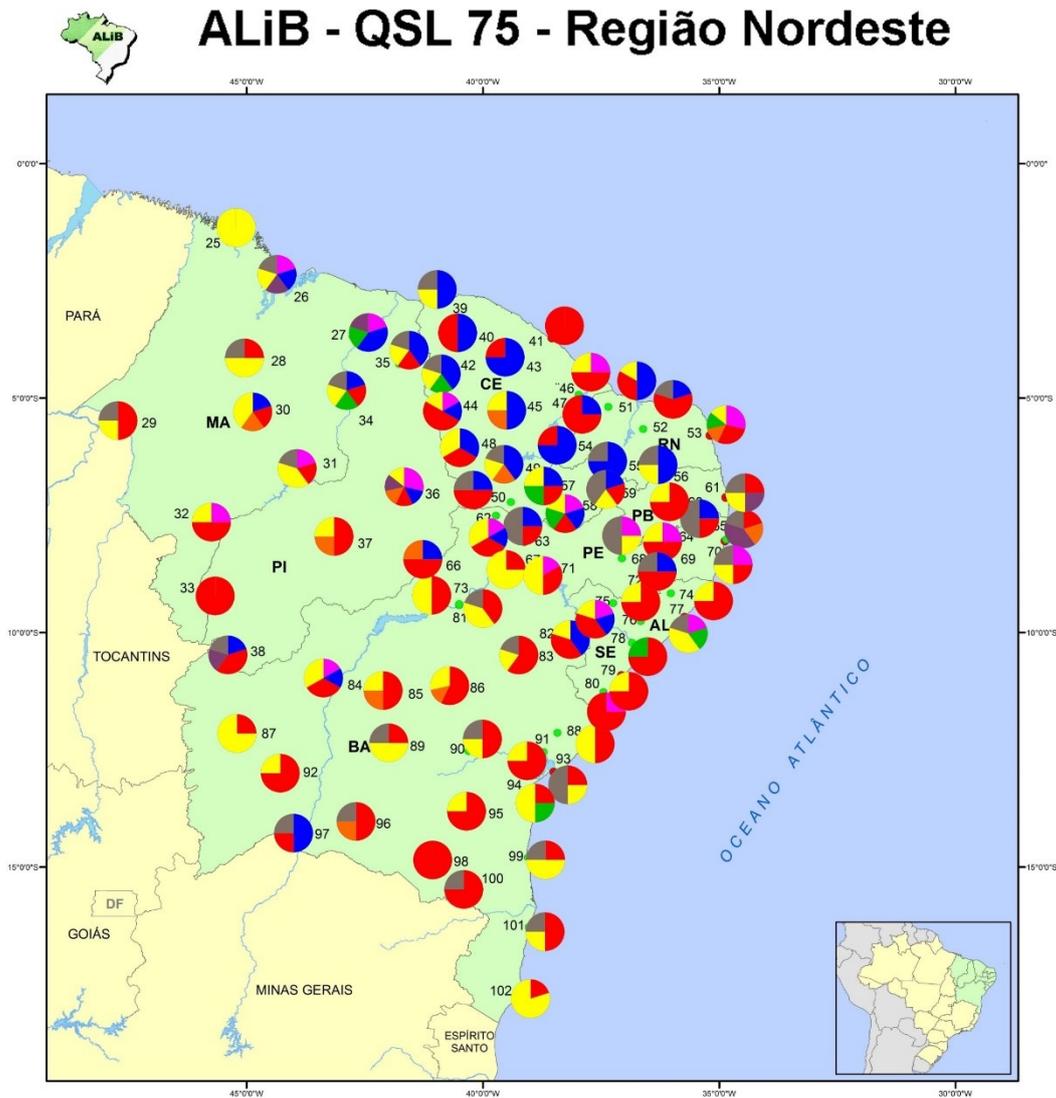
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Para a Região Nordeste foram registradas 352 respostas agrupadas em oito rótulos distribuídos pelos nove estados nordestinos. Conforme a Tabela 21, a variante *lombo* foi a mais produtiva, com 37,50% das ocorrências. *Costas* aparece em 23,30% dos registros. *Espinhaço / ispinhaço / espinha do cavalo* obtiveram 15,06% das respostas. A variante *barriga* foi registrada em menor número, com apenas 3,12% das ocorrências. *Meio* e *costela* obtiveram número aproximado de respostas, sendo 2,56% e 1,99%, respectivamente. As variantes agrupadas em *outras* (*assento / bucho / cintura / coluna / corpo / dorso / istrivu / montaria / pá / popa / quarto(s) / sela / tombo / vazio*) correspondem a 5,68% das respostas. Por fim, *RP* (*áudio incompleto / áudio prejudicado*)

/ não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada) acumula 10,80% dos registros do montante total.

A Carta 24 revela a distribuição das variantes pelo território nordestino.

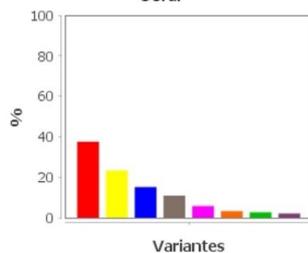
Carta 24 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Nordeste



Legenda

- Lombo
- Costa(s)
- Espinheiro / Espinhaço / Espinha do cavalo
- Barriga
- Meio
- Costela
- Outras
- RP

Geral



Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Lingüístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
 Temática: Ana Regina Torres Ferraz Tóles
 BRASIL - 2014

[SGVCLin][®] - 2015

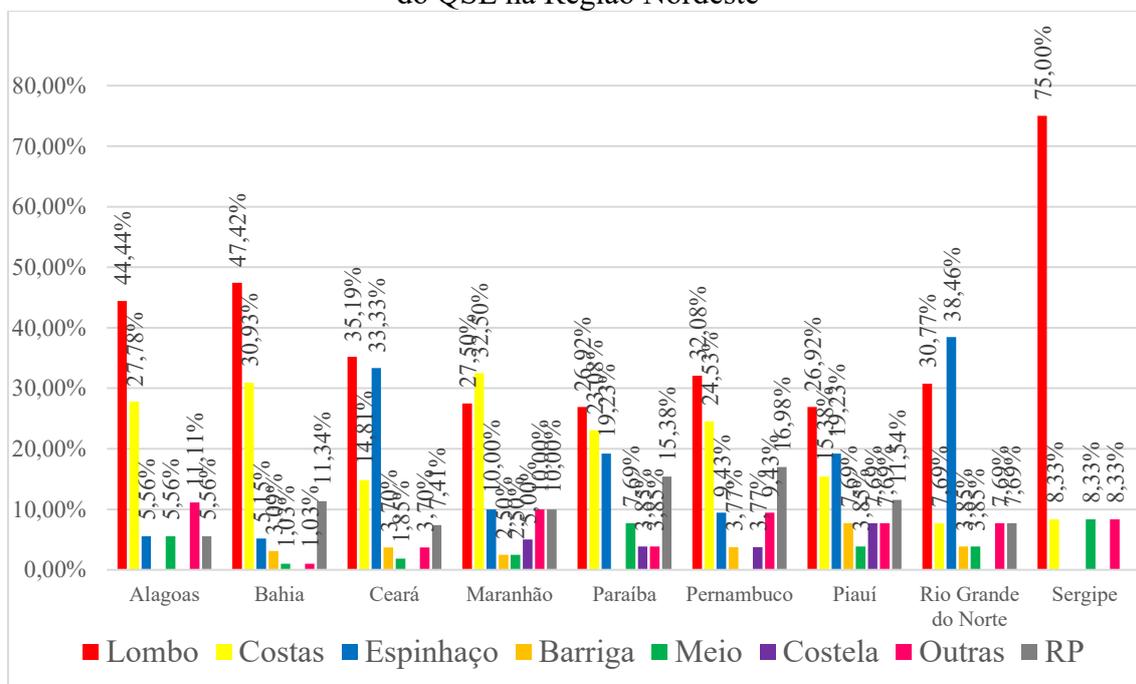
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin[®]

Conforme ilustra a Carta 24, Maranhão e Piauí foram os únicos estados em que todas as variantes aparecem pelo menos uma vez. Como o esperado, *lombo* e *costas*, as variantes mais produtivas, predominam por todo o Nordeste, aparecendo em todos os estados. *Espinhaço*, por outro lado, aparece em todos os estados com exceção do Sergipe. *Barriga* não aparece em Alagoas, Paraíba e Sergipe. Apesar de pouco produtiva, a variante *meio* aparece em todos os estados, exceto Pernambuco. Já *costela* aparece no Maranhão, na Paraíba, em Pernambuco e no Piauí. *Outras* aparecem em todos os estados, e *RP* não ocorre somente em Sergipe.

O Gráfico 39 mostra o detalhamento da produtividade das variantes por estado na Região Nordeste.

Gráfico 39 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Nordeste

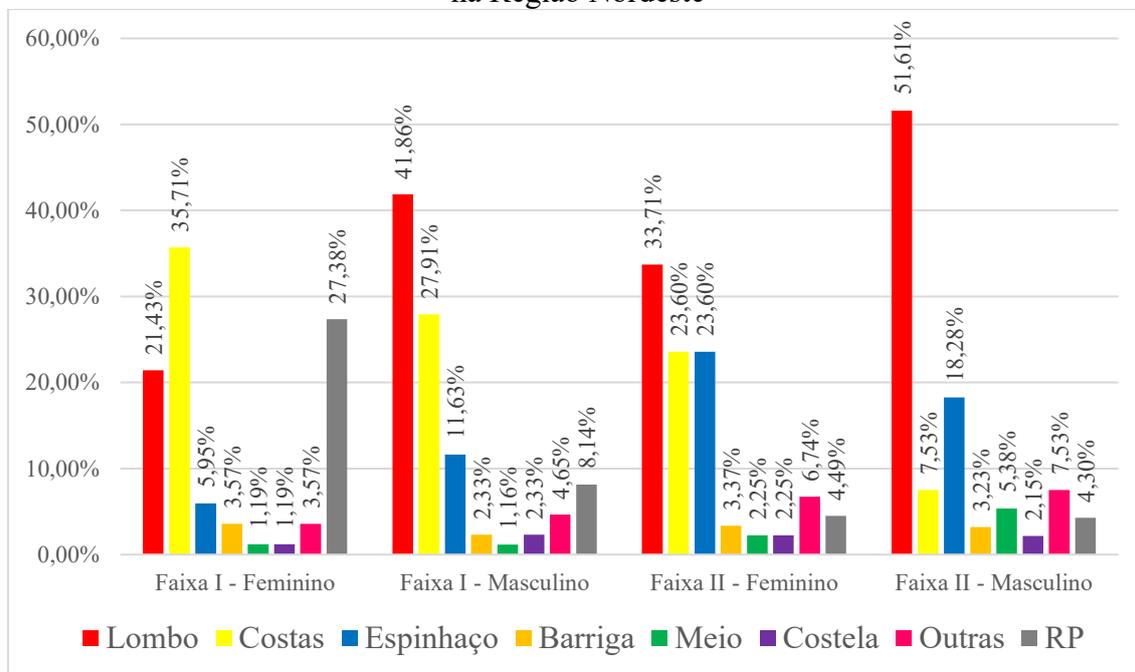


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 39 é possível observar que *lombo* é a variante mais produtiva em quase todos os estados da Região Nordeste. Vale ressaltar que Sergipe é o estado onde ocorre o maior índice dessa variante, com 75,00% dos registros. Entretanto, no estado do Maranhão e do Rio Grande do Norte, as variantes mais produtivas são *costas* e *espinhaço* com 32,50% e 38,46% das ocorrências, respectivamente. *RP* teve maior índice nos estados da Paraíba, com 15,38% dos registros, e em Pernambuco, com 16,98% dos dados.

O Gráfico 40 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Nordeste.

Gráfico 40 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 40 mostra que, na Região Nordeste, a variante *lombo* é mais recorrente entre os informantes masculinos, tanto da faixa etária I, com 41,86% dos registros, quanto da faixa etária II, com 51,61% das ocorrências. Já a variante *costas* é mais produtiva entre as mulheres da faixa etária I, com 35,71% das respostas, e menos recorrente entre os homens da faixa etária II, com 7,53% dos registros. *Espinhaço* é mais comum entre os informantes da faixa etária II, sendo 23,60% das ocorrências nas respostas das mulheres e 18,28% nas respostas dos homens. Já a maior ocorrência de respostas prejudicadas (*RP*) aparece entre as mulheres da faixa etária I, com 27,38% dos registros, sendo, inclusive, mais recorrente que *lombo*, a variante esperada.

A análise da produtividade das variantes na Região Centro-Oeste pode ser observada na Tabela 22.

Tabela 22 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Centro-Oeste

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
---------	---------------------	-----------------------	---

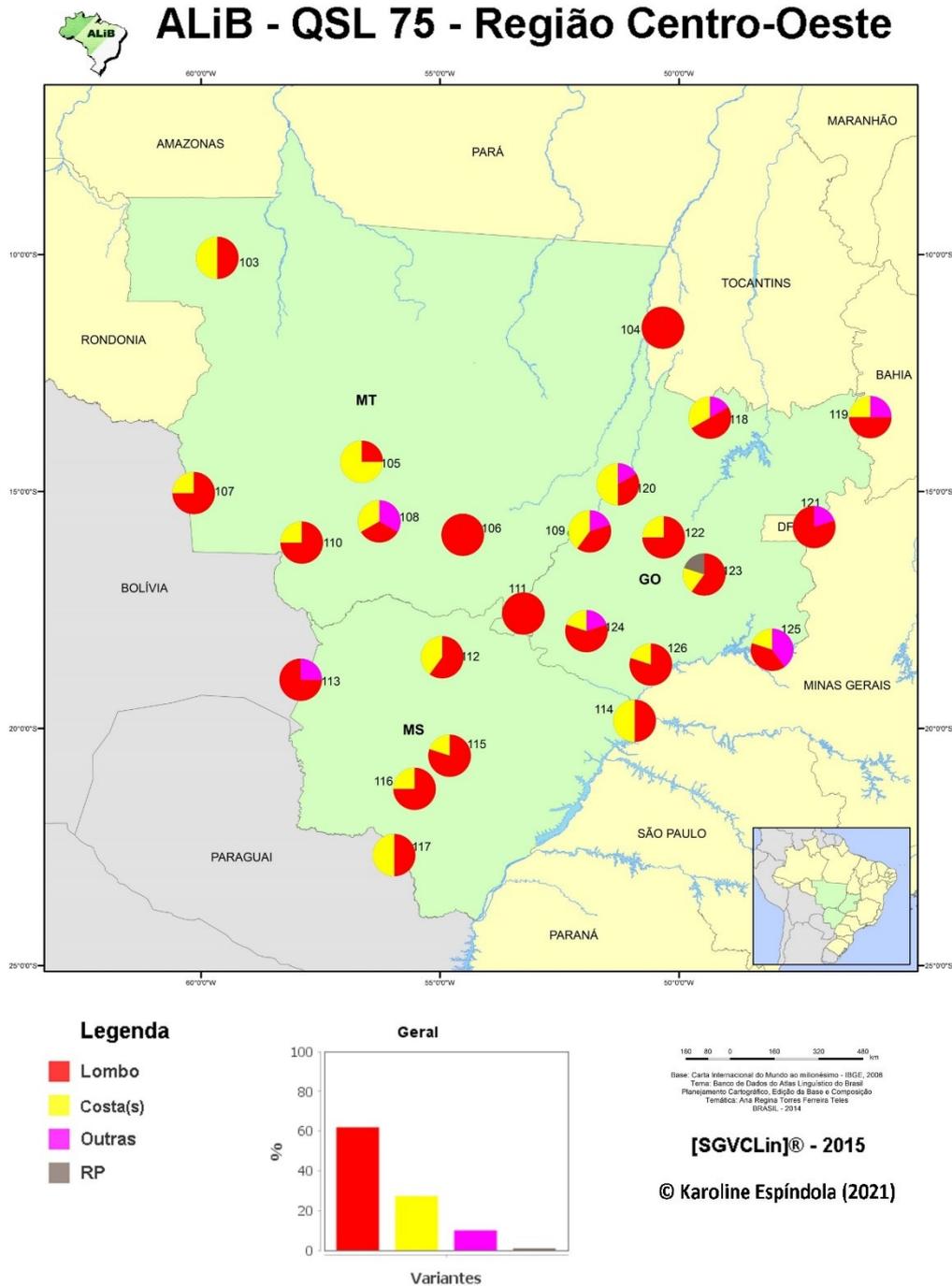
LOMBO	lombo	68	61,82%
COSTA	costa(s)	30	27,27%
OUTRAS	anca / assento / barriga / cacunda / corpo / costela / espinhaço / ombro / quadril	11	10,00%
RP	não soube	1	0,91%
	Total	110	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Para a Região Centro-Oeste foram registrados quatro rótulos para agrupar as 110 respostas obtidas e essa produtividade aparece detalhada na Tabela 22. Assim como no Nordeste, *lombo* foi a variante mais produtiva também no Centro-Oeste, com 61,82% das ocorrências. Já *costas*, variante mais produtiva no Norte, obteve 27,27% das respostas no Centro-Oeste. As variantes agrupadas no rótulo *outras* (*anca / assento / barriga / cacunda / corpo / costela / espinhaço / ombro / quadril*) somam 10,00% dos registros. E apenas 0,91% de ocorrência de *RP* (*não soube*) foi registrada em toda a região.

A Carta 25 mostra a distribuição das variantes por toda a Região do Centro-Oeste.

Carta 25 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Centro-Oeste



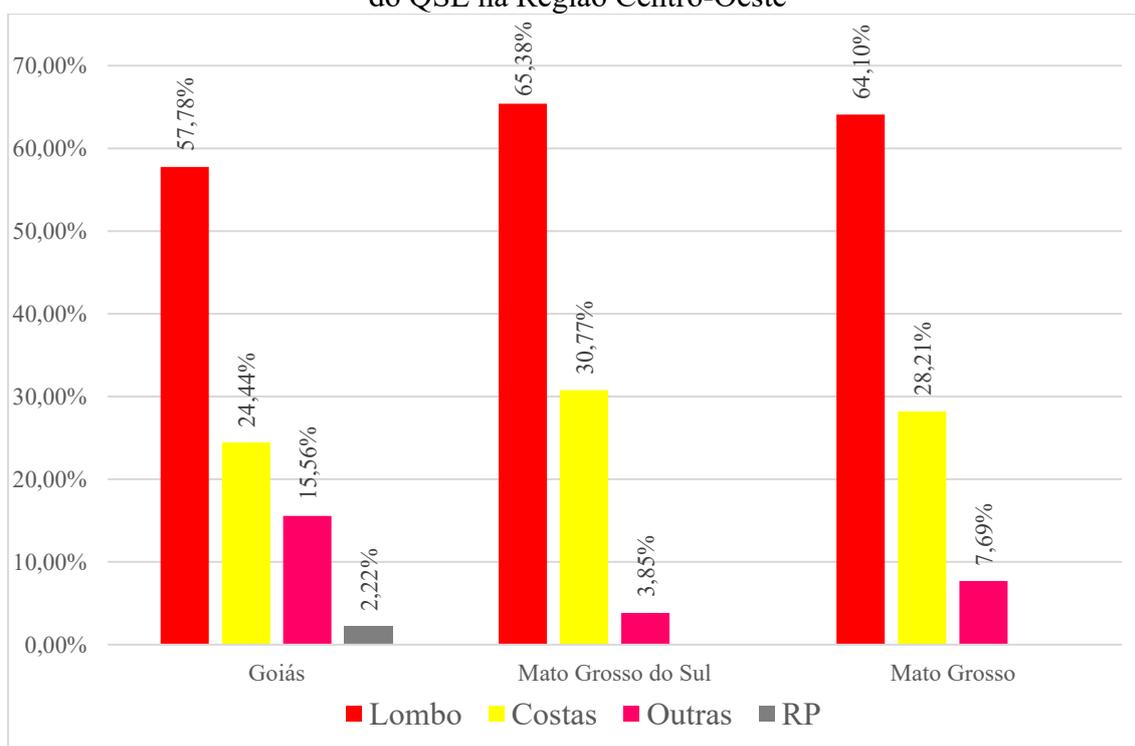
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

As variantes mais recorrentes *lombo* e *costas* predominam em todos os três estados centro-oestinos. Já em relação às variantes agrupadas em *outras*, 07 delas aparecem em Goiás, sendo 05 como primeiras respostas nos pontos 119 (São Domingos - GO), 121

(Formosa – GO), 124 (Jataí – GO) e 02 ocorrências no ponto 125 (Catalão – GO); e 02 delas como segundas respostas nos pontos 118 (Porangatu – GO) e 120 (Aruanã – GO). No Mato Grosso foram registradas 03 ocorrências agrupadas em *outras*, a saber: *quadril*, como primeira resposta do informante 1, e *cacunda*, como primeira resposta da informante 4, ambas variantes encontradas no ponto 108 (Cuiabá – MT). Também no Mato Grosso aparecem as variantes *costela* e *assento* como segunda e terceira resposta, respectivamente, do informante 3 no ponto 109 (Barra do Garças – MT). No Mato Grosso do Sul foi registrada apenas 01 ocorrência agrupada em *outras*: *anca* foi a resposta escolhida pela informante 4 no ponto 113 (Corumbá – MS).

O detalhamento da produtividade das variantes por estado é apresentado no Gráfico 41.

Gráfico 41 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Centro-Oeste



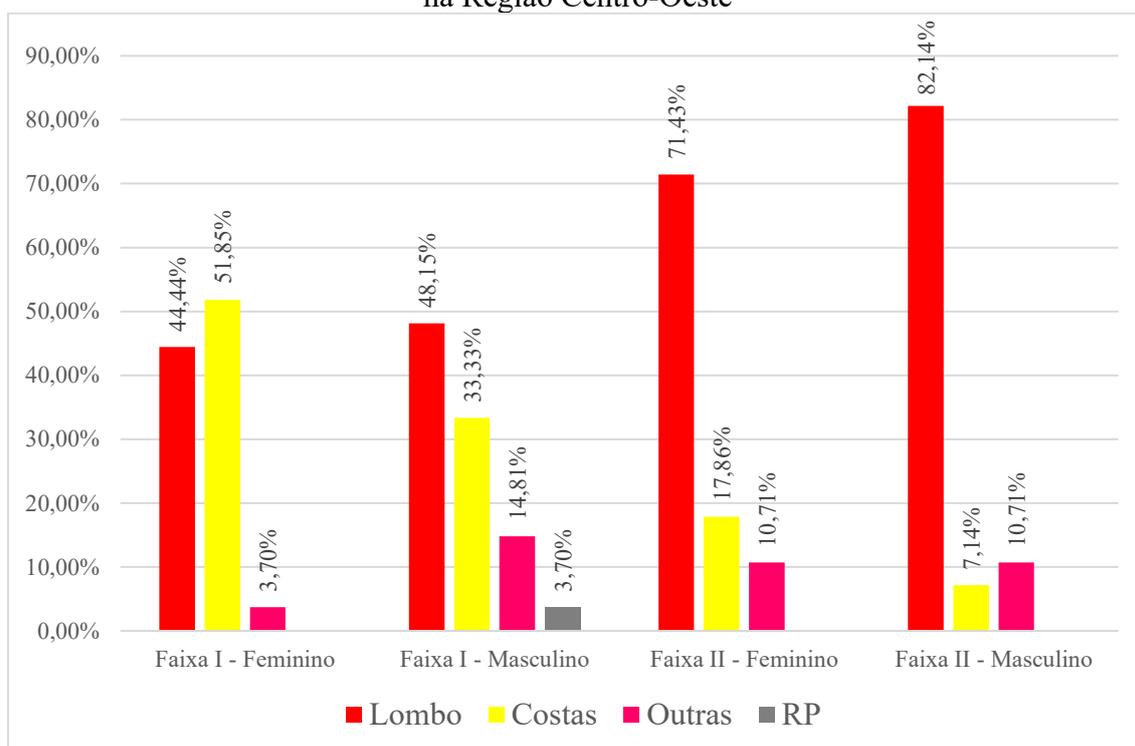
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 41, *lombo* predomina nos três estados da Região Centro-Oeste, sendo 57,78% dos registros em Goiás, 65,38% no Mato Grosso do Sul e 64,10% no Mato Grosso. Já a variante *costas* é mais recorrente no Mato Grosso do Sul com 30,77% das ocorrências, seguido do Mato Grosso com 28,21% e de Goiás com 24,44% dos dados. As variantes agrupadas em *outras* obtiveram maior índice em Goiás com 15,56% das

respostas e menor recorrência no Mato Grosso do Sul com 3,85% dos registros. Já *RP* aparece apenas em Goiás em 2,22% dos inquéritos.

A seguir, o Gráfico 42 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.

Gráfico 42 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com o exposto no Gráfico 42, *lombo* predomina entre os informantes da faixa etária II com 71,43% dos registros entre as mulheres e 82,14% entre os homens. Já a variante *costas* é mais recorrente entre os informantes da faixa etária I com 51,85% das respostas entre as mulheres e 33,33% entre os homens. O rótulo *outras* e as variantes a ele agrupadas são mais recorrentes entre os homens da faixa etária I, com 14,81% dos registros, e menos comum entre as mulheres, também da faixa etária I, com 3,70% das respostas. As respostas prejudicadas (*RP*) correspondem a 3,70% dos registros e estão associadas somente às respostas dos informantes do sexo masculino da faixa etária I.

A seguir será feita a análise das variantes na Região Sudeste do país.

Tabela 23 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sudeste

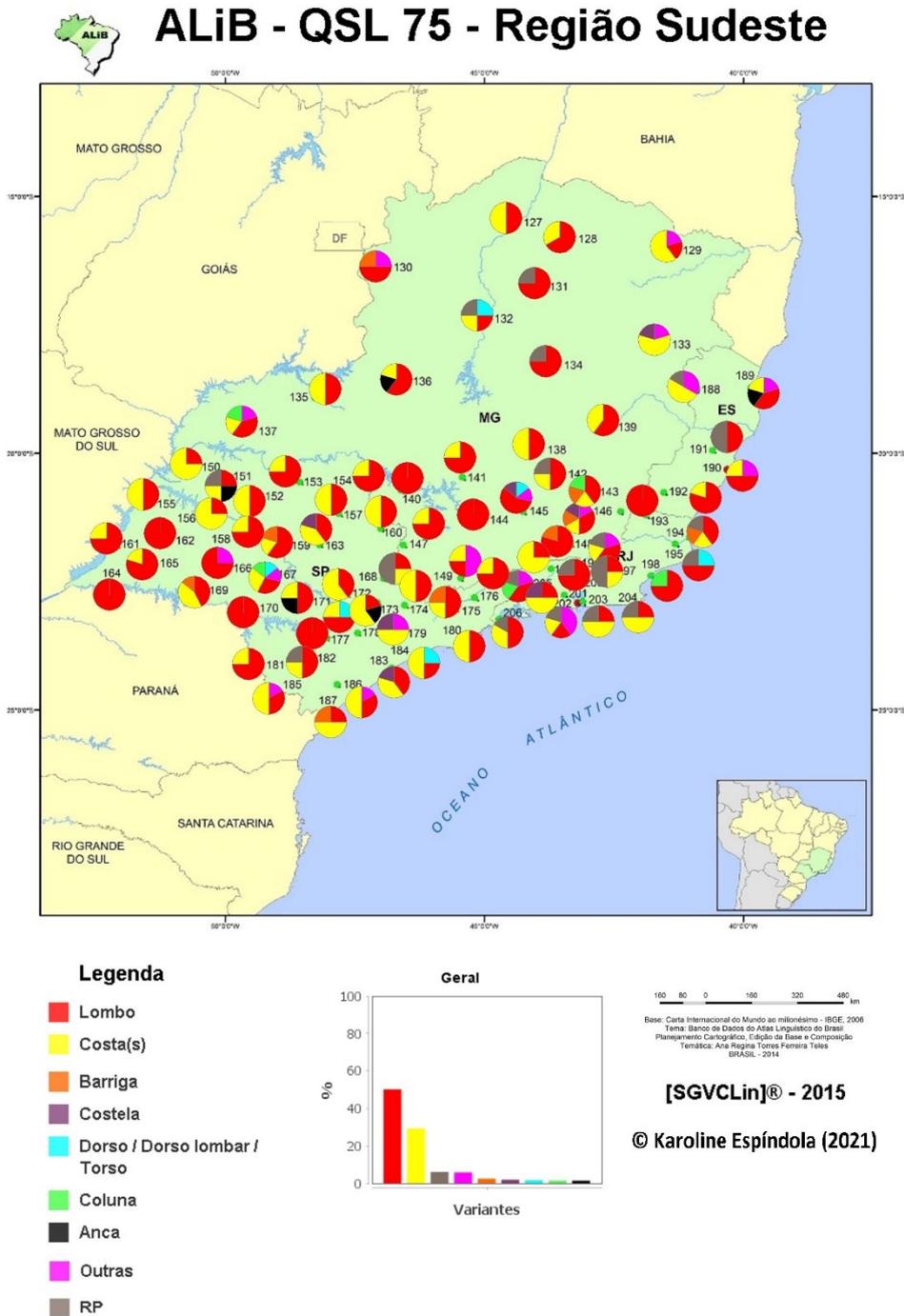
Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
LOMBO	lombo	181	50,00%
COSTA	costa(s)	106	29,28%
BARRIGA	barriga	9	2,49%
COSTELA	costela	7	1,93%
COLUNA	coluna	5	1,38%
ANCA	anca	5	1,38%
DORSO	dorso / dorso lombar / torso	6	1,66%
OUTRAS	assento / cacunda / cadeira / cangote / central / colo / corpo / em cima / em pelo / espinhaço / garupa / meio / montaria / quarto / suador do cavalo / tronco	21	5,80%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	22	6,08%
	Total	362	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Para a questão 75 do QSL foram registrados nove rótulos, incluindo o rótulo *outras* e *RP*, na Região Sudeste. De acordo com os dados expostos na Tabela 23, *lombo* foi a variante mais recorrente em todo o Sudeste com exatamente metade do valor total de respostas, ou seja, 50,00% dos registros. A segunda variante mais produtiva, *costas*, aparece em 29,28% das respostas. *Barriga*, *costela* e *dorso / dorso lombar / torso* obtiveram um valor aproximado de ocorrências 2,49%, 1,93% e 1,66%, respectivamente. Já *coluna* e *anca* acumulam 1,38% das respostas cada uma. *Outras* (*assento / cacunda / cadeira / cangote / central / colo / corpo / em cima / em pelo / espinhaço / garupa / meio / montaria / quarto / suador do cavalo / tronco*) e *RP* (*áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada*) também obtiveram número aproximado de respostas, sendo 5,80% e 6,08%, respectivamente.

A Carta 26 mostra a disposição das variantes na Região Sudeste.

Carta 26 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sudeste



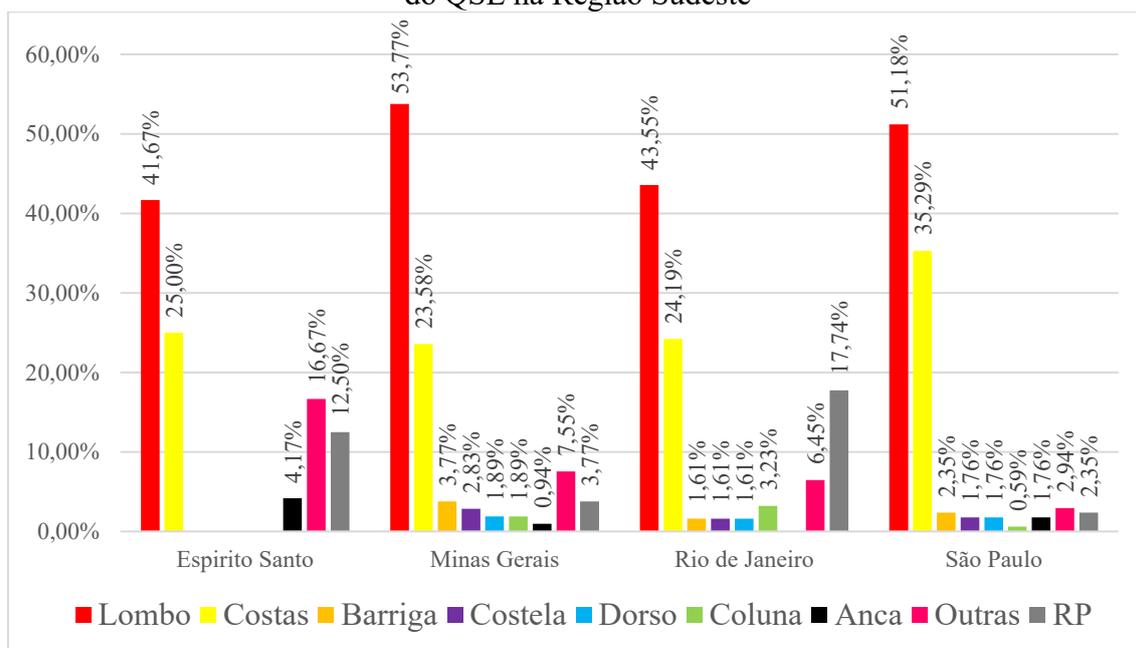
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

As variantes mais produtivas *lombo* e *costas* aparecem distribuídas por todo os estados. *Barriga*, *costela*, *coluna* e *dorso* aparecem em todos os estados, com exceção do Espírito Santo. Das 05 ocorrências de *anca*, 03 aparecem em São Paulo como primeira

resposta dos informantes 3 nos pontos 151 (Votuporanga – SP), 171 (Botucatu – SP) e 173 (Campinas – SP), 01 em Minas Gerais como primeira resposta da informante 4 no ponto 136 (Patos de Minas – MG) e 01 no Espírito Santo, também como primeira resposta do informante 3 no ponto 189 (São Mateus- ES). Já as variantes agrupadas em *outras* e as respostas prejudicadas (*RP*) estão distribuídas de forma semelhante pelos quatros estados do Sudeste, com pequena diferença no Rio de Janeiro, onde o número de respostas prejudicadas foi maior em relação aos outros estados com 17,74% dos registros. Isso, talvez, ocorra devido ao pouco contato da população fluminense com os cavalos e animais de grande porte nos dias de hoje.

O Gráfico 43 apresenta em detalhes a produtividade das variantes por estado na Região Sudeste.

Gráfico 43 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Sudeste



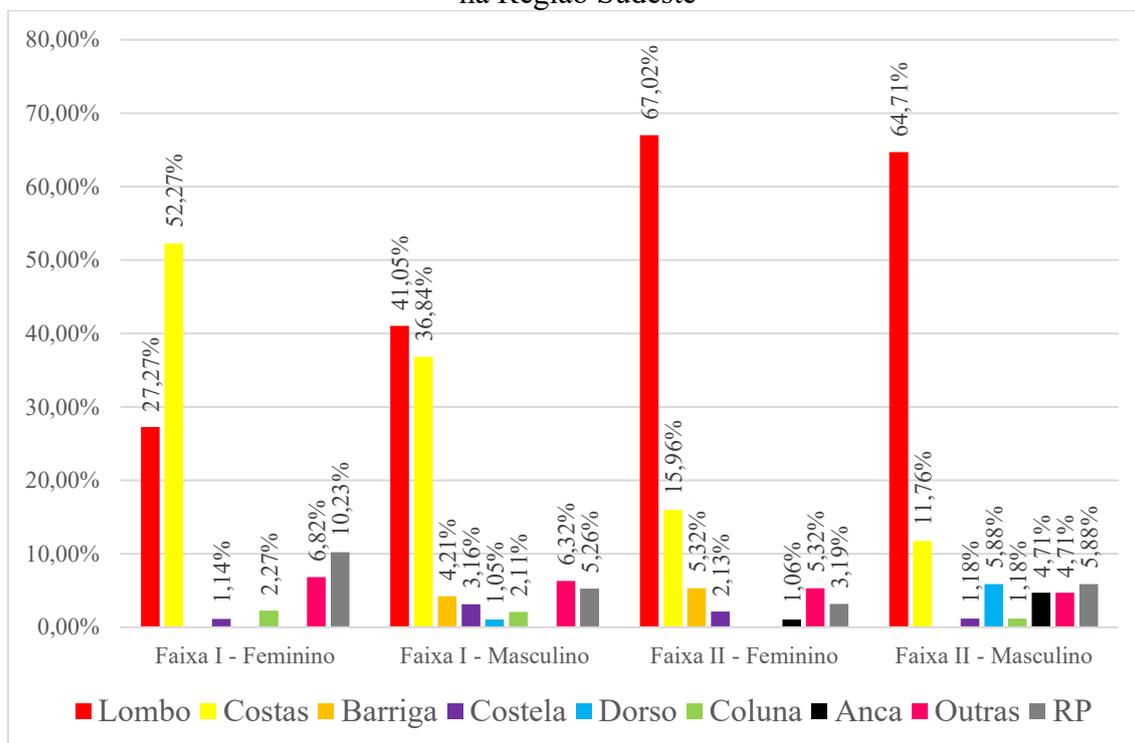
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 43 fica nítido o predomínio da variante *lombo* nos quatro estados que compõem a Região Sudeste. Minas Gerais e São Paulo obtiveram quase o mesmo número de ocorrências para essa variante, sendo 53,77% e 51,18%, respectivamente. Os dados de registros de *lombo* também são semelhantes entre os estados do Espírito Santo, com 41,67%, e Rio de Janeiro, com 43,55%. *Costas*, por sua vez, obteve quase o mesmo índice nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de

Janeiro, com 25,00%, 23,58% e 24,19% das respostas, respectivamente. Já em São Paulo, o índice de *costas* é um pouco maior do que nos outros estados, com 35,29% do total das ocorrências. A variante *anca* é mais recorrente no Espírito Santo, com 4,17% das ocorrências. O maior índice de *outras* ocorre no Espírito Santo, com 16,67% dos registros, e o de *RP* é registrado no Rio de Janeiro, com 17,74% dos dados.

A distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Sudeste pode ser observada no Gráfico 44.

Gráfico 44 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme o Gráfico 44, *lombo* predomina na fala dos informantes da faixa etária II de ambos os sexos, com 67,02% das respostas entre as mulheres e com 64,71% entre os homens. Já a variante *costas* predomina entre as informantes do sexo feminino da faixa etária I, com 52,27% dos registros. Entre os homens, também da faixa etária I, *costas* obteve 36,84% dos registros, número aproximado do registrado para a variante *lombo*, que obteve 41,05% das respostas totais. Do total de respostas *anca*, 4,71% ocorrem entre os homens da faixa etária II e 1,06% entre as mulheres da mesma faixa etária, comprovando a hipótese de que essa variante é mais conhecida entre os informantes mais velhos.

Finalizada a análise da Região Sudeste, a seguir será apresentada a análise dos dados da Região Sul.

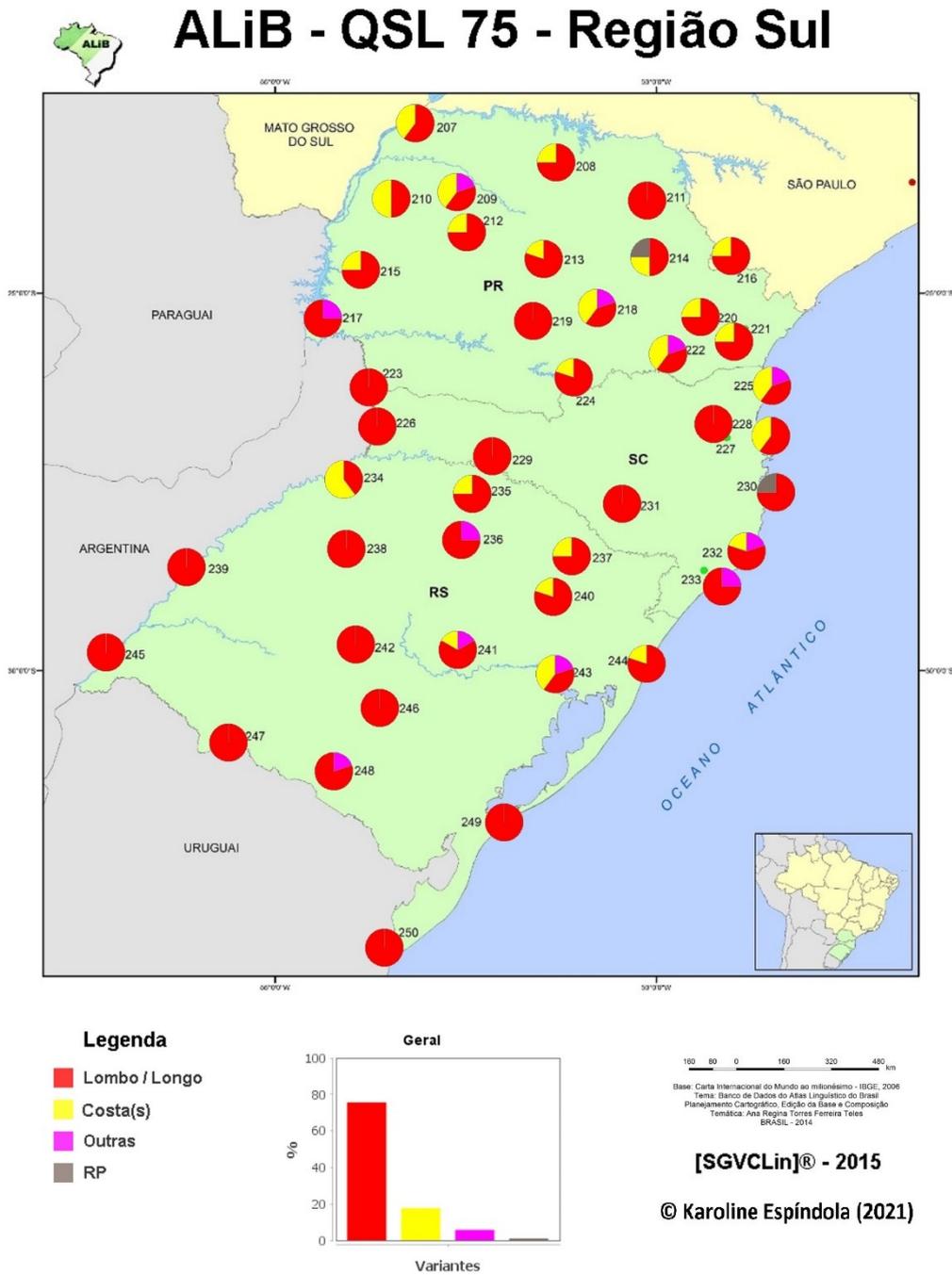
Tabela 24 - Produtividade das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sul

Rótulos	Variantes agrupadas	Número de ocorrências	%
LOMBO	lombo / longo	145	75,52%
COSTA	costa(s)	34	17,71%
OUTRAS	assento / cangote / coluna / corpinho / costela / dorso / garupa / paleta / parte de cima	11	5,73%
RP	não soube	2	1,04%
	Total	192	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Para a Região Sul foram obtidas 192 respostas agrupadas em quatro rótulos. A produtividade das variantes é detalhada na Tabela 24. *Lombo / longo* é responsável por mais da metade das respostas válidas, com 75,52% das ocorrências. *Costas* aparece em 17,71% dos registros. Já as variantes agrupadas em *outras* (*assento / cangote / coluna / corpinho / costela / dorso / garupa / paleta / parte de cima*) ocorrem em 5,73% dos inquéritos. *RP* (*não soube*), por sua vez, ocorre em apenas 1,04% das entrevistas.

Carta 27 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 75 do QSL na Região Sul



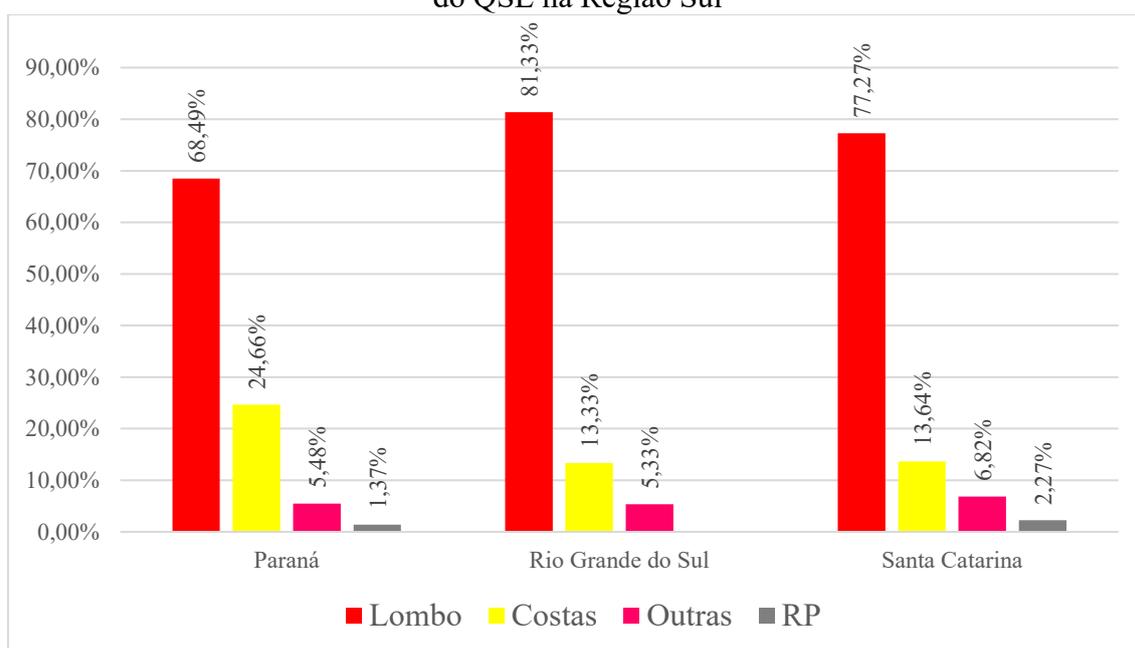
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 27 fica nítido o predomínio da variante *lombo* por toda a região sulista. *Costas* também aparece nos três estados do Sul, porém, em menor quantidade do que *lombo*. Das variantes agrupadas em *outras*, 04 ocorrem no Paraná, também 04 no Rio

Grande do Sul e 03 em Santa Catarina. Já as 02 ocorrências agrupadas em *RP* estão assim distribuídas: 01 no Paraná, ponto 214 (Piraí do Sul – PR) e 01 em Santa Catarina, no ponto 230 (Florianópolis – SC), sendo que, em ambos os casos, os informantes não souberam a resposta.

O detalhamento da produtividade das variantes por estado pode ser observado no Gráfico 45.

Gráfico 45 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 75 do QSL na Região Sul

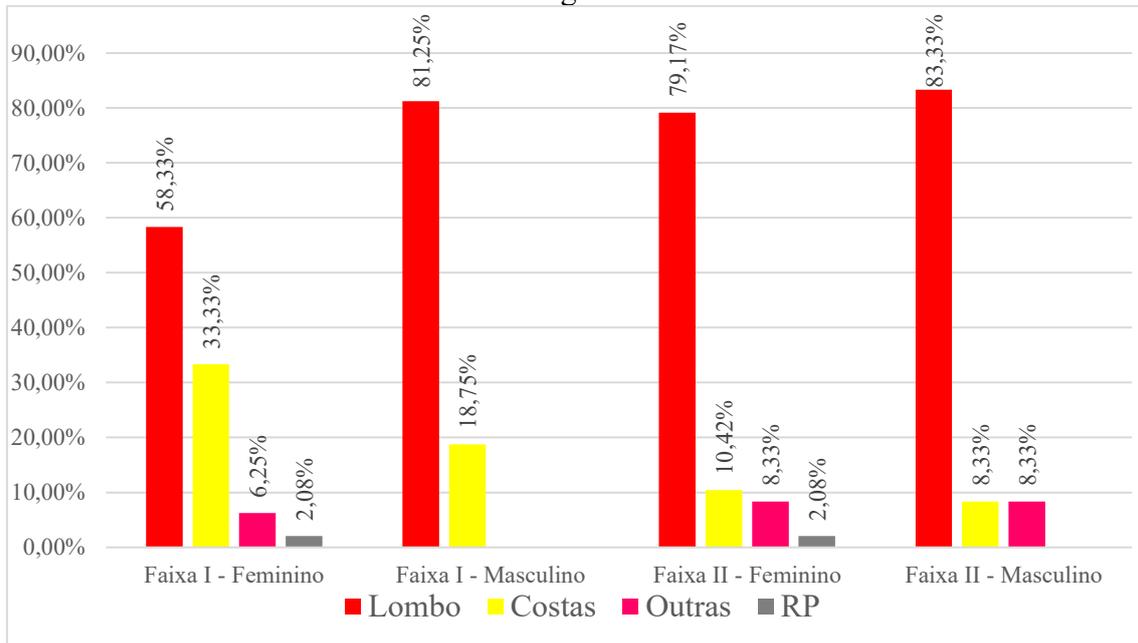


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 45 detalha a produtividade das variantes na Região Sul. Assim como no Centro-Oeste e no Sudeste, *lombo* predomina também na Região Sul, sendo 68,49% das ocorrências registradas no Paraná, 81,33% no Rio Grande do Sul e 77,27% em Santa Catarina. *Costas* obteve quase o mesmo número de respostas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, com 13,33% e 13,64%, respectivamente. Já no Paraná essa variante obteve 24,66% dos registros. Das respostas prejudicadas (*RP*), 1,37% ocorre no Paraná e 2,27% em Santa Catarina. Os dados revelam que o uso da forma *lombo* tende a crescer no sentido norte-sul, ao passo que a forma *costas* é mais empregada no Paraná do que em Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

A distribuição das variantes por faixa etária e sexo pode ser analisada no Gráfico 46.

Gráfico 46 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul

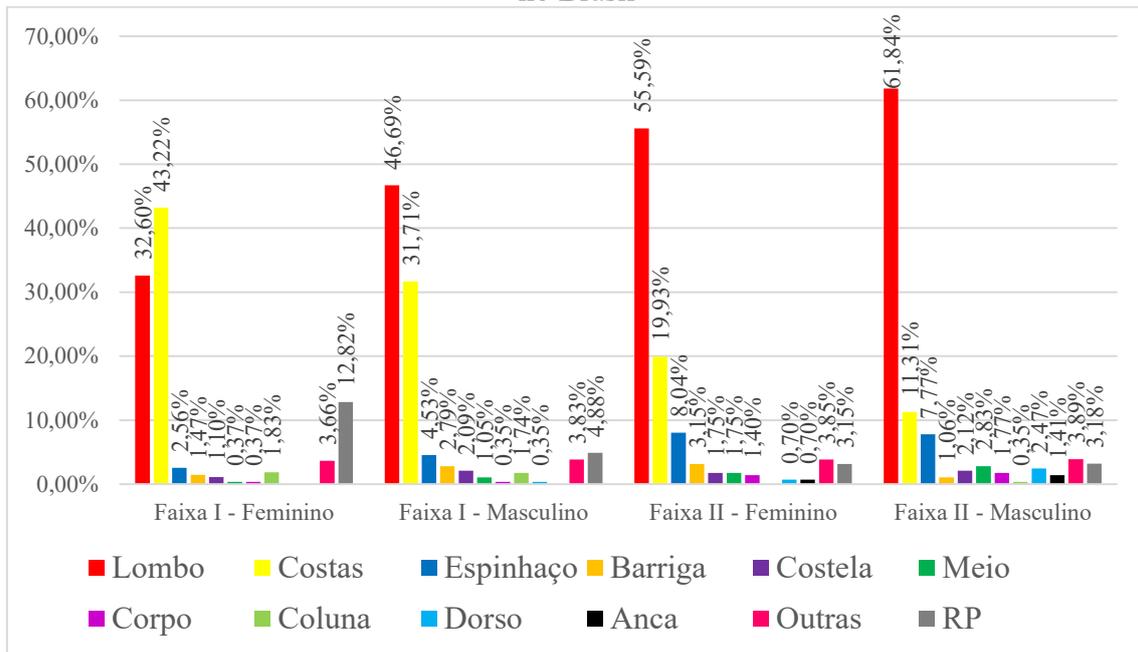


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Como mostra o Gráfico 46, *lombo* predomina nas respostas de todos os informantes sendo mais recorrente entre os homens da faixa etária II, com 83,33% dos registros, e menos recorrente entre as respostas das mulheres da faixa etária I, com 58,33% das ocorrências. Já a variante *costas* obteve maior produtividade entre os falantes do sexo feminino da faixa etária I, com 33,33% dos dados, e menor recorrência entre os falantes do sexo masculino da faixa etária II, com 8,33% dos registros. As respostas prejudicadas (*RP*) ocorrem somente nas respostas das mulheres de ambas as faixas etárias, com 2,08% das ocorrências.

Após as análises por uma perspectiva micro, será realizada uma análise macro dos dados do Brasil, começando pela faixa etária e sexo dos informantes como pode ser observado no Gráfico 47.

Gráfico 47 - Distribuição das variantes para a questão 75 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil

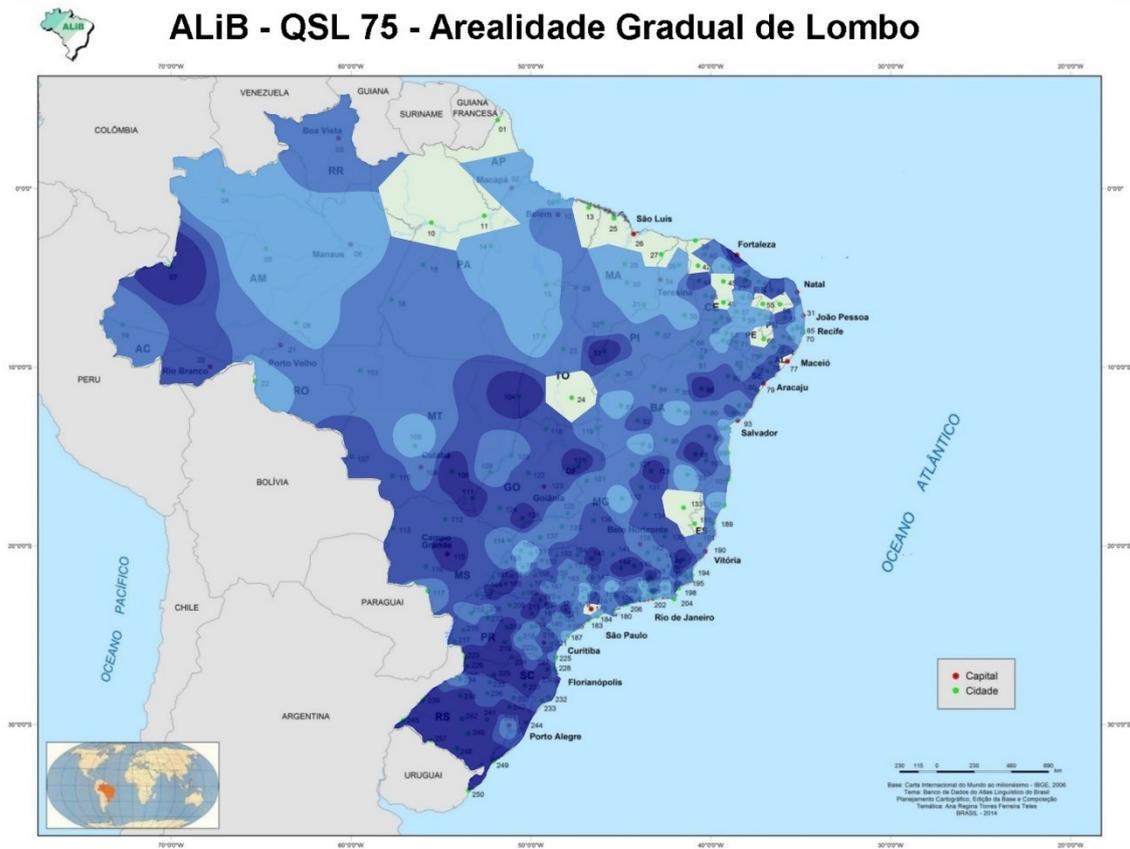


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 47 nota-se que a variante *lombo* predomina na fala dos informantes da faixa etária II, sendo 55,59% das ocorrências na fala das mulheres e 61,84% na fala dos homens. Já na faixa etária I, *lombo* predomina apenas entre os informantes do sexo masculino com 46,69% das respostas, visto que, entre as mulheres, a variante mais recorrente é *costas*, com 43,22%. O menor índice de *costas* ocorre entre os homens da faixa etária II, com 11,31% dos registros. *Espinhaço* predomina entre os informantes da faixa etária II, com 8,04% das respostas entre as mulheres e 7,77% entre os homens. O maior índice de respostas prejudicadas (*RP*) acontece entre as mulheres mais jovens (faixa etária I), com 12,82% das ocorrências. As demais variantes, devido à baixa porcentagem de ocorrências, não se mostram significativas para análise.

A Carta 28, de arealidade gradual, mostra a intensidade com que a variante *lombo* aparece distribuída pelo território nacional.

Carta 28 - Arealidade Gradual de *lombo* no Brasil



- Legenda**
- Lombo / Longo**
- 100% (4)
 - 75% (3)
 - 50% (2)
 - 25% (1)
 - 0% (0)

Base: Carta Internacional do Mundo ao milionismo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Lingüístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
 Técnica: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRASIL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

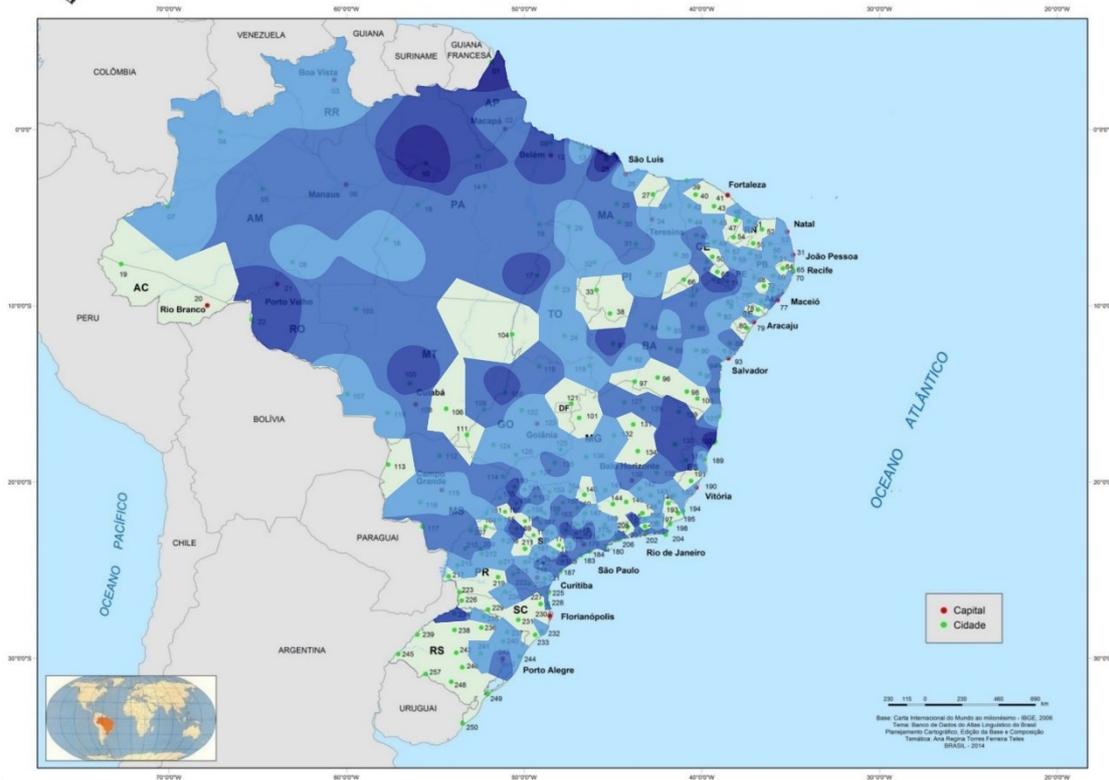
Por ser a variante mais produtiva, *lombo* ocorre em praticamente todo o país, porém com intensidades distintas. Nos pontos 033 (Alto Parnaíba – MA), por exemplo, essa variante foi a resposta escolhida pelos quatro informantes. O mesmo ocorre nos pontos 098 (Vitória da Conquista – BA), 106 (Poxoréu – MT), 140 (Passos – MG), 219 (Guarapuava – PR) etc. Apesar de bastante recorrente, essa variante não foi produzida nenhuma vez em alguns pontos do mapa, a saber: 011 (Almeirim – PA), 027 (Brejo – MA), 133 (Teófilo Otoni – MG), entre outros.

A arealidade gradual da segunda variante mais produtiva no Brasil, *costas*, pode ser observada na Carta 29.

Carta 29 - Arealidade Gradual de *costas* no Brasil



ALiB - QSL 75 - Arealidade Gradual de Costas



Legenda

- Costa(s)**
- 100% (4)**
- 75% (3)**
- 50% (2)**
- 25% (1)**
- 0% (0)**

180 60 0 180 360 480 km

Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2008
 Tema: Banco de Dados do Atlas Logotípico do Brasil
 Planejamento Cartográfico: Edição da Base e Composição
 Temática: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRASIL - 2014

[SGVCLin]® - 2015

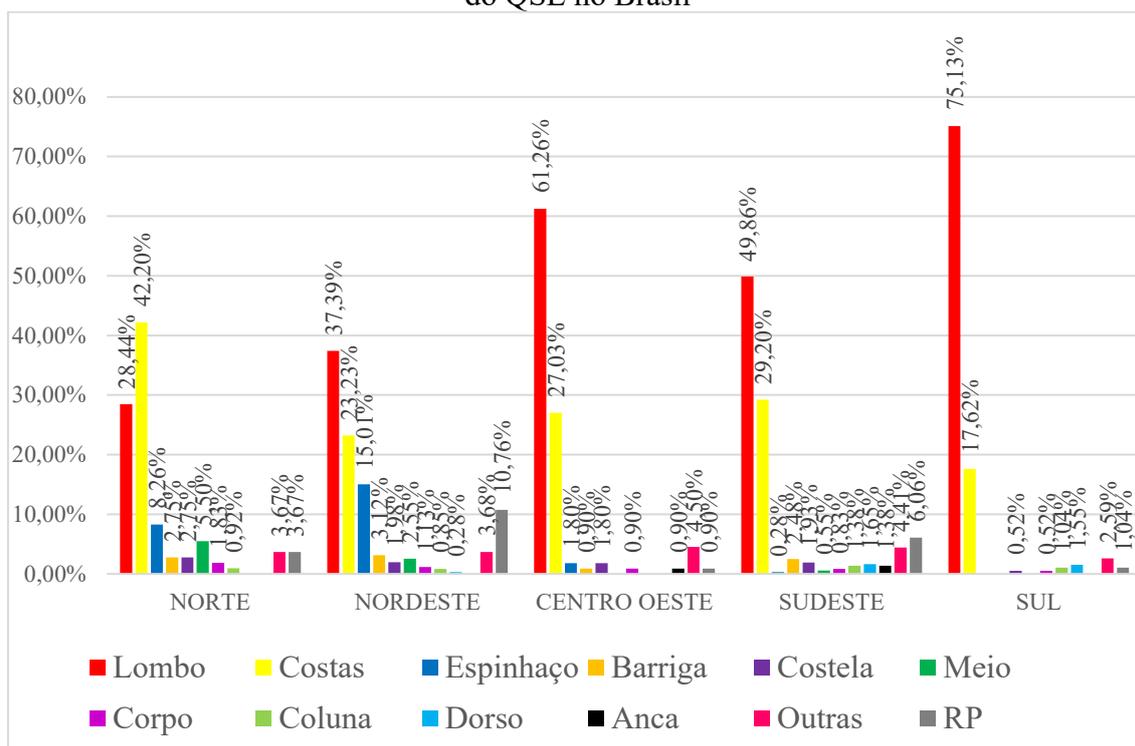
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Segundo o ilustrado na Carta 29, *costas* também aparece bastante difundida por todo o território nacional, sendo mais recorrente nos pontos 010 (Óbidos – PA) e 025 (Turiaçu – MA) e menos recorrente nos pontos 104 (São Félix do Araguaia – MT) e 226 (São Miguel do Oeste – SC).

A produtividade das variantes por região no Brasil está detalhada no Gráfico 48.

Gráfico 48 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 75 do QSL no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme detalhado no Gráfico 48, *lombo* predomina por todas as regiões do país com exceção da Região Norte, onde a variante mais recorrente é *costas*, com 42,20% dos registros. A variante *espinhaço* obteve maior produtividade na Região Nordeste, com 15,01% das ocorrências. *Meio* é mais comum no Norte, com 5,50% das respostas. O maior número de respostas prejudicadas (*RP*) ocorre no Nordeste, em 10,76% dos inquiridos. Por fim, as demais variantes não obtiveram resultados significativos para análise.

Para finalizar, nota-se que a variante esperada *lombo* predomina em todas as regiões do país, com exceção da Região Norte, em que predomina a variante *costas*. As variáveis extralingüísticas faixa etária e sexo mostram-se relevantes nessa questão, pois *costas* foi a variante escolhida pelas mulheres da faixa etária I enquanto que *lombo* foi a resposta predominante entre os informantes da faixa etária II, conforme mostra a fala da informante¹⁴ abaixo, que atribui a variante *lombo* à fala das pessoas mais velhas.

INF.- Nas costas dele.

INQ.- Cê chama de costas do cavalo?

INF.- É assim... mas tem outro nome também que os antigos ainda...

INQ.- Falam *lombo* aqui?

INF.- *Lombo*, isso.

¹⁴ Informante 2 do ponto 241 (Mulher, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Santa Cruz do Sul/RS).

Ademais, não foi possível traçar isoléxicas devido a distribuição não uniforme das variantes registradas para nomear *a parte do cavalo onde vai a sela*. Em relação à dicionarização das variantes, muitas delas estão registradas nas obras lexicográficas pesquisadas, porém supõe-se que não possuam relação semântica referente à parte do cavalo de que trata a questão 75 do QSL.

4.5 Variantes da questão 76 no Brasil: garupa do cavalo

A questão 76 do QSL tem por objetivo encontrar respostas para a pergunta sobre *a parte larga atrás do [cavalo]*. Para essa questão, foram obtidas 1217 respostas em todo o *corpus*, agrupadas em 15 rótulos, incluindo o rótulo *outras* e *RP*, conforme critérios de agrupamento abaixo:

- Formas que apresentam alterações fonológicas: *anca* > *ancra*; *popa* > *polpa*; *cadeira* > *cadera*, dentre outros;
- Substantivo precedido ou seguido de adjetivo ou locução adjetiva: *traseira* > *parte traseira*; *quarto* > *quarto traseiro*; *lombo* > *lombo detrás*, dentre outros;
- Formas que apresentam flexão de número: *costa* > *costas*; *traseira* > *traseiras*; *anca* > *ancas*; *quarto* > *quartos*; *cadeira* > *cadeiras*;
- Formas que apresentam flexão de gênero: *traseiro* > *traseira*.
- Formas que apresentam o mesmo radical: *garupa* > *garupeira*; *quadril* > *quadrilho*;
- Formas que apresentam aumentativo ou diminutivo: *bunda* > *bundão*; *coxa* > *coxão*; *popa* > *popão*; *polpa* > *polpão*; *quarto* > *quartinho*.
- Rótulo isolado com cinco ou mais ocorrências: *pá* e *nádegas*.
- Variantes com menos de cinco ocorrências, agrupadas em *outras*: *carona*, *cauda*, *rabo* etc.

Tabela 25 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL no Brasil

Rótulos	Variantes	Número de ocorrências	%
GARUPA	<i>garupa / garupeira / garupera</i>	245	20,13%
TRASEIRA	<i>traseira(s) / traseiro / parte traseira / parte(s) detrás / (parte) atrás</i>	227	18,65%
ANCA	<i>anca(s) / ancra / âncora / anta</i>	181	14,87%
BUNDA	<i>bunda / bundão / bumbum</i>	148	12,16%
QUARTO	<i>quarto(s) / quartinho / quarto detrás / quarto traseiro / quatro do cavalo</i>	79	6,49%
QUADRIL	<i>quadril / quadrilho / quadris</i>	65	5,34%
COXA	<i>coxa / coxão</i>	31	2,55%

POPA	polpa / <i>polpa do animal</i> / polpão / popa / popão / popança / poupança	31	2,55%
LOMBO	lombo / lombo detrás / lombo traseiro	22	1,81%
CADEIRA	cadeira(s) / <i>cadera</i>	18	1,48%
COSTAS	costa(s)	17	1,40%
PÁ	pá	6	0,49%
NÁDEGAS	nádegas	5	0,41%
OUTRAS	bacia / carona / cauda / cinta / cintura / cola / colote / corte / culote / dianteira / dorso / <i>escadera</i> / espinhaço / <i>fundo do cavalo</i> / <i>ingatadera</i> / paleta / pataca / pelo / pernil / <i>popozão</i> / <i>rabichera</i> / rabo / vazio / mangalarga / pata / perna / virilha / <i>ziria</i>	33	2,71%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	109	8,96%
	Total	1217	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 25 traz a produtividade das variantes obtidas nos vinte e seis estados brasileiros que fazem parte desse estudo. A variante mais recorrente, *garupa* e os itens a ela agrupados *garupeira* / *garupera* obtiveram 20,13% das ocorrências em todo o território nacional. *Traseira(s)* / *traseiro* / *parte traseira* / *parte(s) detrás* / *(parte) atrás* somam 18,65% dos registros. *Anca(s)* / *ancra* / *âncora* / *anta* ocupam o terceiro lugar com 14,87% das respostas. Já *bunda* e as variantes agrupadas *bundão* / *bumbum* aparecem em 12,16% dos dados. *Quarto(s)* / *quartinho* / *quarto detrás* / *quarto traseiro* / *quatro do cavalo* foram registrados em 6,49% das ocorrências. As variantes *quadril* / *quadrilho* / *quadris* obtiveram 5,34% dos registros. Tanto *coxa* / *coxão* quanto *polpa* / *polpa do animal* / *polpão* / *popa* / *popão* / *popança* / *poupança* obtiveram, ambas, 2,55% das respostas totais. *Lombo* / *lombo detrás* / *lombo traseiro* ocorre em 1,81% dos registros. *Cadeira(s)* / *cadera* e *costa(s)* aparecem em quase o mesmo número de respostas, sendo 1,48% e 1,40%, respectivamente. Também com número aproximando de registros aparecem as variantes *pá* com 0,49% e *nádegas* com 0,41% das respostas. As variantes menos produtivas foram agrupadas em *outras* (*bacia* / *carona* / *cauda* / *cinta* / *cintura* / *cola* / *colote* / *corte* / *culote* / *dianteira* / *dorso* / *escadera* / *espinhaço* / *fundo do cavalo* / *ingatadera* / *paleta* / *pataca* / *pelo* / *pernil* / *popozão* / *rabichera* / *rabo* / *vazio* / *mangalarga* / *pata* / *perna* / *virilha* / *ziria*) gerando um total de 2,71% das respostas. Por fim,

RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada) aparece em 8,96% dos inquéritos.

Para compreender o uso das variantes utilizadas pelos falantes foram pesquisadas as acepções das mesmas em três dicionários *on line* referenciados nesse trabalho, a saber: Aulete, Michaelis e Priberam.

Segundo o dicionário Aulete, *anca* significa “quadril, cadeira” e “parte traseira dos quadrúpedes; garupa”, podendo ser utilizada também no plural, *ancas*. No Michaelis consta como “[também usado no plural] Cada uma das regiões laterais do corpo humano, da cintura à articulação da coxa; quadril, cadeira” e “quarto traseiro (parte mais alta) dos quadrúpedes (boi, cavalo, burro etc.); garupa”. Já no dicionário Priberam, *anca* aparece apenas como “garupa” ou “quadril, nádega”, sem fazer referência aos quadrúpedes.

Bacia, de acordo com o dicionário Aulete, significa “Conjunto de ossos da extremidade inferior do tronco (sacro, cóccix e, especialmente, os íliacos); o mesmo que *pélvis*” No Michaelis: “ANAT, COLOQ Vpelve”. E no Priberam: “parte inferior do tronco humano, na zona à volta dos ossos íliacos, sacro e cóccix. = PÉLVIS”.

A variante *bumbum* aparece em Aulete como “o par de nádegas; TRASEIRO; BUNDA”. No Priberam significa “[Informal] Região das nádegas”. Já no Michaelis, o significado para *bumbum* não condiz com a parte do cavalo estudada. *Bunda*, por sua vez, consta em Aulete como “a parte traseira do corpo, entre as costas e as pernas; região glútea, o par de nádegas” e “conjunto das nádegas e do ânus”. No Michaelis significa “as nádegas; bumbum, buzanfã, pé de rabo, rabiosque, rabioste, rabiote, rabo, traseiro” e “POR EXT As nádegas e o ânus juntos”. No Priberam, a acepção para *bunda* aparece, no informal, como “zona das nádegas” e “[Brasil, Calão] Ânus”. Já *bundão* aparece em Aulete como “aum. de *bunda*; BUNDONA”. No Michaelis: “COLOQ Vbundona” e no Priberam “[Brasil, Informal] Bunda grande. = BUNDONA”.

Cadeira significa em Aulete “anca, quadril [Mais us. no pl. Ver *cadeiras*.]”. No Michaelis aparece como “FIG [também usada no plural] Anca, quadril”. Já no Priberam, o significado encontrado para *cadeira* não possui relação semântica com o item lexical em estudo. No entanto, a variante *cadeiras*, no plural, consta, no Priberam, como “zona dos quadris ou da anca”.

Cauda consta em Aulete como “Anat. Zool. Prolongamento móvel da parte traseira do corpo de certos animais; RABO: cauda de lagarto/ de peixe/ de cavalo: Sapos não têm cauda”. No Michaelis aparece como “ZOOLOG Apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, em geral bem mais delgado que o corpo, que se estende como uma

espécie de prolongamento da coluna vertebral; rabo”. E no Priberam significa “apêndice posterior móvel do corpo de alguns animais”.

A variante *cintura* significa em Aulete “região do corpo humano abaixo das costelas e acima dos quadris, que forma o contorno do tronco na parte mediana e mais estreita deste”. No Michaelis aparece como “parte média do tronco, abaixo do tórax e acima dos quadris”, “ANAT Parte mais delgada do corpo humano que une os membros inferiores ao tronco” e “medida em torno da parte mais delgada do corpo humano”. Já no Priberam aparece como “parte média do corpo humano, que corresponde geralmente à parte mais estreita do tronco” e “[Anatomia] Estrutura óssea que liga os membros ao corpo (ex.: cintura escapular, cintura pélvica)”.

A variante *cola* aparece apenas em Aulete como “cauda ou rabo de animal” e no Priberam como “apêndice posterior do corpo de alguns animais. = CAUDA”.

Costas significa em Aulete “parte detrás do tronco humano; COSTADO”. No Michaelis aparece como “parte posterior do tronco humano; dorso”. No Priberam consta como “parte exterior do corpo desde o pescoço até a região lombar. = DORSO” e “dorso do animal. = LOMBO” e ainda “parte traseira”.

Coxa aparece em Aulete como “parte do membro inferior de seres humanos e de animais vertebrados em geral, entre o quadril e o joelho”. No Michaelis consta como “parte do membro inferior que vai do quadril ao joelho”. No Priberam significa “parte da perna compreendida entre o quadril e o joelho”.

Culote significa em Aulete “Bras. Pop. Anat. Excesso de gordura localizada na parte lateral dos quadris [Tb. us. no pl.]”. No Michaelis, *culote* aparece como “Concentração de gordura localizada na parte externa do alto das coxas”. Já no Priberam aparece, no informal, como “excesso de gordura na parte lateral das ancas e das coxas”.

A variante *dorso* consta em Aulete como “parte posterior do corpo que se estende do pescoço à bacia; COSTAS” e “lado superior ou posterior de qualquer parte do corpo ou de qualquer objeto”. No Michaelis aparece como “nos vertebrados, parte ao longo da qual corre a coluna vertebral; espinhaço” e no Priberam significa “parte superior do corpo dos quadrúpedes. = LOMBO”.

Já a variante *espinhaço* consta em Aulete como “espinha grande”; “Pop. Coluna vertebral; ESPINHA”; e “Pop. A parte superior e posterior do corpo humano; ESPÁDUAS; COSTAS”. No Michaelis, aparece como “COLOQ Espinha dorsal ou coluna vertebral” e “COLOQ Nos vertebrados, parte posterior do corpo, onde se encontram as vértebras; costas, dorso”. Já no Priberam significa “série de ossos

articulados ao longo do corpo dos animais. = COSTAS” e “[Popular] Série de vértebras articuladas ao longo do corpo dos animais. = COLUNA VERTEBRAL, ESPINHA DORSAL”.

Garupa aparece em Aulete como “a parte do dorso de cavalos, burros etc. que vai do lombo aos quartos traseiros; ANCA” e “P.ext. A parte de uma bicicleta ou motocicleta localizada atrás do assento do motorista”. Já no Michaelis consta como “parte superior do cavalo e de outros grandes quadrúpedes situada entre os quartos traseiros até o lombo; anca” e “POR ANAL Lugar atrás do assento de bicicleta ou motocicleta”. No Priberam significa “parte posterior de certos animais que vai desde os rins até à base da cauda”, “ancas do cavalo” e “[Brasil] Lugar atrás do assento do condutor de uma moto ou bicicleta”.

A variante *lombo*, em Aulete, consta como “costas, dorso” e “parte carnosa muito tenra que fica entre a espinha dorsal e as costelas, tanto de um lado quanto do outro, da rês (lombo de boi)”. No Michaelis significa “ANAT, COLOQ Região situada de cada um dos lados da coluna vertebral; a região posterior do abdome, entre a costela e a crista ilíaca” e “POR EXT, COLOQ Região dorsal; costas”. No Priberam aparece como “carne pegada à espinha dorsal, na altura das costelas” e “costas, dorso; lombada, lomba”.

A variante *nádegas* aparece em Aulete como “o conjunto formado pelas duas nádegas” e “nos solípedes, região situada entre a coxa e a garupa”. No Michaelis significa “o conjunto das nádegas, a região glútea; assento, bunda, holofote, lândrias, lorto, nalga, padaria, popa, popança, popô, rabo, traseira, traseiro, tundá”. Já no Priberam consta como “traseiro, assento”.

Dos três dicionários consultados, *popa* aparece apenas em dois deles. Em Aulete consta como “Fig. Pop. Parte inferior do dorso; BUNDA; NÁDEGAS; TRASEIRO”. E no Priberam aparece como informal e significa “Região das nádegas. = TRASEIRO”. *Popão*, por sua vez, significa em Aulete “(pop.) traseiro de rês. F. *Popa*”. No Michaelis aparece como “COLOQ Traseiro de rês”. No Priberam essa palavra não foi encontrada. Já *popança* aparece em Aulete como “Bras. Gír. As nádegas, o traseiro”. No Michaelis significa o mesmo que *nádegas* “COLOQ, JOC Vnádegas”. Já no Priberam, assim como *popão*, não consta essa palavra. Por fim, a variante *poupança* aparece apenas em Aulete como “Inf. Pop. Nádegas”.

O item lexical *quadril* significa em Aulete “região lateral do corpo humano, que vai da cintura até a parte superior da coxa”. No Michaelis consta como “região lateral do corpo humano, desde a cintura até a articulação superior da coxa; anca”, “no gado bovino,

corresponde aos quartos traseiros; alcatra”, e, ainda, “no gado suíno, corresponde ao pernil”. Já no Priberam aparece como “parte do corpo humano compreendida entre a ilharga e a coxa” e “anca, alcatra (no gado)”. O plural de *quadril*, *quadris* aparece apenas no Priberam como “plural de quadril”.

Quarto, por sua vez, consta em Aulete como “nos animais, parte superior da coxa e lateral dos quadris”. No Michaelis aparece como “parte lateral do corpo que vai da coxa até a cintura; ancas, quadris”. E no Priberam aparece como *quartos*, no plural, com a acepção de “região lombar. = ANCAS, CRUZES, NÁDEGAS, QUADRIS”.

A variante *rabo* significa em Aulete “prolongamento da coluna vertebral de alguns animais; CAUDA” e “Vulg. As nádegas e/ou o ânus”. No Michaelis aparece como “COLOQ Apêndice posterior ao ânus dos animais vertebrados, em geral bem mais delgado que o corpo, que se estende como uma espécie de prolongamento da coluna vertebral; cauda”, “COLOQ Vbunda” e “VULG Vânus”. Já no Priberam consta como “termo genérico com que se indica o apêndice caudal de todos os animais”, “[Informal] Zona das nádegas. = TRASEIRO” e no informal “ânus”.

Traseira aparece em Aulete como “a parte posterior de algo: [Antôn.: dianteira, frente.], [F.: Fem. subst. de traseiro]”. No Michaelis consta como “parte detrás ou posterior” e “COLOQ Vnádegas”. No Priberam aparece como “Parte posterior; retaguarda”. Já *traseiro* consta em Aulete como “Pop. O par de nádegas”. No Michaelis significa “que está detrás; que fica na parte posterior”, “COLOQ Vnádegas” e “VULG Abertura exterior do reto; ânus”. Já no Priberam aparece como “que está atrás. ≠ DIANTEIRO”, “zona das nádegas. = RABO” e “ânus”. *Atrás* aparece em Aulete como “às costas ou na retaguarda; DETRÁS” e “na parte oposta à da frente, ou do rosto, ou à que se vê”. No Michaelis também aparece como “na parte oposta àquela que se vê” e “no lugar oposto ao anterior; detrás”. E no Priberam significa “no lado posterior”. Dessa forma, por ter acepções semelhantes, essa variante foi agrupada como *(parte) atrás* no rótulo *traseira*.

As variantes *âncora*, *anta*, *carona*, *cinta*, *corte*, *costa*, *dianteira*, *garupeira*, *manga-larga*, *pá*, *paleta*, *pata*, *pataca*, *pelo*, *perna*, *pernil*, *polpa*, *quartinho*, *vazio* e *virilha* apesar de estarem dicionarizadas, seus significados não condizem com o item lexical estudado nessa questão do trabalho.

Já as variantes *ancra*, *cadera*, *colote*, *escadera*, *fundo do cavalo*, *garupera*, *ingatadera*, *parte detrás*, *partes detrás*, *parte traseira*, *polpa do animal*, *polpão*, *popozão*,

quadrilho, quatro do cavalo, rabichera e ziria não foram encontradas em nenhum dos três dicionários pesquisados.

Feita a exposição e análise da produtividade das variantes nos dados gerais do país, a seguir, cada região do Brasil será estudada individualmente.

Tabela 26 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Norte

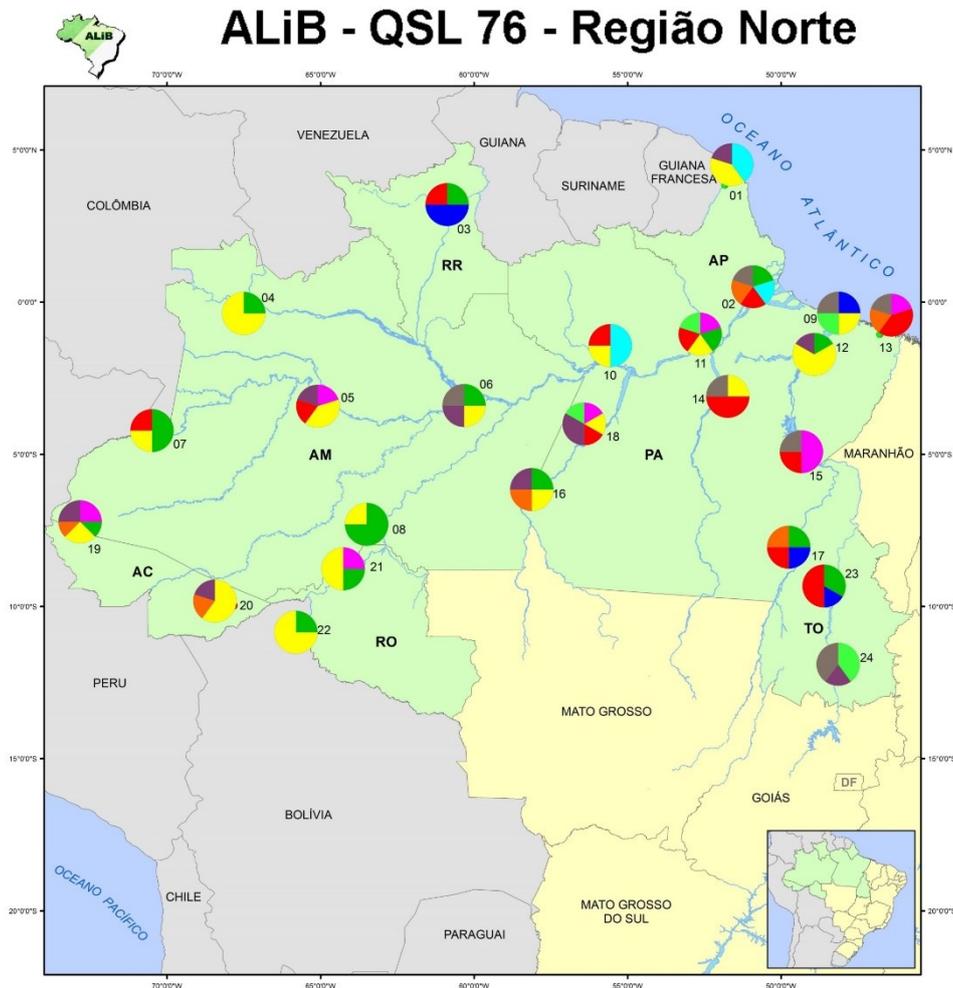
Rótulos	Variantes	Número de ocorrências	%
TRASEIRA	traseira / traseiro / (parte) atrás / parte traseira / partes detrás	30	26,55%
BUNDA	bunda	18	15,93%
GARUPA	garupa	16	14,16%
QUARTO	quarto(s) / quarto traseiro	11	9,73%
QUADRIL	quadril	6	5,31%
POPA	polpa / polpa do animal / polpão / popa	5	4,42%
CADEIRA	cadeira / cadera	5	4,42%
ANCA	anca	5	4,42%
OUTRAS	cauda / costa / escadera / espinhaço / nádegas / rabichera / vazio	9	7,96%
RP	áudio incompleto / não soube / pergunta não formulada	8	7,08%
	Total	113	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 26 traz a produtividade das variantes para a questão 76 registradas nos sete estados da Região Norte. Das 113 respostas totais, *traseira* e as variantes a ela agrupadas *traseiro / (parte) atrás / parte traseira / partes detrás* correspondem a 26,55% das respostas, sendo, assim, a mais recorrente. Em segundo lugar, *bunda* obteve 15,93% das respostas. Já *garupa* possui quase o mesmo número de ocorrências que *bunda*, totalizando, assim, 14,16% dos registros. O rótulo *quarto*, que inclui ainda *quartos* e *quarto traseiro*, aparece em 9,73% das ocorrências. *Quadril* obteve 5,31% das respostas. Já *polpa / polpa do animal / polpão / popa* aparecem com 4,42% de produtividade no *corpus*, assim como as variantes *cadeira* e *cadera* e a variante *anca*, sendo, dessa forma, as variantes menos recorrentes na Região Norte. Com 7,96% das respostas estão as variantes que aparecem menos de cinco vezes e foram agrupadas em *outras*. São elas: *cauda / costa / escadera / espinhaço / nádegas / rabichera / vazio*. É importante lembrar que algumas respostas foram prejudicadas, ou porque a pergunta não foi formulada pelo inquiridor ou porque o informante não sabia a resposta ou até mesmo porque o áudio

estava incompleto. Assim, essas respostas foram agrupadas como respostas prejudicadas (RP) e acumulam 7,08% dos registros.

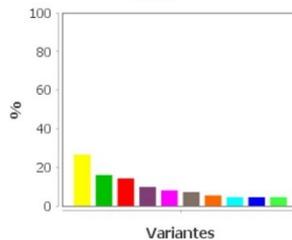
Carta 30 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Norte



Legenda

- Traseira / Traseiro / (Parte) atrás / Parte traseira / Partes de trás
- Bunda
- Garupa
- Quarto(s) / Quarto traseiro
- Quadril
- Cadeira / Cadera
- Anca
- Polpa / Polpa do animal / Polpão / Popa
- Outras
- RP

Geral



Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Diazo de Diazo do Atlas Linguístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico, Edição da Base e Composição
 Técnica: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 88/02/2014

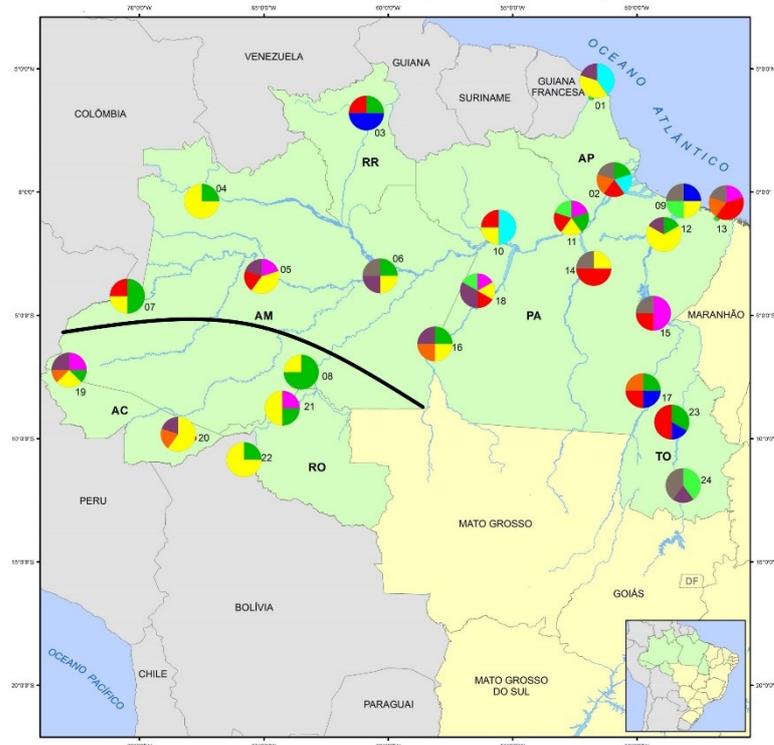
[SGVCLin][®] - 2015

© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin[®]

Como mostra a Carta 30 e, conforme detalhado anteriormente, *traseira* (em amarelo), apesar de ser a variante mais produtiva na Região Norte, aparece apenas em cinco dos sete estados nortistas, visto que não está presente nos estados de Roraima e Tocantins. Já *o rótulo bunda* aparece em todos os estados estudados, porém não aparece em todas as localidades. A variante *garupa* (em vermelho), por sua vez, assim como a variante *traseira*, não foi documentada em dois estados, sendo eles Acre e Rondônia. Dessa forma, é possível observar na Figura 12 o isolamento dialetal dos estados do Acre e Rondônia, os quais não têm contato com a variante *garupa*, visto o distanciamento desses estados da Região Nordeste, região essa em que a variante *garupa* é predominante, como se verá adiante.

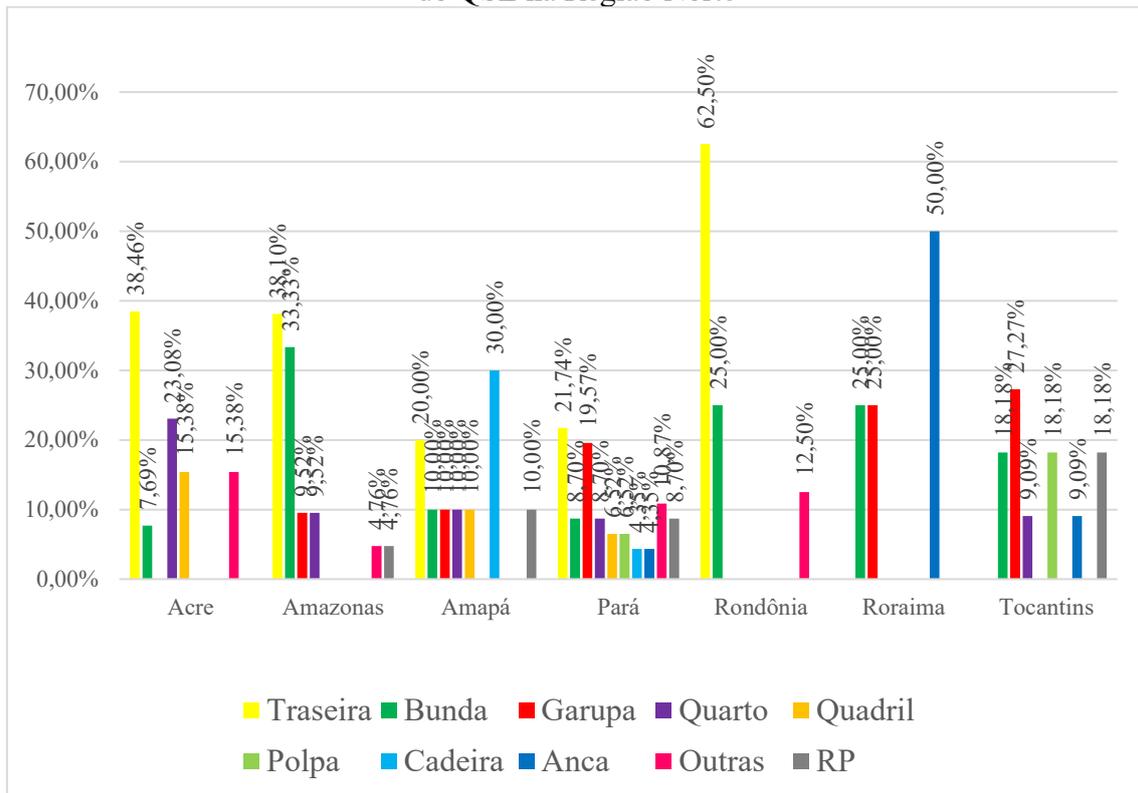
Figura 12 - Arealização da variante *garupa* na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

O detalhamento da produtividade das variantes por estado na Região Norte pode ser observado no Gráfico 49.

Gráfico 49 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Norte

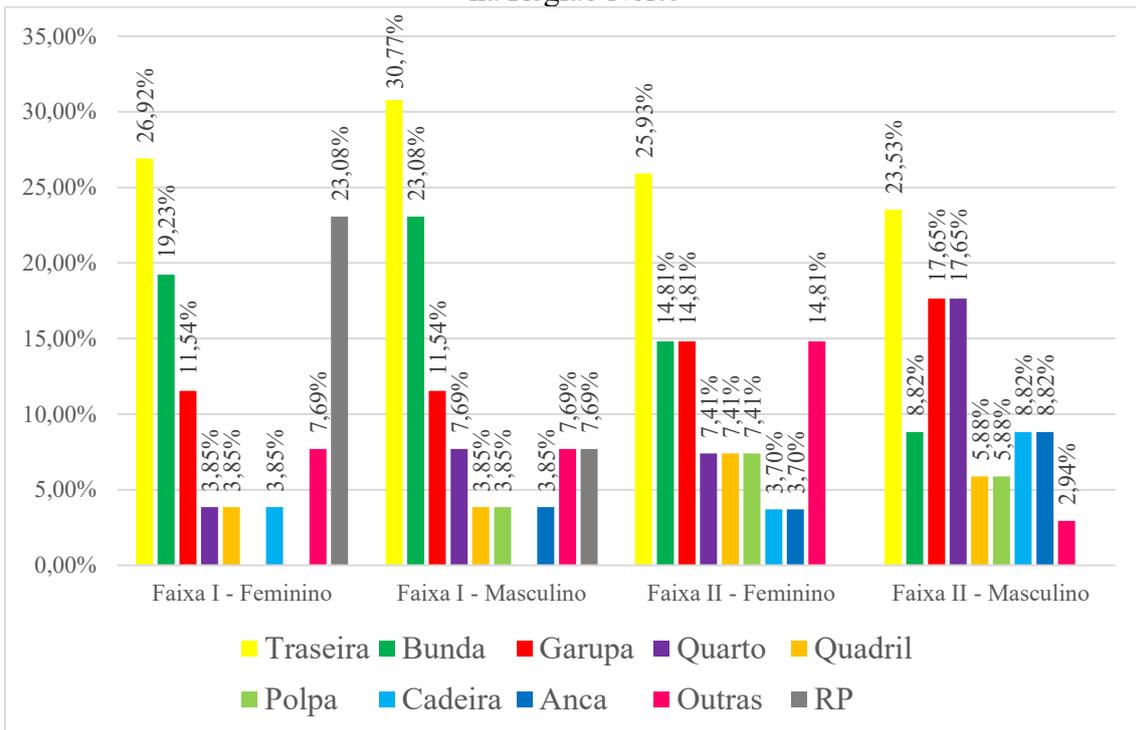


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 49, *traseira* aparece na maioria dos estados da Região Norte. Porém, em Rondônia, obteve o maior percentual de ocorrências, 62,50%. Vale destacar que essa variante não está presente em Roraima onde *anca* predomina com 50,00% das respostas. Já em Tocantins, o item lexical predominante é *garupa* com 27,27% das ocorrências. No Amapá, *cadeira* aparece em 30,00% das respostas, sendo a variante mais recorrente nesse estado. O Pará é o único estado em que todas as variantes foram documentadas. As respostas agrupadas em *outras* obtiveram maior índice de ocorrências no estado do Acre, com 15,38%. Já *RP* é mais recorrente em Tocantins, com 18,18% dos dados.

O Gráfico 50 traz a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Norte.

Gráfico 50 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Norte



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 50 mostra que a variante *traseira* predomina nas respostas de todos os informantes, sendo mais recorrente entre a faixa etária I, com 26,92% para o sexo feminino e 30,77% para o masculino. *Bunda* também é mais recorrente na faixa etária I, com 19,23% entre as mulheres e 23,08% entre os homens. As variantes *garupa* e *quarto* são mais recorrentes entre os homens da faixa etária II, ambas com 17,65% das ocorrências. O rótulo *outras* obteve maior percentual entre as mulheres da faixa etária II, com 14,81% de registros. Já entre as mulheres da faixa etária I, *RP* obteve 23,08%, sendo mais recorrente entre essas informantes.

Adiante será apresentado o estudo para a questão 76 do QSL na Região Nordeste.

Tabela 27 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Nordeste

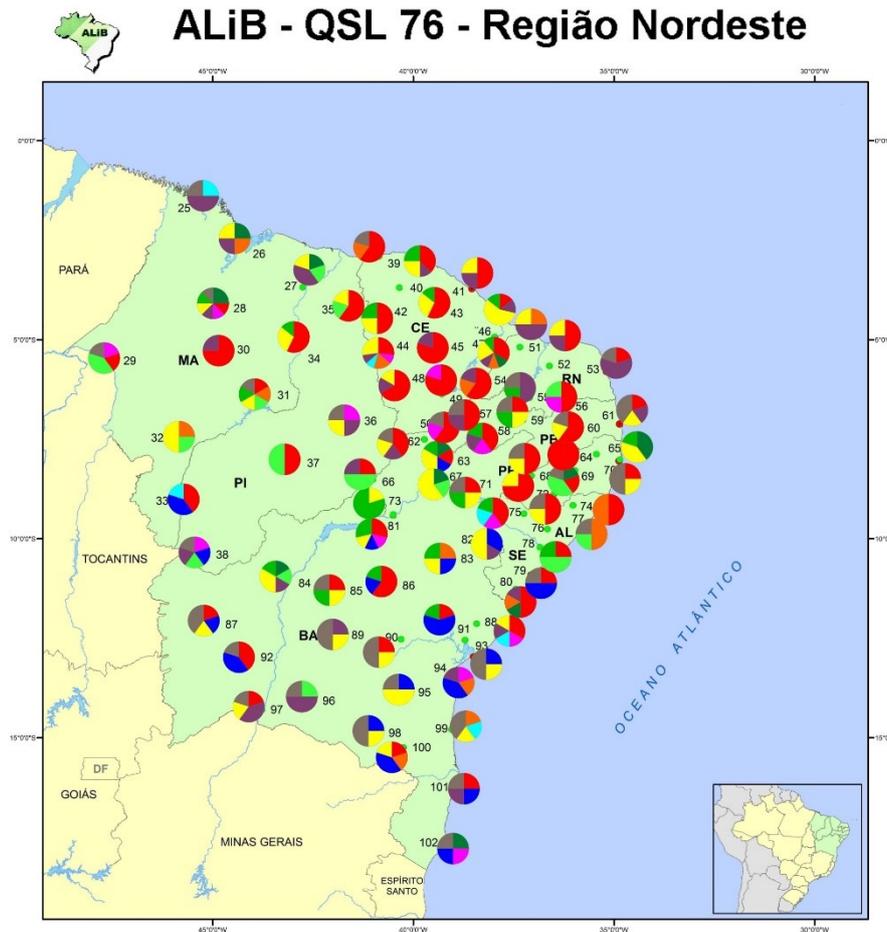
Rótulos	Variantes	Número de ocorrências	%
GARUPA	garupa / garupera	115	29,49%
TRASEIRA	traseira(s) / traseiro / parte traseira / (parte) atrás	65	16,67%
QUARTO	quarto / quartinho / quarto traseiro	42	10,77%
BUNDA	bunda / bumbum	28	7,18%
ANCA	anca	26	6,67%
POPA	polpa / popa / popão / poupança	20	5,13%

QUADRIL	quadril / quadris / quadrilho	18	4,62%
COXA	coxa / coxão	13	3,33%
CADEIRA	cadeira(s)	6	1,54%
OUTRAS	carona / costa(s) / culote / dianteira / fundo do cavalo / lombo / pá / pataca	14	3,59%
RP	áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	43	11,03%
	Total	390	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 27 traz a produtividade das variantes encontradas nos nove estados da Região Nordeste. As 390 respostas foram agrupadas em 11 rótulos, incluindo as respostas pouco recorrentes, agrupadas em *outras* e as respostas prejudicadas (*RP*). Diferentemente da Região Norte, no Nordeste, as variantes com maior número de ocorrências são *garupa / garupera* com 29,49% das respostas. O rótulo *traseira e as variantes traseiras / traseiro / parte traseira / (parte) atrás*, que aparecem em primeiro lugar na Região Norte, aqui aparecem em segundo lugar, com 16,67% das respostas obtidas. *Quarto / quartinho / quarto traseiro* somam 10,77% das respostas totais. As demais variantes encontradas aparecem em um número menor quando comparadas às variantes citadas acima. São elas: *Bunda / bumbum e anca*, que obtiveram quase o mesmo número de ocorrências, sendo 7,18% e 6,67%, respectivamente; *polpa / popa / popão / poupança* que ocorrem em 5,13% dos registros; *quadril / quadris / quadrilho* que aparecem em 4,62% das respostas; *coxa e coxão* que somam 3,33% dos registros; e *cadeira(s)* que ocorre em apenas 1,54% das respostas. As variantes *carona / costa(s) / culote / dianteira / fundo do cavalo / lombo / pá / pataca*, agrupadas em *outras*, aparecem em 3,59% dos registros. Já *RP (áudio incompleto / áudio prejudicado / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* obtiveram 11,03% dos dados.

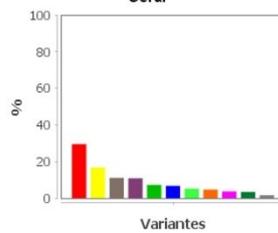
Carta 31 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Nordeste



Legenda

- Garupa / Garupera
- Traseira(s) / Traseiro / Parte traseira / (Parte) atrás
- Quarto / Quartinho / Quarto traseiro
- Bunda / Bumbum
- Anca
- Polpa / Popa / Popão / Poupança
- Quadril / Quadris / Quadrilho
- Coxa / Coxão
- Cadeira(s)
- Outras
- RP

Geral



150 80 0 100 323 480 km
 Base: Carta Interacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Lingüístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico: Edição da Base e Composição
 Terceira: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 2014

[SGVCLin]® - 2015

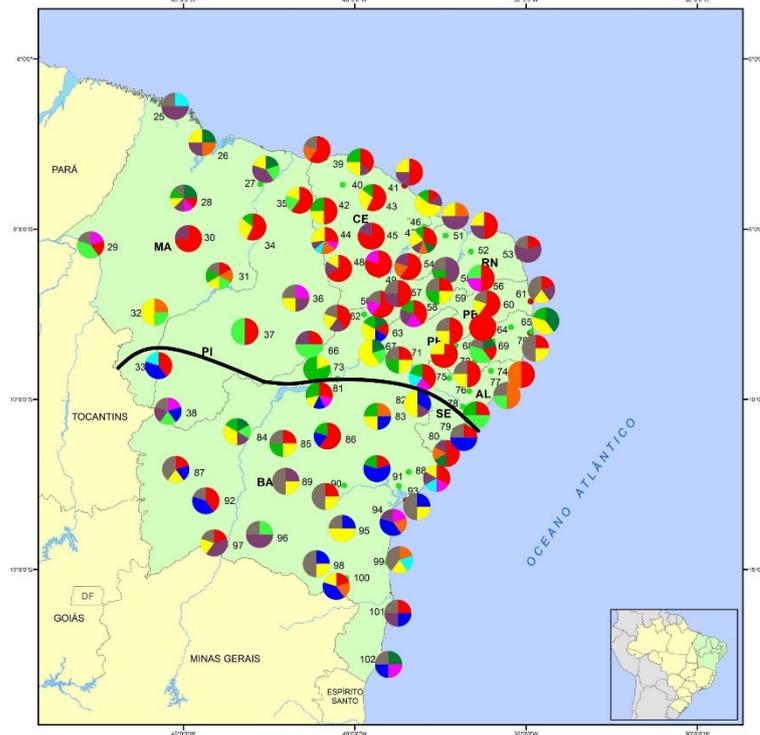
© Karoline Espíndola (2021)

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

De acordo com a Carta 31 é possível observar que a variante mais produtiva, *garupa*, encontra-se em todos os estados do Nordeste. Porém, aparece mais vezes nos estados do Ceará, Paraíba e Piauí. Já a segunda variante mais recorrente, *traseira*, não

aparece em Sergipe. Assim, essa variante encontra-se documentada em 8 dos 9 estados pesquisados, sendo mais produtiva em Pernambuco, Ceará e Bahia, respectivamente. *Anca*, por sua vez, predomina na Bahia. Como é possível observar na Figura 13, a formação da isoglossa de *anca* inclui o estado da Bahia e suas áreas de contato com Maranhão, Pernambuco, Piauí e Sergipe.

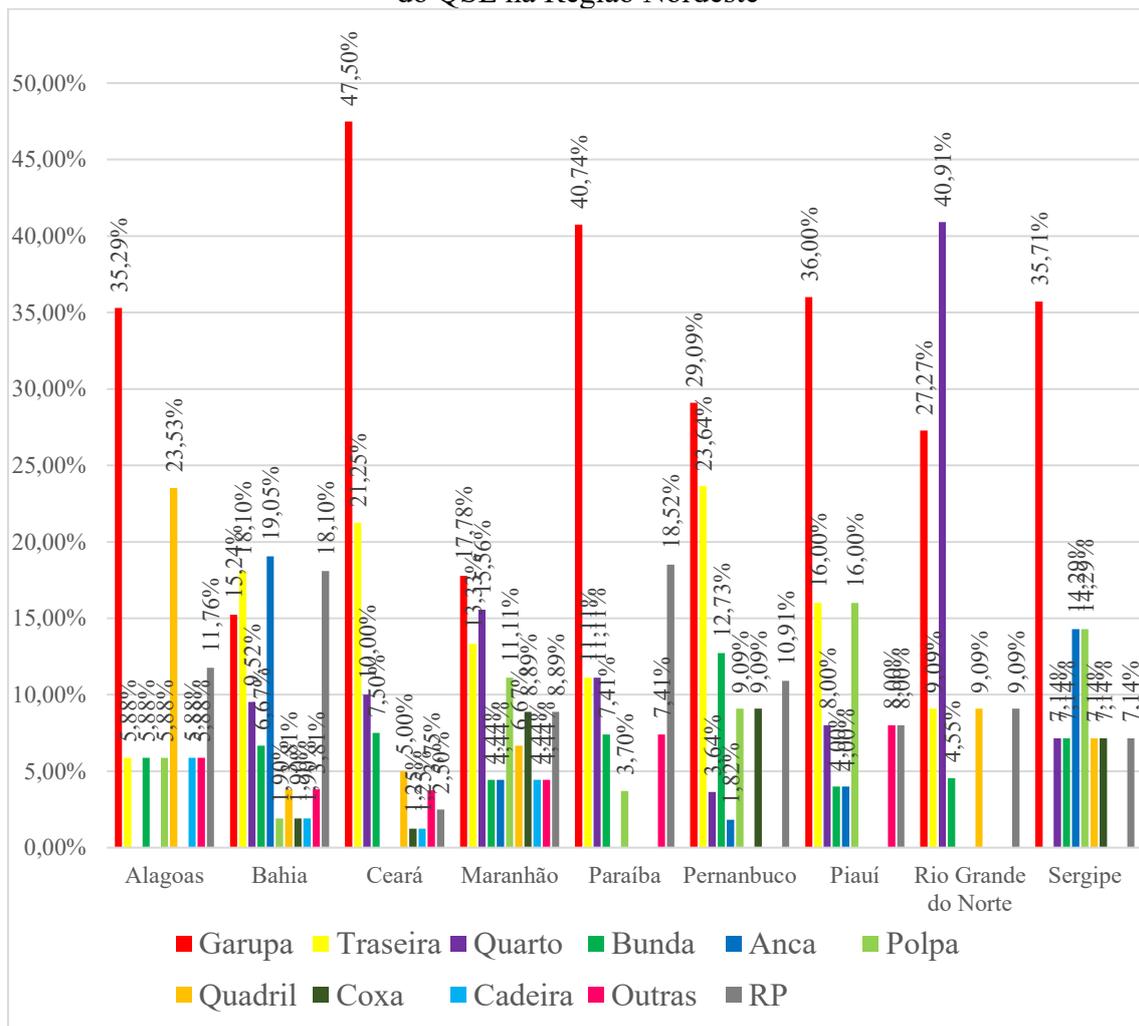
Figura 13 - Arealização da variante *anca* na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

O Gráfico 51 detalha a produtividade das variantes por estado na Região Nordeste.

Gráfico 51 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Nordeste

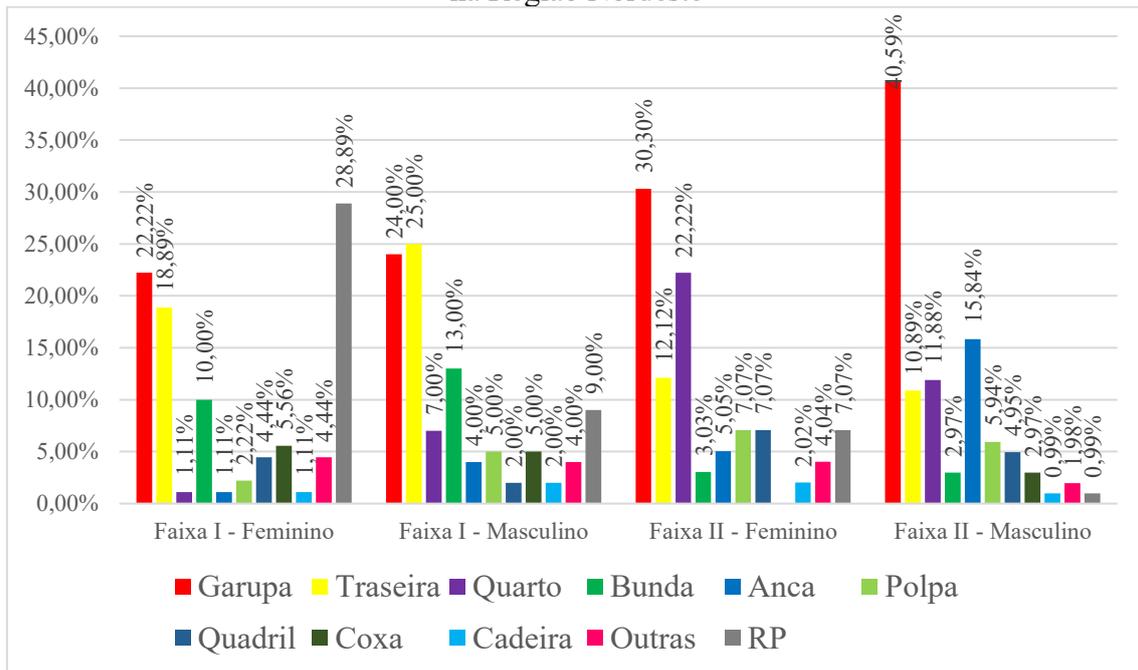


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Por meio do Gráfico 51, é possível observar que os únicos estados que registraram todas as variantes são Bahia e Maranhão. A variante *garupa* está presente em todos os estados nordestinos. No entanto, essa variante predomina no Ceará com 47,50%, na Paraíba com 40,74% e Piauí com 36,00% das ocorrências. Apenas nos estados da Bahia e Rio Grande do Norte essa variante não obteve predomínio. Entre todos os estados, Alagoas foi o que registrou maior percentual para *quadril* com 23,53%. Já a variante *quarto* predomina no Rio Grande do Norte com 40,91% das respostas. Nos estados da Paraíba e Bahia, as respostas prejudicadas (*RP*) obtiveram 18,52% e 18,10% dos registros, respectivamente.

O Gráfico 52 mostra a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Nordeste.

Gráfico 52 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Nordeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 52, *garupa* é mais recorrente na fala dos informantes da faixa etária II, sendo 30,30% entre as mulheres e 40,59% entre os homens. *Traseira* é mais produtiva entre os informantes do sexo masculino da faixa etária I com 25,00% das respostas. Entre os informantes da faixa etária I, *bunda* obteve 10,00% das respostas entre as mulheres e 13,00% entre os homens. Já entre os informantes da faixa etária II, essa variante foi pouco recorrente, sendo 3,03% entre as mulheres e 2,97% entre os homens. As variantes *quarto* e *anca* são mais utilizadas pelos informantes da faixa etária II, sendo *quarto* com 22,22% na fala das mulheres e 11,88% na dos homens. Já *anca* obteve 15,84% entre os homens e 5,05% entre as mulheres. Assim como na Região Norte, *RP* predomina na fala das mulheres da faixa etária I com 28,89% dos dados.

A Tabela 28 traz a análise da produtividade das variantes na Região Centro-Oeste.

Tabela 28 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Centro-Oeste

Rótulos	Variantes	Número de ocorrências	%
GARUPA	garupa / garupeira	36	28,12%
TRASEIRA	traseira / traseiro	22	17,19%
ANCA	anca / ancra / âncora	22	17,19%
BUNDA	bunda / bundão	17	13,28%

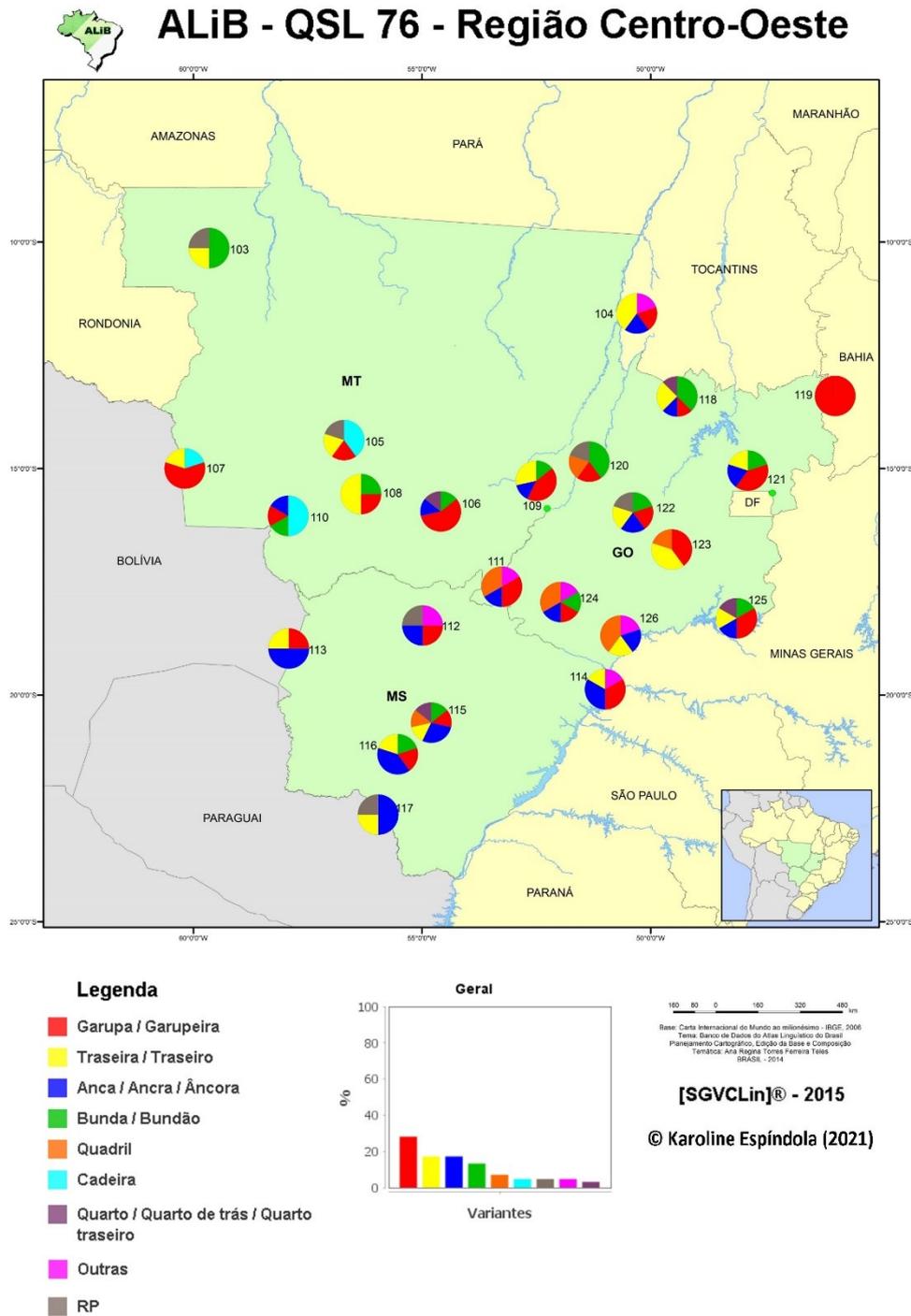
QUADRIL	quadril	9	7,03%
CADEIRA	cadeira	6	4,69%
QUARTO	quarto / quarto detrás / quarto traseiro	4	3,12%
OUTRAS	coxa / polpa	6	4,69%
RP	não obtida / não soube	6	4,69%
	Total	128	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

No Centro-Oeste foram obtidas 128 respostas para a Questão 76 do QSL. Conforme dados expostos na Tabela 28, as variantes *garupa / garupeira* são as mais recorrentes com 28,12% dos registros. A variante *traseira* e seu agrupamento *traseiro* obtiveram 17,19% das respostas. Também com 17,19% das ocorrências aparecem as variantes *anca / ancra / âncora*. Na sequência *bunda e bundão* aparecem com 13,28% dos registros. *Quadril* ocorre em 7,03% das respostas. *Cadeira* e *quarto / quarto detrás / quarto traseiro* obtiveram quase o mesmo número de respostas, sendo, respectivamente, 4,69% e 3,12% dos registros. As variantes *coxa* e *polpa*, agrupadas em *outras*, e *RP (não obtida / não soube)* correspondem, ambas, a 4,69% das ocorrências.

A Carta 32 refere-se à distribuição das variantes encontradas na Região Centro-Oeste.

Carta 32 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Centro-Oeste



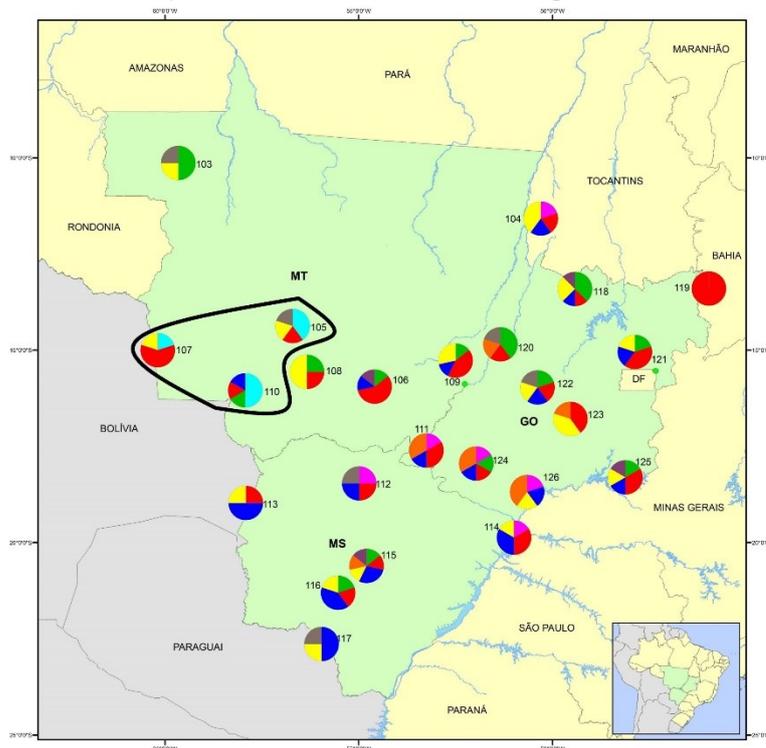
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

A variante mais produtiva, *garupa*, bem como a segunda e a terceira mais produtivas, *traseira* e *anca*, respectivamente, aparecem em todos os 3 estados, sendo que *garupa* é mais recorrente no Mato Grosso e Goiás, *anca* é mais comum no Mato Grosso

do Sul, e *traseira*, apesar de ser a segunda variante mais produtiva na região, não possui predominância em nenhum dos três estados.

No que diz respeito à *cadeira* (em azul claro), pode-se observar que a mesma aparece em apenas 3 localidades, todas pertencentes ao estado do Mato Grosso. São elas: 105 (Diamantino – MT), 107 (Vila Bela da Santíssima Trindade – MT) e 110 (Cáceres – MT). Dessa forma, é possível traçar uma isoléxica para essa variante, conforme circulado na Figura 14.

Figura 14 - Arealização da variante *cadeira* na Região Centro-Oeste

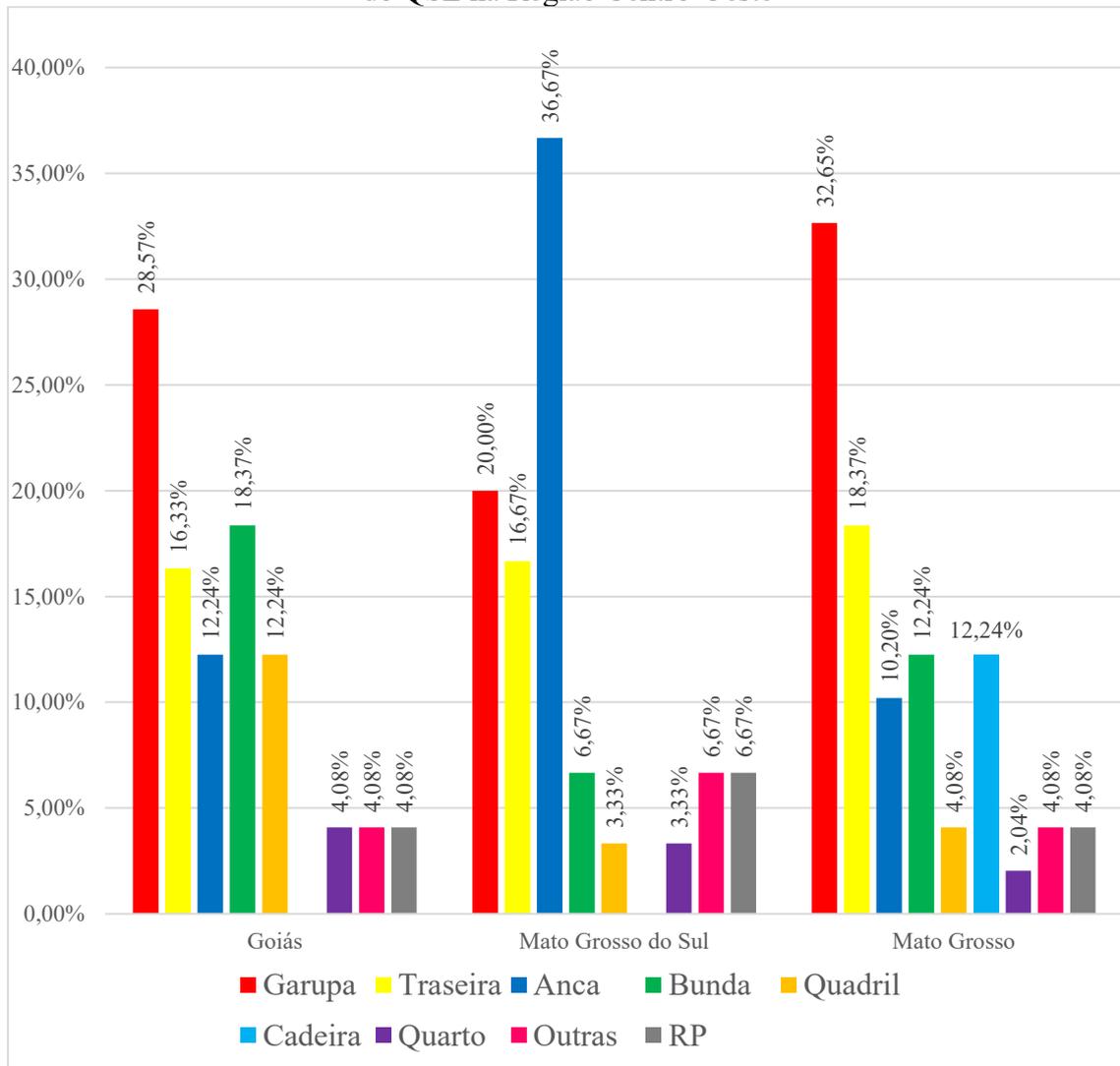


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Outra observação importante é que no ponto 103 (Aripuanã – MT), divisa com Rondônia, não ocorre a variante *garupa*, confirmando, assim, o exposto na Figura 12, que isolou as localidades em que *garupa* não aparece nenhuma vez.

O Gráfico 53 traz a produtividade das variantes por estado na Região Centro-Oeste.

Gráfico 53 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Centro-Oeste

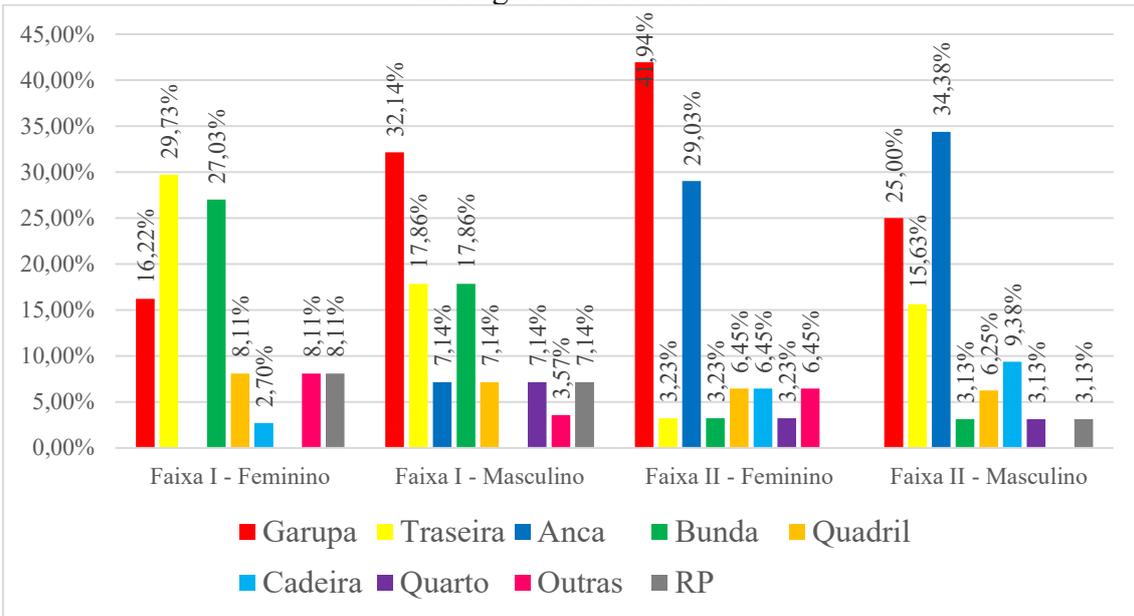


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

De acordo com o exposto no Gráfico 53 e, conforme visto anteriormente, a variante *garupa* predomina em Goiás com 28,57% e em Mato Grosso com 32,65% das respostas. Assim como *garupa*, a variante *bunda* também obteve maior índice em Goiás, com 18,37%, e no Mato Grosso, com 12,24% dos registros. Já a variante *anca* é mais recorrente no Mato Grosso do Sul, com 36,67% dos dados, sendo, inclusive mais produtiva que as variantes *garupa* e *traseira*. *Cadeira*, por sua vez, obteve 12,24% das respostas, aparecendo apenas no Mato Grosso.

O Gráfico 54 mostra a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste.

Gráfico 54 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Centro-Oeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme o Gráfico 54, a variante *garupa*, que é mais produtiva na Região Centro-Oeste, foi dominante nas respostas dos informantes do sexo feminino da faixa etária II, com 41,94% das ocorrências. Já entre os informantes do sexo masculino, da faixa etária I, *garupa* obteve 32,14% das respostas. Entre as mulheres da faixa etária I, as variantes *traseira* e *bunda* foram as mais produtivas, com 29,73% e 27,03% dos registros, respectivamente. Entre os informantes da faixa etária II, *anca* obteve 34,38% das respostas entre os homens e 29,03% entre as mulheres.

A seguir será feita a análise para a questão 76 na Região Sudeste do país.

Tabela 29 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sudeste

Rótulos	Variantes	Número de ocorrências	%
TRASEIRA	traseira / traseiro / (parte) atrás / parte detrás	79	21,12%
ANCA	anca(s) / âncora / anta	76	20,32%
BUNDA	bunda / bumbum	53	14,17%
GARUPA	garupa / garupera	51	13,64%
QUADRIL	quadril / quadris	13	3,48%
LOMBO	lombo / lombo traseiro / lombo detrás	12	3,21%
QUARTO	quarto	10	2,67%
COXA	coxa	9	2,41%
COSTAS	costa(s)	5	1,34%

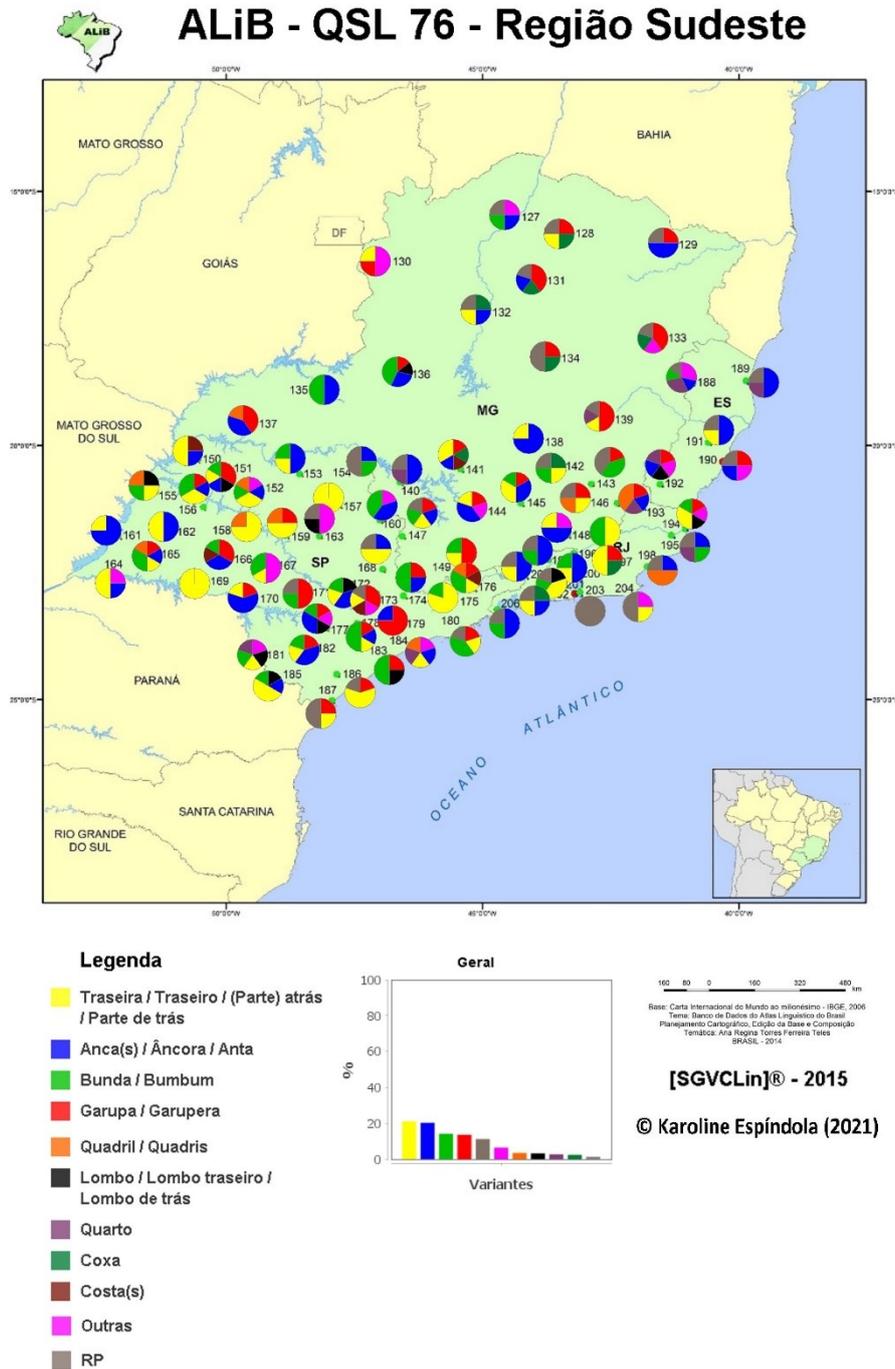
OUTRAS	bacia / cadeira / carona / cinta / cintura / colote / dorso / escaderna / ingatadera / Manga-larga / nádegas / pá / paleta / pata / pelo / perna / pernil / popa / vazio / virilha / ziria	24	6,42%
RP	áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada	42	11,23%
	Total	374	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 29 traz as 374 respostas, agrupadas em nove rótulos documentados na Região Sudeste, além das respostas agrupadas em *outras* e em *RP*. Em relação à produtividade das variantes, verifica-se uma “disputa” entre duas variantes. São elas: *traseira / traseiro / (parte) atrás / parte detrás*, com 21,12%, e *anca(s) / âncora / anta*, com 20,32% das ocorrências. Na sequência, também em números aproximados, *bunda / bumbum* aparecem em 14,17%, e *garupa / garupera* em 13,64% das respostas. As variantes menos recorrentes no Sudeste são: *quadril / quadris, lombo / lombo traseiro / lombo detrás, quarto, coxa* e *costa(s)*, com 3,48%, 3,21%, 2,67%, 2,41% e 1,3%, respectivamente. As variantes agrupadas em *outras (bacia / cadeira / carona / cinta / cintura / colote / dorso / escaderna / ingatadera / manga-larga / nádegas / pá / paleta / pata / pelo / perna / pernil / popa / vazio / virilha / ziria)* aparecem em 6,42% das respostas. Já *RP (áudio incompleto / não lembrou / não obtida / não soube / pergunta não formulada)* obteve 11,23% dos registros.

A Carta 33 mostra a distribuição espacial das variantes estudadas na Região Sudeste.

Carta 33 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

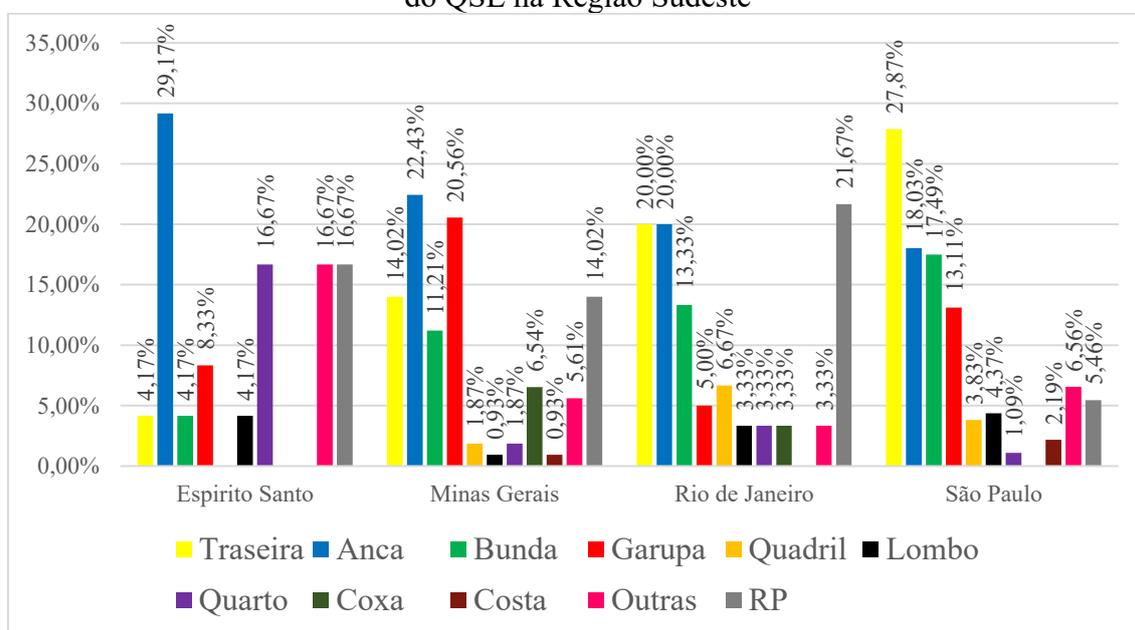
As variantes mais produtivas *traseira*, *anca*, *bunda* e *garupa* aparecem em todos os estados. Já a variante *costa*, que foi a menos produtiva em toda a Região Sudeste, obteve apenas 05 ocorrências, sendo 04 delas em São Paulo, mais especificamente nos

pontos 150 (Jales – SP), 166 (Marília – SP), 173 (Campinas – SP) e 176 (Guaratinguetá – SP) e 01 em Minas Gerais, no ponto 141 (Formiga – MG).

É importante salientar que *RP* foi o rótulo mais recorrente no estado do Rio de Janeiro. De 13 respostas prejudicadas, 12 delas foram de informantes que não sabiam a resposta e 01 delas foi de um informante que não lembrou. O ponto 203 (Niterói – RJ), por exemplo, foi a localidade onde os informantes 1, 2 e 3 não souberam a resposta, e o informante 4 não lembrou.

O Gráfico 55 mostra, em detalhes, a produtividade das variantes por estado na Região Sudeste.

Gráfico 55 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Sudeste

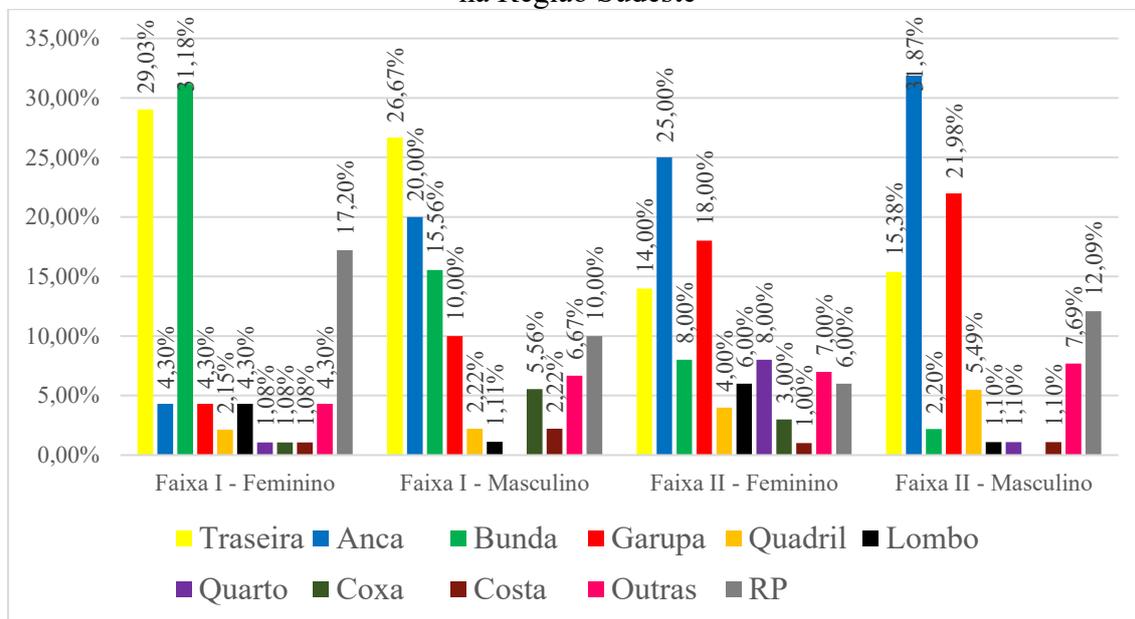


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme o Gráfico 55, a variante *traseira* obteve maior produtividade no estado de São Paulo, com 27,87% das ocorrências. Já no Rio de Janeiro, *traseira* e *anca* obtiveram, ambas, 20,00% das respostas. Nos estados de Espírito Santo e Minas Gerais, *anca* é a variante mais produtiva, com 29,17% e 22,43% dos registros, respectivamente. A variante *quarto* obteve maior índice no Espírito Santo, sendo 16,67% das respostas. Também no Espírito Santo ocorre o maior número de respostas agrupadas no rótulo *outras*, com 16,67% das ocorrências. Para *RP*, a maior porcentagem registrada foi no Rio de Janeiro, com 21,67% dos dados totais, ultrapassando, assim, o restante das variantes.

A produtividade das variantes por faixa etária e sexo na Região Sudeste pode ser observada no Gráfico 56.

Gráfico 56 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sudeste



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

O Gráfico 56 demonstra que *traseira*, apesar de ser a variante mais produtiva na Região Sudeste, só teve predominância entre os informantes masculinos da faixa I, com 26,67% das respostas. A variante *anca* é predominante na faixa II, em ambos os sexos, com 31,87% entre os homens e 25,00% entre as mulheres. Já na faixa etária I, sexo feminino, a maior produtividade foi obtida na variante *bunda*, com 31,18% dos registros. *Quarto*, por sua vez, não aparece nenhuma vez entre os homens da faixa etária I e tem maior índice entre as mulheres da faixa etária II com 8,00% das respostas. Como uma das respostas esperadas para a questão 76, e que demonstrou ser a mais produtiva no Brasil, *garupa* teve, na Região Sudeste, mais relevância nas respostas da faixa etária II, sendo 21,98% para os homens e 18,00% para as mulheres.

Após a conclusão da análise da Região Sudeste, será realizada a análise da Região Sul.

Tabela 30 - Produtividade das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sul

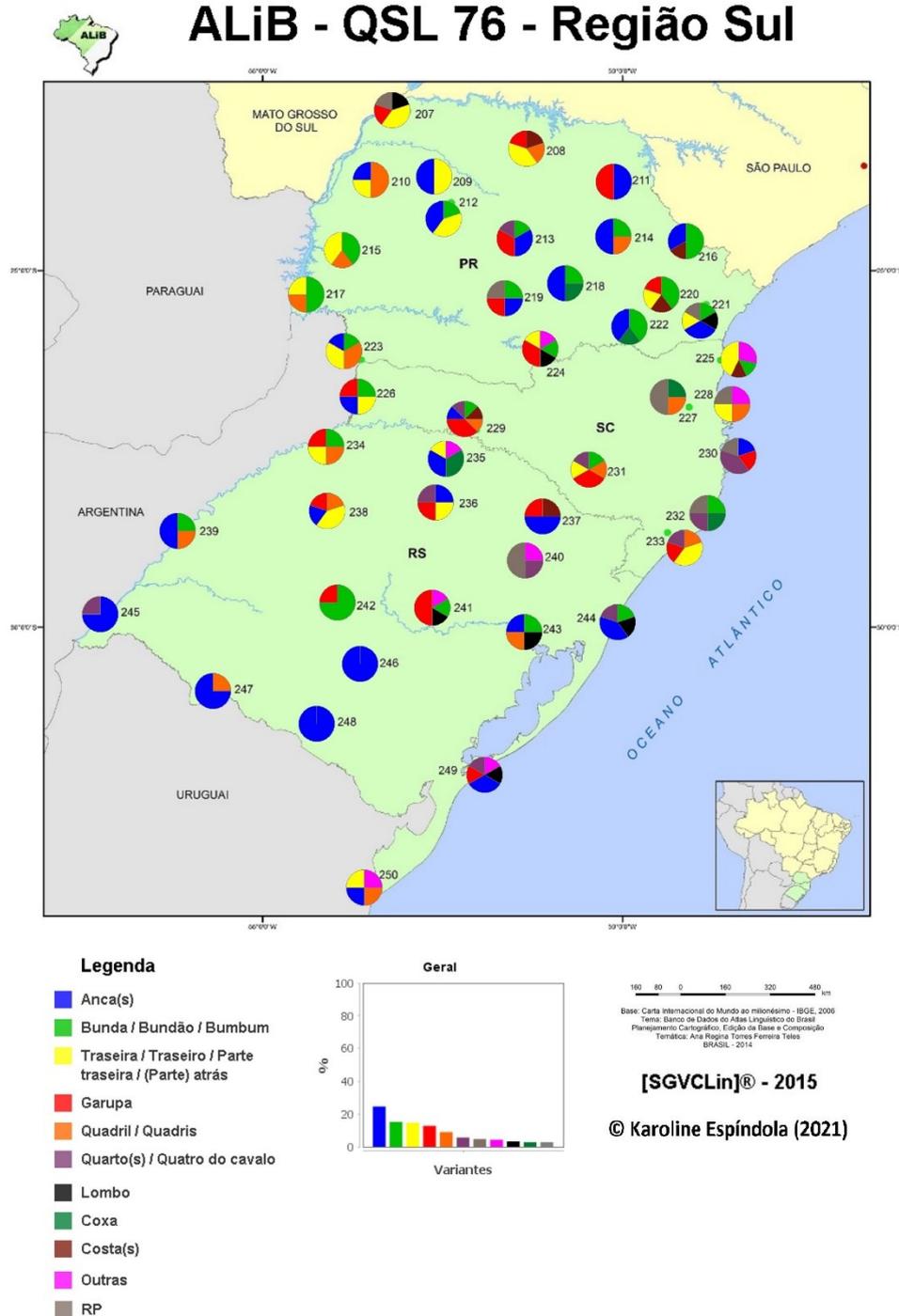
Rótulos	Variantes	Número de ocorrências	%
ANCA	anca(s)	52	24,64%

BUNDA	bunda / bundão / bumbum	32	15,17%
TRASEIRA	traseira / traseiro / parte traseira / (parte) atrás	31	14,69%
GARUPA	garupa	27	12,80%
QUADRIL	quadril / quadris	19	9,00%
QUARTO	quarto(s) / quatro do cavalo	12	5,69%
LOMBO	lombo	7	3,32%
COXA	coxa	6	2,84%
COSTAS	costa(s)	6	2,84%
OUTRAS	cola / corte / nádegas / paleta / perna / popança / popozão / rabo	9	4,27%
RP	não lembrou / não soube	10	4,74%
	Total	211	

Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

A Tabela 30 traz a produtividade das variantes obtidas nos três estados da Região Sul. As 211 respostas estão distribuídas em 11 rótulos, incluindo *outras* e *RP*. Diferente das outras regiões, *anca* aparece como a variante mais produtiva na Região Sul, com 24,64% das ocorrências. Na segunda posição, *bunda / bundão / bumbum* foram registradas em 15,17% das respostas. Próximos ao resultado de *bunda*, as variantes *traseira / traseiro / parte traseira / (parte) atrás* aparecem em 14,69% das respostas. *Garupa* segue com o quarto lugar, com 12,80% dos registros. *Quadril / quadris* e *quarto(s) / quatro do cavalo* aparecem com 9,00% e 5,69% das respostas, respectivamente. *Lombo* aparece com 3,32% dos registros. Já *coxa* e *costa(s)* obtiveram, ambas, 2,84% das respostas. *Outras (cola / corte / nádegas / paleta / perna / popança / popozão / rabo)* aparecem em 4,27% dos dados e *RP (não lembrou / não soube)* soma 4,74% das entrevistas.

Carta 34 - Distribuição diatópica das variantes para a questão 76 do QSL na Região Sul



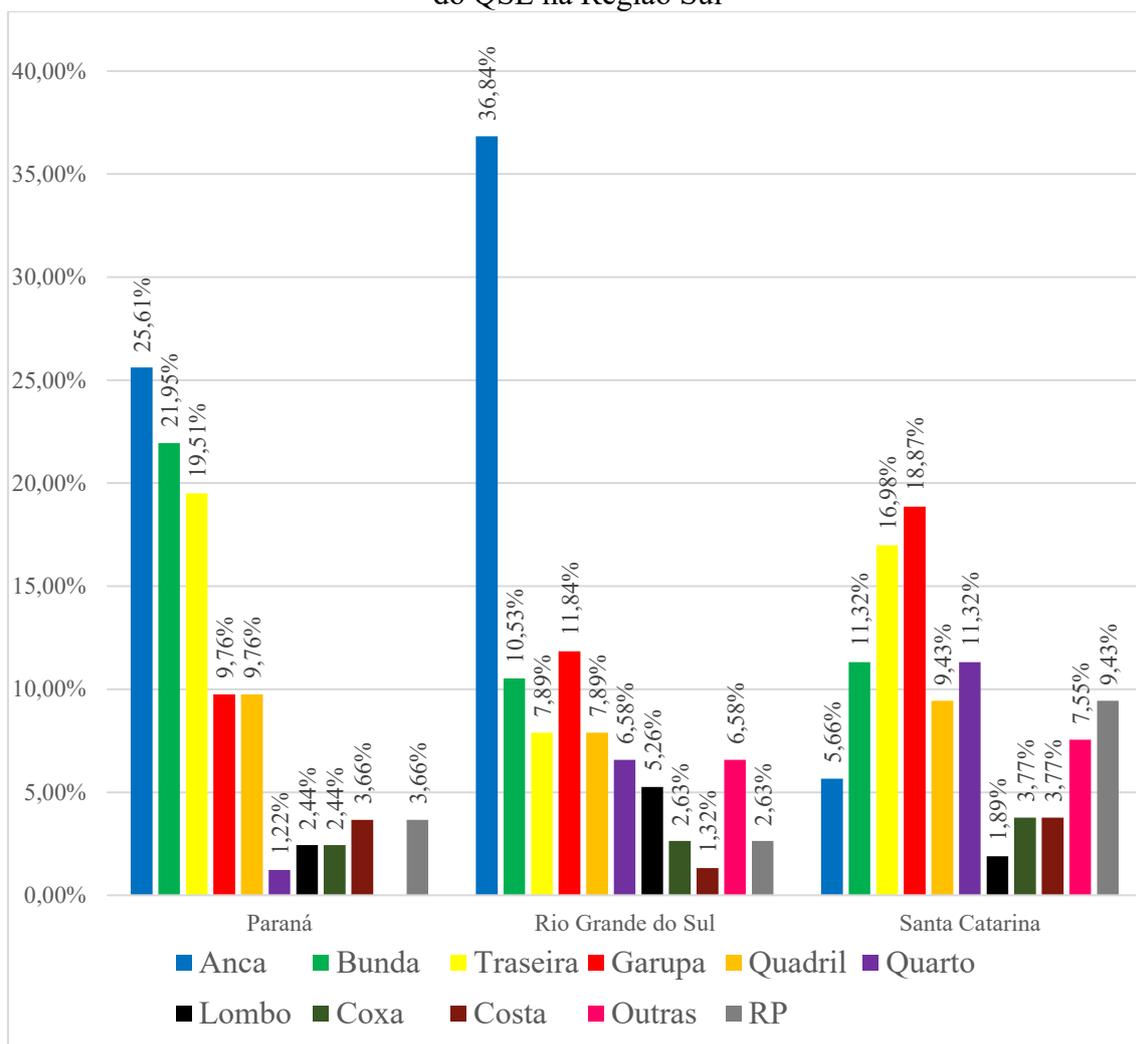
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 34 fica visível o predomínio da variante *anca* nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul. Já em Santa Catarina, *anca* aparece apenas 03 vezes, nos pontos 226 (São Miguel do Oeste – SC), 229 (Concórdia – SC) e 230 (Florianópolis –

SC). Já as variantes *bunda* e *traseira* são mais recorrentes no estado do Paraná. *Garupa*, por sua vez, está distribuída pelos três estados da Região Sul. O estado do Paraná não possui nenhuma resposta agrupada em *outras*. Já as respostas prejudicadas (*RP*) ocorrem em todos os estados da Região Sul. Por fim, uma das respostas documentadas em outras regiões do Brasil, *cadeira*, não ocorre em nenhuma localidade do Sul.

O Gráfico 57 mostra a produtividade das variantes por estado na Região Sul.

Gráfico 57 - Detalhamento da produtividade das variantes por estado para a questão 76 do QSL na Região Sul



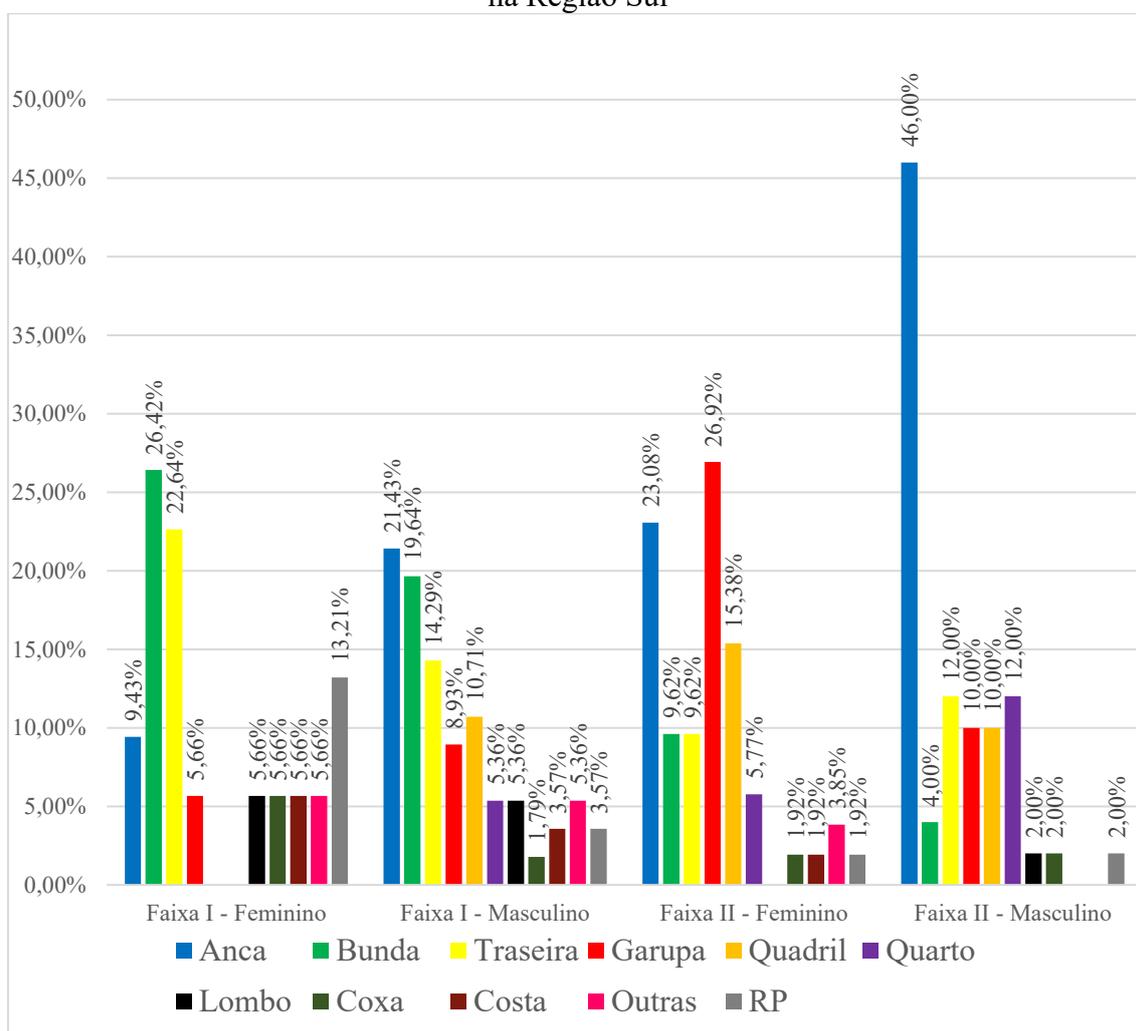
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Conforme detalhado no Gráfico 57, *anca* é a variante mais produtiva na Região Sul, mas com maior porcentagem no Rio Grande do Sul, onde obteve 36,84% das respostas, 25,61% no Paraná e apenas 5,66% em Santa Catarina. A variante *bunda* tem maior produtividade no estado do Paraná, com 21,95% das respostas, e menor recorrência

no Rio Grande do Sul, com 10,53% de registros. Assim como *bunda*, *traseira* também é mais recorrente no Paraná, com 19,51% das respostas. Já a variante *garupa* predomina em Santa Catarina, com 18,87% dos registros. Também em Santa Catarina ocorre o maior número da variante *quarto*, com 11,32% de respostas. Por outro lado, no Paraná, essa variante aparece em apenas 1,22% dos registros.

Por meio do Gráfico 58, é possível observar a distribuição das variantes por faixa etária e sexo na Região Sul.

Gráfico 58 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo na Região Sul



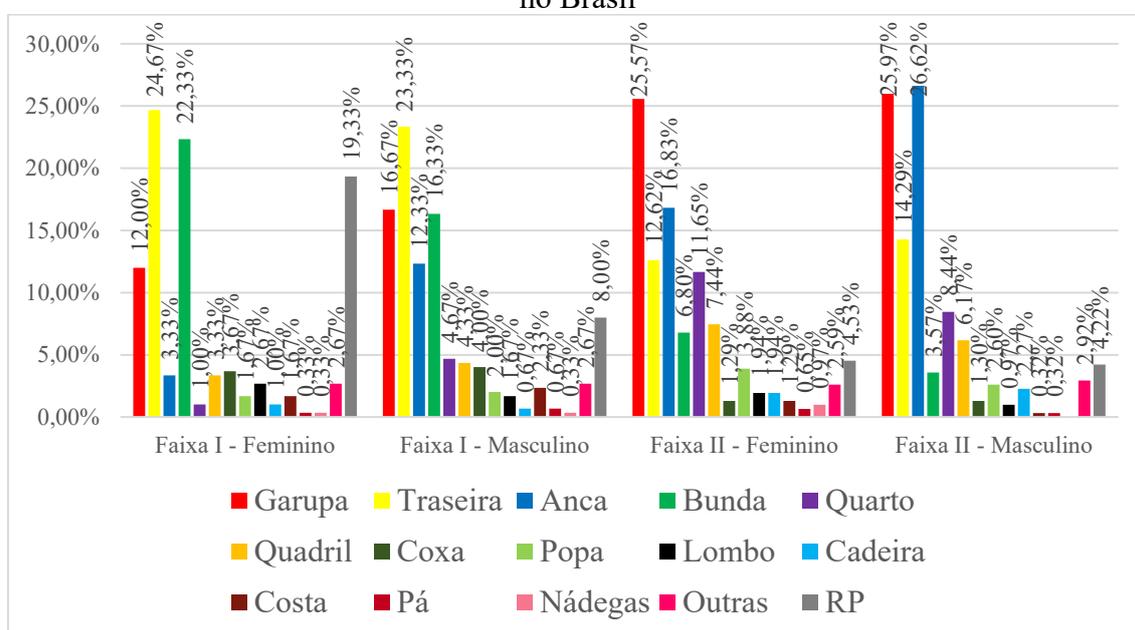
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 58, *anca* predomina na fala dos informantes homens das faixas etárias I e II, com 21,43% e 46,00% das respostas, respectivamente. Já entre as mulheres da faixa etária II, a variante mais utilizada é *garupa*, com 26,92% de ocorrências. A variante *bunda* tem maior percentual entre as mulheres da faixa etária I, com 26,42%.

Traseira também é mais recorrente entre as mulheres dessa faixa etária com 22,64% dos dados. *Quarto*, por sua vez, não aparece na fala das informantes mulheres da faixa etária I e tem maior índice entre os informantes do sexo masculino da faixa etária II, com 12,00% de registros. Também entre os homens dessa faixa etária nenhuma variante foi registrada no rótulo *outras*.

Após as análises detalhadas de cada região do país, será feita a análise dos dados gerais do Brasil, iniciando pela faixa etária e sexo dos informantes conforme detalhado no Gráfico 59.

Gráfico 59 - Distribuição das variantes para a questão 76 do QSL por faixa etária e sexo no Brasil

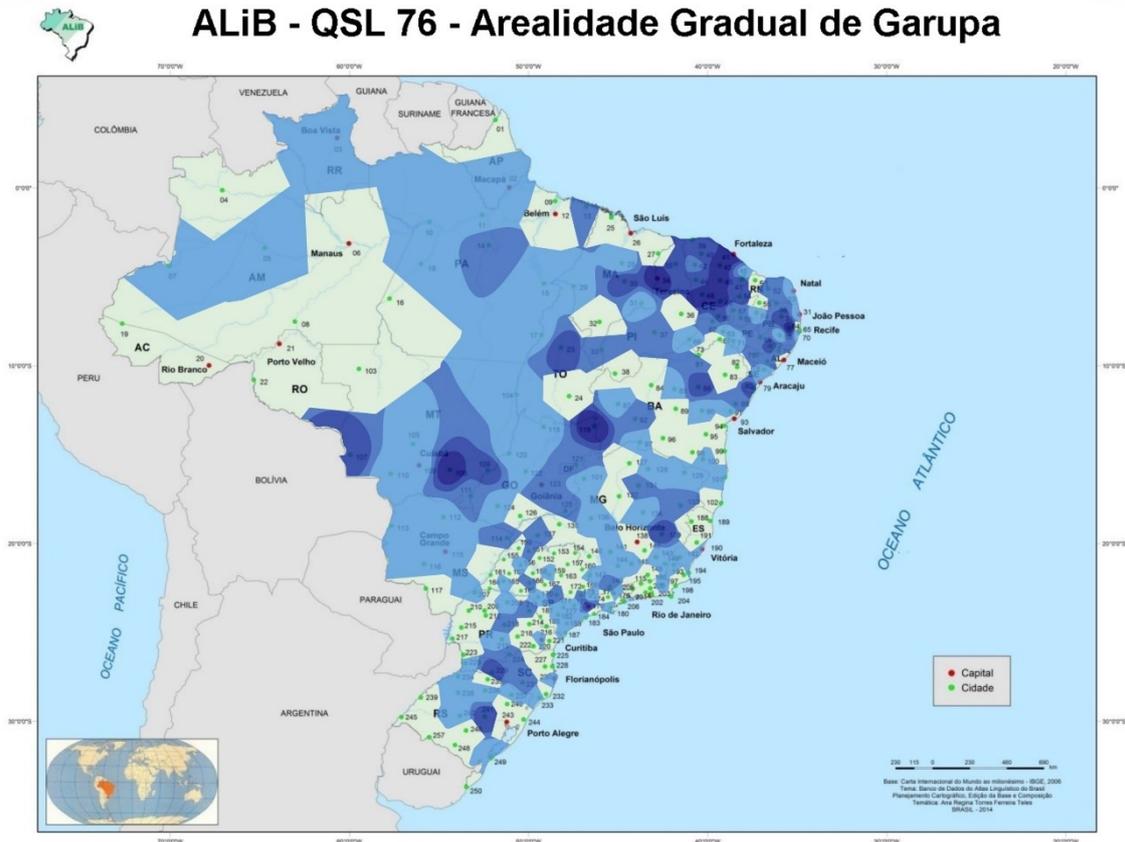


Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Como mostra o Gráfico 59, e como visto anteriormente, *traseira* e *bunda* predominam entre os informantes da faixa etária I. Já *garupa* predomina entre os informantes da faixa etária II. No entanto, *anca* é mais recorrente entre os homens da faixa etária II, com 26,62% das respostas. *Quarto* e *quadril* também são variantes mais recorrentes entre os informantes da faixa etária II. As respostas prejudicadas (*RP*) ocorrem com mais frequência entre os informantes da faixa etária I, com 8,00% entre os homens e 19,33% entre as mulheres. As demais variantes não possuem valores significativos para análise. Com isso é possível determinar que a faixa etária e sexo são relevantes na escolha dos falantes por determinada variante.

Para uma melhor análise e visualização das variantes mais produtivas no Brasil, foram elaboradas cartas de arealidade gradual, as quais são expostas a seguir, a começar pela variante *garupa*, já que essa foi a mais recorrente em todo o país.

Carta 35 - Arealidade Gradual de *garupa* no Brasil
ALiB - QSL 76 - Arealidade Gradual de Garupa



Legenda

- Garupa / Garupeira / Garupera
- 100% (4)
- 75% (3)
- 50% (2)
- 25% (1)
- 0% (0)

150 300 450 km
 Base: Carta Internacional do Mundo ao milionésimo - IBGE, 2006
 Tema: Banco de Dados do Atlas Lingüístico do Brasil
 Planejamento Cartográfico: Edição de Base e Composição
 Temática: Ana Regina Torres Ferreira Teles
 BRAGL, 2014

[SGVCLin]® - 2015
 © Karoline Espíndola (2021)

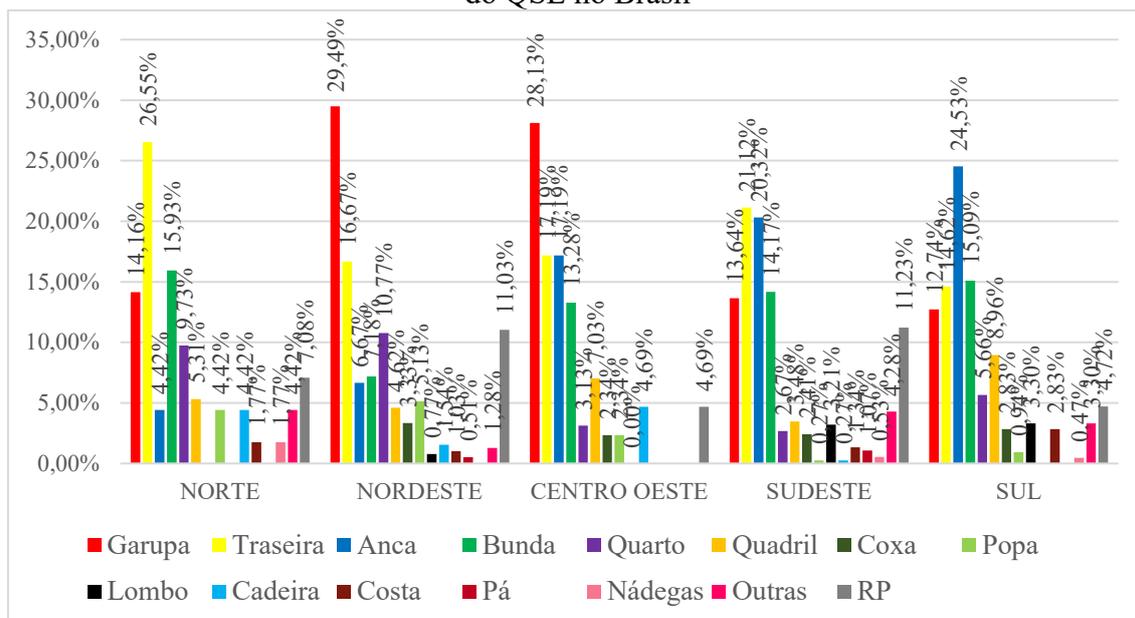
Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB - SGVCLin®

Por meio da Carta 35 é possível observar que, apesar de ser a variante mais recorrente no país, apenas na Região Centro-Oeste a difusão geográfica de *garupa* foi dominante, diferentemente do que ocorre nas outras regiões. Além disso, observa-se que *garupa*, no Centro-Oeste, apesar de ser dominante, não foi a única resposta dada por todos

tais como as localidades 12 (Belém – PA) e 169 (Assis – SP) ela aparece com maior intensidade, ou seja, aparece como resposta dos quatro informantes. Já em Roraima, Sergipe e Tocantins essa variante não aparece nenhuma vez.

O detalhamento da produtividade das variantes por região no Brasil está detalhado no Gráfico 60.

Gráfico 60 - Detalhamento da produtividade das variantes por região para a questão 76 do QSL no Brasil



Fonte: Banco de dados do Projeto ALiB – Relatórios do SGVCLin®

Segundo o Gráfico 60, a variante mais recorrente, *garupa*, obteve maior porcentagem nas regiões Nordeste, com 29,49%, e Centro-Oeste, com 28,13% dos registros. Já *traseira* apresenta maior índice nas regiões Norte, com 26,55%, e Sudeste, com 21,12% das respostas. *Anca* é a variante que mais obteve resposta na Região Sul, com 24,53% dos dados. A variante *bunda* obteve porcentagens semelhantes em todas as regiões, exceto no Nordeste em que aparece apenas em 7,18% das respostas. *Quarto*, por sua vez, aparece com maior recorrência nas regiões Norte e Nordeste, sendo 9,73% e 10,77% dos registros, respectivamente. Observa-se que o rótulo *RP* predomina no Sudeste, com 11,23%, e no Nordeste, com 11,03% das respostas.

Esses dados mostram que as variantes mais formais *anca* e *garupa* são mais utilizadas pelos informantes da faixa etária II, enquanto que as variantes mais informais *bunda* e *traseira* são mais comuns entre os informantes da faixa etária I. Também entre os mais jovens houve mais respostas prejudicadas (*RP*), o que talvez sugira o

distanciamento desse público com as variantes mais antigas ou falta de conhecimento por não estarem habituados a lidar com o cavalo ou outros animais. A respeito disso, segue a fala do informante¹⁵ abaixo:

- INF.- Nóis fala escadera. Escadera aqui oh (risos).
INQ.- Tem outros nomes?
INF.- Anca, né, anca do cavalo.
INQ.- Mas qual que é mais comum?
INF.- Anca, escadera e anca. A maior, aquele mais lá na roça, lá no fundão lá, ele fala escadera, que mais antigão, né, esse do setenta, oitenta ano que tem lá na roça, mais aqui a gente fala anca, né.
INQ.- E os jovens falam como?
INF.- Ah, eu vô te fala pra você uma coisa, o jovem de hoje, nem sabe o quê que é isso (risos).
INQ.- Eles falam parte detrás, né.
INF.- Eh, parte trasera lá.

Outra fala que demonstra que *garupa* é uma variante mais utilizada pela faixa etária II é a da informante¹⁶ a seguir, que pertence ao grupo de informantes mais jovens e apenas respondeu *garupa* por influência da inquiridora, pois antes de responder *garupa*, havia respondido *paleta*.

- INF.- Paleta é mais aqui. Deixa eu vê mais ((inint.)) É uma coisa assim, paleta. Entre aqui e essa região aqui, mais ou menos isso eu chamo.
INQ.- É, mas, assim, por exemplo, aqui tá, essa parte inteira aqui, em cima do cavalo. Aí você põe a sela no lombo...
INF.- Uhum.
INQ.- Essa parte detrás que fica...
AUX.- Que pode alguém ir de carona ainda.
INQ.- Como é que... tem um nome específico pra isso?
INF.- Comé que vou...
AUX.- Acha que não?
INQ.- Acha que não...
AUX.- ((inint.))
INF.- Eu acho que não.
INQ.- Tá.
INF.- Eu não me lembro.
INQ.- Garupa?
INF.- Garupa é. Isso. Garupa... Os antigos diziam.

Além disso, dois informantes do Centro-Oeste, quando questionados pelos inquiridores sobre qual variante é mais comum, ambos responderam *garupa*.

Informante¹⁷:

- INF.- Ali é o cadera, fala garupa.
INQ.- O que que é mais comum aqui?
INF.- Garupa.
(INF. 3 – Ponto 107 – Vila Bela da Santíssima Trindade – MT)

¹⁵ Informante 3 do ponto 160 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Mococa/SP).

¹⁶ Informante 2 do ponto 241 (Mulher, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Santa Cruz do Sul/RS).

¹⁷ Informante 3 do ponto 107 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT).

Informante¹⁸:

INF.- Ah... a garupa.

INQ.- Tem outro nome pra ela?

INF.- Anca, anca do cavalo é... garupa do cavalo, né.

INQ.- Qual que o senhor acha que é mais conhecida?

INF.- Toda vez fala garupa, né.

(INF. 3 – Ponto 109 – Barra do Garças – MT)

Para concluir, das três variantes esperadas como resposta a QSL 76, apenas *garupa* e *anca* obtiveram índices representativos na maioria das regiões. Já *cadeira* obteve porcentagens expressivas apenas no Norte e Centro-Oeste, sendo que nessa última região foi possível traçar uma isoléxica da variante em questão. A variante *traseira*, apesar de não ser uma resposta esperada, obteve grande produtividade em todas as regiões. Por desconhecerem as variantes formais, muitos falantes fazem analogia ao corpo humano e, dessa forma, utilizam as variantes informais *traseira* e *bunda*. As variáveis independentes faixa etária e sexo mostram-se relevantes nessa questão, de forma que as escolhas lexicais dos falantes diferem entre as faixas etárias I e II e entre os sexos feminino e masculino.

¹⁸ Informante 3 do ponto 109 (Homem, faixa etária II: 50 a 65 anos, de Barra do Garças /MT).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as perguntas de pesquisa desse estudo, foi possível chegar a algumas conclusões.

1) Com base na distribuição diatópica das variantes lexicais, é possível constar a existência de variedades dialetais no Brasil?

Para as questões 72, 73 e 74, nas análises das macrorregiões, observa-se uma uniformidade das respostas esperadas, *pata*, *crina* e *rabo*, respectivamente. Já a questão 75, apenas a Região Norte apresentou dados significativos que diferem da resposta esperada, que seria *lombo*. Por fim, a questão 76 foi a que mais apresentou variação lexical, visto que, no Norte e Sudeste, a variante predominante foi *traseira*, no Nordeste e Centro-Oeste, *garupa*, e no Sul, *anca*. Dessa forma, pode-se concluir que, a distribuição diatópica, atrelada a valores sociais e culturais, permite identificar variedades regionais do português falado no Brasil.

2) A idade e o sexo dos informantes influenciam na escolha de determinada variante?

Assim como na hipótese anterior, as respostas às questões 72, 73 e 74 apresentam comportamento semelhante em relação às variáveis independentes faixa etária e sexo, visto que as variantes lexicais esperadas como resposta – *pata*, *crina* e *rabo* –, foram as mais recorrentes, tanto entre os homens quanto entre as mulheres de ambas as faixas etárias. Em relação à questão 75, nota-se que as mulheres da faixa etária I preferem o item lexical *costas*. Os resultados da questão 76, por sua vez, mostram que essa foi a questão em que as variáveis independentes fizeram maior diferença na escolha lexical dos informantes, pois a faixa etária I optou pela forma *traseira* enquanto que a faixa etária II feminino preferiu *garupa*. Já entre os informantes masculinos da faixa etária II, *anca* foi a resposta mais recorrente. Vale ressaltar que RP (respostas prejudicadas), em todas as questões, foi mais recorrente entre os informantes da faixa etária I. Assim, a hipótese de que faixa etária e sexo são condicionadores para as respostas dos falantes é válida.

3) É possível determinar sinonímias, perífrases nominais, analogias ou neologismos correlacionados aos vocábulos já dicionarizados?

Após o estudo das questões, a hipótese formulada para responder à pergunta 3 foi confirmada. Apesar de não terem índices muito relevantes, várias sinonímias foram documentadas, a saber: *pé* e *pata* em que *pé*, segundo o dicionário Aulete consultado nesse estudo significa: “cada membro de locomoção e apoio ou fixação de um animal;

PATA”;

lombo e *costas* também constituem sinonímia, sendo que *lombo* consta, em Aulete, como “costas, dorso”. Quanto às perífrases nominais, várias foram encontradas nos dados, a saber: patas dianteiras, mão dianteira, mão da frente, entre outras. É possível, inclusive, que existam mais perífrases nominais nos dados levantados do que variantes simples, ou seja, sem adjetivo ou locução adjetiva. Em relação às analogias, foram documentados itens em que o desconhecimento do léxico formal pelos informantes fez com que os mesmos comparassem as partes do cavalo com as do corpo humano. Como exemplo pode-se citar a variante *bunda* em comparação às variantes *anca*, *garupa* ou *cadeira*; e *cabelo* para se referir à *crina* do cavalo. Sobre os neologismos, apesar de algumas palavras, tais como, *esquilina*, *isquilia* e *ingatadera* não constarem nas obras lexicográficas pesquisadas, não fica claro se elas seriam neologismos criados por meio de alterações fonéticas ou processos derivacionais. A maior concentração desses fenômenos ocorre na Região Nordeste, pois, segundo Razky (2013, p. 260), o Nordeste tem um “papel importante na criação de neologismos locais, que não atinge a dimensão regional ou territorial devido à pressão social do Centro-Sul que, por sua posição de prestígio, age ainda como barreira aos usos nordestinos e nortistas, até certo ponto”.

Pode-se observar, em um estudo mais aprofundado para cada região, a presença de algumas isoléxicas, como é o caso de *quilina* na questão 73 e *cola* na questão 74. A origem dessas isoléxicas pode ser atribuída, no caso da questão 73, ao fluxo migratório do Nordeste para o Norte; e para a questão 74, ao contato com o espanhol falado na área fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Algumas variantes, apesar de apresentarem isoléxicas, não obtiveram número elevado de ocorrências, corroborando o que diz Razky (2013, p. 263) sobre o conceito de isolexias:

Assim, o conceito de isolexias passa, pouco a pouco, a ceder espaço a um conceito menos homogêneo, que pode ser chamado de agrupamentos, uma vez que, numa mesma localidade, podem ocorrer outras variações de menor uso, mas atestadas pela pesquisa de campo.

Ademais, os resultados encontrados em certas variantes opõem-se à teoria de Labov (2008) em que ele associa as formas de maior prestígio linguístico às mulheres, pois estas costumam utilizar uma fala mais formal. Porém, os resultados aqui apresentados mostram que, nesses casos, são os homens que mais as utilizam. Outra possibilidade de interpretação tem relação com a maior ou menor familiaridade com atividades que envolvem animais em geral. Assim, pode-se deduzir que as mulheres lidam menos com animais do que os homens. Da mesma forma, os falantes mais jovens, pouco

afeitos à lida com animais e, no caso deste estudo, ao cavalo, deixaram de responder as perguntas ou usaram perífrases nominais em maior número do que os mais velhos.

Isso posto, através desse estudo, foi possível demonstrar o uso de formas lexicais em determinadas regiões. Também foi possível notar a relevância que as variáveis independentes têm sobre a fala dos informantes. Isso mostra, como mencionado no início desse estudo, a variação do português falado no Brasil no que diz respeito ao léxico. Dessa forma, espera-se que esse trabalho contribua com os estudos em desenvolvimento nos campos da Sociolinguística e Dialetologia, principalmente no que concerne ao Projeto ALiB.

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de A. (Org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1976 [1920].
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *As ciências do léxico*. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 13- 22.
- BRANDÃO, Sílvia F. *A Geografia Linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A Dialectologia no Brasil: Perspectivas. Revista Delta, v.15, Nº Especial, 1999 (233-255). Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244501999000300010&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 jan. 2021.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Dialectologia: Trilhas seguidas, caminhos a perseguir*. D.E.L.T.A., São Paulo, v.17: Especial, p. 25-44, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000300003. Acesso em: 11 ago. 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?*. Revista do GELNE, v. 4, n. 2, p. 1-16, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufm.br/gelne/article/view/9088/6442>. Acesso em 11 ago. 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil/ Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.)*. Salvador: Vento Leste, 2013.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014a. v. 1. 210p.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Linguístico do Brasil: cartas linguísticas 1*. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014b. v. 1. 367p.
- CHOFARD, Amanda. *Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019, 247p.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et al. *Para conhecer sociolinguística* (Coleção para conhecer linguística), São Paulo: Editora Contexto, 2015.

COSTA, Geisa Borges da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 212f. Il. 2016. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

Dicionário Aulete. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>. Acesso em: 30 mar. 2021.

DUBOIS, Jean et alii. *Dicionário de lingüística*. São Paulo : Cultrix, 1978.

ESPÍNDOLA, Karoline. *Variantes lexicais de manco e pernetta no Nordeste do Brasil – contribuições do ALiB*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019, 38p.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. 2 ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

Imagem Cavalos. Disponível em: <https://www.dreamstime.com/stock-photo-bay-horse-runs-gallop-flowers-meadow-sky-background-image76028493>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil e Portugal*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1, v. 2.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARGOTTI, Felício Wessling. *A perspectiva da Geolinguística Pluridimensional*. Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: Rumos e Desafios. Instituto de Letras. UFRGS, 2002.

MARGOTTI, Felício W. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

MARGOTTI, Felício W.; ZIBETTI, Erica M. O. *Variantes lexicais de "manco" na região sul do Brasil: o que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)?*. In: COSTA, Daniela de S. S.; BENÇAL, Dayme R. (Orgs.). *Nos caminhos do léxico*. 1. ed. Campo Grande: Editora Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016, v. 1. p. 251-274.

MOLLICA, M. C. *Fundamentação teórica: conceituação e delimitação*. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NUNES, Juliany Fraide. *Vocabulário do corpo humano nas regiões Norte e Sul do Brasil: perspectivas semântica e geossociolinguística*. 2017. 258 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande – MS.

OLIVEIRA, Ingrid Gonçalves de. *Religiões e crenças na Bahia: aspectos do léxico espelhados nos dados do Projeto ALiB*. 2016. 275p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 5 maio 2020.

RAZKY, Abdelhak. *A Dimensão Sociodialetal do Léxico no Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. SIGNUM: Estud. Ling, Londrina, n. 16/2, p. 247 – 270, dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/15659/14016>. Acesso em: 02 abr. 2021.

RIBEIRO, Silvana S. C. *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*. 2012. 752p. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

ROMANO, Valter Pereira. *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ROMANO, Valter Pereira. *Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão*. Entretextos, Londrina, v.13, n. 2, jul./dez.2013, p. 203-242. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/download/16388/13897>. Acesso em: 06 nov. 2020.

ROMANO, Valter Pereira. *Percursos historiográfico e metodológico da Geolinguística*. Papéis: Revista do Programa de Pós-graduação em estudos de linguagens – UFMS. Campo Grande | MS | Vol. 18 | Nº 35 | 2014 | p. 135 a 153. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/download/3017/2445/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Volume1: 285p. Volume 2: Uma carta introdutória, 71 cartas linguísticas e 10 relatórios.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. [SGVCLin] - *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

THUN, H. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidéanos en Rivera*. In: RADTKE, E.; THUN, H. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verlag, p. 210-269, 1996.

THUN, Harald. *La geolinguística com linguística variacional general* (com ejemplos Del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay. In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology* (21.: Palermo: 1995) *Atti...* A cura di Giovanni Ruffeno. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, 787-789. v. 5.

THUN, Harald. *A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata*. In: STAHLZIWS, Ana Maria. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 63-92.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ANEXO

REDE DE PONTOS - ALiB

ALiB - Atlas Linguístico do Brasil Rede de pontos

Legenda:

Em itálico: capitais

REGIÃO NORTE
Amapá
1. Oiapoque
2. <i>Macapá</i>
Roraima
3. <i>Boa Vista</i>
Amazonas
4. São Gabriel da Cachoeira
5. Tefé
6. <i>Manaus</i>
7. Benjamin Constant
8. Humaitá
Pará
9. Soure
10. Óbidos
11. Almeirim
12. <i>Belém</i>
13. Bragança
14. Altamira
15. Marabá
16. Jacareacanga
17. Conceição do Araguaia
18. Itaituba
Acre
19. Cruzeiro do Sul
20. <i>Rio Branco</i>
Rondônia
21. <i>Porto Velho</i>
22. Guajará Mirim
Tocantins
23. Pedro Afonso
24. Natividade
Região Nordeste
Maranhão
25. Turiaçu
26. <i>São Luís</i>
27. Brejo
28. Bacabal
29. Imperatriz
30. Tuntum
31. São João dos Patos
32. Balsas
33. Alto Parnaíba

Piauí
34. <i>Teresina</i>
35. Piriipiri
36. Picos
37. Canto do Buriti
38. Corrente
Ceará
39. Camocim
40. Sobral
41. <i>Fortaleza</i>
42. Ipu
43. Canindé
44. Crateús
45. Quixeramobim
46. Russas
47. Limoeiro do Norte
48. Tauá
49. Iguatu
50. Crato
Rio Grande do Norte
51. Mossoró
52. Angicos
53. <i>Natal</i>
54. Pau dos Ferros
55. Caicó
Paraíba
56. Cuité
57. Cajazeiras
58. Itaporanga
59. Patos
60. Campina Grande
61. <i>João Pessoa</i>
Pernambuco
62. Exu
63. Salgueiro
64. Limoeiro
65. Olinda
66. Afrânio
67. Cabrobó
68. Arcoverde
69. Caruaru
70. <i>Recife</i>
71. Floresta

72. Garanhuns
73. Petrolina
Alagoas
74. União dos Palmares
75. Santana do Ipanema
76. Arapiraca
77. Maceió
Sergipe
78. Propriá
79. Aracaju
80. Estância
Bahia
81. Juazeiro
82. Jeremoabo
83. Euclides da Cunha
84. Barra
85. Irecê
86. Jacobina
87. Barreiras
88. Alagoinhas
89. Seabra
90. Itaberaba
91. Santo Amaro
92. Santana
93. Salvador
94. Valença
95. Jequié
96. Caetité
97. Carinhanha
98. Vitória da Conquista
99. Ilhéus
100. Itapetinga
101. Santa Cruz Cabrália
102. Caravelas
Região Centro-Oeste
Mato Grosso
103. Aripuanã
104. São Félix do Araguaia
105. Diamantino
106. Poxoréu
107. Vila Bela da Santíssima Trindade
108. Cuiabá
109. Barra do Garças
110. Cáceres
111. Alto Araguaia
Mato Grosso do Sul
112. Coxim
113. Corumbá
114. Paranaíba
115. Campo Grande
116. Nioaque

117. Ponta Porã
Goiás
118. Porangatu
119. São Domingos
120. Aruanã
121. Formosa
122. Goiás
123. Goiânia
124. Jataí
125. Catalão
126. Quirinópolis
Região Sudeste
Minas Gerais
127. Januária
128. Janaúba
129. Pedra Azul
130. Unai
131. Montes Claros
132. Pirapora
133. Teófilo Otoni
134. Diamantina
135. Uberlândia
136. Patos de Minas
137. Campina Verde
138. Belo Horizonte
139. Ipatinga
140. Passos
141. Formiga
142. Ouro Preto
143. Viçosa
144. Lavras
145. São João del Rei
146. Muriaé
147. Poços de Caldas
148. Juiz de Fora
149. Itajubá
São Paulo
150. Jales
151. Votuporanga
152. São José do Rio Preto
153. Barretos
154. Franca
155. Andradina
156. Araçatuba
157. Ribeirão Preto
158. Lins
159. Ibitinga
160. Mococa
161. Presidente Epitácio
162. Adamantina
163. Araraquara

164. Teodoro Sampaio
165. Presidente Prudente
166. Marília
167. Bauru
168. Moji Mirim
169. Assis
170. Bernardino de Campos
171. Botucatu
172. Piracicaba
173. Campinas
174. Bragança Paulista
175. Taubaté
176. Guaratinguetá
177. Itapetininga
178. Sorocaba
179. São Paulo
180. Caraguatatuba
181. Itararé
182. Capão Bonito
183. Itanhaém
184. Santos
185. Ribeira
186. Registro
187. Cananéia
Espírito Santo
188. Barra de São Francisco
189. São Mateus
190. Vitória
191. Santa Teresa
192. Alegre
Rio de Janeiro
193. Itaperuna
194. São João da Barra
195. Campos dos Goytacazes
196. Três Rios
197. Nova Friburgo
198. Macaé
199. Valença
200. Petrópolis
201. Nova Iguaçu
202. Rio de Janeiro
203. Niterói
204. Arraial do Cabo
205. Barra Mansa
206. Parati

207. Nova Londrina
208. Londrina
209. Terra Boa
210. Umuarama
211. Tomazina
212. Campo Mourão
213. Cândido de Abreu
214. Piraí do Sul
215. Toledo
216. Adrianópolis
217. São Miguel do Iguaçu
218. Imbituva
219. Guarapuava
220. Curitiba
221. Morretes
222. Lapa
223. Barracão
Santa Catarina
224. Porto União
225. São Francisco do Sul
226. São Miguel do Oeste
227. Blumenau
228. Itajaí
229. Concórdia
230. Florianópolis
231. Lages
232. Tubarão
233. Criciúma
Rio Grande do Sul
234. Três Passos
235. Erechim
236. Passo Fundo
237. Vacaria
238. Ijuí
239. São Borja
240. Flores da Cunha
241. Santa Cruz do Sul
242. Santa Maria
243. Porto Alegre
244. Osório
245. Uruguaiana
246. Caçapava do Sul
247. Santana do Livramento
248. Bagé
249. São José do Norte
250. Chuí

Região Sul
Paraná